

Cerberus

Entre Cobras e Ursos

Leonardo Monte





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



Cerberus

Entre Cobras e Ursos

Leonardo Monte



Copyright©20151Leonardo Monte
Copyright©2015Tribo das Letras
Editora: Denise Azevedo e Elaine Velasco
Direção Editorial: Nanda Gomes
Revisão: Carolina Rufino
Arte Capa: Raphael Monte Carvalho
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica feita pela Editora.)

M772Monte, Leonardo
Entre Cobras e Ursos/Leonardo Monte - 3ª ed.´-São Paulo: Editora
Tribo das Letras ,selo Tribo das Letras-2015
404p.
ISBN:978-85-67208-07-7
1.LiteraturaBrasileira2.RomanceI
CDD869.3
CDU821.134.3(81)

Índice Catálogo Sistemático
1.RomanceBrasileiroB869.3
Todos os direitos desta edição reservados pela:
Editora Tribo das Letras
contato@tribodasletras.com

Ao meu pai, in memoriam

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus leitores, sem o apoio, carinho e amizade de vocês não haveria tanto prazer e sentido no que faço.

Aos leitores que se tornaram especiais no decorrer de Cerberus por valiosos conselhos e conversas: Tania Bueno, Bruna Nammur, Bruna Timbó, Alba Marília, Luiza Thereza, Luan Roger, Fernando Henrique, Alícia Araújo, Jessica Viana, Luce Letta e sua mãe, Natalya Sperandei, Levi, Byron e Edvania Batista, e muitos outros.

À minha família, que suporta minha ausência e que abre mão de mim para que possa me trancar no escritório e escrever

Aos meus editores da Tribo, Nam, Dê, Cris e Elaine, por acreditarem no meu trabalho e pela primeira vez, sentir que tenho uma casa. O carinho e atenção de vocês é imprescindível para que nosso trabalho funcione.

Aos blogueiros Francine, Caroline Centeno, Carolina Durães, Priscila, Gabi Erler, Ligia Colares, Fê Bizerra, Pamela, Bruna Costenaro, Maritza, Bell Iakovenko, Novikovas, Miaka Freitas e Lorraine, muito obrigado o apoio e o excelente trabalho de vocês para divulgar Cerberus.

Leo Monte

Prólogo

- E o mundo foi em frente... Não sei explicar direito como aconteceu. Alguns dizem que os militares americanos abriram um portal que saiu de controle, já outros, dizem que algum vírus se disseminou por ou sem querer. Já não sei de nada. Sei apenas que a população quase se acabou, que cidades outrora enormes, hoje são ruínas e as pessoas passaram a viver em vilarejos. E sei que esses diabos são nossos inimigos.

Ouvi estórias de que esses seres eram parte de folclore ou contos de fadas,... difícil de acreditar, desde que nasci eles estão por aqui e são bem reais.

Peço desculpas por minha falta de educação, apresento-me agora como Renan, com certeza não foi o nome que minha mãe me deu, mas dane-se, nunca a conheci mesmo. Recebi esse nome há alguns anos, quando minha ela me entregou nas mãos de um padre. Sonho com ela e espero um dia poder encontrá-la. Só espero que não esteja morta.

Não sei em que dia nasci, nem ao menos minha idade, já fazem três anos que nascem pêlos no meu saco e segundo o professor Mathias disse: “Quando já tiverem pêlos no sovaco, já deverão saber manejar uma espada, seus bastardos inúteis”, filosofando sobre isso, devo ter entre

quinze e dezessete anos, logo, já tem tempo que sou adulto e responsável pelo meu próprio destino.

É engraçado, os mais velhos dizem que em tempos mais antigos os homens só vinham a ser adultos quando completavam dezoito anos, papo furado, ninguém pode ser criança por tanto tempo,... pensando bem, talvez por isso que os vampiros, licantropos, demônios e o resto da escória dos extraplanares tomou conta geral.

Hoje sou um corso, um caçador de seres extraplanares, eu me considero um papel limpa cu, se você não sabe o que é, uma vez encontrei uma propaganda de papel que os antigos usavam para limpar suas partes. É a mesma coisa, nós cursos viemos para limpar a cagada dos outros.

O cara a minha direita é o Caio, o armeiro do nosso grupo, é ele o encarregado de consertar nossas armas e armaduras, forjar novas, e deixar as estacas afiadas. Ele é o melhor no que faz, conheço-o há muitos anos e sempre fomos bons amigos. Na verdade, melhores amigos, é o único aqui que está em condições de me substituir caso eu pereça. Só ele tem cérebro e coração em proporções aceitáveis.

Depois dele tenho o Sebastian, é o padre e médico do grupo e acredite, todo grupo precisa de um padre, de médico não, mas tenho certeza que Deus vai perdoá-lo por isso. Gostaria que tivesse um pouco mais de coragem, mas enfim, é padre, me conforta saber que tem mais coragem

do que a maioria dos eunucos que conheci. Pelo menos nunca o vi se mijando nas calças. Os mordecais e demônios têm pavor da fé verdadeira, não entendo muito disso, mas o Sebastian deve ter em quantidade, pois já vi alguns extraplanares nervosos saírem-se muito piores quando nosso padre entoava umas palavras em latim.

A minha esquerda temos a nossa artilheira, Mônica. Cresceu conosco e é uma perita no arco e na besta de repetição sem igual, pelo menos entre os formandos dos últimos anos. Todos os grupos que saem passaram pelo menos os últimos dois anos treinando juntos, sem essa condição, o grupo não sobrevive duas semanas, fato! O nosso está junto há cinco anos. Mônica tem uma capacidade de disparar como uma arqueira de vinte anos de experiência, não sei como ela faz isso, mas faz... Os antigos nos contaram que existia um pó preto inventado do outro lado do mundo que faziam armas disparar projéteis a uma velocidade surpreendente, automaticamente,... isso também é conversa para

criança dormir, não conheço nenhuma espécie de pimenta que faz isso, não acredito nessas estórias desde que já me limpo sozinho.

Passando pela Mônica, preparando o jantar, temos nosso “cão de guerra”, tecnicamente conhecido como “os cães”, João Pequeno é seu nome e tem o coração tão grande quanto seus braços. É ele que consegue fazer todo tipo de

serviço que exige força bruta e nenhuma pitada de delicadeza. Os cães são os únicos que conseguem manejar um marreta de batalha, de fato uma arma temível.

Por último e não menos importante, temos o Ilian, é um corso como eu, só que de cabelos prateados e longe do fogo, é claro, afinal, esse bastardo é um meio vampiro. É o estrangeiro do nosso grupo, veio da Romênia ou Hungria, sei lá, nunca me lembro. Ele tem um sotaque estranho, mas entende-se alguma coisa do que ele fala quando o faz devagar. Posso dizer que ele é o trunfo do nosso grupo, possui habilidades de um vampiro e ainda consegue andar sob a luz do Sol. Só não se dá muito bem com fogo mesmo, enfim, estão todos devidamente apresentados.

Nosso mundo provavelmente não é mais como você o conheceu, acho que você nunca viu algo tão feio.

As cidades como existiam, não funcionam mais, pelo menos a maioria delas, porque já soubemos de algumas grandes concentrações de humanos, mas enfim, a maioria ainda estão lá, em escombros, porém, só os seres inumanos vivem nelas. Os humanos vivem em fortalezas e vilas fortificadas tocando suas patéticas vidinhas enquanto grupos de caçadores têm a sagrada missão de destruir tudo que não for pertencente a esse mundo.

Eu ouvi dizer que a depressão foi o mal do século passado. Frescura. A fome é o novo mal do século. Em algumas vilas o canibalismo é aceito, ocorrem sorteios periódicos ou em

grande escassez de comida e os sorteados não podem comemorar muito. Em outras, há lei de controle de natalidade, severamente punidos com a expulsão da mãe, pai e criança, exceto, se a criança for doada para as escolas de caça, e é aí que começa minha história...

Capítulo 1

A carroça chegou espalhando o cascalho da estrada para todos os lados. Izidro, o diretor da escola Cerberus foi recebê-lo. A criança chorava enquanto era retirada dos braços da mãe. Ela chamou o filho pelo nome uma última vez, depois o soltou.

- Nós cuidaremos dele a partir de agora - disse seriamente o diretor.

- Ele ficará bem? - perguntou a mulher com lágrimas nos olhos.

- Isso dependerá dele - e com isso, levou a criança para longe. A mãe permaneceu onde estava, chorando até que o homem desapareceu dentro do prédio. O condutor não quis mais se demorar, ainda tinha mais uma criança para buscar do outro lado do rio. Estalou o chicote e os dois cavalos começaram a correr.

Então foi assim que eu cheguei aqui - pensou Renan. Estava no pátio praticando com a espada e não pôde deixar de assistir a cena. Uma cacetada lhe acertou na orelha e ele chegou a ver estrelas, sentiu o sangue escorrer quente pela bochecha. O professor Mathias havia acabado de lhe acertar com a espada de madeira.

- Em algum momento mandei que parasse? - gritou ele.

- Nã, não senhor - gaguejou.

- Da próxima vez te arranco a cabeça, bastardo filho da puta.

Caio assistiu o golpe e ficou assustado, com certeza se tivesse sido nele, teria caído por dois dias, mas Renan só deu um passo pro lado. Provavelmente ele seria um corso, como sempre lhe disse, pensou, só os mais fortes e habilidosos tornavam-se corsos, verdadeiros matadores de demônios. Caio apenas rezava para não tornar-se padre. Engraçado, será que “rezar” para não tornar-se padre era uma coisa que Deus ouviria?

O treinamento continuou por toda a nublada manhã, e todas as manhãs estavam nubladas. O Sol não passava de uma mancha prateada no céu e há muitos anos ninguém o via diretamente, apesar que em algumas regiões e raros dias, os raios e seu calor podiam ser sentidos.

Renan e Caio foram almoçar juntos como sempre faziam. Após o almoço teriam duas horas de descanso e logo mais aulas chatas. Renan ouvira que no tempo dos antigos as crianças estudavam em suas escolas matérias relacionadas ao funcionamento do corpo, sobre sociedades, cultura e até mesmo contas, mas não as simples contas de somar e dividir, essas verdadeiramente necessárias. Não, elas estudavam medir tamanhos de figuras geométricas sem sentido, figuras que nem sequer existiam. Renan de fato não era um romântico, não ficava sonhando como seria

poder estudar outras coisas que não relacionadas a matar extraplanares, manejo de armas e táticas de guerrilha.

Não, ele vivia o momento, aquele era o mundo que ele conhecia e ele ansiava o momento de poder ter seu próprio bando de caçadores e sair salvando o mundo. Era com isso que ele sonhava. Por isso treinava com tanto afinco.

Caio dizia que ele tinha talento para a coisa. Esperava que tivesse certo.

Capítulo. 2

A próxima aula seria de “comportamento extraplanar”. Esse era um nome técnico que inventaram para as criaturas por terem vindo de outro plano. A sala ficava no terceiro andar da Cerberus, uma longa escadaria em vaivém levava até o local. Renan e Caio ainda estavam no terceiro ano e a formatura após terminarem o oitavo ano estava muito distante na cabeça deles. Caio afirmava estar com onze anos e como eram garotos quase do mesmo tamanho, Renan acreditava que deveria ter onze também.

Quando chegaram ao segundo andar, uma gritaria foi ouvida. Um garoto estava sendo socado contra um dos armários do corredor, sua cara estava inchada e o nariz escorria sangue. Um garoto da quinta série estava surrando-o sem piedade. Sebastian era o nome dele, era da mesma turma de Caio e Renan, porém, um nerd com o qual nunca haviam trocado uma palavra.

- Não dá para entender merda nenhuma que você escreve, seu escroto - dizia o garoto enquanto socava o estomago de Sebastian - vou reprovar por sua causa.

O garoto tossia sangue.

- Estava certo, Cezar. Você que não sabe ler direito.

Os que assistiam riram e chiaram em deboche.

- Como é, filho da puta? - Cezar ferveu. Aplicou mais dois socos, o primeiro na costela e o segundo na cara, bem na bochecha. O garoto caiu no chão, Cezar chutou-o na barriga.

Aquela covardia fez Caio sentir náuseas e não podia ficar calado

- Para com isso - rugiu - já basta, não?!

Todos se viraram para ele, alguns riram em zombaria, outros chiaram, algumas meninas menearam a cabeça em desaprovação. Cezar foi andando em direção aos dois. O garoto era uma cabeça maior do que eles e pelo menos duas vezes mais largo, já treinava com armas há pelo menos dois anos na frente deles e devia levantar pesos há bem mais tempo. Ele chegou na frente dos dois, encarou Caio com sangue nos olhos.

- O que disse? - murmurou entre os dentes.

- Eu disse que já ... - Caio não conseguiu terminar a frase. Cezar havia pegado sua cabeça e batido contra a de Renan. Caio caiu desacordado no chão, Renan tropicou dois passos para a direita e se apoiou na parede do corredor, surpreendido pelo rápido golpe.

As pessoas no corredor estavam rindo, Cezar virou para elas e começou a rir também, definitivamente não esperava uma resposta dos garotos menores e isso foi um erro.

Renan voou para cima dele, acertando-o um soco por trás atingindo o maxilar do grandalhão, foi um soco forte e pegou em cheio, mas Cezar era da equipe de boxe da Cerberus e resistiu, virou-se atordoado e Renan voltou a socá-lo, acertou seu estômago e chutou seu peito, mas o chute foi demasiado lento e seu pé foi agarrado. Uma dor lacerante correu seu corpo quando o pé de Cezar encontrou o meio de suas pernas, Renan desabou no chão e apenas conseguiu ver a bota do garoto indo de encontro a sua cara. E então, escuridão.

Foi assim meu primeiro contato com o homem que viria a ser o padre do meu bando.

Capítulo. 3

A vida não foi muito inteligente comigo. Quem disse que Deus não dá asas para cobras, não me conheceu. Eu me dedicava cada vez mais as aulas de combate armado e desarmado e começava a me destacar no boxe, acreditava que ninguém poderia me parar. Em alguns meses desenvolvi um cruzado de esquerda que poucos podiam agüentar em pé quando atingidos, mas isso é conversa para mais tarde...

As semanas passaram-se e Renan havia esquecido de estudar, aliás, estudava apenas as formas de combate, esquecendo-se de que precisava ter uma média sete em todas as matérias para avançar para os próximos anos. A vampirologia não o agradava de forma alguma, o professor era um inglês baixinho, careca e com um sotaque muito puxado, seu nome era Charles e ele botava muita fé na Cerberus, mais fé do que a maioria dos professores.

- Que raios ele faz aqui? - perguntou-me Caio certa vez - Há bem melhores na Europa, mais perto da casa dele.

- Acho que ele não é bom suficiente para a escola escocesa e nem a russa. Como não tinha saco para ficar com a porcaria dos húngaros, escolheu cair aqui, com esse bando de macacos - foi o que respondi daquela vez, mas, como vim a saber depois, não era nada disso. Charles tinha

verdadeira paixão pela nossa escola brasileira, desde que veio visitá-la quando jovem.

- Senhor Renan - chamou ele.

- Sim, senhor Charles.

- Poderia me dizer como diabos usaria o alho contra Mordecais?

-O que é mesmo os Mordecais? - pensou, mas nada vinha a mente - Tentaria immobilizá-los e algum companheiro de meu bando enrolaria em seu pescoço com um colar de alhos,..., acho que é isso.... é,... é isso sim que eu faria. - Foi a resposta, o que causou uma série de risos e o seu embaraço.

- Se deseja temperá-lo, senhor Renan, sugiro umas cebolas e um tempero verde - disse rindo enquanto segurava minha prova - vou te dar mais uma chance. Como é utilizado o alho no combate a mordecais?

Renan não sabia a resposta, não sabia porque não tinha estudado, porque não se importava em saber, porque não achava nada mais eficiente que uma boa espada no pescoço.

- Não tenho a menor idéia - respondeu envergonhado. Sabia que aquilo fora repetido mil vezes durante as aulas, além de ser a pergunta mais fácil da prova. Se havia

errado, só significava uma coisa: provavelmente Renan estaria confirmado para continuar nessa matéria.

MERDA!

- Como utilizamos o alho contra Mordecais.... senhor João?
- continuou Charles.

- Um mordecai é um vampiro que anda de dia senhor? - perguntou.

João era o garoto mais alto e forte da turma, era meio lento, mas tinha um carisma de dar inveja, todos gostavam dele, era uma das esperanças contra a escola russa nos desafios de força das olimpíadas intercolegiais.

- Mas o que diabos eu andei ensinando para vocês? Onde estavam com a cabeça? Quem sabe param de coçar as bundas e prestam atenção no que digo?! Vocês dois acham que não vão precisar usar a cabeça para caçar vampiros? Mordecais serão os extraplanares mais complicados que enfrentarão. Quais as duas classes de vampiros que existem, senhor Sebastian?

- Mordecai e Calabam, senhor Charles - respondeu prontamente.

- Ótimo, e qual a diferença entre eles? - Um lampejo de esperança surgiu nos olhos por detrás dos óculos.

- Mordecais são vampiros que se afetam pela fé verdadeira, provavelmente vieram de algum plano espiritual inferior ao nosso, são auspiciosos, muito inteligentes e conseguem praticar certo tipos de magias.

- Magias? Não acredito que magias existam. Qual seria o termo técnico para isso?

O garoto franzino, ainda com o olho meio arroxado pensou por alguns segundos, então respondeu.

- Para-psiquismos - disse.

Charles concordou com a cabeça e fez sinal para que prosseguisse

- Os outros são os Calabans, que caracterizam-se pela brutalidade, força física, ausência de resposta à fé verdadeira, estão mais para zumbis do que para vampiros em si.

- Muito bem - aplaudiu Charles - o senhor agora é o monitor de minha matéria, responsabilizo-o de auxiliar os estudos do senhor Renan e João. Acredito que com vossa ajuda eles podem recuperar-se.

Assim que saíram da classe, Renan e João foram surpreendidos por Sebastian, era um nerd de categoria maior. Sebastian já estava querendo marcar horários de estudo para os três, mal haviam saído da aula. Eles resolveram dispensá-lo.

Sebastian ficou chateado por um segundo, mas logo o sentimento transformou-se em raiva pelo desprezo.

- Quem precisa são vocês - e deu as costas para os dois.

Eles pararam e se encararam.

- É mesmo caralho - concordou João - já estou dois anos atrasados, tenho que passar nessa merda e na de estudos da fé, senão me ralo mesmo.

- Tudo bem... - Renan virou-se - Sebastian, quando quer estudar?

E assim que eu me aproximei mais de Sebastian e João, que viriam a ser dois dos homens que eu colocaria minha vida em suas mãos no futuro.

Capítulo. 4

As aulas já estavam me matando, e isso que só tinha um mês que haviam começado. Eu estava no terceiro ano, os dois primeiros passaram despercebidos: aprendíamos a ler, contar, fazíamos testes de inteligência para saber se éramos estúpidos demais para sermos caçadores. Aprendíamos a cavalgar, já que as máquinas denominadas automóveis não mais funcionavam, devido a acabarem com o óleo preto qual o nome sempre me foge a mente, enfim, aprendíamos habilidades básicas que nos capacitariam para fazer o nosso destino. Sempre gostei de ver o destino como um deus... pense bem: Todos tememos, não conhecemos sua natureza, não sabemos o que esperar dele, muitas vezes é injusto e não podemos fugir dele, enfim: Deus. Não deixo que o padre Izidro descubra esses pensamentos porque certamente me daria uma boa surra, mas já me fodo o bastante nas práticas de fé verdadeira.

Renan pegou sua carta de confirmação de matérias, o primeiro mês e a primeira prova servia apenas para analisar o que cada aluno tinha necessidade de cursar, alunos que iam bem em todas as matérias tinham o direito de cursar apenas as que queriam, não era o caso dele. Antes de lê-la fez uma pequena oração mental: *por favor, vampirologia não, práticas da fé não!*

Segunda, Quarta e Sexta:

1. *Manejo de armas sem fio (5:00 - 7:00)*
2. *Teoria da armoreria I (7:00 - 9:00)*
3. *Armas de alcance I (9:00 - 11:00)*
4. *Armadilhas I (13:00 - 15:00)*
5. *Práticas de combate com armas I (15:00 - 17:00)*

Terças, Quintas e Sábados:

1. *Práticas de combate desarmado I (boxe)(5:00 - 7:00)*
2. *Práticas da fé I (MERDAAA!) (7:00 - 9:00)*
3. *Comportamento extraplanar I (9:00 - 11:00)*
4. *Teoria do combate I (13:00 - 15:00)*
5. *Vampirologia I (Putá que pariu!) (15:00 - 17:00)*

Não havia o que ser feito, Renan sabia que teria que estudar ou ser condenado a ver todos indo em frente e ele ficando para trás.

Na mesma tarde João foi ao dormitório de Renan e Caio com sua lista de matérias.

- Precisamos do Sebastian - disse - já estou dois anos atrasados, tenho que passar nessa merda e na de estudos da fé, senão me ralo mesmo.

- Tudo bem... - Renan virou-se - Caio, sabe onde é o dormitório dele?

Já fazia mais de um mês que estudavam juntos. Renan e João Pequeno, como era popularmente chamado em homenagem a uma história do tempo dos antigos, estavam melhorando o rendimento, pelo menos o de João. Renan continuava mal em Práticas da fé, e o padre Izidro não dava

moleza para ele, a única forma dele passar seria mentindo muito bem as respostas para o padre. A matéria dependia da fé de verdade. O padre lia a mentira nos olhos de Renan e sua cabeça já tinha galos de tantas varetadas.

Vampirologia passou a ser de fato fascinante para Renan e João, apesar do grandalhão não conseguir filosofar em cima de questões muito complicadas. Gostava de ouvir Sebastian comentando o assunto, já Renan passou a aprofundar-se mais no assunto.

Sebastian explicara que a mordida de um Mordecai não transformava obrigatoriamente um humano em vampiro. Era necessário que todo o sangue se esvaísse da vítima e o vampiro doasse uma parte de seu sangue a ela antes que perecesse.

Após havia um ritual de transformação: a vítima passava por cerca de três dias agonizantes, o primeiro era de uma dor insuportável, a vítima quer gritar e não consegue, quer chorar e não consegue, tem espasmos tão fortes que algumas vezes quebra coluna e costelas (que logo após os três dias irão se regenerar). O segundo dia é o do medo, a vítima tem alucinações terríveis, vê através do sangue de seu mestre todos que já sofreram em suas mãos, toda maldade que já foi feita, alguns dizem que podem ouvir o próprio Satanás sussurrando na orelha durante a noite inteira. No terceiro dia é prazer puro, a vítima com a bexiga e intestinos cheios finalmente se urina e caga

inteira, a sensação de alívio é visível aos olhos do espectador, homens gozam violentamente, e mulheres tem orgasmos fortíssimos que chegam a assustar até mesmo os morcegos que estão próximos. A partir daí cria-se um mordecai.

Ele aprende tudo muito rápido, um dia é como um ano de aprendizado, não se sabe se os ensinamentos estão no sangue e vão desabrochando aos poucos, liberando todas as memórias necessárias à sobrevivência do vampiro, ou se há uma conexão psíquica entre mestre e aprendiz e o primeiro repassa tudo ao pupilo via ondas mentais, ou até mesmo outra teoria, enfim, é assim que ocorre - explicou Sebastian.

Os mordecais são seres que vieram provavelmente do Inferno, ou algo parecido a um plano maligno, enfim, eles têm verdadeira repulsa pela fé verdadeira e tudo que for abençoado por um padre pode afetá-lo, o alho não possui nada de especial, poderiam ser cebolas, o que realmente precisa existir é a benção por alguém de fé em cima do objeto. Renan fez uma nota mental disso.

Estacas funcionam e podem ser de qualquer material, não necessariamente de madeira, mas têm que atingir o coração do mordecai, senão não fará efeito nenhum. A luz solar os incomoda e causa leves queimaduras, além do mais, na luz solar eles não conseguem utilizar seus para-psiquismos. São mortais como nós.

Mordecais possuem uma diversidade de para-psiquismos (P.P.) muito grande, normalmente não possuem mais de dois ou três e não se sabe quais são até defrontá-los. Esses P.P. podem ser: telepatia, controle da mente, pirocinesia, criocinesia, telecinesia, camuflagem, ilusionismo, dentre outros mais raros, como teleporte e metarmofose. Sem contar que todos possuem força, agilidade e resistência sobre-humanas.

Ao enfrentar um mordecai, é loucura não haver um padre no bando. É a fé que vai conseguir anular alguns poderes do vampiro, como torná-lo mais lento, anular seu controle da mente se algum companheiro vier a ser controlado, etc...

- Enfim - terminou Sebastian - isso é o que precisam saber em Vampirologia I.

- E sobre os Calabans? - quis saber Renan. João fez que sim com a cabeça, ávido por saber mais.

- Calabans são só em vampirologia II, não se preocupem...

- Sim, mas você sabe algo sobre eles não? - foi a vez de João perguntar.

- Sei, tudo que podemos saber em teoria.

Eles tinham nos olhos a vontade de saber mais sobre os vampiros, Sebastian teve de se render.

- Os calabans são vampiros provavelmente surgidos de mutações genéticas ou da disseminação de algum vírus, bactéria, enfim, eles nem de perto são tão complicados de enfrentar quanto os mordecai, vivem normalmente em becos, esgotos, bosques, cavernas e todo lugar onde podem encontrar comida podre ou sangue.

Sobre sua organização não podemos citar muito, diferentemente dos mordecai que possuem príncipes entre eles, os calabans andam em grupos que podem variar de três até quinze. Alguns grupos possuem liderança, sempre do mais forte, pois a maioria não possui vontade nenhuma. São simplesmente atraídos por cheiro de vida.

O corpo deles é acinzentado, como cor de cimento, devido não possuírem uma gota de sangue no corpo a não ser o que consomem, acredita-se que o que os torna “vivos” são os gases constantemente produzidos dentro de seu organismo. Detalhe importante: calabans são altamente inflamáveis e explosivos, porém, não se deixem enganar, seus arrotos e diversos gases que conseguem exalar para atacar são muito tóxicos para nós, mas não sei direito que gás é esse.

Calabans não possuem P.P.s, ao invés disso, possuem uma força descomunal, não sentem dor, são imunes a fé verdadeira e não tem medo. A grande maioria só anda, apenas alguns correm, não se sabe o porquê, mas esses que correm, normalmente estão portando algumas armas

como clavas e pedaços de pau ou correntes e demonstram alguma inteligência, acredita-se que os calabans possam estar evoluindo, é a única explicação.

Calabans são relativamente fáceis de enfrentar, pois não são nada ágeis, mas não se enganem, não são fáceis de matar, na dúvida, corte a cabeça, mas se for o caso, exploda-o, mas tenha a inteligência de estar a pelo menos vinte metros dele.

- E sobre a transformação? - quis saber Renan.

- Inevitável - respondeu sombriamente - se a saliva tiver contato com seu sangue, não há antídoto nem ritual, cada hora que se passar você se tornará mais calabam - Sebastian pensou por um segundo - Se a mordida for no braço, você pode tentar cortá-lo, mas tem que ser logo, nos primeiros minutos... mesmo assim... as chances são poucas. É isso por hoje, vamos jantar?

Capítulo. 5

Hoje eu entendo a importância de ter estudado a fundo a vampirologia, não só ela, mas demonologia, comportamento extraplanar e quase tudo que me ensinaram na Cerberus. Talvez tivesse perdido mais que um olho se não tivesse aberto meus olhos para ver que caçar esses bastardos é muito mais do que empunhar uma espada, sangrar e fazer sangrar. É como um jogo. Envolve táticas e estratégias que um caçador precisa dominar com clareza para ter chances de sobreviver nesse mundo desgraçado que Deus abandonou... Merda, profanei de novo. Estou tentando parar com isso, mas hoje em dia já posso dizer que acredito em Deus, já é um grande passo, a minha falta de fé já me fodeu muitas vezes.

Os meses estavam passando depressa e rapidamente viriam as provas. Para algumas Renan e Caio estavam bem preparados, principalmente as de combate, matérias cujo os dois tinham dedicado especial atenção. Caio, porém não conseguia alcançar nem de perto as habilidades do amigo. Renan estava se tornando um verdadeiro espadachim, despontando os mais ilustres alunos, inclusive o odiado Célio.

Se havia alguém que poderia oferecer perigo em combate a Renan era ele. Um garoto negro e careca, com músculos mais desenvolvidos e uma velocidade felina. Era arrogante

e traiçoeiro, o que atraía a antipatia dos colegas do terceiro ano, tinha apenas dois amigos que andavam grudados com ele como rêmoras em um tubarão.

Em um fim de tarde de sexta feira, ocorreu o que alguns já torciam por ver.

A aula de praticas de combate com armas era ministrada pelo professor Oligui, como de praxe, um meio vampiro cipriota de cabelo verde do qual ninguém imaginava a idade. As estórias remontavam que ele havia enfrentado o príncipe mordecai da Inglaterra o que lhe garantiu uma bela cicatriz rosada atravessando o rosto. Diziam que o grupo inteiro morreu e apenas ele sobreviveu. Ele nunca confirmou nada.

Oligui dirigiu-se para o centro do campo de treino. As tochas tremeluziam, mas não seriam tão necessárias porque a Lua estava cheia. Ele chegou a frente dos quase quarenta alunos do terceiro ano. Todos já haviam treinado com todas as armas e cada um já havia escolhido a que tinham mais afinidade. Porém, dessa vez foi diferente. A caixa de armas estava ao lado dele e cada um já havia puxado a sua predileta. Todas as armas eram de madeira de carvalho, armas de metal iriam ser utilizadas apenas no ano que vem. Para os pirralhos do terceiro ano, eram as de brinquedo.

- Valdo - chamou Oligui com sua voz rouca - o que você faria se vossa arma quebrasse no meio a uma batalha

contra um demônio, e restasse apenas você, tendo seu grupo perecido?

- Bem - respondeu o garoto relutantemente - eu pegaria a arma de um de meus companheiros e usaria.

Oligui concordou com a cabeça, mas mantinha um olhar pétreo para o garoto. Atacou o garoto velozmente com uma machadinha e Valdo conseguiu se defender, foram duas estocadas rápidas mas o garoto já havia desenvolvido habilidades com sua arma predileta. Oligui fez uma reverencia com a cabeça, então enfiou a mão dentro da caixa e retirou aleatoriamente uma arma, jogou-a para o garoto. Era uma maça estrela, uma espécie de porrete com uma cabeça em forma de bola rodeada por espinhos, como se fosse uma mortal estrela. Em seguida puxou para si uma espada curta. O garoto esperou o ataque.

Rápido como um piscar de olhos Oligui avançou para cima do garoto e com um giro veloz de punho a maça estrela voou para cima. Oligui deu um salto mais alto que qualquer um já havia visto e agarrou a arma a três metros de altura.

Pousou suavemente no chão.

- Acredito que não preciso explicar minha lição esta noite - parou por um momento - hoje será assim: cada um sorteará a arma que irá usar e com ela treinará nas próximas semanas. Se eu achar que ainda não está bom o suficiente, sortearemos de novo, até terminar esse ano.

Devo admitir que não tive muita sorte nessa noite, não tanto quanto gostaria de ter, pois quando enfiei minha mão dentro do baú, tirei um papel escrito “glaive”. Droga, foi meu primeiro pensamento, mas depois que vi o que cada um estava sorteando, teria que rir da situação mesmo.

As equipes já estavam montadas pelo professor. Renan estava na mesma equipe que João Pequeno e Mônica. Caio estava na mesma equipe Célio e Alexandre, um garoto ruivo perito com garras. E justamente essas duas equipes foram selecionadas para se enfrentarem por último.

As equipes iam se enfrentando e vários combates eram um verdadeiro show de horror. Estava nítido que a maioria ali não teria capacidade de se adaptar de ultima hora a uma eventual troca de arma preferida.

No final, todos sentaram-se para ver a luta da equipe de Renan contra a de Célio.

Renan havia pegado um glaive. A arma possuía uma lâmina enorme de facão na ponta de uma comprida haste de dois metros, era pesada e difícil de manejar. Na outra ponta da haste havia uma protuberância simulando a ponta de uma lança. Mônica havia pegado um bumerangue de combate, capaz de atingir o alvo e retornar para seu dono. João pequeno sorteou um bastão, ficou revoltado com seu azar e disse que preferia lutar com as mãos, mas foi logo repreendido por Oligui.

O outro time estava em vantagem: Alexandre havia sorteado sua arma preferida: as garras de combate. Eram luvas que permitiam o livre movimento dos dedos e por cima surgiam três longas garras, fixadas ao couro. Caio sorteou um nunchaku laminado, espécie de arma que ele não fazia sequer idéia de como manejar. Por último, Célio sorteou uma anaconda: um tipo de espada árabe longa, que podia ser usada com uma ou duas mãos e possui uma lâmina curva para aumentar a profundidade do corte. Um sorriso brotou em seu rosto.

As regras eram as mesmas das lutas anteriores: todos contra todos, valia tudo.

Renan reuniu-se com seu time, estavam em ligeira desvantagem e os colegas na arquibancada também sentiram isso. Decidiram que Renan enfrentaria Caio, Mônica enfrentaria Alexandre e João Pequeno enfrentaria Célio. Oligui estava na lateral do campo e fez sinal para que os times se reunissem. O professor usava sua cota de malha especial feita de anéis, era leve e caía em seu corpo não muito musculoso, fazendo o contorno do peitoral e do abdômen. Por trás, uma longa capa roxa apoiava-se em seus ombros, presa logo abaixo de poderosas ombreiras, e seguia decaindo até seus tornozelos. Era como se fosse um senhor da guerra prateado. Não usava elmo, seu cabelo verde já começava a perder a cor, mas apesar de seus aproximadamente mais de cem anos, ele mantinha os reflexos de jovem.

Quando os dois grupos reuniram-se o silêncio fez-se presente na arena. Tirando Mônica, eram alguns dos melhores lutadores do terceiro ano que estavam para se enfrentar e esse confronto já há muito estava sendo esperado. Oligui sabia disso.

Sabia também que o sucesso estava subindo demais a cabeça dos cinco meninos e tinha noção do potencial da garota que sempre era descartada dos times. Já vira meninas como aquela transformarem-se em caçadoras das mais letais. Oligui queria ver como se comportaria o vencedor e, principalmente, os derrotados.

Olhou para a Lua. Parecia que ia chover. *Ótimo*, pensou. Olhou para o grupo de Renan, eles assentiram. Em seguida olhou para o grupo de Caio e recebeu confirmação de que estavam prontos.

A luta foi iniciada com um sinal.

No começo foi uma luta feia como todas as anteriores.

João tentou fazer uma finta girando o bastão e acabou derrubando-o, Caio tentou o mesmo com o nunchaku e acertou-se nas costas. Vaias foram ouvidas, risos dominavam a arquibancada.

João surgiu na frente de Célio, indicando que ele que daria combate. Célio nunca tinha usado a anaconda, mas não diferia tanto da espada longa que usava habitualmente,

exceto por ser bem mais pesada e não ser tão eficiente para penetrar barrigas. Isso não o impediu de investir contra João.

Desferiu uma série de golpes em X, tentando cortá-lo em pedaços. João conseguiu se defender, apesar de desengonçadamente, mas todos os golpes foram bloqueados e ele conseguiu acertar um chute violento no joelho do seu oponente. Célio deu um grunhido de dor e recuou um passo. João não conseguiria atacar com o bastão, sequer sabia a forma correta de segurá-lo.

Alexandre cruzou as garras em uma posição de defesa e Mônica tentou arremessar o bumerangue que foi facilmente bloqueado e voltou às mãos da garota. Ela tentou novo arremesso, dessa vez mais baixo e seu oponente moveu as garras defendendo a barriga. Agora já estava próximo dela e atacou.

Foi um ataque rápido, parecido com uma dança. Ele girava e desferia uma série de golpes na altura da cabeça, cintura e pernas. Mônica conseguiu bloquear os primeiros, mas ele era demasiado rápido com as garras e foi derrubada por um forte golpe nas pernas. Caiu e rolou de lado, enquanto ele tentava pregar-lhe ao chão.

No outro lado da arena estava Renan e Caio enfrentando-se. Caio tentou lhe atingir com dois fortes golpes, mas eles saíram devagar e sem direção, Renan apenas recuou. Agora era sua vez, e decidiu tentar uma finta. Fingiu que ia

atingir sua coxa e quando Caio tentou bloquear, ele rapidamente subiu a lâmina para o rosto do amigo que só se salvou porque o reflexo lhe permitiu recuar o rosto rapidamente.

João olhou para o bastão e para a surpresa de todos quebrou-o contra o joelho, transformando-o em dois cassetetes - *Agora sim!* - A torcida uivou em aprovação e Oligui esboçou um sorriso com o canto da boca. *Adaptação à situação, excelente!* - Pensou.

Célio continuou atacando, tentou um golpe contra a cabeça de João, que apesar de seu cassetete ser bem mais leve que a anaconda o seu portador possuía muito mais força que o oponente, por isso conseguiu fazer um bloqueio com a mão direita e com a mão esquerda desferiu um potente golpe contra a barriga de Célio.

O garoto soltou todo o ar e dobrou-se sobre o braço do grandalhão. João acertou com a outra mão uma porretada nas costas de Célio. O garoto caiu, e não se levantou. A torcida ovacionou, gritou o nome de Pequeno, como era conhecido carinhosamente. João virou-se para seus fãs e levantou os braços em triunfo, comemorou sua vitória sobre o forte oponente.

De repente o som da torcida mudou, João veio a entender tarde demais, quando virou-se, a anaconda atingiu-lhe o queixo, ele sentiu uma dor aguda e seu cérebro balançar, o mundo inteiro pareceu girar e ele perdeu a força das

pernas. Tudo estava ficando escuro e mais escuro, tudo pareceu durar uma eternidade, mas para quem assistia, foi questão de segundos.

A torcida vaiou. Alguns deram gargalhadas, Oligui agora podia completar o sorriso que havia esboçado. Já dissera uma centena de vezes que nunca se dá as costas a um inimigo com a cabeça no lugar. *Uma criança só aprende o que é um martelo quando confunde o dedo com um prego, afinal.*

Mônica estava com dificuldades de lutar com seu bumerangue, estava com a boca sangrando devido aos ataques de Alexandre. Não conseguia furar a defesa do oponente e definitivamente o bumerangue de combate não é uma arma de defesa. Alexandre estava gostando do desafio, estava sendo como treinar com um boneco de madeira. Podia atacar como quisesse, ensaiar fintas, golpes e fazer uma luta bonita. A arquibancada fazia apostas nos lutadores e nos times como sempre, mas hoje parece que haveria um recorde. Ele ouviu alguns gritos de incentivo a uma luta elegante.

- Você não quer soltar esse brinquedo e pegar uma arma de verdade? - debochou ele. A platéia deu risada.

- Acho que prefiro um oponente de verdade - rebateu. A torcida ovacionou debochando, Alexandre bufou de raiva.

- Se me der um beijinho eu deixo você pensar que ganhou.

Alexandre já estava preparado para o ataque, então Mônica chutou o formigueiro que estava na frente de seu pé. A areia voou em seu rosto e ele teve de colocar as mãos na frente para se defender. Ali Mônica soube que seria sua última chance e lançou seu bumerangue contra o chão.

A maioria dos espectadores achou que ela havia errado, mas o pesado bumerangue bateu no solo e subiu em cheio no meio das pernas do garoto. Ele rugiu e caiu de joelhos. Mônica avançou, agarrou-lhe a cabeça e com o joelho quebrou seu nariz.

Alexandre já sentia a enorme dor que comprime o abdômen quando se é atingido nas bolas, e quando sentiu as mãos frias sobre suas orelhas, pôde antecipar o que viria, mas seus músculos não obedeciam e ele sentiu a dor de um nariz partindo-se em vários fragmentos, sentiu o sangue escorrer-lhe pela garganta e misturar-se com a bile, mas isso foi só, apagou antes mesmo que seu corpo tombasse mole sobre o solo. Antes, conseguiu ouvir os aplausos e gritos eufóricos.

A luta entre Renan e Caio estava indefinida, apesar do ataque do nunchaku ser muito efetivo, a defesa de um glaiive é formidável e os contragolpes são rápidos e poderosos. Caio tinha uma capacidade de se esquivar acima da média e Renan não estava tendo um trabalho fácil, apesar de estarem se divertindo, tirando piadas um com o outro e se debochando.

Renan avançava e atacava, e Caio esquivava, depois Caio passava a atacar e Renan defendia. Apesar da amizade, ambos queriam vencer, ambos precisavam vencer esse que com certeza era o teste mais difícil do ano.

Célio não perdeu tempo, chegou por trás de Mônica enquanto ela pegava o bumerangue e pisou em suas costas, ela tombou e ele continuou segurando-a sobre seus pés, sua cara afundou-se na lama formada pela chuva forte que caía. Muitos vaiaram, outros gargalhavam impiedosamente, ele colocou a espada sobre o pescoço dela...

- Como se sente sabendo que, se essa espada tivesse fio, sua vida seria minha?

Mônica não respondeu, sentiu-se humilhada e impotente, os olhos lacrimejavam de revolta tamanha covardia.

Célio levantou o polegar e virou-o para baixo, como um gladiador que deseja saber se abate ou não seu oponente derrotado. Alguns olharam enojados para a cena, outros riam e indicavam os polegares para baixo, seu olhar parou em Oligui. O meio vampiro olhava para ele e estendia o polegar voltado para cima.

Deixe-a lutar outro dia.

Célio pareceu desapontado, por um segundo pensou em acertar-lhe a espada na nuca, mas temeu a reação do professor. Saiu de cima dela e dirigiu-se para Renan.

Mônica pensou em pegar seu bumerangue, mas viu o pé de Oligui sobre ele. Há um segundo atrás o professor estava a vinte metros de distancia e em um piscar de olhos apareceu a sua frente.

- Saiba aceitar a derrota - foram suas palavras. Mônica indignada foi sentar-se na arquibancada. Caminhou sob os aplausos de uns e deboches de outros que não achavam-na digna de lutar. Isso não importava, ela mostraria que merecia a honra.

Caio viu uma brecha e atacou, o nunchaku enroscou no glaiive e, a partir daí, um rápido teste de força foi travado tendo Renan como vencedor. Ele fincou a ponta do glaiive no chão e puxando-se com os braços, saltou e acertou um violento chute na cara de seu oponente, que cambaleou para trás com a boca sangrando.

Renan não perdeu a oportunidade. Derrubou Caio ao solo e aplicou-lhe uma chave de braço. Caio que era bem mais fraco que Renan desistiu, apesar de uma inútil tentativa de continuar lutando.

Quando se levantou ajudou Caio a se recompor também.

- Vença esse idiota - disse Caio e Renan assentiu.

Podia ver Célio caminhando em sua direção, arfando de cansaço. Renan também estava cansado, mas teria que

agüentar um pouco mais. O difícil já havia passado e soube que a sua frente só haveria glória.

As pessoas na arquibancada assistiam em pé. Ouviram gritos mais ao longe e podiam ver alunos de todos os anos nas janelas dos quartos gritando, uivando e torcendo. Alguns gargalhavam dos alunos que ainda lutavam com armas de madeira e sem armaduras, mas para Renan, aquilo seria como a final de um mundial. Sentia-se um deus da guerra.

Célio atacou com uma espadada lateral e Renan bloqueou, em seguida moveu rapidamente a lamina do glaiive contra a cabeça de Célio, acertou-lhe na face e sangue escorreu de sua boca. O garoto mostrou os dentes vermelhos de raiva e tentou atacar Renan com um golpe giratório. Renan bloqueou novamente e Célio girou para o outro lado acertando-lhe uma cotovelada na têmpora. Renan cambaleou e Célio acertou um chute no seu peito.

Renan aproveitou a inércia da queda para girar por cima do ombro e cair em pé. A torcida uivava. Dessa vez os alunos de outras turmas nas janelas faziam muito mais barulho.

Célio tentou outro chute, acreditando que Renan estaria tonto pelo movimento e esse foi seu erro. Renan esquivou-se e com o cabo do glaiive passou uma rasteira em sua perna, fazendo-o tombar e largar sua espada.

Célio rastejou e tentou alcançar sua espada ficando de costas para o oponente. Quando a arma tocou seus dedos, Renan estava sobre ele com glaiive apontado para sua cabeça.

- Como se sente? - perguntou Renan.

A torcida gritava, agora tudo havia acabado e tinham um vencedor. Mas Célio não enxergava dessa forma, o garoto dobrou a perna acertando um chute com a sola do pé nas costas de Renan que deu três passos para frente.

Célio agarrou a espada e levantou-se. Renan já estava em posição, Célio agora sorria. O sangue havia coagulado deixando seus dentes com uma cor vermelho escura, mas afinal, ainda havia luta, ainda havia motivo para sorrir.

Com certeza o combate estava sendo o mais emocionante do ano. Alguns torciam que houvesse uma revanche para o derrotado. Célio, apesar dos golpes traiçoeiros, era um exímio lutador, e no fim das contas, Oligui sabia, quando esses garotos e garotas estivessem enfrentando vampiros, demônios e espíritos malignos, pouco se preocupariam com honra e luta justa, ali. Com ele, esses garotos sairiam como caçadores ou morreriam tentando.

Então, algo inédito aconteceu.

O padre Izidro passou correndo pelo campo de luta e a platéia diminuiu o barulho. Apesar de ser padre, era muito

temido por ser o diretor da Cerberus e dirigia a escola com alguma mão de ferro.

Izidro sempre tinha um ar sério e um rosto fechado sem demonstrar qualquer tipo de sentimentos. No entanto, quando atravessou aquele campo correndo, as sandálias encharcando-se na chuva e chegou ao professor meio vampiro, seu olhar era preocupado e alguns ousaram dizer de medo. E de fato era. Alguma coisa tinha acontecido.

- Todos para os quartos - disse Oligui que também ficou alarmado - em grupos!

Capítulo. 6

- O que será que está havendo? - perguntou Mônica - nunca vi o professor Oligui tão nervoso.

- Tem razão, espero que haja um bom motivo, porque eu teria vencido aquele bastardo traidor.

- Você é melhor que ele Renan, todos sabem disso, não se preocupe, terá sua chance. - todos se olharam para ver que Ilian estava à porta.

- O que você está fazendo aqui cabelo branco? - perguntou João Pequeno - você deveria estar no seu quarto.

- Até onde sei, esse não é nem seu quarto nem da Mônica - rebateu Ilian.

- Ele tem razão - debochou Caio - venha, sente-se perto.

- Não, obrigado. Estou bem aqui - respondeu apontando para a vela.

Verdade. Sabiam pouco sobre Ilian. Apenas que jovens meio vampiros temiam o fogo.

- Da onde você é afinal? - perguntou Mônica.

- Vaslui, um principado da região da Moldávia. Faz fronteira com um país chamado Moldova, mas não me

lembro direito de lá.

- Conte sua história, conte-nos sobre ser um meio vampiro
- pediu a garota.

Ilian olhou interrogativamente para a menina, então viu que todos estavam a espera, porque até o jantar fora suspenso e tinham todo o tempo do mundo para ouvir.

Ainda me lembro como se fosse hoje, Ilian contando sobre seu passado e sua natureza. Um meio vampiro só nasce de uma forma: uma mulher grávida sendo transformada em mordecai. E o que aconteceu antes de seu nascimento só consigo contar porque Oligui contou ao próprio Ilian.

A mãe de Ilian era a mulher mais bonita do vilarejo. Levava uma vida digna e já estava prometida em casamento a um valoroso negociante. Foi na mesma época em que o mordecai príncipe teve a mais bonita de suas concubinas vampiras morta pelo grupo de caçadores que atuava em Vaslui. Ele não achou nada mais justo do que pegar para si a nobre donzela.

Mas quis o destino que essa mulher estivesse grávida de cinco ou seis meses, e isso não era problema, aparentemente, pois o príncipe sabia que as mulheres grávidas, quando transformadas têm seus corpos mortos. Logo, se não parir em uma semana, o feto é expelido como se fosse um pacote de lixo orgânico. Obviamente, não foi assim com ele.

A mãe de Ilian pariu prematuramente sua criança, na casa de seus pais, enquanto passava pelo ritual de transformação e seus familiares acreditavam que ela estava possuída por algum demônio.

Por sorte, Oligui estava de passagem na região. Sentiu a presença estranha e aquele choro agudo, alto e potente, choro que ele conhecia bem em seus sonhos, afinal, ele também era um meio vampiro. Um mordecai criado propositalmente para andar de dia, porém, um mordecai que rebelou-se contra seu mestre depois de se apaixonar por uma humana. A história de Oligui daria um belo livro, mas não é para essa ocasião.

Oligui roubou a criança, alimentou-a com seu sangue e deixou-a aos cuidados de uma família de livreiros. Lá ele aprendeu a ler, escrever e admirar a beleza e o universo dos livros. Aprendeu sobre o mundo antes de ele ter seguido em frente e sobre sentimentos que ele não sabia o que significavam.

Ilian não entendia sua natureza, não sabia o que era e nem de onde vinha. Não entendia porque não sentia fome como seus pais e nem porque matava pequenos animais como ratos, gatos e gambás para mamar seu sangue.

Quando fez cinco anos, um homem de capuz visitou sua casa, beijou o rosto de sua mãe e apertou calorosamente a mão de seu pai. Esse homem tinha cabelo verde e veio ao seu encontro.

Foi levado até o pequeno pasto que seus pais haviam cultivado para colocar algumas cabras e ovelhas. Trovões gritavam ao norte e a chuva era anunciada. E seria uma chuva pesada. O rebanho começava a procurar abrigo embaixo das árvores. Ilian, como fora chamado, olhou para o estranho. Ele apenas mirava o horizonte, sem dizer uma palavra. Passado alguns minutos, o homem ordenou que colocasse um capacete antigo. O elmo possuía uma fina ponta de lança em cima e era nitidamente um capacete romeno medieval. Ilian obedeceu.

A chuva começou a cair devagar. Veio com gotas pesadas e uma ventania, trouxe o cheiro característico de capim molhado, como se as plantas pudessem prever o banho que cairia dos céus.

- Sinta garoto - disse o estranho - abra sua alma.

Ilian não entendia o que ele queria dizer. As palmas das mãos do homem estavam abertas, ele mantinha os olhos fechados e a cabeça levemente voltada para cima, respirava profundamente. Ilian resolveu imitá-lo.

Não sentiu nada. Apenas gotas geladas que caíam no seu rosto molhando-o e ele resolveu abrir os olhos. Algo de estranho aconteceu...

O homem começou ficar ligeiramente transparente, como se fosse feito de... névoa. Como a névoa que vem nas

madrugadas de inverno: frias, brancas, úmidas... apavorantes!

As gotas atravessavam pelo homem, como se ele não existisse, como se fosse um fantasma, mas o que diabos era aquilo? Ilian olhava espantado para o homem. Ele havia se transformado em uma névoa, mas mantinha a forma do seu corpo, suas roupas, e suas arma que mais pareciam pequenos bambolês afiados, presos à cintura.

Um trovão caiu mais perto deles.

- Concentre-se Ilian, concentre-se! - ordenou o homem com uma voz fantasmagórica, uma voz que ecoava no pasto - acredite que não pode ser tocado pela chuva e ela não te tocará, o céu não é o limite. Você é o limite!

Ilian saiu do seu estado de surpresa, fechou os olhos e passou a concentrar-se com mais veemência, mas aquilo era loucura, a cada gota que caía em seu rosto quebrava-lhe a concentração, ele não conseguiria.

Um raio caiu agora mais perto.

- Vamos Ilian - disse o homem, ele agora olhava-o - estamos sozinhos nesse pasto, somos alvos fáceis ao trovão.

- Eu não consigo - disse ele - deixe-me ir embora, tenho medo!

- Você consegue, concentre-se!

Ilian fechou os olhos.

- Eu consigo, eu consigo! - repetia a si mesmo, olhos fechados com força - a chuva não está me atingindo, a chuva não está me at...

Um raio caiu certo sobre o capacete de Ilian. A descarga elétrica percorreu seu corpo queimando-lhe as entranhas, sentiu seus órgãos assarem e seu cérebro pareceu que explodiria. O raio arrancou-lhe do chão. Ilian aterrissou a dois metros de onde estava, caiu com um baque surdo no pasto, depois de ser tirado do chão quase um metro. Esfumaçava como churrasco queimado e não se movia. Os pais do garoto saíram correndo em direção a eles, a mãe chorava copiosamente.

- Ele não está respirando! - gritava ela aos prantos

- O que você fez Oligui? Você matou nosso filho - acusando o livreiro.

Oligui não disse nada, apenas observava. A mãe abraçou-se ao filho e chorou, passaram-se quase três minutos até que parou, sentiu algo diferente. O coração dele voltou a bater.

- Ele é forte - disse Oligui - a regeneração é uma capacidade de todos os meio vampiros. O tempo dele aqui acabou, preciso voltar ao Brasil e ele virá comigo.

A mãe olhou aterrorizada. Sabia que esse dia chegaria, mas parecia tão cedo, esse dia chegara tão rápido.

O pai assentiu.

- Como o senhor quiser, mestre Oligui - disse.

Ilian acabara de acordar e não sabia onde estava, olhou para o céu e encontrou-se no colo de sua mãe. Ao lado dela seu pai e o estranho o olhavam.

- Olhe o cabelo dele - disse o pai - está clareando.

Oligui olhou despreocupado, o cabelo estava prateado, quase branco. Bom sinal. Cores claras significavam uma alma nobre, um meio vampiro não podia ter cabelos vermelhos ou roxos, isso seria desastroso, mas ele já conhecia bem o espírito do garoto e não havia se preocupado.

- Isso acontece. É natural a mudança de cor em meios vampiros quando chegam muito perto da morte.

Então olhou para Ilian que ainda estava zozzo.

- Arrume as malas Ilian, partimos pela manhã.

Capítulo. 7

Um trovão ribombou no céu e fez Mônica dar um pulinho com o susto. A luz das velas dava um ar fantasmagórico no quarto.

A Cerberus era uma gigantesca escola, toda feita em pedra. Os corredores eram úmidos e escuros, tochas em seu interior forneciam a iluminação tanto das salas de aula, quanto corredores e quartos. Os alunos também sabiam da existência de algumas passagens secretas, construídas há muito e que apenas alguns professores conheciam a sua localização.

Sebastian entrou no quarto assustado. Vestia uma batina, como um aprendiz de padre. Ilian olhou-o curioso.

- Acalme-se Sebastian, o que houve? – perguntou Renan.

Um trovão rugiu novamente. Sebastian ofegava como um louco e pingava de suor. A batina estava rasgada nas mangas e ele apoiou-se no meio vampiro que estava próximo a porta.

- O que aconteceu? Parece que viu um fantasma – perguntou João.

- Ele pegou a Samantha – choramingou – droga, ele pegou ela!

Um terror súbito percorreu a espinha dos que estavam no quarto. Samantha era da turma deles, a menina mais bonita do terceiro ano e uma paixão secreta de Renan. Coisa que ele ainda recusava a admitir.

- Quem pegou ela, cara? Diz porra! - ordenou Renan.

- Não sei, uma criatura, a gente estava fazendo um ritual - chorou - deu tudo errado! Merda, vou ser expulso.

- Calma cara tudo vai dar certo

- Temos que ir falar com o prof. Izidro - sugeriu Mônica

- Não! Pelo amor de Deus, ele soube que ela sumiu, mas não suspeita que fui eu.

Renan o agarrou pelo colarinho.

- Por que você fez isso, seu merda? - gritou.

- A gente não sabia, estávamos estudando, eu vi uma pessoa escondendo algo em um compartimento secreto de uma prateleira - chorava - foi tudo muito rápido, ele apareceu, me acertou e arrastou ela pelos corredores.

- Estudando o quê? Que papo furado é esse?

- Decidi estudar para ser padre. O prof. Oligui disse que não tenho talento nenhum com as armas.

- Isso é verdade - debochou Caio.

- A Samantha não tem um irmão mais velho no último ano?
- disse Mônica.

Todos se entreolharam. Renan não lembrava se ela realmente tinha ou se era talvez um paquera. Foi a vez de Ilian pronunciar-se.

- Samuel - disse

- Quem? - perguntaram todos em uníssono.

- O cigano - explicou ele - aquele que é o campeão dos cursos da escola. Você acha que ele poderia nos ajudar a encontrá-la?

- Com certeza. Ele protege-a de tudo, só não sei como reagirá.

Capítulo. 8

Aquele foi o dia em que soube que nossos destinos estavam ligados para sempre. Foi o dia que desencadeou uma série de eventos que gosto de lembrar como um sonho ruim. Foi cruel, brutal, e confesso: teve dias que tive medo,... muito medo. Não sei bem porque não morri, pois não tinha as habilidades que tenho hoje. Não tinha fé em nada além de mim, não acreditava na minha equipe e na verdade não sabia que diabos eu deveria fazer. Só sei que o instinto do heroísmo, o qual ou você nasce ou nunca vai ter, estava a florando em mim nos dias que passariam. Cada noite que passaria, nós tínhamos medo. Só que eu não podia demonstrar, porque já tinha gente apavorada demais do meu lado...

Os corredores estavam mais escuros que o normal e Renan sentia um frio na espinha correr-lhe cada vez que as tochas tremeluziam. O mal parecia espreitar nos corredores nesta noite, como se o diabo estivesse do seu lado, soprando seu bafo gelado e pútrido nas suas orelhas. Como se a morte estivesse sentada em uma cadeira de balanço no próximo corredor, lendo uma revista e esperando que eles tropeçassem em seus pés cadavéricos.

Samuel estava com eles, juntamente com Julius, seu colega de quarto. Depois de Samuel ameaçar de morte Sebastian e precisar ser contido por Ilian e Pequeno,

conseguiu se acalmar. Queria deixar os moleques de fora dessa, mas Julius disse que não teriam chance.

- Precisamos do Max e do Borges, senão não daremos conta, vamos morrer - disse ele.

- Precisamos do Verber também!

Julius não disse nada. Ainda acreditava que deveria ser o líder dos Ursos Vermelhos e não engolia bem a autoridade de Verber, o atual líder do bando. Era mais forte que Verber, sabia disso.

- Está com medo, seu cagão de merda? Eu vou achar minha irmã sozinho então.

O clima estava esquentando, as vozes eram sussurradas porque os monitores e professores que estivessem passando perto não poderiam desconfiar que estivessem todos acordados. A ordem fora que dormissem.

- Raciocine meu irmão. Se você morrer, ela também morre! Os caras dormem aqui perto, vamos acordá-los e fazer com que venham conosco.

Samuel parou por um segundo. A luz da sanidade voltou aos seus olhos. Ele olhou no fundo dos olhos do amigo e concordou com a cabeça.

- Está bem então.

- Nós vamos com vocês - disse Renan.
- Nem a pau - rebateu Samuel.
- Eles vêm sim, precisamos deles - decretou Julius.

O corredor frio fazia barulhos que arrepiavam os pêlos na nuca de Mônica. A garota procurou ficar no meio da fila indiana que formaram. Samuel ia puxando a frente e cobrindo as costas ficava Julius.

Julius era um garoto mulato de dezesseis anos, porém aparentava ter bem mais. Tinha porte atlético e mantinha um cavanhaque bem recortado e a cabeça com o cabelo bem aparado. Possuía algumas tatuagens tribais, uma inclusive no rosto e era um curso em seu último ano de Cerberus, como Samuel. As tatuagens significavam conquistas em torneios, olimpíadas e até mesmo desafios. Eram feitas dentro da escola, por um garoto do quinto ano que cobrava cigarros e cerveja pelos serviços.

Samuel também possuía algumas tatuagens feitas por Malcolm, não tantas quanto Julius e definitivamente não no rosto. Apenas nos braços que não tinham espaço para mais nada e nas costas. Também não tinha o mesmo porte de Julius, o mulato era ligeiramente mais forte, mais alto e tinha um ar mais brutal e selvagem. Como todos sabiam, tinha uma habilidade com o machado bem superior a qualquer aluno da Cerberus.

Os dois portavam facas que há anos tinham escondido embaixo dos travesseiros, como se fossem presidiários ou algo do tipo. Renan acreditava que todos os professores sabiam que os alunos dos últimos anos passavam a ter armas particulares, mas achava que isso, apesar de proibido, não deveria incomodá-los.

Dobraram o corredor e não viram nem professores, nem demônio e nem sinal de Samantha. Samuel correu até a primeira porta e deu uma batida ritmada. *Um código*, pensou Renan, *para saberem quando é alguém do bando ou de fora*.

Uma voz mandou que entrassem e eles obedeceram.

O quarto estava agora lotado, tinha três camas. Verber, o armeiro do grupo, Max, o artilheiro e Borges o cão de guerra estavam cada um sentado na sua cama. Levantaram-se na presença de Mônica e Borges que dormia pelado cobriu-se envergonhado. Os outros dois deram risada, mas seus olhos entregavam que queriam saber o que alunos do terceiro ano faziam na ala do oitavo.

Tudo foi explicado e o clima ficou tenso. Sebastian achava que iria apanhar, mas os garotos apenas olharam para ele e não esboçaram reação.

- Temos que ir buscar o Alfredo - disse Verber.

- Não dá - respondeu Julius.

- Não dá é irmos caçar um demônio sem um padre, porra!
- xingou.

- Ele fica na ala sagrada com os outros padres, esqueça o Alfredo.

Verber chegou perto de Julius, não era tão grande quanto ele, mas tinha a moral de ser o líder do bando, liderança essa conquistada por seus méritos, raciocínio lógico e capacidade de tomar decisões sob pressão.

- Tem noção que morreremos? Tem noção que não

- Verber, é minha irmã cara! Se não for pelos Ursos Vermelhos... - ele mostrou a tatuagem com o desenho da cabeça de um urso rugindo, símbolo do grupo - ...que seja por um demônio solto na casa, e nós sabemos disso. É provavelmente um ankh-o-ru.

O amigo olhou para ele e depois de um segundo soltou o ar cedendo.

- Imagina que haverá professores andando pelos corredores procurando o demônio?! Se formos pegos seremos expulsos.

- E daí cara? - interveio Max - esse é o último ano, não precisamos de diploma para o que fazemos.

- Aí não teríamos que fazer as últimas provas? - soltou Borges, o maior aluno da escola, e, definitivamente, um dos

mais burros.

Todos gargalharam, menos Samuel que ainda estava preocupado.

- Temos que tomar cuidado com os monitores também - disse Verber.

- É - concordou Samuel - mas que eu me lembre, você é o monitor da armoraria, né? Está com as chaves aí?

Capítulo. 9

A arma predileta de um corso pertence a ele tanto quanto sua alma. Conecta-se a ele tanto quanto sua mente. Há tanta união entre os dois quanto um casal de cobras acasalando. Essa união é baseada na total confiança que um tem no outro. O corso sabe que sua vida depende da qualidade dela, e ela sabe que sua existência só é válida se estiver na mão de seu dono. É como um casal feliz, porém sem brigas, não há discussões de relacionamentos nem porra nenhuma. A arma não te pede para pagar impostos, não te cobra que lhe dê presentes, não reclama por você não poder lhe dar filhos. Ela só te cobra que a trate com carinho, que amole seu fio quando precisar e que garanta cabeças de Calabans no final do dia, só isso, nada mais. O armeiro, artilheiro e o cão de guerra provavelmente passam por algo parecido, mas nem de perto como o corso. Você pode estar achando loucura o que estou falando, mas até você depender dela no último segundo, no último suspiro de sua miserável existência, você não irá entender. Cuide de sua arma, e ela cuidará de você.

A armoria era uma sala enorme, duas fechaduras precisaram ser destrancadas e a porta abriu com um forte rangido. Nenhum deles nunca tinha entrado na sala, com exceção de Verber, pois a sala pertencia apenas aos armeiros e apesar de Caio ter talento para a arte, as

divisões de alunos para os departamentos ocorriam apenas no quarto ano.

Caio olhou em volta. Havia uma infinidade de armas, parecia um paraíso. Verber era o monitor chefe. Era ele, inclusive, que preparava as aulas práticas que envolviam armas letais e não letais.

- Sirvam-se - disse ele com um sorriso no rosto - cada Urso pegue um novato para ganharmos tempo.

Caio aproximou-se de Verber para conversar sobre os trabalhos na armoreria.

- É simples - disse - no quarto ano você é apenas encarregado de levar os carros com as armas para as aulas e de organizar as armas em seus setores, dessa forma você aprende a categoria de cada uma. No quinto você é encarregado de afiar e tirar o fio das armas. Pode parecer bobaquice, mas fazer o fio de uma lâmina é uma arte. Arte essa que eu ainda não domino com perfeição e sempre se tem mais a aprender. Um mau afiador pode estragar uma arma em sua primeira afiação, enquanto que um bom afiador pode fazer uma arma ter vida eterna.

Caio ouvia com muita atenção e Verber estava gostando de ensiná-lo. Era difícil ter alunos tão jovens e ávidos pelo monótono trabalho de armeiro.

- Normalmente alunos do terceiro ano são interessados por serem corsos e artilheiros, as vezes cães de guerra. Os armeiros ficam normalmente entre os que não têm tamanho para serem cães de guerra, talento com as armas para serem corsos e nem acurácia para serem artilheiros. Se não têm fé o suficiente não podem ser padres. Mas não é tão simples assim, armeiros necessitam ter inteligência e uma notável capacidade detalhista.

- No quinto ano - continuou - você é encarregado de construir algumas armas e consertar armaduras e escudos. Também pode tentar entrar no grupo de desenvolvimento de armas, mas isso só se tiver médias altíssimas e passar em uma prova fudida.

- Você já passou? - quis saber Caio.

- Se já passei? - ele riu - moleque, eu e o professor Petrov que fundamos essa merda. Bom, no sexto ano você estará construindo armaduras e trabalhando em cima de armas abençoadas que requerem toda uma atenção especial. No sétimo você ministrará aulas de apoio e supervisionará alguns monitores e por fim, no oitavo ano, cuidará das armas dos professores, fiscalizará outros monitores e quem sabe... a própria armoreria. Agora, apresse-se, que arma é sua preferida?

- Bem, eu ainda não tenho, gosto muito da espada longa, mas...

- Com uma mão pequena como essa e um punho firme? - gargalhou ele - vou resolver seu problema. - ele andou por um corredor e dobrou a esquerda, quando chegaram no último ele dobrou a direita - tente isso.

Caio pegou um mangual. O mangual era um pequeno bastão preso por uma corrente a uma bola de ferro rodeada por espinhos de chumbo. Era brutal e ligeiramente pesada, ele ensaiou alguns movimentos e saíram um pouco desengonçados. Não sentiu-se confortável.

- Acho que não é bem isso que tinha em mente. Não tenho muita habilidade com ela - respondeu debochando a escolha de Verber.

- Claro! Você é canhoto - respondeu.

- Não. Sou destro mesmo, você tá enganado.

- Eu não me engano. Troque a mão! - ordenou.

Caio obedeceu. De início a arma já pareceu um pouco mais pesada, mas Verber começou a dar instruções e corrigiu a postura do garoto mais novo. Logo Caio conseguiu se sentir mais confortável com a arma na outra mão e Verber garantiu que se ele passasse a treinar sua mão esquerda poderia se tornar um guerreiro de verdade e, se desejasse, competir por uma vaga de corso.

Mas ele já havia se decidido. A armaria e ele sofreram de amor à primeira vista.

Mônica havia andado pelo corredor de armas de alcance. O corredor deveria ter trinta metros e possuía uma altura de cinco metros divididas em quatro andares de prateleiras onde estavam armazenadas a maior infinidade de arcos, boleadeiras, bumerangues e bestas, dentre outras armas que a garota não soube nomear nem definir para que serviam.

- É difícil escolher o que vai ser hein!? - Max havia saído de trás de uma das prateleiras e carregava uma besta pesada.

- Eu estava só olhando - disse timidamente.

- Eu vi sua luta com o bumerangue, manuseou-o bem, parabéns. Estávamos torcendo por vocês.

- Ah, obrigada - disse corando as bochechas.

- Deixe-me ver suas mãos - pediu. Ela permitiu e ele a apalpou.

Max tinha mãos leves, porém a dobra de suas falanges tinham calos e marcas de cortes. Mônica sentiu um leve tremor, sentiu o calor da mão do garoto e o carinho que ele manuseou a sua. Olhou fundo nos olhos dele, mas não soube ver o que eles diziam. Max tinha belos olhos verdes e o longo cabelo loiro era ondulado e estava preso por um pedaço de pano marrom.

- Pela sua mão creio que não tens uma arma predileta ainda.

- Não, ainda não escolhi nada, mas os arcos me encantam
- respondeu Mônica.

- Ainda é cedo para o arco, permita-me indicar-lhe a arma que comecei.

Mônica aceitou e ele esticou o braço e pegou uma besta pequena, com um pequeno tambor embaixo do corpo. A arma tinha lindamente seu corpo esculpido em madeira de lei, o tambor metálico era da cor vinho e os entalhes na madeira eram da cor verde. Possuía uma corda metálica muito dura que já estava puxada e Mônica duvidou que tivesse força de retesá-la novamente, porém, seus dedos tocaram na parte de baixo. Havia um gatilho e uma espécie de alavanca.

- É uma besta de repetição. Uma arma muito boa para quem está começando. Pode não servir para empalar um demônio, mas realmente incomoda e servirá a nosso propósito.

Ela gostou do que tinha em mãos e sentiu-se segura com a besta. A arma parecia que lhe caiu perfeitamente e Max sentia isso também. Soube que fez uma escolha segura para a garota.

- Você sabe atirar, não sabe? - perguntou

- Estou aprendendo, mas mantenho uma média de acertos de cinqüenta e cinco por cento no arco curto.

Ele sorriu e Mônica achou seu sorriso o mais lindo que já tinha visto, *estou me apaixonando? Não, não pode ser, é só que ele entende tudo dessas maravilhas...*

- Com essa besta aqui garanto que você aumenta para setenta por cento - disse.

João e Borges seguiam pelo outro lado da armadoria.

- Eu acho que esse será meu destino também - disse João confuso - não mostro habilidades suficientes para ser um corso.

- E quem disse que para ser o cão de guerra não é necessário habilidade?

João encarou-o na dúvida.

- Precisa algo além de força?

Me diga, o que é um cão de guerra?

- Ah sei lá, um cão de guerra é um bucha de canhão. É aquele que possui força bruta e não habilidades especiais, acho que é isso - respondeu esperando um sopapo do gigante Borges que o fulminava com os olhos.

- Garoto, se não estivéssemos tão apertados de tempo, eu te dava um cacete aqui e agora. Fazia tempo que não

escutava tanta bosta. Mas essa lição vou dar de graça - disse Borges indignado - Ser cão de guerra é ser o coração do seu bando, é manter-se em pé quando todos já caíram, é conseguir segurar porrada no lugar de seus companheiros não apenas para que eles possam completar a missão, mas porque eles não agüentariam. Só você agüenta! Podemos não ser gênios, e olha que já vi muitos cães que poderiam ensinar filosofia, mas precisamos ter inteligência e sensibilidade para medir situações e agir sob pressão. Ser cão de guerra é manter seu grupo unido, porque você é o elo forte. Entenda isso e verá um serviço sagrado. Eu agradeço a Deus, todos os dias, por ter me incumbido dessa missão.

João estava pasmo com a explicação. Por um segundo achou que levaria uma surra e agora descobrira uma vocação.

- Borges - chamou.

- O que é? - disse mal-humorado enquanto pegava seu machado.

- Transforme-me num cão de guerra? - pediu com os olhos lacrimejantes.

- Claro - sorriu - venha comigo.

Quando estavam prontos, Borges, o maior carregava um machado e tinha um saco preto de pano na cabeça, onde

apareciam só seus olhos, já João carregava um marreta de batalha e tinha uma pintura branca no rosto, representando uma caveira.

Renan, Ilian e Sebastian seguiram por um corredor principal no encalço de Samuel e Julius. Eles andavam com passos apressados e pararam tão abruptamente que Renan e Sebastian trombaram em suas costas. Samuel xingou os dois e mandou que prestassem a maldita atenção.

- Sabem manejar espadas? - perguntou rispidamente.

- Sim - responderam Renan e Ilian.

- Não - respondeu Sebastian.

- Sabe usar alguma arma? - interveio Julius

- Não.

Samuel fulminou o garoto, *que diabos farei com você, seu merda?*, pensou.

- Bem, então você fica com isso - disse passando um punhal para o garoto - e tente não morrer, bastardo!

Sebastian recebeu o punhal e quase deixou-o cair. Samuel balançou a cabeça.

- Ou melhor, tente não nos matar.

Renan estava andando por entre as prateleiras enquanto os outros dois conversavam, passava a mão pelas espadas e punhais. Então encostou em uma especial e parou. Voltou a mão e sentiu a sensação. Era como um choque, tímido, mas estava ali, como uma energia fantasma, uma sombra de força, algo estranho, mas especial.

- É uma espada bárbara - disse Samuel atrás dele - poucos sabem manejá-la.

- Posso ver?

Samuel retirou-a e passou ao garoto. Renan pegou a arma e instantaneamente sentiu uma sensação boa, talvez segurança e gostou do que ela causava. A espada tinha pouco menos de um metro de lâmina que era grossa e possuía vários recortes pela folha.

- Fico com ela - disse decidido.

- Certeza? - perguntou Samuel duvidosamente.

Ele tinha certeza.

Capítulo. 10

A chuva havia se transformado num temporal e caía com violência no jardim oeste da escola molhando os onze garotos. Renan teve a impressão que as roupas estavam duas vezes mais pesadas. Sentiam frio e fome, mas o medo aplacava um pouco a sensação de estômago vazio.

Conseguiram sair do prédio sem serem vistos graças a uma passagem secreta que Julius indicou. Não sabiam como ele a conhecia, mas sabiam que os monitores deveriam estar rondando pelos corredores do castelo. Verber imaginou que os professores estariam caçando o demônio, ou o que quer que fosse a criatura. Deviam estar percorrendo os arredores da Cerberus, do lado de fora de seus muros de pedra e deu ordem que não fizessem nenhum ruído.

Borges apoiou as costas contra as pedras e passou todos os outros por cima do muro. Sebastian era tão leve que o garoto arremessou-o e ele caiu de bunda sobre a grama molhada do outro lado. Borges pulou e agarrou-se na borda, puxando-se facilmente para cima.

O garoto apesar de ter aproximadamente dezesseis anos tinha mais de um metro e oitenta de altura, seus músculos eram fortes e trabalhados fazendo parecer ainda maior. O saco em sua cabeça dava um ar assustador e a finalidade

era realmente essa, tornar-se um pesadelo para seus oponentes. Tornar-se a última coisa que eles teriam medo.

Usar alguma coisa no rosto era normal para os cães, sua natureza era por vezes tão diferente do que eram quando estavam em combate que pareciam outra pessoa do dia a dia. O cão de guerra quando colocava sua máscara não fazia um personagem, ele realmente encarnava outro ser. Era uma mistura de euforia com êxtase que faziam um cão estar sempre pronto para combater. Fazer sua canção de sangue. Para quem estava do outro lado, era algo a se temer.

A vila que havia nas redondezas da Cerberus ficava a algumas horas de caminhada. Sebastian sentia o caminho do demônio e soube que ele se dirigia para lá. O vilarejo era pequeno e nada acolhedor, mas era o único lugar que o demônio poderia ter ido, pois o Sol nasceria em algumas horas e demônios não podiam desfrutar de sua luz. Quando atingidos pela luz do Sol queimam até sua destruição total, até que do pó retorne ao pó. *Onde foi que li isso?* perguntou-se Renan.

Quando os onze chegaram à porta do vilarejo encontraram-na fechada, o seu muro era baixo, porém feito com estacas afiadas, provavelmente cortadas do bosque que havia mais a norte. Poderiam pulá-la se tivessem cordas.

Verber bateu no portão e esperou. Já esperavam há cinco minutos e ninguém atendeu. O porteiro deveria ficar ao lado do portão e atender a porta logo. Não atendeu. Ninguém viria.

Um grito foi ouvido por trás do portão. Era o grito desesperado de uma mulher, como se o próprio Satanás tivesse aparecido em sua frente e reclamasse um de seus filhos. A mulher gritava “Não! Não!”

Verber moveu-se para o lado para que João e Borges passassem. Os dois começaram a trabalhar no portão. Machado e marreta castigaram os portões três, quatro vezes até que finalmente cedeu.

Samuel foi o primeiro a passar e tropeçou em alguma coisa. Quando retirou sua cara da lama, viu o velho porteiro morto ao chão, com os olhos arrancados e o sangue seco em seu rosto. Desembainhou sua espada e todos repetiram o movimento, ficando com armas em punho. Algumas casas estavam em chamas, enfrentando a pesada chuva, mas a vila parecia estranhamente deserta. Sebastian podia sentir o mal presente naquele local, um mal que ele conhecia e sabia exatamente da onde vinha, podia senti-lo, tão facilmente como um cão fareja um depósito de carnes.

- Ele está por ali - apontou o garoto.

Ninguém questionou e como se todos soubessem interiormente que ele estava certo, correram na direção

indicada. A vila não era muito grande. As casas eram feitas de barro e estrume, as paliçadas eram feitas com folhas secas de várias espécies de árvores tornando cada casa altamente inflamável. As portas estavam todas fechadas, mas dentro de algumas era possível ver que haviam velas acesas, as pessoas estavam apavoradas para sair e ajudar quem quer que estivesse gritando.

O mal caminhava solto naquela noite.

Uma casa enorme surgiu no meio de todas as outras menores. Diferente das menores, feitas de barro e estrume, essa era feita de pedras e todas pintadas de branco. Suas telhas eram de barro e cobriam o que deveria ser um terceiro andar, suas janelas eram enormes e estavam todas protegidas por cortinas, mas era possível ver que estava completamente iluminada por dentro, como se houvessem pessoas dentro de todos seus cômodos. A casa era do governador e era de lá que os gritos vinham.

Chegaram em frente a uma porta dupla feita de uma madeira escura e muito resistente, provavelmente de óleo pardo ou noqueira. Uma linda aldrava de bronze retratando uma cruz de malta pendia no centro da porta informando aos visitantes que aquela era uma casa de gente religiosa. Rica e religiosa. Samuel tentou abri-la e ela reclamou barulhenta. Estava trancada

- Vamos bater? - perguntou Mônica.

- Não. Não vamos anunciar que estamos aqui - respondeu Verber.

Max olhou para cima e pediu que esperassem que ele abriria a porta. Tomou a frente de todos, pegou uma seta especial em sua aljava, amarrou a uma fina corda de couro e disparou contra a base de madeira da única janela aberta. A seta penetrou fundo na madeira com um baque surdo e Max puxou-a com firmeza. Ela não cedeu um centímetro. A janela era de algum quarto do terceiro andar.

- Me esperem aqui - disse.

- Espere - pediu Mônica - eu vou com você.

- É perigoso, a queda dali certamente te mataria.

- Sou a melhor escaladora do terceiro ano, não terei problemas.

Ele concordou, porém mandou que esperasse até que ele tivesse chegado a entrada. Assim sendo, iniciou a subida.

A escalada para Max não foi difícil, assim que chegou ao topo fez um sinal para que ela iniciasse a subida. Mas para Mônica a subida estava mais difícil do que qualquer uma que já havia feito. A chuva atrapalhava sua visão e fazia sua roupa ficar mais pesada, as pedras laterais faziam seus pés escorregarem e duas vezes ela gemeu de dor quando bateu os joelhos. Para completar, a corda de couro era demasiado fina e estava cortando-lhe as mãos. Ela ainda não tinha

calos o suficiente para uma subida daquelas, mas não podia desistir, não depois de ter se prontificado e não sendo a única garota dentre os onze. *Eu preciso ir até o fim!* Pensou. Já havia alcançado quase cinco metros de altura e passado do segundo andar quando sentiu o sangue quente correr-lhe entre os dedos. *Vamos, só mais dois metros,* disse para si mesma.

Max a olhava e ela não sabia ler o que dizia nos olhos dele, não sabia se ele estava com pena dela por seu orgulho ferido, ou se estava torcendo para que conseguisse, ou até mesmo se preferia que ela desistisse. Não sabia, mas ela não podia desistir.

- Mais um metro - disse Max baixinho para só ela ouvir.

Ele estava torcendo por ela, então seu espírito encheu-se com renovada força e ela esticou o braço direito, agarrou a fina corda e puxou-se para cima. O sangue continuava a melar sua mão, mas a dor aguda não a incomodava mais, e quando a mão dele agarrou seu pulso, ela só soube de uma coisa: havia conseguido.

Sentiu o júbilo da vitória subir-lhe pela alma e sentiu vontade de gritar de alegria. Ouviu embaixo a comemoração de seus amigos, ela era o orgulho feminino, havia vencido uma prova que a princípio parecera-lhe fácil, mas que em alguns segundos se transformara em uma prova de exaustão e superação física e espiritual.

Max puxou-lhe para cima e abraçou-a.

- Muito bem, eu sabia que conseguiria! - disse ele.

Capítulo. 11

- Escutem aqui - disse Verber para todos os menores - vocês não têm a menor utilidade para nós aqui, então tentem ao menos não nos atrapalhar, se algum Urso morrer por culpa de vocês, eu mato o desgraçado aqui mesmo, entenderam?

Todos balançaram a cabeça. Renan sentiu um ódio súbito subir-lhe a garganta como um vômito de palavras, mas Ilian fez um sinal para que se calasse e ele conseguiu engolir de volta. Desceu amargo, junto com seu orgulho e uma pitada de “seus inúteis” embutido subliminarmente nas palavras de Verber.

- Ele só está preocupado com sua equipe - sussurrou Ilian - um dia, quando fores líder, entenderás.

Max esperou Mônica tomar fôlego por um momento. Sentou-a na cama e mandou que se recuperasse, enquanto isso analisou o quarto.

Não havia muitas mobílias ali. A luz da vela chegava a todos os cantos e revelava que aquele deveria ser um quarto de hóspedes. Uma cama de casal arrumada com um cobertor vermelho de pêlos indicava que quem quer que fosse recebido na casa, tinha um tratamento digno. O piso era feito de madeira boa e a camada de verniz parecia nova, fazendo com que Max conseguisse ver seu reflexo. As

paredes eram de uma cor clara, talvez branca ou cinza clara, Max não sabia. Dois quadros estavam pendurados, um na parede norte representando um lago com uma casa, uma cerca e um cachorro em pé na cerca como se chamasse a dona para ir brincar. O outro, na parede leste, acima do criado mudo mostrava uma caravela em um mar bravo, com o céu fechado anunciando uma tempestade.

O criado mudo possuía duas gavetas e estavam trancadas, Max poderia facilmente tê-las abertas, mas o tempo corria e ele precisava descer até o andar térreo para abrir o portão.

- Vamos, o tempo urge - disse.

Mônica levantou-se, e começaram a andar. Antes de abrir a porta Max encostou seu ouvido nela. Não ouviu nada.

- A besta está armada? - perguntou. Havia ensinado Mônica a carregar rapidamente a arma e como ajeitá-la caso emperrasse, coisa que acontecia com frequência se disparasse muitas setas rápido demais. Mônica confirmou mostrando-lhe a arma, ele passou os olhos rapidamente sobre a arma e sua experiência confirmou-lhe que estava armada e destravada. Abriu a porta.

Andaram pelo corredor na ponta dos pés, apesar de manter um passo vagaroso, o assoalho rangia sob seus pés quebrando o silêncio sepulcral da casa. O corredor estava escuro e a visibilidade devia-se a penumbra causada por algumas poucas tochas acesas. O terceiro andar circulava,

com várias portas de quartos, todo o perímetro da casa, deixando um grande vão no meio onde era possível ver o segundo andar. Duas escadas grandes desciam reto ao segundo andar, uma pela parte norte e outra pela parte sul da casa e Max decidiu descer pela parte sul.

Um vulto passou correndo pelo segundo andar em direção ao norte.

- Ei, espere! - gritou Max - Espere!

Mas a pessoa não esperou. Correu fazendo o chão gritar sob seus pés e Max resolveu segui-la.

- Desça e abra a porta para os outros - ordenou - eu vou atrás dela.

Mônica o segurou pelo braço, estava com medo, não queria ficar sozinha.

- Acho que era a Samantha - disse Max - eu conheço aquela roupa, agora vá! Vai ficar tudo bem.

Mônica desceu correndo junto com Max pela escada norte e separaram-se. Mônica correu em direção ao corredor leste, onde, segundo a planta mental da casa em sua cabeça, estaria a escadaria que desceria reto para a porta no andar térreo.

O medo fazia com que corresse mais rápido e a garota esqueceu-se de tudo ao seu redor, só esperava chegar o

mais rápido possível ao portão. Não estava nos seus planos separar-se quando candidatou-se para subir com Max. Agora estava lá, uma garota assustada, em uma casa silenciosa a não ser pelo barulho alto da madeira sob o solado de sua bota, com as luzes tremeluzindo a cada momento e criando sombras assustadoras em seu imaginário.

Fez uma pequena prece para que não encontrasse o demônio. Enquanto corria passou por um quarto e algo chamou sua atenção para a porta entreaberta. Uma mulher dormia em uma cama, pelo tamanho parecia ser o quarto da governanta.

Mônica entrou no quarto. Um cheiro azedo invadiu suas narinas e ela não soube dizer do que seria. A vela no quarto estava curta e quase se apagando e a mulher dormia voltada para a parede.

A garota aproximou-se da mulher e chamou-a. Não houve resposta e Mônica tentou novamente. Um terror súbito subiu-lhe a garganta quando virou a mulher. Estava sem os olhos! Sangue seco coagulava nas órbitas e em suas bochechas transformando seu velho rosto em uma máscara de horror. A boca estava escancarada mostrando a falta de dentes, como que seu último suspiro fosse dado com um grito de pânico e dor.

Mônica deu um grito com o que viu. Instantaneamente calou-se com a mão e pôs-se a correr. Não sabia para onde.

Então, como quem havia lido seus pensamentos, ouviu a barulheira do machado e do martelo de Borges e João sobre o portão e ela soube exatamente aonde ir.

- Eles estão demorando demais - reclamou Renan.

- Acalme-se, Max deve estar chegando - respondeu Verber preocupado.

Então ouviram o grito de Mônica. Todos se entreolharam.

- Chega! Arrombem essa merda! - ordenou.

Quando Mônica chegou ao átrio da sala de estar pôde ouvir com assustadora força as pancadas na porta. O caminho mais curto, ela acreditava, seria pegando o corredor oeste. Estava certa e em poucos segundos ela chegou ao portão. Pôde ver que apesar das pancadas, a porta não iria ceder. Gritou para que eles parassem de bater, mas eles não podiam ouvi-la.

Mônica ficou com medo de abrir a porta e ser acertada acidentalmente, mas o terror de ficar naquela casa sozinha, com a imagem da velha sem olhos aterrorizou-a. *Seja o que Deus quiser*, pensou e com um rápido movimento conseguiu levantar a tora e saltar para trás. Uma marreta pousou bem na sua frente quebrando o belo piso de pedras brancas.

- Puta que pariu, Mônica! - esbravejou João - Quase que te esmago, garota.

- Eu tentei gritar, mas vocês não me ouviram! - respondeu histericamente.

Verber entrou na casa e pegou-a de forma rude pelos ombros.

- Cadê o Max?

- Ele pediu que a gente se separasse, ele viu a Samantha correndo e foi atrás dela.

- Samantha? Aonde - foi a vez de Samuel puxar a menina.

- Segundo andar - disse - ao sul da casa. Eu guio vocês.

Max seguia por um corredor escuro, onde as tochas não haviam sido acesas... ou talvez tivessem sido apagadas. Havia chamado Samantha várias vezes, mas não ouviu resposta. Aquela hora, ele achava que Mônica já tivesse aberto os portões para os outros. Esperava que nada de ruim tivesse acontecido à garota, que ela tivesse chegado a salvo sob as asas dos outros. Procurou ocupar sua mente com outra coisa que não aquele corredor escuro, mas era difícil admitir que estava com medo. Não tanto, mas seus braços denunciavam-no pelo tremor e ele parou por um instante. Não porque tivesse ouvido algo, mas porque precisava se livrar do pavor.

Não soube dizer o que lhe deu na cabeça separar-se e vir sozinho. Mônica poderia ser atacada, e se fosse, uma

garota do terceiro ano seria facilmente morta por um demônio.

Bem, não qualquer demônio. Se fosse um pashit, ela poderia sobreviver. Um pashit era uma classe de demônios fanfarrões e não representariam tanto perigo. Eram pequenos, sua pele tinha cores bem vivas, variando do vermelho vivo ao amarelo claro, eram conversadores, desafiadores, possuíam o vocabulário mais fulo dentre todas as classes demoníacas e procuravam sempre fazer negócios, comprar, vender proteção e todo tipo de muamba que um demônio pode querer negociar. Apaixonados por ouro e pedras raras, eram demônios que viviam entre as pessoas sem que elas soubessem, pois um pashit pode muito bem camuflar-se em qualquer lugar, exceto... se alguém suspeitasse de sua presença e o estivesse procurando ou tivesse fé.

Possuíam alguma capacidade de para-psiquismos, mas apenas truques baratos e relacionados a prestigidaçãõ e enganação, porém, Max não se deixava enganar, sabia o estrago que aqueles dentes pequenos e afiados faziam na carne, além das garras, é claro.

No entanto, um pashit não tinha força para carregar uma pessoa, mesmo uma jovem de onze anos e definitivamente não conseguiam possuir um corpo que não o próprio.

Só havia duas hipóteses: um beliah ou um ankh-o-ru.

O beliah pertencia a uma segunda dentre muitas classes demoníacas existentes e Max xingou-se por não ter prestado atenção nas aulas de demonologia.

Um beliah era uma classe guerreira de demônios. Eram brutos e poderosos. Não conseguiam falar a língua humana com perfeição, pois diferente dos pashit, não conviviam em nosso meio. Eram extremamente fortes, eram extremamente violentos, logo, extremamente letais. Podiam ser invocados com alguns rituais que Max desconhecia totalmente pois nunca tinha estudado o assunto. Suas cores variavam do vermelho ao laranja e, possuíam uma pele grossa como couro de rinoceronte e endurecia cada vez mais com relação a sua idade. Não conseguiam possuir um corpo, mas com certeza teriam força para arrastar uma pessoa.

Se fosse um beliah, Max sabia que estariam com sérios problemas.

Agora, se fosse um ankh-o-ru, estariam mortos, todos eles. Primeiro porque estavam sem um padre, e um ankh-o-ru não era ferido a não ser por armas abençoadas, e dependendo do poder do demônio, a benção teria que vir de um padre que nunca pecou. Se existisse!

Essa classe de demônio era a mais forte que entrou em nosso plano desde que o mundo foi em frente, possuíam para-psi-quismos perigosíssimos e muitas vezes desconhecidos. Possuíam uma inteligência sobre-humana,

uma capacidade de enganar tão grande que poderiam vender água a um peixe. Falavam a língua terrestre e inúmeras outras, apesar de não conviverem no meio dos homens. Podiam ler pensamentos, e falar através deles sem mexer um músculo da boca.

Diferente de um pashit, enganar um demônio desse nível era impossível, pois ele estava dentro de sua mente. Essa classe de demônio era a única que conseguia negociar almas e possuir um corpo.

Se fosse um ankh-o-ru eles realmente estavam mortos.

Isso era tudo que Max conseguia lembrar, mas já era alguma coisa. Se fosse morrer, pelo menos queria saber o que lhe matou.

Max estava chegando ao fim do corredor e uma última porta estava aberta a esquerda. Ele podia ver a luz trêmula saindo de dentro do quarto e um barulho de baque surdo no chão.

Ele entrou e viu, de costas para ele, ajoelhada. Era a irmã de seu amigo, Samantha.

Capítulo. 12

- Estão sentindo esse cheiro? – perguntou Julius.

Todos pareceram prestar atenção em seus olfatos, mas foi Ilian quem falou primeiro.

- É cheiro de queimado.

- Eu como mesmo assim. O que será que temos para o jantar? – perguntou Borges dando risada, só que ninguém mais riu.

- É por aqui que ele foi – disse Mônica guiando os rapazes pelo segundo andar, passando por baixo das escadas e indo na direção sul do casarão. As tochas começavam a enfraquecer-se e a visibilidade piorava a cada passo que davam, Caio se perguntou se Max tinha ido realmente por ali, sozinho e no escuro.

- Queria saber como essas tochas estão apagando tão rápido – perguntou Renan.

- Não são as tochas que estão se apagando – respondeu Samuel que puxava a frente juntamente com Verber, enquanto Borges cuidava a retaguarda – é o demônio que esta fazendo isso!

Essa explicação gelou a alma dos mais novos, na verdade gelou a alma de todos eles, mas apenas os quatro mais

novos fizeram o sinal da cruz. O cheiro de queimado agora estava cada vez mais forte e quando passaram por um quarto, viram que estava pegando fogo. Verber pensou em convocar todos para apagar o fogo, mas quando se deram conta, outros quartos também estavam ardendo em chamas. Cortinas, mobílias, pinturas na parede, tudo estava sendo lambido pelas labaredas que já tomavam posse de tudo que estava em seus interiores.

- Temos pouco tempo - disse Verber - apressem-se.

A ultima porta a esquerda dava para uma grande sala. Seu teto em madeira estava começando a arder em chamas também. O cheiro já não era mais o único a incomodar, pois o calor já era claramente sentido. Renan começou a sentir seus braços molhados de suor e esfregou-os na tentativa de apaziguar a sensação.

O fogo iria começar a descer pelas cortinas em direção a eles como uma aranha infernal desce por sua teia para pegar suas presas imobilizadas.

Samuel foi o primeiro a entrar na enorme sala. Parecia ser um salão de festas. Um piano encontrava-se próximo a parede oeste, várias mesas espalhavam-se por todo o átrio da sala e na parede leste um grande bar estendia-se por todo seu comprimento.

Quando os outros penetraram no átrio, um chamado foi ouvido.

- Samuel! - um grito choroso veio do corredor norte e um segundo depois, Samantha veio correndo a seu encontro. Atrás dela vinha Max, o artilheiro dos Ursos Vermelhos.

Os olhos de Samuel encheram-se de lágrimas. Ele correu até o meio do átrio até ter sua irmã em seus braços. Deu um abraço apertado como se não a visse a anos e não soltou-a por longos segundos. Para ele, ela tinha renascido, ressurgido das cinzas, sua pequena fênix, ela era sua de novo.

Uma viga que segurava o teto caiu em chamas fazendo um enorme barulho poucos metros de Max.

- Precisamos sair daqui - gritou Julius. Todos começaram a correr. Todos menos um.

Renan virou para trás e o desespero tomou conta dele.

- Ilian, venha! - gritou.

Mas o meio-vampiro estava paralisado de medo. Todo aquele calor, aquele fogo, aquilo era o próprio inferno para o garoto, e se não fosse, então era ao menos parecido. Ilian queria se mexer, mas não conseguia. Seus músculos travaram ao se ver perto de tanto fogo e ele sentiu que queimaria até a morte.

Uma outra viga caiu entre ele e o grupo, separando-o deles. Encurralando-o em seu pesadelo particular. O calor agora fazia com que suas pupilas dilatasse de pavor total,

nem era mais senhor de seus pensamentos e estava entrando em delírio. Iria morrer.

Todos gritavam para que Ilian pulasse a viga. Sabiam das capacidades de um meio-vampiro, mas Ilian ainda não estava preparado, não controlava suas habilidades excepcionais nem quando se concentrava, quanto mais apavorado daquela forma.

“O fogo não pode me tocar! Não posso ser tocado! Não posso ser tocado!”

Mas não adiantava, ainda sentia o calor e esse o deixava paralisado.

Uma forma surgiu pulando por cima da viga, e acordou Ilian de seu torpor. Renan havia tomado coragem necessária para não deixar seu amigo morrer e num imprudente e impensado ato, pulou a viga o mais alto que pôde. Tombou em frente ao amigo e derrubou-o no chão. Ilian não conseguia levantar, seus músculos ainda estavam travados e na atual circunstancia, não responderiam a sua vontade, então Renan teve uma idéia.

Enrolou Ilian no seu casaco encharcado da chuva, colocou-o sobre os ombros e tentou levantar. Renan era bem mais musculoso que o meio-vampiro, que na verdade era bem leve para alguém de onze anos. Não encontrou tanto problema para levantar com o amigo equilibrado sobre suas costas.

Renan não teve tempo de analisar suas possibilidades, simplesmente fez o que o coração mandou e em um ato desesperado correu e saltou sobre a viga. Sabia que não conseguiria pular tamanha altura e por reflexo apoiou-se com a mão direita na viga em chamas.

A queimadura ardeu profundamente. Sentiu a palma de sua mão direita queimar instantaneamente e descobriu uma dor que nunca imaginara igual. Sentiu a carne da mão morrer sob o castigo da madeira quente e o cheiro de churrasco causou-lhe náuseas. Deu um grito tanto pela dor quanto pelo esforço, mas essa dor derrubou-o do outro lado e Ilian rolou de seus ombros até os pés de Borges que o levantou e colocou facilmente sobre os ombros como se não pesasse nada.

Renan foi recebido e erguido do outro lado da viga por Samuel.

- Está tudo bem? - perguntou.

Renan confirmou com a cabeça, segurando a mão direita com a esquerda.

- Vamos sair daqui - disse Caio - antes que tudo isso desabe!

Capítulo. 13

- Como conseguiu essa queimadura? – perguntou o diretor Izidro e Renan teve que inventar a mentira da sua vida.

- Foi na forja – respondeu convencido da “verdade” – fui ajudar Verber a desentortar uma espada e achei que já estava fria. Aí peguei na lâmina e me fodi.

Izidro deu um tabefe na boca de Renan pelo palavrão. Não foi um bofete violento, mas ardeu para o resto do dia e Renan estava aliviado pelo diretor não ter feito mais perguntas como por exemplo: Se ele estava envolvido com o incêndio da casa do governador.

As aulas de práticas do combate desarmado I eram no ginásio da Cerberus e eram ministradas pelo professor Gerrard, um argelino de aproximadamente dois metros, com pele tão morena que parecia ter tomado sol desde a barriga da mãe. Seus olhos com um verde tão injetado que às vezes pareciam brancos e seu cabelo crespo era ralo e fazia vários redemoinhos.

O corpo docente da Cerberus era pequeno e variado, praticamente cosmopolita. Todos os professores ministravam aulas em todas as séries. Apenas os melhores conseguiam uma vaga para ensinar em academias como aquela:

O diretor Izidro era um padre espanhol;

Oligui era do Chipre, uma ilha de pedra ao sul da Grécia e esse era o famoso meio vampiro que ministrava práticas de combate com armas e teoria do combate;

Charles era inglês, de Bristol, dizia com orgulho. Tinha um conhecimento Ímpar de vampirologia e outras ciências que Renan ainda desconhecia;

Mathias era o professor de manejo de armas sem fio e era um dos brasileiros da Cerberus, juntamente com Baltazar que ministrava comportamento extraplanar, Alberto que ministrava armadilhas e Maurício que era um velho artilheiro e cuidava das aulas de armas de alcance;

O professor de teoria da armoreria era formado pela escola húngara e seu nome era Petrov.

Haviam tão poucas escolas no mundo que era quase impossível entrar alguém desqualificado para ministrar qualquer coisa que seja. Renan sabia que existia a Cerberus ao sul do Brasil, no meio do nada; a Holly Knights em Salt Lake City (ou o que sobrou da cidade), nos Estados Unidos; a Royal Academy of extraplanar hunters nas proximidades de Edimburgo, Escócia, onde as maiores pesquisas sobre os extra planares eram realizadas; sabia também da existência da A.U.Z. (Akademyia Ubiïts ne Zemlyu, que significava Academia de exterminadores de não terrenos), essa era o sonho de todo cão de guerra, pois

formava os maiores e mais selvagens cães de guerra do mundo. A escola ficava nas ruínas de São Petersburgo, na Rússia e alguns diziam que vários garotos e garotas morriam em seus pesados treinamentos. A Hungria possuía outra excelente escola que chamava-se Szakrális Magyar Iskolát, sua tradução era algo como Escola Sagrada Húngara ou Escola Divina Húngara, algo assim, não vinha a mente de Renan no momento, mas era a escola que formava os melhores armeiros do mundo e mesmo contra o conselho de Verber, Caio começou a interessar-se por ela.

Havia outras escolas pelo mundo, mas eram insignificantes, quase inoperantes. Eram mais centros de treinamento para enfrentar as criaturas locais do que academias. As escolas não tinham quase comunicação com o mundo exterior, pois não havia mais um meio de comunicação eficiente sem ser pelos mensageiros.

Ser mensageiro não era simples: homens e mulheres muito bem pagos que montavam cavalos extremamente velozes, tinham coragem de sobra (ou estavam desesperados demais) para atravessar grandes distâncias, dormir ao relento e enfrentar ou correr do que aparecesse. Ganhavam muito bem, tinham mulheres e comida boa dentro das cidades, eram tão difíceis de serem achados que algumas vilas forneciam suas melhores mulheres e casas em troca da palavra do mensageiro de fixar residência ali.

E nesse dia chegou um mensageiro e todos na Cerberus ficaram sabendo do que se tratava. O que tanto se esperava: as Olimpíadas inter-colegiais ocorreriam ali, naquele ano. Já se ia quase dez anos que a Cerberus não sediava o evento e o ambiente era de muita alegria e expectativa.

Pela primeira vez, Renan e seus colegas de classe poderiam participar dos jogos. Não havia restrição de idade, porém colocar alguns atletas despreparados poderia ser perigoso e talvez até fatal. Os jogos não eram brincadeira, algumas provas usavam armas letais e muitos combates terminavam de forma desastrosa. Esse era o mundo em que viviam, a realidade de que faziam parte e não havia espaço para os mais fracos. Só os merecedores ficavam em pé.

Faltavam ainda alguns meses, mas os preparativos já começavam a ser feitos. O hall de entrada começou a receber atenção especial logo naquela semana, os poucos troféus foram retirados para serem polidos e desenferrujados. O professor Gerrard cuidava pessoalmente da lustração deles, ou pelo menos, da fiscalização, principalmente do único troféu ganho no boxe que a Cerberus tinha. Era como se fosse um pequeno prato dourado, com trinta centímetros de diâmetro e Renan suspeitava que mal coubesse um almoço de João Pequeno. Gerrard, por sua vez, pegava-o com paternal cuidado, como

se aquela velha peça de lata fosse de um cristal muito frágil.

Naquela semana também haveria as inscrições para quem desejasse participar dos jogos e Renan viu sua chance de escapar das aulas de praticas da fé. Quem estivesse inscrito estava liberado das aulas para treinamentos. As olimpíadas inter-colegiais eram o evento mais divertido no nada-divertido dia-a-dia da Cerberus. Era naquela ocasião que amizades (e inimizades) se formavam, que amores surgiam, que oportunidades de intercambio apareciam e que havia festas todos os dias.

Naquela semana, qualquer aluno poderia se embriagar, independente de idade ou sexo, nacionalidade ou qualquer outro fator. A semana era livre de regras, livre de broncas, livre de aulas, enfim, livre de tudo. A única coisa proibida era envergonhar sua escola. Algazarras não eram permitidas, mas eram toleradas, de forma que, se você não matasse ninguém nem explodisse nada, ninguém se importaria.

Renan, Ilian e João foram inscrever-se nas modalidades, mas Ilian foi barrado.

- Sinto muito - disse Gerrard com seu sotaque afrancesado - meio vampiros não podem competir.

Ilian queixou-se dizendo que nem sabia usar seus poderes, que nem se quisesse conseguiria e que não possuía nada

além de qualquer humano, mas Gerrard foi inviolável e não cedeu nenhum centímetro.

- Próximo! - chamou.

Renan sentiu pena do amigo, mas não havia nada que pudesse fazer. Regras são regras e quando se tratava das olimpíadas, Renan fazia questão que todas fossem claras e obedecidas.

- Me inscreva pro combate armado.

- Você? - desdenhou Gerrard - nem está cursando manejo de armas letais.

- Estou treinando sim - disse nervoso - estou até treinando com o Samuel do oitavo - mentiu.

Gerrard olhou como quem dizia “conta outra, garoto”.

- Samuel? O bastardo não resolve nada. Precisa da aprovação de um professor para participar.

- Que aprovação?

- Não caio nessa Renan - disse irritado - caia fora da minha fila!

Renan não recuou um passo, então Sebastian que estava próximo a João se pronunciou.

- Se ele apresentar uma carta de permissão ele pode ser inscrito, não?!

Gerrard pareceu impaciente, detestava ser contestado e em outro momento aquele pirralho magrelo não faria isso, mas hoje ele estava certo. Se algum louco permitisse, ele participaria.

- Do professor - cedeu finalmente - agora caia fora da minha frente que preciso inscrever esse pugilista aí.

João Pequeno sorriu e passou a frente de Renan e Sebastian que já se viravam para procurar Oligui.

Capítulo. 14

“Não foi fácil dobrar o Oligui e na verdade, não conseguimos dobrá-lo. O que conseguimos foi um acordo e a partir daqueles dias, eu passei a ver as Olimpíadas inter-colegiais com outros olhos.

Oligui me contou sobre a historia dos jogos e eu fiquei fascinado. Não sabia até ali que os jogos surgiram de uma forma dos primeiros caçadores resolverem suas brigas.

Um determinado ano, houve tantos problemas que as disputas levaram quase uma semana e foram disputadas perante uma multidão de caçadores e alunos que vinham de toda a parte do globo e brigavam por todo e qualquer motivo: difamação de sua escola por outra, calúnias forjadas contra um determinado caçador ou grupo e até mesmo uma vez por causa de uma mulher russa roubada por um escocês.

O acordo que Oligui fez comigo era o seguinte: ainda faltavam dois meses para se encerrarem as inscrições e eu treinaria esses dois meses à noite e com o Ilian, sob seus auspícios. Se demonstrasse que não iria envergonhar a Cerberus, eu ganharia minha carta, senão, poderia servir água aos lutadores e recolher os baldes de cuspe que o João Pequeno usaria.

E de ter aceitado eu nunca me arrependi, porque ali conheci a glória.”

Todos os dias eu olhava as fichas de inscrições. Cada modalidade podia inscrever até cinco participantes de cada escola e a modalidade de combate com armas letais só tinha dois inscritos: Samuel e um outro curso do sétimo que chamava-se Denis.

Os treinos com Oligui e Ilian eram à noite, após as aulas. Renan, diferente do que queria não fora dispensado das aulas, então tinha que assistir aulas de manhã e a tarde e treinar ao anoitecer. Oligui começava o treino as dez da noite e prosseguia até uma ou duas da manhã, dependia de quanta porcaria Renan fazia e de seu humor também. Naquela noite o meio vampiro devia ter sonhado com pashits espetando-lhe a bunda.

Renan estava se destacando com a espada bárbara. Oligui achou estranho quando ele a pegou, mas conseguiu ver que o garoto tinha um talento natural para empunhar a espada. Ainda não tinha habilidade, mas o potencial estava lá, nítido aos seus olhos. Ela era leve e relativamente curta, Renan era um garoto alto para sua idade, já passava dos um e sessenta e sua envergadura era muito boa. Havia desenvolvido braços longos e ombros musculosos para poder levantar e baixar a espada, atacar e bloquear. Mas seu talento com o escudo ainda deixava a desejar e se não cuidasse desse detalhe, poderia ser que no próximo ano

houvesse um aluno a menos em sua disciplina de armas letais.

- Levante o escudo acima da cabeça, droga! - ordenou Oligui enquanto Ilian desferia um ataque por cima. A espada bateu em seu escudo e resvalou arrancando-lhe um tufo de cabelos.

Oligui pulou da arquibancada. Foi um salto rápido e magnífico e os dois garotos observaram enquanto ele pousava sobre o solo após pular de mais de seis metros de distância dos dois.

- Que merda garoto! - reclamou com sua voz rouca e baixa de sempre - levante o escudo assim - pegou rudemente o braço esquerdo de Renan e levantou-o acima da cabeça do garoto.

- Está vendo? - continuou - o escudo deve criar um ângulo de pelo menos quarenta e cinco graus. De forma que a espada escorregue por ele. Você está com um escudo de metal, mas se fosse de madeira e bloqueasse com essa angulação que está usando, em um único golpe de machado poderia ter seu braço quebrado... agora continue!

Oligui deu um passo atrás e Ilian continuou atacando. Era o mesmo ataque, mas revezava os lados, um pela direita, um pela esquerda, um pela direita...

- Quarenta e cinco graus! - reclamou novamente - você sabe o que é quarenta e cinco graus seu analfabeto?

E assim foram até as duas da manhã. Renan praticou um pouco de ataque também, mas a noite em si foi do maldito escudo de metal. E Deus, como seu braço doía. Estava tão dormente que Ilian teve que abrir a porta do quarto de Renan para o amigo entrar. Renan, sem banho, tombou em sua cama e dormiu com as roupas de treino. Dormiu e sonhou com o maldito barulho de *plein plein* que a espada de Ilian fazia ao atingir o escudo.

Capítulo. 15

Eu devia ter achado estranho como toda aquela estória do demônio que ter acabado daquela forma. Na época Max nos disse que encontrara Samantha sozinha dentro de um quarto e que ela estava bem, mas depois descobrimos que não foi bem assim... apesar que isso é assunto para outra hora.

Durante algumas semanas Izidro procurou saber o que aconteceu, mas a única coisa que descobriu foi um ninho de ratos na biblioteca e um local onde um casal de alunos do sexto ano se pegavam, fora isso, Izidro apenas sabia que um demônio tinha sido invocado dentro das paredes da Cerberus e nada mais... pelo menos foi o que ele me contou.

Renan tinha acabado de entrar atrasado em uma aula de teoria da armoria e Petrov olhou para ele apenas com o canto dos olhos. Odiava como alguns candidatos a cursos desprezavam a ciência dos armeiros e fazia de tudo para quebrar com os sonhos de quem não a respeitasse.

Indicou um lugar para Renan se sentar e continuou ministrando sua aula, como se nada tivesse ocorrido.

Renan havia faltado na aula de armas sem fio, pois dormira tempo demais. Os treinos estavam acabando com suas forças e ele cogitava se valia mesmo a pena continuar

com os treinos noturnos. O fato era que gostava de treinar a noite, enquanto não havia barulho, não havia movimento e Oligui dava uma aula muito melhor particular para ele do que para uma turma inteira. Além do que, Oligui não cobrava a presença de ninguém em suas aulas, apenas que eles soubessem fazer tudo nas suas avaliações. Afinal, é isso que importa mesmo, pensava Renan.

Claro que Renan entendia que uma frequência era importante, mas Oligui permitia que os outros professores cuidassem dessa disciplina, ele já não tinha paciência para tanger garotos de onze anos.

- Senhor Cristóvão - chamou Petrov - pode nos dizer de que era feito as primeiras armaduras?

- De ferro, senhor Petrov?!

- Errado. Alguém se habilita?

Foi a vez de Caio tentar.

- Teoricamente o cobre foi o primeiro material descoberto ainda na pré-história, professor. No oriente médio que começou a ser utilizado para fazer ferramentas e acredita-se que as primeiras vestimentas de proteção. Não sei se são consideradas armaduras.

Petrov aproximou-se dele. Não gostava de espertinhos, mas podia sentir em suas palavras que existia um interesse verdadeiro pela arte. Interesse esse que não existia no

resto da turma, então, como um náufrago que se agarra a um pedaço de madeira flutuante no meio do mar da ignorância e desconhecimento, Petrov deu o resto da aula olhando para Caio.

- Claro que podem ser consideradas armaduras, afinal, faziam o seu propósito, não? - respondeu - E após o cobre, o que veio? - perguntou sentando-se em cima da mesa do professor.

- Bronze - respondeu Caio após pensar por alguns segundos.

- E se eu quiser fazer uma liga de bronze, senhor. Que metais você me forneceria?

- Essa é difícil, mas creio que seja cobre e zinco. - respondeu sem confiança.

Petrov se virou e começou a rabiscar seus hieróglifos no quadro.

- Só se você quisesse cunhar moedas - respondeu - Está errado meu jovem, essa mistura veio muito tempo depois e deu origem ao latão que teve sua era de ouro em Roma. O bronze é formado de cobre e estanho, e foi muito utilizado para cortar cabeças quase mil anos antes do latão, esses sim, como citado pelo senhor Caio, formados de cobre e zinco.

A aula continuou nesse ritmo por mais de uma hora até que Petrov viu que não tinha mais assunto para tratar com seus desinteressados alunos. Na verdade, assunto tinha para falar por mais de dias, mas para cabeças ocas como aquelas que não entendem a magia da metalurgia, seria como pregar uma missa para as gaivotas.

- Todos fora daqui - ordenou e ninguém pestanejou.

Em alguns segundos a sala estava tão vazia que podia-se ouvir a conversa dos ratos dentro dos buracos na parede de pedra. O único aluno que ficou era Caio e ele estava decididamente esperando aquele momento de conversar a sós com Petrov.

A conversa não durou mais que dois minutos até que Petrov mandou que chamassem Verber, seu monitor. Quando o garoto chegou já imaginava do que se tratava, pois há dias que Caio já vinha tendo infindáveis conversas com ele sobre conseguir trabalhar no magnífico mundo que era a armoreria da Cerberus.

Petrov havia explicado a Caio o que ele já sabia. Alunos do terceiro ano não poderiam estagiar na armoreria, era perigoso e necessitava-se ter um bom conhecimento de metalurgia, teoria de armoreria, etc... Mas dessa vez Petrov resolveu abrir uma exceção, pois Verber já vinha a dias comentando do interesse do garoto. O húngaro deu ordem para que Verber levasse Caio à armoreria e passasse a ser o secretário pessoal dele. Iria acompanhá-lo e aprender

como ele agia, se comportava dentro da armoreria e cumpria suas atividades. Esse seria o trabalho de Caio, era isso ou largar. Ele aceitou de bom grado.

Quando saiu, agradeceu a Verber.

- Deixa para lá - respondeu ele - acho que você vai se dar bem nesse negócio mesmo, além do mais, o Petrov só queria fazer um drama. Não temos quase ninguém trabalhando naquela armoreria e ele pouco se lixava para qual ano você é. Ele precisa de gente ali, temos muito trabalho e o contingente é reduzido.

- Apesar disso - continuou - reúna o Renan, a Mônica e o resto e vão ao quarto do Julius e do Samuel, precisamos falar sobre um negócio pendente.

- O que seria? - perguntou Caio.

Verber olhou para os lados preocupado.

- Aqui não é hora nem lugar - disse - por volta da uma da manhã estejam lá.

Verber ensinou para ele um código de batidas novo e fez com que Caio repetisse, quando viu que havia aprendido deu as costas ao garoto e tomou seu rumo.

Caio o chamou mais uma vez.

- Eu vou só ficar seguindo você de cima pra baixo ali na armoraria? - perguntou Caio - nada mais para fazer?

Verber olhou para ele com uma cara de quem diz "vai sonhando" e novamente seguiu viagem.

Capítulo. 16

Renan e Ilian chegaram atrasados e bateram o código à porta. O corredor estava vazio e eles arfavam de cansaço e nervosismo de serem apanhados. Era horário de recolhimento e só monitores e padres poderiam ficar acordados fazendo ronda ou rezando, nem mesmo era permitido estudar na biblioteca nesse horário.

A lua estava cheia e penetrava pelas janelas do corredor fazendo com que ficasse mais difícil uma eventual camuflagem deles, mas rapidamente a porta foi aberta e eles entraram como se o diabo estivesse atrás deles.

Havia duas camas e nelas estavam sentados Mônica, Caio, João Pequeno, Julius e Samuel. Verber, Borges e o garoto que mais tarde foi apresentado como Alfredo, o padre dos Ursos Vermelhos estavam em pé, cada um encostado em uma parede e conversavam algo aos sussurros.

Mais uma batida na porta foi ouvida, foi dada em algum código, mas não estava correto por uma pancada.

Os ursos se entreolharam e Verber fez sinal para que todos se escondessem juntos à parede atrás da porta. Borges, que seria o mais difícil de se esconder deitou de lado na cama e cobriu-se até a cabeça fingindo um ronco e Samuel fez uma cara de sono e foi abrir a porta.

Um grito abafado foi dado por Sebastian quando Samuel o agarrou pelo colarinho e puxo para dentro do quarto.

- Está maluco, seu merda? Quer nos matar do coração? - reclamou dando um cascudo na cabeça do garoto.

- Desculpe, não lembrei totalmente do código - respondeu.

- Tá, agora fique quieto que só faltava você nessa reunião - disse Verber - e falem baixo pelo amor de suas mães, bastardos!

Mônica intrometeu-se.

- Não está faltando o Max?

Os ursos se entreolharam e foi a vez de Borges pronunciar-se.

- É justamente dele que temos que falar - disse das sombras. Borges já era um negro e apesar de ser imenso, ninguém reparou quando saiu da cama devido a escuridão do quarto, onde a única luz que se fazia presente vinha da Lua.

Todos se sentaram nas camas ou no chão e Verber deu início a reunião. Renan notou que ele era um líder nato e invejou-o por suas qualidades: a habilidade de conseguir chamar a atenção para si sem precisar pedir, a capacidade de sempre que se pronunciava as pessoas pararem para prestar atenção no que ele tem a dizer. A confiança que

todos os Ursos depositavam nele, mesmo sendo armeiro, onde a maioria das lideranças eram exercidas por cursos ou até mesmo padres. Verber conseguia se fazer prevalecer. Sabia ouvir e ser ouvido e tinha uma preocupação nata com o bem estar de cada um de seus Ursos Vermelhos. Algum tempo depois Renan descobriu que Verber e Julius tiveram muitos atritos no começo, onde Julius disputava a liderança com ele, mas foi só questão de tempo até Julius chegar a ele e dizer que os Ursos não poderiam ter líder melhor.

Verber comentou que Max estava comportando-se estranhamente e tanto ele como Alfredo concordavam que deveria ser relativo ao episódio do demônio na casa do governante.

Alfredo comentou também que procurou Max para conversar e até sugeriu que Max se confessasse com ele, mas o amigo recusou-se ferozmente e disse que não devia nada a eles e que gostaria de ser deixado em paz.

- Ele comentou que está preocupado com os treinos para as Olimpíadas - disse.

- E o que você achou disso? - perguntou Verber.

- Pura merda! - disse - mentiu pesado na minha cara, mas Deus há de perdoá-lo por isso.

Borges comentou que Max vinha tendo pesadelos horríveis a noite e que várias vezes levanta-se para beber

água.

- Chega a tomar uma garrafa inteira de uma vez - disse - e as vezes parece um sonâmbulo, acho que viu algo terrível demais e está traumatizado.

Verber concordou com tudo que seu companheiro de quarto disse.

- E onde está ele agora? - perguntou Renan.

- Deixamos ele no quarto, estava dormindo - respondeu Borges.

- Mas ele vai acordar, não? E verá que seus companheiros não estão lá!

- Nós cuidamos disso - respondeu Verber - colocamos travesseiros na cama e cobrimos para fingir que sou eu, já na do Borges colocamos nossas mochilas cheias de roupas e mesmo assim acho que não dará conta.

Todos riram e Borges mostrou o dedo do meio para ele.

- Preciso saber qual demônio foi invocado - disse Alfredo - assim saberei se ele está sendo atacado em seus sonhos.

Todos viraram-se para Sebastian e um frio lhe percorreu a espinha. Sentia um olhar de acusação pesando sobre ele como se um saco de carvão estivesse sobre suas costas e ele não conseguisse se livrar. Fez uma ligeira prece mental

e pediu a Deus que não tivesse sido chamado ali para ser morto.

- Então? – perguntou Julius.

- Eu... eu não sei – respondeu Sebastian.

- Como não sabe? Você o invocou, não? – acusou-o Alfredo.

- Sim, mas a gente não sabia o que era. Simplesmente achamos o pergaminho em uma tábua falsa da biblioteca, vi um garoto mexendo a noite ali e quis saber o que seria aquele compartimento secreto.

- Você viu esse garoto? – perguntou nervoso.

- Não, estava usando uma capa, sei lá, às vezes fico a noite na biblioteca e nunca vi nada. Quando me aproximei, senti como se uma voz me chamasse, a voz do pergaminho.

- E você não suspeitou que fosse algum demônio? – estourou Samuel.

- Fale baixo, desgraçado – ordenou Verber – Sebastian, merda cara, você tem que se lembrar! Faça uma força, vamos homem!

- É sério Verber, eu não lembro. Estava numa língua estranha, eu nem sabia o que eu li.

- Que língua era? Tem alguma noção? – perguntou Alfredo.

Sebastian pensou, mas nem precisava, nunca tinha visto nada como aquilo e definitivamente não sabia que língua era.

- Tinha vários “kas” no final da palavra. E a palavra “sana” repetia-se várias vezes. Sana alguma coisa, não lembro direito.

Alfredo lhe agarrou pelos ombros.

- Sana kotu? Era isso? Responda! - perguntou nervosíssimo.

Os olhos de Sebastian brilharam e Alfredo pôde ver que era verdade, que ele havia lembrado.

- Sana kotu quer dizer eu invoco, não pode ser coisa boa - disse preocupado - isso é magia turca. Os turcos nunca fizeram nada de bom com relação a magias. Que mais havia? Garanto que nada como “iyi”, “merhamet” ou “esenlikler”!

- Não, nada disso - disse Sebastian com sua consciência cada vez mais pesada - era sana kotu... sana kotu yuce yaratik sagirmek! Sim era sana kotu yu... - e foi silenciado por um tapa na boca de Alfredo.

- Não repita essas palavras desgraçado! Você não sabe o que quer dizer isso? - ralhou - Claro que não, você é um tremendo cabeça de bosta! Essas três palavras querem

dizer suprema criatura maligna. Você invocou um demônio supremo, provavelmente um ankh-o-ru.

- Não pode ser. Max não poderia tê-lo enfrentado sozinho - disse Samuel - não um ankh-o-ru. Provavelmente nem nós seis poderíamos, ainda não - disse referindo-se apenas aos Ursos Vermelhos - Como Max saiu vivo dessa?

- Não sei - disse Verber - mas vamos descobrir.

Capítulo. 17

- Já disse que quando cheguei lá não tinha nada! - respondeu Max irritado.

- Calma Max, só perguntei porque achamos que alguma coisa não se encaixa nessa estória toda - disse Alfredo piedosamente.

- Olha padre...

- Ainda não sou padre - interrompeu-o - sou seu amigo cara, me fale em confissão, conte-me o que houve.

Max pareceu menos irritado.

- Olha Alfredo, não lembro direito o que houve, só lembro de ter chegado no quarto, a Samantha estava ajoelhada, rezando, - Max parecia esforçar-se para lembrar -eu cheguei por trás dela, toquei seu ombro e...

Alfredo assustou-se com o grito de dor que Max deu em seguida. O garoto dobrou-se e caiu ao chão, contorcendo-se no que parecia uma tremenda dor de cabeça. Lágrimas corriam de seus olhos e ele agarrava a cabeça como se fosse explodir.

Alfredo olhou em volta, mas estavam sozinhos na capela da Cerberus e apenas o Cristo crucificado lhes era testemunha. Alfredo ajoelhou-se ao lado de Max e botou a

mão sobre sua cabeça, fazendo uma prece silenciosa para passar o que quer que afligisse seu amigo.

Max retornou ao seu normal. A dor de cabeça fora lancinante, mas graças a prece de seu amigo, havia passado. Sentia o chão frio á suas costas e não conseguiu levantar nos primeiros momentos, ficou apenas curtindo a passagem da dor como quem aproveita os primeiros segundos ao deitar após um cansativo dia de trabalho. Max não sabia o que lhe ocorrera, mas sentiu ao tentar se lembrar do ocorrido que havia algo escondido... no exato momento em que tocara Samantha, mas não soube o que era. Também agora estava com medo de tentar lembrar, pois algo dizia que sentiria aquela terrível dor novamente e isso seria demais para ele. Nunca havia sentido algo igual. Era como se houvesse um apetrecho de aço em seu cérebro que ficava em repouso, mas vivo, e quando tentava se lembrar, aquela bugiganga metálica se abria como uma flor do inferno, bem no centro de sua cabeça em direção afora, fazendo seu cérebro dar voltas, sentindo aquelas pontadas firmes e fortes em seu centro nervoso e era impossível controlá-las. Muito menos detê-las. Não era a primeira vez que sentia isso, mas nunca deixou que Verber nem Borges percebessem. Contorcia-se em sua cama numa posição fetal ridícula, contendo os gritos de agonia e apenas esperava que a dor passasse, como se fosse uma caravana barulhenta que nos impede de dormir e demora a passar. Sem pressa, mas sempre passa.

- O que foi isso? - perguntou assustado Alfredo.

- Nada - respondeu - só uma dor de cabeça.

Mas Alfredo sabia que ele mentia.

Capítulo. 18

Naquelas semanas que se passaram eu melhorei tremendamente minha capacidade com o escudo, manejava-o com disciplina e habilidade e já conseguia utilizá-lo como uma arma. Oligui já não me xingava com tanta freqüência, apesar disso, Ilian era um adversário formidável e me derrotava sempre. Hoje posso afirmar que é o melhor lutador que conheço, mas passei a ganhar algumas, apesar de perder a grande maioria. Hoje Ilian sabe dominar seus para-psiquismos, mas naquela época, Ilian já era um espadachim capaz de derrotar qualquer aluno entre o terceiro e sexto ano e eu poderia apostar que a maioria dos cursos do sétimo.

De qualquer forma, me lembro dessa noite como umas poucas, porque foi a noite que abaixei a guarda, fui derrotado novamente e quase perdi minha vida.

A Lua resolveu não dar o ar de sua graça esta noite e por isso Oligui colocou tochas formando uma arena circular onde no seu centro Renan e Ilian disputavam mais uma vez quem seria o vencedor da noite. Renan quase vencera algumas vezes, mas o meio vampiro estava adquirindo reflexos cada vez mais sobre-naturais e cada dia que passava sem que Renan o vencesse se tornava mais difícil ainda que Ilian fosse derrotado. Renan tinha a impressão que cada noite de treino era como se fossem dez ou até

cem para Ilian. Ele desenvolvia suas habilidades a uma velocidade fenomenal e Renan não conseguia acompanhá-lo.

Mas Oligui sabia que esse treino traria mais vantagens para Renan do que para seu amigo, pois cada noite para Renan ele era obrigado a dar seu máximo para não ser facilmente derrotado.

Renan foi derrotado mais uma vez e Oligui ordenou que os dois parassem e sentassem na arquibancada com ele.

- Ilian, estou contente com seu desempenho nas últimas semanas, você me deixa orgulhoso. Sei que essas palavras não lhe subirão à cabeça então vos digo de coração que continues desse jeito e será um guerreiro como nunca se viu igual.

Ele olhou para Renan.

- Você acha que pode vencê-lo depois de vinte um dia de derrotas consecutivas? – perguntou seriamente.

Renan não abateu-se nem um pouco, apesar do número ser surpreendente. Vinte um dias. Nossa!

- Acho que sim professor. Uma hora hei de conseguir derrotar esse bastardo. Apesar de que ele possui uma capacidade e potencial muito superior aos meus.

Ilian deu um sorriso, não de deboche, mas sincero, por sentir que seu desafiante ainda daria o máximo de si e isso só poderia resultar em uma coisa: maior evolução. Era isso que tinha em mente, era isso que seus pais sempre lhe ensinaram.

- Me alegra ouvir essas palavras - disse Oligui - você perde para seu adversário em vários fatores. Força, velocidade e resistência são apenas algum deles.

Agora Renan parecia um pouco abatido e de seus olhos brotaram lágrimas de vergonha, mas que não chegaram a cair. Oligui não pareceu notar, se o fez, não deu importância e continuou.

- Mas você vence em um fator e acho que seria o principal para conseguir derrotar seu adversário e qualquer outro.

- Me diga mestre, o que é?

Oligui apontou para seu próprio peito.

- Necessidade - deu um momento para que os dois garotos amadurecessem a idéia, mas eles não pareceram compreender - pode parecer clichê demais, mas a verdade na maioria das vezes é clichê. Você tem a necessidade de vencer para provar para si mesmo que é digno e em seu coração, assim que vencer Ilian, nem que seja derrotado outras mil, parecerá que nunca foi derrotado. Você sentirá que sempre venceu e você pode vencer qualquer um se

mantiver isso em mente Renan. Tinha ouvido você conversando sobre ser liberado das aulas, mas quando veio me pedir para participar das Olimpíadas vi nos seus olhos que você queria participar porque precisa provar para si mesmo que é capaz de enfrentar pessoas bem mais fortes e experientes que você. Não acredito que vencerá, e digo isso sendo sincero, mas acredito que pode fazer bonito e me orgulhar muito. Só evite morrer. Agora voltem para lá e mostrem o que tem de melhor.

A noite de treino prosseguiu por quase mais uma hora e Renan continuava em branco, dando a Ilian vitórias cada vez mais difíceis. A espada bárbara já parecia leve nas mãos de Renan, o escudo incomodava um pouco mais, ele não estaria em pé se não fosse pela peça de ferro, mas a sensação de segurança lhe dava um conforto extra que equilibrava a balança.

Ilian usava uma arma tão estranha que ficava difícil lutar com alguém que sabia manejá-las e Ilian aprendera muito bem o ofício. A arma era como se fosse uma meia lua, uma letra “D” do tamanho de um prato cortado ao meio, onde sua periferia era laminada e o seu dono a segurava pela parte reta. Essa arma seria mortífera se Caio, um dos novos estagiários da armoreria não tivesse ajudado a tirar seu gume e o da espada de Renan. As meias-luas eram utilizadas em dupla e se você possuísse determinada habilidade poderia arremessá-las com precisão letal. Também possuíam notória capacidade de desarmar e

contra-atacar, enfim, eram armas terríveis nas mãos certas e nessa noite, estavam nessas mãos.

Tudo aconteceu muito depressa, mas Oligui conseguiu prever tudo, não porque pudesse se mover em velocidades altíssimas e conseqüentemente ver algumas coisas em câmera lenta, mas porque conseguia fazer uma leitura corporal muito boa e não era surpresa pra ninguém, afinal, ele já colecionava um século de experiência em combate.

A lamina de Ilian passou perto das pernas de Renan e ele conseguiu saltar e acertar um chute no rosto do oponente, mas Ilian não se atordoou, apenas cambaleou dois passos pro lado e Renan aproveitou para estocar com a espada. Ilian girou em torno do próprio corpo e Renan passou como um touro erra o toureiro. Os dois se recompuseram, Renan levantou o escudo e preparou a espada, Ilian colocou suas meias-luas em posição defensiva, estava ofegante e seu nariz sangrava, convidando seu atacante.

Renan tentou uma finta com a espada e Ilian pareceu cair, a espada sem ponta que vinha pela direita agora estocava por baixo, em direção a sua virilha e Renan podia sentir o cheiro da vitória, mas foi a ultima coisa que sentiu cheiro nas próximas semanas, porque Ilian não estava cansado, muito menos abalado por seu nariz. Utilizou uma técnica antiga que todos conheciam: a “finta emocional”, artifício em que fingia estar abatido, cansado e de guarda baixa para convidar seu oponente a atacar. Foi um erro e Oligui

previra. Quando Renan jurou que atingira seu oponente esse se esquivara com maestria retirando a perna por milímetros, apenas o suficiente para não ser tocado e elevou sua mão direita, atingindo com a meia-lua de baixo para cima o rosto de Renan.

O nariz quebrado de Renan lhe cegou com lágrimas. Sentiu por alguns segundos o sangue quente descendo por sua garganta e pensou que se afogaria. Havia muito sangue e ele sentiu que Ilian pulara sobre ele.

Ilian entrara num frenesi ao ver tanto sangue quente brotar em sua frente e seus instintos vampirescos surgiram como a Lua por trás de nuvens em noite de verão. Foi algo impensado, irracional e animalesco. Ilian não chegou a tocar o rosto do seu companheiro.

Oligui havia corrido mais rápido que o som e chegara até Ilian golpeando-o com o joelho nas costelas e em seguida agarrando-o pelo pescoço. Ilian se debateu freneticamente, os olhos vermelhos, sedentos, as mãos tentando arranhar e os dentes morder, mas o meio vampiro mais velho apenas deu mais um apertão em sua glote e Ilian apagou calmamente, como uma criança que é colocada para dormir.

O professor soltou-o no chão e ele caiu num baque surdo no gramado enquanto Renan se levantava secando os olhos sem saber o que acontecera. Tudo não chegou a durar mais que três segundos e Oligui o ajudou a levantar.

- O que aconteceu? – perguntou Renan ao ver o amigo desmaiado na grama.

- Por hoje chega, amanhã vocês estão de folga.

Capítulo. 19

Algumas semanas passaram até que Renan pudesse retirar as bandagens que cobriam metade de seu rosto. Ao se olhar no espelho ele viu que ganhara um nariz torto que lhe acompanharia até o túmulo. Não tinha ficado tão ruim, pelo menos até entrar na aula de armas de alcance e o velho professor Maurício lhe dizer que ficaria muito pior quando envelhecesse.

A aula acontecia ao lado de fora da Cerberus em uma clareira de tiros improvisada devido aos baixos recursos da escola. Um bosque de eucaliptos crescia ao redor formando uma boa sombra matinal, ao sul podiam ver o teto escuro e velho da Cerberus distanciando-se a quase quinhentos metros e mais ao norte ficava uma estrada que não ligava a lugar algum. Uma dúzia de alvos encontravam-se a leste da clareira que tinha quase sessenta metros de diâmetro e também ao sul havia uma pequena arquibancada construída com madeira dos eucaliptos e que já começava a apodrecer devido a idade e as chuvas que andavam ocorrendo com freqüência.

- Sabia que em Budapeste existe uma artilheira capaz de acertar uma flecha na mosca a uma distancia de quase cem metros? - perguntou Mônica excitada com a idéia.

- Impossível - debochou João Pequeno.

- S3rio - insistiu irritada - o Max me contou que ela 3 a grande detentora da medalha de ouro das olimp3adas, e esse ano 3 o 3ltimo que ela vai competir.

- E qual o nome dela? Robin Hood?! - debochou novamente e cutucando Caio. Os dois passaram a rir.

- Idiotas! O nome dela 3 Karol, dizem que ela 3 uma lenda.

Caio olhou para ela enxugando as l3grimas que se formaram em seus olhos de tanto rir.

- M3nica, j3 reparou que em todos os lugares existem lendas, menos na Cerberus? - disse seriamente - Na R3ssia tem um lutador que consegue derrubar um pilar de pedras com um soco, na R3ssia tem um armeiro que consegue afiar espadas na bunda, na Hungria tem um arqueiro que consegue acertar tr3s flechas uma no meio da outra... s3o apenas lendas. Quando esses caras vierem aqui e fizerem na minha frente, ent3o eu tiro meu chap3u, at3 l3, que tal uma apostinha?

Jo3o n3o parava de rir e agora rolava no ch3o, M3nica se irritou e chutou um bocado de terra em sua cara, mas ele n3o deu bola e levantou-se limpando o rosto.

- Melhor de tr3s? - perguntou M3nica.

- Melhor de tr3s - concordou ele.

Nessa aula Caio perdeu a sobremesa do almoço para a garota.

- Que mulher! - comentou com João depois que ela saiu irritada.

À noite Samuel, Verber e Julius bateram a porta do quarto de Caio e Renan e entraram com um ar pesado deixando todo o clima tenso. Os garotos logo souberam que alguma coisa devia ter acontecido, pois os três não arriscariam seus pescoços andando pelos corredores.

- Onde está Borges? - perguntou Caio.

- Isso que viemos falar - respondeu Julius.

Renan indicou para que eles se sentassem à cama e eles não tiveram nenhuma objeção.

- O que vocês estão fazendo aqui? Já é tarde.

- É o Max, algo de estranho aconteceu e precisamos da ajuda de vocês. - respondeu Verber.

Caio assentiu.

- Tudo bem, de que precisam?

Uma batida em código foi ouvida e Renan deu um pulo de susto.

- Sem problemas, é o Alfredo.

Renan levantou-se e abriu a porta. Alfredo entrou com um passo apressado, vestia um manto negro com capuz e abaixou-o rapidamente. Seu rosto estava muito suado e ele apoiou-se nos joelhos para recuperar o fôlego.

- Senhor Jesus Cristo, quase fui apanhado! Aquele idiota puxa-saco do Demétrius está percorrendo os corredores.

- Ainda vamos dar um pau nesse bastardozinho - comentou Samuel.

Verber tomou a palavra dizendo que não podiam perder tempo e explicou a situação. Enquanto procurava seu material para estudar no quarto descobrira uma coisa estranha embaixo da cama de Borges. Uma estrela de cinco pontas fora desenhada no chão com giz vermelho, ela possuía várias runas e desenhos que ele não compreendia no começo, então resolveu chamar Alfredo para que ele desse uma olhada.

Alfredo agora tomou a palavra prosseguindo a estória de Verber quase que instantaneamente, como se houvessem ensaiado, mas não haviam, era apenas o nervosismo, como um desabafo desesperado.

Alfredo contou que aquilo era uma estrela ritual muito antiga, coisa que poucos estudiosos conheciam, muito menos alunos do oitavo ano. Ele não conseguira decifrar tudo e não encontrara muito sobre a estrela ritual nos livros. Encontrou algumas parecidas e todas eram estrelas

amaldiçoadas, mas aquela específica ele não havia achado em nenhuma das enciclopédias ritualísticas que pesquisara na biblioteca. Só tinha uma certeza, coisa boa não era.

- Nós precisamos falar com o Sebastian - disse - precisamos saber quem ou o quê ele invocou.

- Sabemos onde é o quarto dele - disse Renan - querem ir lá agora?

- Não podemos esperar - respondeu Alfredo enquanto Caio já vestia as calças.

Capítulo. 20

O caminho até a biblioteca foi tortuoso. Renan, Caio, Sebastian, João e os quatro Ursos Vermelhos precisaram dar uma volta duas vezes maior para evitarem os corredores mais povoados pelos monitores. Verber foi sempre na frente fingindo estar em ronda e indicando através de assobios quando seus companheiros podiam seguir.

A biblioteca localizava-se no segundo andar da escola e tinha um fedor de mofo característico. Os livros organizavam-se em aproximadamente vinte prateleiras e cada uma delas seguia quase cinqüenta passos adentro. As janelas eram enormes e mostravam o bosque ao lado norte da Cerberus, a noite já estava densa e eles conseguiam ver a copa das arvores se mexendo com o bater do vento, parecia que essa noite choveria de novo.

Não havia monitores que rondavam a biblioteca. Já era um lugar vazio demais com exceção do período de provas, além de ser o lugar mais assustador e fedorento do prédio inteiro.

- Nossa, aqui que é a criação de traças? - perguntou João.

- Cale a boca - repreendeu-o Verber - quer nos entregar?

João calou-se, mas ficou irritado com a bronca, *“se esse idiota falasse isso em outra hora”*, pensou enquanto seguia os outros.

Sebastian chegou ao meio de uma prateleira enorme que tinha uma placa pendurada escrito “DEMONOLOGIA” e ajoelhou-se. Pediu iluminação e rapidamente Julius pegou uma vela, acendeu em uma tocha ao lado da porta de entrada e levou até ele. O garoto estava tateando alguma coisa na armação de madeira inferior da estante, onde não havia nenhum livro, apenas uma placa de madeira.

Mônica e Alfredo olhavam preocupados em todas as direções com medo de serem surpreendidos por algum fantasma ou algo assim, mas Sebastian levou apenas alguns segundos para encontrar o que procurava. Puxou com firmeza e no começo a placa parecia que não iria soltar, mas após a segunda tentativa soltou-se com um leve estalido e ele passou a placa para João.

Sebastian enfiou o braço por dentro do buraco e tateou em todas as direções, mas o pedaço de papel não parecia estar mais lá. Sebastian tinha certeza que tinha devolvido o pergaminho, certeza absoluta. Uma onda de terror arrepiou-lhe a espinha quando ouviu um pigarro e uma voz conhecida.

- Procurando isso aqui? - perguntou o diretor Izidro saindo das sombras.

Todos pensaram em correr, mas ao menor movimento o padre se pronunciou.

- Todos parados! - disse com voz séria. Empacaram onde estavam, não mexendo um músculo sequer.

- Estamos ferrados - disse João.

- Você estará mais encrencado ainda se usar esse tipo de palavreado na minha frente - respondeu autoritariamente o padre - agora, quero saber o porque vocês estão atrás desse pergaminho. Sabem o que ele contém?

Ninguém respondeu.

- Respondam! - ordenou o padre em voz baixa.

Todos se entreolharam esperando que alguém desse o primeiro passo e foi Verber, como líder quem se pronunciou.

- Sim padre, digo... mais ou menos.

Izidro permaneceu calado indicando que ele deveria prosseguir.

- Ele trata da invocação de demônios.

- Errado - disse Izidro irritado - ele trata da invocação de UM demônio. Um demônio chamado Baltisserath, um ankh-
o-ru poderosíssimo e que foi há muito soterrado nas profundezas do inferno e lá deve permanecer. Ou deveria.

Izidro deixou que eles digerissem a idéia, aqueles garotos não tinham a menor idéia do que estavam mexendo e pensaria seriamente em chicoteá-los por tal brincadeira de mau-gosto.

- Há muito tempo eu e Ezequiel, o atual governante do vilarejo vizinho, conseguimos enfrentá-lo e aprisioná-lo no inferno. Coisa que vocês não compreenderiam nem em seus piores pesadelos. Esta - levantou o pergaminho - é chave, que me foi confiada para que ele nunca fosse encontrada.

Ele encarou os olhos atentos dos garotos.

- Por que estava na biblioteca? - perguntou Renan.

- Porque não pude deixá-lo em meu escritório - ele parecia pesaroso - esse bastardo falava comigo. Eu ouvia seu chamado e estava perdendo minha fé em Deus e nem a oração me servia mais, então resolvi alocá-lo em um compartimento secreto nesta biblioteca onde eu fiscalizava todas as noites a presença do mesmo. Eu sentia ele gritando todas as noites que vinha aqui. Vocês descobriram e rezo para que não tenham feito uma grande porcaria. Porque não ouço mais esses gritos quando me aproximo do papel.

Sebastian levantou o dedo.

- Sim Sebastian, o que é? - perguntou irritado com a interrupção.

- Acho que já fiz essa grande porcaria, padre.

- Como assim? – perguntou Izidro não querendo acreditar no que iria ouvir.

Capítulo. 21

Izidro ouviu com incredulidade o relato dos garotos do que vinha acontecendo. A biblioteca agora parecia pequena e o mundo estava girando. Não era possível que um garoto e uma garota do terceiro ano tivessem invocado Baltisserath. Por mais que tivessem um pergaminho e ainda soubessem o que estavam lendo, necessitava de um bocado de fé para tal invocação.

A invocação de demônios, Izidro já havia explicado em aulas, era uma coisa complicada demais até mesmo para padres experientes, pois necessitavam ter um poder de fé muito grande e pronuncia exata de palavras. Sebastian e Samantha não sabiam turco, aquilo não poderia ter sido feito, pelo menos não na teoria.

Mas o padre sabia que naquela noite ele havia sentido uma presença conhecida, uma sensação de que o mal rondava por perto e estava com raiva e sede de vingança. Izidro sabia o que sentiu e algo lhe disse para encerrar as aulas naquela noite e mandassem todos para a cama mais cedo, até mesmo sem jantar. Podia ser rígido, mas amava aquela escola e seus alunos, mesmo recusando-se a demonstrar.

Izidro ouviu atentamente o relato de Sebastian dizendo de como Samantha fora atacada e algo passou-lhe pela

cabeça: talvez esses dois garotos tenham conseguido fazer essa invocação.

Todos estavam em aula, mas Sebastian resolvera faltar, a biblioteca era um lugar escuro e nessa noite algumas tochas estavam mais fracas que o normal fazendo com que ficasse mais assustadora. As grandes mesas de madeira rangiam a noite pelo efeito da mudança de temperatura dando um ar fantasmagórico ao lugar e pelas vidraças era possível ouvir o pessoal do quinto ano tendo aulas praticas de combate desarmado.

Então Sebastian sentiu uma presença, não sabia diferenciar sua essência, mas parecia desesperada, clamava por socorro, implorava o auxilio de alguma alma nobre e vinha direto dali, do meio das prateleiras.

Samantha estava junto com ele estudando teologia e seguiu-o entre os corredores escuros, virando a cabeça o tempo todo com medo que alguém chegasse e achasse alguma coisa de estranho nos dois, sozinhos a noite entre as prateleiras.

Sebastian ficou de quatro e mantinha os olhos fechados. Algo estava-o guiando aproveitando-se de sua ingenuidade e de seu coração puro para seu propósito, só que ele não sabia, sequer imaginava o mal que espreitava, além disso: estava curioso.

Samantha o cutucou e ele viu um vulto negro. Parecia ser um garoto, mas estava usando um pesado manto com capuz. Ele guardava alguma coisa na prateleira. Mantiveram-se em silêncio enquanto o fantasma se retirava rapidamente.

Sebastian retirou a tabua e a presença ficou mais forte, cada vez mais forte. Enfiou o braço no buraco, quase pôde sentir um poder magnético no papel, e pela primeira vez estava com medo, mas a excitação de algo novo era demais e a bela Samantha estava lá, ele não podia acovardar-se na sua frente.

Sentaram no chão e ele leu o pergaminho, meio errado, mas ouviu a voz dizer em sua cabeça que ele precisava acreditar no que lia, que precisava querer abrir seu coração, sua mente, libertar aquele espírito de seu eterno sofrimento, pois ele só queria paz.

Então Sebastian concentrou-se, colocou toda sua força na mente, em seu espírito e recitou mentalmente as palavras mais duas vezes. Não sabia o que diziam, só sabia que queria muito que desse certo... e deu!

Quando estava terminando de recitá-las pode sentir uma maligna risada por trás de sua cabeça, mas agora já era tarde. Sentira o demônio recitando as palavras em seu ouvido e ele recitou junto, era mais forte que ele e era impossível não obedecer.

Foi aí que a janela abriu-se com uma forte lufada de vento. Algo atingiu seu rosto, como um forte tapa que jogou-o no chão e ele pôde ouvir o grito de Samantha, com os olhos brancos, revirados, totalmente possuída. Sebastian sentiu medo. Ela gritou um pedido de socorro enquanto voava pela janela, como que arrastada por uma força invisível.

Capítulo. 22

Naquela noite Max não foi encontrado. Não dormiu em seu quarto e Izidro deu ordem de que qualquer monitor ou professor que soubesse da presença do garoto lhe avisasse imediatamente. Max também não deu as caras em nenhuma de suas aulas e a preocupação do padre o inundou como um rio em dia de tempestade.

Procuraram por toda a Cerberus. Professores, monitores, Ursos Vermelhos e Renan, Caio, Sebastian e Mônica, mas ele não estava em lugar algum, parecia que tinha evaporado.

- Ele só pode estar do lado de fora desses muros - disse Maurício - não está em lugar algum.

- Ele não tem permissão para sair, nenhum aluno tem - respondeu Charles.

Izidro raciocinou por um momento e concluiu que o professor Mauricio poderia estar certo, então deu ordens para que ele, Charles, Baltazar, Petrov e Alberto selecionassem alguns monitores e procurassem no bosque que circundava a Cerberus, podendo ir até a vila procurar o garoto se não o encontrassem.

Eles rapidamente selecionaram alguns garotos, formaram duplas, armaram-se e saíram no encalço do garoto.

- Eu posso ir também, padre - ofereceu-se Oligui, mas Izidro tinha outros planos para os que ficaram. Ainda tinha um último palpite e ele podia apostar a sua batina que se tivesse ocorrido o que lhe veio à mente enquanto tentava dormir, o garoto iria encontrar-se lá.

A não ser para o calabouço, poucas pessoas tinham acesso ao subsolo da Cerberus e esse só era acessado através de uma passagem secreta que abria-se atrás de uma estatueta na sala dos professores. Izidro havia puxado o braço da estatua e como num passe de mágica os tijolos se desencaixaram e giraram noventa graus, mostrando uma estreita passagem por onde entraram.

O subsolo da Cerberus era um lugar frio e úmido, a iluminação natural não entrava por canto nenhum e o cheiro de mofo fez Sebastian começar a espirrar. As paredes eram feitas de tijolos de barro e o chão era tão sujo que parecia haver séculos que não era varrido. As tochas davam uma iluminação gutural no local e o fim da tarde já não era mais notado nos sombrios corredores.

Alguns barulhos eram possíveis de serem ouvidos, mas Renan não quis acreditar que seriam de espíritos presos embaixo da terra, apesar que não se surpreenderia se fosse o caso. E no meio de um desses estranhos rangidos Sebastian chamou a atenção de todos.

- Sentiram isso? - perguntou assustado.

- Sentir o que? – perguntou Oligui.

- Essa sensação. É a mesma sensação que tive ao pegar o pergaminho.

Então Izidro levantou a mão.

- Agora eu senti – disse ele – mas somente agora. Realmente, estamos perto.

Foi nesse momento que Sebastian caiu no chão, o corpo balançando-se em fortes espasmos como quem sofre um ataque epilético. Seus olhos reviraram até ficarem brancos, ele começou a babar e gemer. Oligui pulou ao chão e acomodou sua cabeça em seus joelhos.

- Um pedaço de pano – pediu.

- Aqui, professor – foi Mônica quem passou seu prendedor de cabelo de pano e Oligui encaixou-o entre os dentes que se debatiam para evitar que Sebastian mordesse a língua.

Izidro agachou-se e viu o que acontecia. Não era um ataque epilético, era uma reação do espírito do garoto enfrentando o espírito do demônio que ele invocara. Esse tipo de coisa acontecia com pessoas que tinham um poder da fé muito grande e não conseguiam controlá-lo. Se Sebastian soubesse controlar essa fé e direcioná-la, seria uma arma extremamente eficaz contra os demônios e mordecais, mas para quem não sabia controlá-la e esse era

o caso, aquilo transformava-se em uma poderosa arma contra ele próprio.

- Deus, me ajude! - grunhiu o garoto entre os dentes.

Izidro ajoelhou-se a seu lado e começou a rezar.

- Deus pai, nosso Senhor. Expulsai esse demônio que pretende o mal de teu filho. Mandai que retornai as trevas de onde nunca mais ressurgas.

Repetiu a prece algumas vezes, com a mão sobre o peito dele. Sebastian foi acalmando-se aos poucos, a respiração voltou ao normal e seus olhos recuperaram o brilho. Mônica ajoelhou-se e abraçou o garoto, tinha lágrimas nos olhos e ainda tremia de nervosismo, mas sorriu ao ver que o amigo estava bem.

- Seu bastardo, nunca mais me dê um susto desse! - disse.

- Tudo bem, não é uma coisa que pretenda repetir - brincou de volta.

Izidro e Oligui levantaram e perguntaram se ele estava bem, então o padre mandou que se apressassem em direção ao fim do corredor.

Capítulo. 23

A sala que surgiu na última porta ao lado direito era uma pequena capela. Uma imagem antiga e desbotada da Virgem Maria estava à esquerda sobre o altar de bronze. A imagem de um Cristo crucificado ficava à direita e por trás desse altar uma pequena flâmula roxa com um símbolo dourado. Representava um leão acima de duas chaves cruzadas e a imagem cobria o cofre do altar. Estava aberto e vazio.

Ajoelhado sobre o primeiro degrau a frente do altar estava Max, com a cabeça baixa em reverência e sussurrando algumas palavras. Vestia suas roupas de dois dias atrás que se transformaram em trapos sujos e fedorentos. Quando todos entraram na capela, ele abaixou os braços relaxando. Suas mãos estavam ensangüentadas e ele não possuía mais unhas a não ser por um pedaço agonizante que estava pendurado ao polegar.

- Max! - gritou Mônica e correu de encontro a ele.

- Não! - gritou Izidro, mas era tarde demais. A garota se aproximara demais e Max girou rapidamente acertando sua cabeça com as costas da mão direita. Mônica voou e acertou a parede batendo com a cabeça e caindo desmaiada no chão poeirento.

Os olhos de Max estavam inteiramente vermelhos. Cor do sangue que tanto desejava e a verdade transparecia como água através deles: iria matar a todos.

- É Baltisserath - disse Izidro querendo sem sucesso esconder o pavor de sua voz.

Todos, exceto Sebastian e Izidro investiram contra ele. Foi um ataque feio, desordenado e totalmente sem sucesso. O demônio movia-se com uma velocidade excepcional e quicava nas paredes como um grilo do inferno. Acertou socos, chutes, joelhadas e cabeçadas em cada um deles e em questão de segundos, apenas Oligui, Renan e Verber estavam de pé. Julius, Caio, Mônica e Samuel jaziam espalhados como se um furacão tivesse atravessado e arremessado-os a toda sorte nas paredes da pequena capela.

Izidro rezava fervorosamente e Sebastian estava apavorado demais para ter qualquer tipo de atitude. Sentia-se intimidado pela batalha espiritual que travara com Baltisserath a poucos minutos e não tinha coragem de enfrentar outra semelhante.

- Vocês todos vão morrer! - vociferou ele e apontou para Izidro e Sebastian - depois vou matar vocês dois. Mijarei em suas almas, queimarei sua escola e seu patético mundo. E usarei essa garotinha para satisfazer meus desejos mais bizarros!

O demônio gargalhava e Sebastian pensava em correr, mas algo não deixava que se movesse, talvez o medo, talvez o próprio demônio, mas ele simplesmente estava estático de terror.

Izidro gritava palavras em latim e sua prece parecia mais um monte de xingamentos ao demônio do que qualquer outra coisa, mas nitidamente o demônio ficara mais lento e irritado.

Oligui pulou em direção ao teto e impulsionou-se nele, tentando cair de cabeça sobre o demônio e agarrá-lo. Baltisserath foi mais rápido e com um rápido movimento esquivou-se de Oligui, agarrou-lhe pelo tronco e enfiou sua cabeça diretamente no chão.

Oligui caiu e rolou para a direita, esquivando-se do pisão que atingiu o chão. Baltisserath avançou para o meio vampiro que se levantava e conseguiu encaixar uma seqüência de socos e chutes que Oligui tentava bloquear. Renan tentou juntamente com Verber atacá-lo pelas costas, mas o demônio virou-se e agarrou os dois pelo pescoço, erguendo-os do solo e arremessando contra Izidro.

O padre foi ao chão e deu um gemido abafado de dor. Seus ossos não eram mais a mesma coisa de vinte anos atrás, quando aprisionara o demônio juntamente com o melhor corso da Cerberus, homem que veio a ser o governante da vila vizinha.

Oligui agarrou o demônio por trás em um mata-leão e prendeu suas costelas com as pernas. Baltisserath parecia estar apenas brincando. O demônio girou tentando alcançar o meio vampiro como um cão correndo atrás do próprio rabo, mas viu que era inútil. Achou que seria mais fácil bater as costas do oponente contra a parede, e estava certo.

Baltisserath bateu quatro vezes com Oligui na parede, e a cada forte batida lascas de tijolos eram arrancadas formando um buraco na capela. Na quinta batida, Oligui não agüentou e soltou-se com um gemido. Baltisserath utilizando-se do corpo de Max e das fortes botas de artilheiros chutou o meio vampiro no estomago.

- Desgraçado - gemeu Oligui segurando a barriga onde o chute o atingiu.

O demônio não lhe deu ouvidos e andou calmamente em direção a Izidro que levantava-se. O padre encarou-o com terror nos olhos enquanto Renan e Verber tentavam um último e inútil ataque que terminou com cada um deles voando de cara em direção ao teto e caindo de costas ao chão.

- Você é meu! - falou com ódio nos olhos e um sorriso nos dentes. E então paralisou aonde estava.

- Jamais - disse Sebastian às suas costas. Tinha lágrimas escorrendo pela face. Tudo fora culpa de sua fraqueza. Mas

ele resolveria tudo.

- O que disse, seu merda?

Sebastian ainda estava de olhos fechados, lágrimas pingavam de seu queixo, mas não eram mais de medo e sim de alegria, de superação do maior desafio de sua alma. Superação do medo.

- Eu te expulso do corpo de meu amigo Max, seu desgraçado! - berrou.

- Você não pode - berrou o demônio com ódio - ele é meu!

- Não! - respondeu aos berros - é você que não pode! E você que é meu! Eu te trouxe aqui, enganado pelas suas mil faces, mas agora eu te digo: aqui não é seu lugar! Não mais e nunca mais!

- Cale a boca seu filho da puta! Vou mijar em sua alma e dançar sobre seus ossos se disser mais uma palavra! - berrou.

- Está expulso do meu mundo, demônio desafortunado, seu filho da puta enganador! - Sebastian encarava-o com ódio no olhar

- Venha cá! - o demônio agarrou Sebastian pelo pescoço. Para seu terror, sua mão começou a queimar e ele gritou. Um grito horrendo, vindo das profundezas do inferno,

fazendo a bela face conhecida de Max distorcesse-se em uma máscara demoníaca de terror e dor.

Sebastian agarrou o pescoço de Max com as duas mãos e apertou.

- Eu não permito mais que fique um segundo aqui! Eu te condeno a voltar de onde vieste e queimar até o fim dos dias!

O demônio apenas gritava enquanto sua mão paralisada no pescoço do garoto esfumaçava fazendo a pequena capela ficar infestada com um cheiro de churrasco, parecendo que um porco estava sendo assado vivo.

- Foraaaa! - o grito de Sebastian ecoou por todo o subsolo e era um misto de raiva e paixão. Izidro que olhava atônito ao exorcismo mais bizarro que já presenciara jurou ter ouvido a voz angelical de algum ser em coro com a voz do garoto.

Max tombou no chão e Sebastian foi logo em seguida. Oligui e os garotos conseguiram ver a cena toda apenas com a cabeça levantada do chão. No fim, o único em pé era o padre Izidro.

Capítulo. 24

Max apagou nos três dias seguintes no quarto do diretor Izidro e quando acordou ficou de cama pelas próximas semanas. Não lembrava-se de forma alguma do que havia ocorrido nas semanas anteriores, sentia que estava dormindo, às vezes acordava e repentinamente tinha sono novamente. Sua mente estava em fragmentos e Izidro explicou que quando um ankh-o-ru era convidado a tomar posse de seu corpo, ele disputava contra a mente, no caso de juvenil, ou sem fé, facilmente ganhava. O efeito da possessão fazia com que a pessoa sentisse sono e liberasse seu corpo para que o demônio pudesse andar livremente.

Izidro quis saber qual a última coisa que ele lembrava na casa do governante e sugeriu uma hipnose. Max não aceitou no começo, mas Izidro precisava saber se o demônio ainda fazia parte do garoto e insistiu algumas vezes até que ele aceitou.

- Muito bem - disse para o garoto que ainda estava deitado à cama - quero que feche seus olhos e relaxe.

Max obedeceu.

- Agora, quero que você imagine que está caindo em um sono profundo. Você ouve barulho de ondas ao fundo e quando eu chegar ao um você terá adormecido... - disse com voz serena - Dez... nove... oito... ouça as ondas... sete...

seis... pássaros cantam próximos de você... cinco... quatro... três... sua vista está muito pesada... dois... o vento bate em seu rosto, você está com tanto sono que não irá agüentar... um... adormeça!

Izidro esperou por um momento e então confirmou:

- Está dormindo?

- Sim.

- Qual seu nome?

- Max - a voz claramente inerte.

Izidro sorriu satisfeito e pediu:

- Conte-me o que aconteceu na casa do governante quando encontrou a irmã de seu amigo, Samantha.

“Entro pela porta do quarto nos fundos de um corredor escuro. É o segundo andar da casa e está realmente escuro, as tochas que deveriam iluminar meu caminho estão com as chamas muito fracas. Eu mal posso ver os meus pés ou um metro à minha frente, mas a porta do quarto está aberta eu sigo naquela direção. Parece a coisa sensata a fazer.

Armo minha besta e coloco próxima ao rosto entrando no pequeno aposento e tendo visibilidade de todo o quarto, tudo que está lá está em minha mira. Vejo a Samantha

ajoelhada ao lado da cama, ela está de costas e sequer sussurra, parece estar em um transe.

- Max - interrompeu Izidro - quero que pare nesse momento e preste atenção à minha voz, sou sua consciência, compreende?

- Sim, eu compreendo.

- O que você vê?

- Vejo um roupeiro marrom, está fechado, tem um criado mudo com duas gavetas, uma vela acima dele, uma cama arrumada e a menina. A janela está fechada.

- A chama da vela está tremeluzindo?

- Sim.

- Mais que o normal? - perguntou o padre.

- Para um quarto sem corrente de ar, está sim.

- Alguma coisa de estranho a mais?

- Não.

- Ok, prossiga - ordenou calmamente.

Max não prosseguiu, ao invés disso permaneceu em silêncio, um silêncio de poucos segundos, mas Izidro sabia

que em sua mente seriam minutos, então seu rosto retorceu-se em uma careta pensativa.

- Tem uma coisa estranha - disse Max por fim.

- O que é?

- A sombra dela.

Izidro empertigou-se na cadeira fazendo-a ranger, o ar parecia ter ficado mais pesado com o comentário. Uma presença invisível fez-se presente fazendo com que o padre arrepiasse os pêlos da nuca, causando a sensação invisível, mas perceptível, como se uma sombra pairasse sobre ele. Como se estivessem sendo observados. Segurou o crucifixo de ouro em seu pescoço e mentalizou o nome de Deus. A sensação começou a melhorar, então ele continuou.

- O que tem a sombra dela, meu filho?

- Está diferente.

- Diferente como? - insistiu.

- Há duas sombras.

- Não existem duas fontes de luz no quarto? Isso causaria facilmente sua confusão.

Max esperou por um segundo. Izidro sabia que ele estava observando o quarto.

- Não, não há... e não é isso.

- O que é?

- Uma das sombras dela é bem maior e possui um formato... de... - Max gritou de dor, como se uma grande enxaqueca o atingisse instantaneamente. Levou as mãos à cabeça comprimindo-a com os dedos curvados como garras e gemeu mais uma vez. Seu nariz passou a sangrar e ele encurvara-se com a barriga para cima, como que seu corpo fosse um arco.

- Max o que está havendo?

Não adiantou. O garoto continuou a gritar, seu rosto uma careta de horrores, sangue na boca, jorrando do nariz e os olhos brancos, totalmente revirados.

- Eu sabia - sussurrou Izidro para si mesmo. Haviam dois demônios tomado o corpo do garoto - Quem está aí?

Não houve resposta, só mais gritos e contorções.

- Eu ordeno que responda! Quem está aí?

Então uma voz saiu da boca de Max, mas não era sua voz, era uma voz balida. Como se um bode pudesse falar, definitivamente um bode perverso e enfurecido.

- Quem é você para ordenar qualquer coisa? - berrou ela. Max fitava-o com os olhos esbranquiçados e o rosto com

cicatrizes e caretas. Começou a levantar, mas Izidro pegou o crucifixo de madeira em suas pernas e encostou sobre o peito do garoto. Um urro de dor foi ouvido em toda a escola e Izidro esperava que outros padres que dormiam nos quartos ao lado chegassem em sua ajuda.

- Deite criatura abissal! Sua presença não é bem-vinda e antes que eu o destrua eu ordeno que diga seu nome!

- Você não ordena nada! Você é um saco de AAHHH! - berrou quando Izidro pressionou novamente o crucifixo em seu peito e disse palavras em latim. O demônio falou algo em uma língua inferior e Izidro teve certeza que fora xingado.

- Seu nome demônio! - ordenou novamente ignorando os gritos e pressionou a cruz contra o rosto deformado.

- Eu sou Raltah e irei destruí-lo! Usarei o tampo de seu crânio como penico e dançarei sobre seu cadáver quando você se for, miserável - berrou ele enquanto fumaça saía da cruz, deixando uma cicatriz vermelha como ferro quente no rosto de Max.

- Eu te expulso desse mundo Raltah, companheiro de Baltisserath. Para que não aflijas mais ninguém neste plano. Sua cova será de fogo e o seu tormento não terá fim. E Deus não terá piedade de sua alma podre.

Cinco padres entraram correndo pelo aposento de Izidro e começaram a entoar o ritual de exorcismo em latim

As janelas tremiam tão violentamente fazendo parecer que uma multidão enfurecida desejava entrar. A cama chacoalhava, levantava e descia seus pés mantendo um ritmo de um baterista desafinado. Quadros e toda a mobília começaram a voar pelo quarto. Um padre foi atingido por um jarro de vidro com flores e caiu apagado com alguns dentes quebrados, outro padre recebeu uma sova de livros que voaram da estante e atingiram suas costas, cabeça e sua bunda.

Por fim, o grito cessou e tudo ficou calmo. O cheiro de carne queimada pairava no quarto e Izidro afastou seu crucifixo do rosto de Max. O garoto havia ficado com uma cicatriz rosada no meio de sua face, a cicatriz ia da testa até o queixo e cruzava abaixo de seus olhos, Izidro sabia que aquela cicatriz não ficaria para sempre.

Max acordou somente a noite. Estava cercado por objetos abençoados e alguns padres revezavam para guardá-lo. Quando o padre Manuel, responsável no momento, viu que ele estava consciente, abriu um largo sorriso e abraçou o garoto.

Padre Manuel era um português e talvez fosse o homem mais velho que Max conhecia, tinha quase cem anos e nesses tempos era muito difícil alguém passar dos sessenta, mas Manuel mantinha a mente jovem e parecia

não se abalar com o tempo. Tocou o braço de Max com seus dedos longos e ossudos. Uma unha havia caído e isso arrepiou o garoto, mas o padre tinha uma aura boa e Max sentia-se bem acordando de um pesadelo ao lado dele.

Manuel perguntou se ele estava bem e alimentou-o como um filho com mingau quente e um suco que Max não conseguia definir o sabor porque estava sem paladar nenhum. Mesmo assim, comeu sem cerimônia, pois estava faminto.

Ficou sabendo que nos próximos dias ficaria hospedado na ala dos padres e isso lhe deu vertigem, mas ao invés de reclamar comeu mais uma colherada de mingau.

Capítulo. 25

- Existem normas e regras para se proceder a um exorcismo! - gritou o velho padre Francisco fazendo sua voz ecoar por todo o salão principal onde se reuniam os padres da Cerberus. Algumas vozes soaram em concordância. - Não se pode proceder um exorcismo de qualquer forma, especialmente um jovem. Como... como se fizesse o parto de uma cabrita! - vociferou, em seguida sentou-se ao som de aplausos de seus colegas mais próximos. O padre Izidro levantou-se silenciando todos os murmúrios e esperou até que tivesse a atenção de todos os padres na sala. O salão de missas era um aposento improvisado onde se rezavam algumas missas quando a chuva não permitia e as goteiras caíam pesadas por toda a igreja. O grande aposento se estendia por quase vinte metros de azulejos velhos e quebrados, as paredes eram de uma cor amarelada e havia alguns quadros com pinturas religiosas tristes e violentas. Algumas janelas permitiam a entrada da luz da Lua e um galho balançado pelo vento batia teimosamente em uma delas, irritando o padre Izidro. A luz das tochas era forte e todos podiam ver um ao outro, apesar das roupas pretas camuflarem alguns mais ao fundo. Aquela era a sala onde os padres se reuniam quando tinham assuntos que não deveriam ser bisbilhotados por terceiros e nessa noite, encontravam-se reunidos todos os dezoito padres do colégio.

Padre Valeriano pediu a palavra.

- Um exorcismo só pode ser feito com o consentimento de Deus, Francisco e se ele foi realizado, foi porque Deus quis! - respondeu ele - não queira ser você a julgar o discernimento de Deus! - desafiou o irmão.

Vários aplausos foram ouvidos. Francisco era talvez o padre mais velho e com certeza o padre mais ortodoxo de toda a Cerberus. Sua inveja do cargo que Izidro ocupava era nítido e ele não fazia o menor esforço para escondê-lo.

Alguns de seus colegas ortodoxos apoiavam sua idéia de que o cargo de diretor da escola deveria ser exercido por aquele mais velho dentre os padres, porém era uma idéia apoiada pela minoria. Izidro além de ser muito político e exímio administrador já havia pertencido a um grupo de caçadores e sua experiência era cortejada por muitos outros padres que não tiveram coragem de se aventurar mundo afora.

Dirigia a Cerberus com rigidez, mas não a mão de ferro que Francisco pregava. Izidro era bom no que fazia, a maioria reconhecia. Mas no ano seguinte haveria eleições e sua facção temia que o lado mais ortodoxo ganhasse alguns adeptos e vencesse as próximas eleições, então, o destino da escola seria incerto como uma cavalgada veloz sob uma névoa pesada. E muitos padres temiam os abismos que essa névoa escondia.

- Se não serve de mais nada esse ritual, então que seja jogado no lixo - disse Francisco levantando o pesado livro simulando atirá-lo à lixeira - e que nunca mais seja ensinado! Exorcizaremos então como os antigos médiuns e espíritas, é o que sugere?

- Não enfie palavras em minha boca seu velho babão! - Ordem! - pediu Izidro levantando e fazendo todos calarem-se. Francisco fez menção de levantar e continuar, mas um colega lhe puxou pela batina e ele conteve-se.

- Exijo que se respeitem irmãos - disse seriamente - isso é uma assembléia perante Deus e não um bordel! - Ouviu-se algumas risadinhas, mas Izidro não deu atenção a elas. Uma batida foi ouvida à porta fazendo o barulho ecoar fantasmagoricamente em todo o aposento. Izidro gritou que não era o momento de serem interrompidos, pois estavam em seção, porém a porta abriu-se violentamente e no salão irrompeu um homem com uma roupa vermelha parecida com a de um bobo da corte. Os sapatos eram vermelhos, as calças coladas e brancas demarcavam pernas finas e a camisa com o gibão vermelho e brancos tinham babados que não eram costumeiramente vistos pela Cerberus. Na

cabeça o homem tinha um chapéu vermelho com enfeites brancos e prateados. Um pesado colar de prata com um crucifixo do mesmo material e pedras preciosas pendiam ao seu pescoço. O homem que não parecia ter trinta anos vinha escoltado por dois homens grandes e fortemente armados e no gibão dos três haviam duas chaves cruzadas.

Eram homens do Vaticano.

Todos os padres ajoelharam-se enquanto os três caminhavam pelo salão até chegar ao lado de Izidro, então, o magricelo ordenou que levantassem. - Boa noite irmãos - saudou em voz fina e com um sorriso arrogante, delatando um sotaque italiano - desejamos participar dessa reunião solene. Todos os outros padres mantiveram-se em silêncio respeitoso e ao mesmo tempo surpresos. O italiano pareceu divertir-se com isso e então Izidro recuperou a palavra. - A que desejamos a visita, eminência? - perguntou. - Sou o padre Giuseppe - informou mesmo sem ser perguntado - e o vaticano tem especial interesse em um boato que corre sobre um fato ocorrido dentro das paredes desta santa escola.

- Que boatos seriam esses, eminência?

- O boato de que um garoto invocou um ankh-o-ru. Isso procede? - Sim eminência - respondeu Izidro respeitosamente - e o mesmo garoto conseguiu exorcizá-lo. Giuseppe voltou-se lentamente para o padre, se estava surpreso não transpareceu, mas deixou alguns segundos de silêncio pairando no ar antes de voltar a falar. - Qual ritual ele utilizou? - Nenhum, eminência - interrompeu Francisco indignado aos berros - ele exorcizou a seu bel prazer, arriscando a vida de outro garoto e de todos nessa escola. - Primeiramente, se um demônio tem poder sobre dezoito padres, deveriam rever vossa fé - debochou Giuseppe - e em segundo, sente-se padre, eu não me dirigi a você - o jovem padre italiano havia mostrado uma confiança que nenhum padre havia visto antes. Francisco obedeceu instantaneamente.

- Perdoe-me vossa santidade - disse humildemente.

Giuseppe pareceu divertir-se com o embaraço do padre que poderia ser seu bisavô.

- Deus lhe perdoa, meu irmão - disse por fim e voltou-se a Izidro - então, que nível de treinamento esse garoto tem?

Izidro olhou para os outros padres em busca de uma resposta que não ofendesse a jovem autoridade, mas não achou resposta melhor do que dizer:

- Nenhuma, eminência.

Giuseppe olhou incrédulo para ele. Agora sim mostrou toda a surpresa que poderia haver guardado e num instante pareceu irritado.

- Está debochando de mim, padre? - disse entre os dentes - quer que o excomungue?

Izidro não pareceu se abalar. Sabia que aquele a sua frente era um garoto que dera sorte de nascer em um lugar privilegiado e que não possuía experiência ou conhecimento nenhum do que fosse uma excomunhão. Na verdade, a muito havia aprendido que não existia esse negocio de excomunhão, mas também tinha consciência de que suas verdades ganhadas através de muitos anos mundo afora não eram as verdades conhecidas e aceitas pela Igreja. Logo, abaixou a cabeça desculpando-se.

- Leve-me até esse garoto - pediu - vou interrogá-lo e se isso for verdade... bem, ele irá conhecer as pinturas de Michelangelo muito antes que você.

O verão foi-se rapidamente, e tão rápido quanto sua passagem foi a estada de Sebastian dentro dos muros da

Cerberus. Os amigos se despediram e Renan chegou a derramar uma lágrima, Mônica abraçou o amigo e chorou copiosamente em seu ombro e Sebastian ficou com a camisa toda encharcada. João Pequeno, Ilian e Caio abraçaram-no por último e o aprendiz de cão de guerra ergueu-o do chão com um abraço de urso que tirou-lhe o ar dos pulmões.

- Adeus meu grande amigo - disse Sebastian.

- Até logo cara. Você volta, não?

Sebastian riu

- Vocês precisam de um padre, não?

- Só do melhor - respondeu Caio e isso arrancou um riso espontâneo de Mônica. Fora um sorriso sereno e bonito, que acalentou o coração dos outros como um chocolate quente faz com uma velha em uma longa noite de inverno. Era por esse sorriso que Caio se apaixonara desde a primeira vez que viu.

Giuseppe saiu da sala do padre Izidro e seus dois guardacostas sem nome o seguiam a menos de um metro. Ao chegar em frente ao grupo de meninos ele parou e observou-os por um momento, seu olhar transparecendo impaciência e insensibilidade. Apertou o ombro magro de Sebastian com sua mão direita, mostrando um pesado anel de ouro com o símbolo das chaves cruzadas em seu dedo anelar.

- Está na hora - disse.

Sebastian aquiesceu e pegou uma de suas bolsas no chão. João Pequeno pegou a mochila mais pesada e acompanhou

seu amigo até a carruagem guiada por doze cavalos. Eram cavalos todos negros com enfeites e adornos em vermelho e branco. Os animais eram esguios e musculosos, possuíam uma aparência feroz e indomável e estavam arrastando os cascos inquietos para voltarem a correr. Definitivamente eram animais que viviam em velocidade e com certeza a monotonia do pátio da Cerberus irritava-os. A mera visão de Giuseppe fez com que os animais soubessem que estavam próximos da partida e isso os excitou mais ainda fazendo alguns urinarem de expectativa. O cheiro forte da urina penetrou nas narinas de Sebastian e ele teve que prender a respiração. João teve que arremessar a bolsa de Sebastian para dentro da carruagem porque um cavalo tentara mordê-lo ao se aproximar.

- Bichinho do diabo - resmungou o garoto.

- Que disse? - perguntou um dos guarda-costas.

- Nada - respondeu. O guarda costas encarou-o pela blasfêmia, mas decidiu que estavam com pressa e o garoto não valia um tapa na boca. Deu-lhe as costas e subiu no banco do cocheiro.

A despedida não durou mais porque assim que Sebastian entrou na carruagem o guarda costas estalou o chicote e os cavalos puseram-se em movimento. Jogaram cascalho para trás e iniciaram uma corrida tão rápida que parecia mágica para Renan, afinal só conhecia os pesados cavalos de tração da Cerberus. Nunca imaginara que cavalos pudessem correr a tal velocidade e com tamanha coordenação. Estava tão atônito pela partida repentina de

um grande amigo para uma terra que ele desconhecia tanto quanto os animais que vira.

- Será que o veremos de novo? – perguntou Caio chegando ao seu lado.

- Não sei, Caio. Só espero que ele seja feliz como era aqui na Cerberus.

Ilian aproximou-se juntamente com Mônica e João.

- Continuamos precisando de um padre pro ano que vem.

- Tem o Clair – sugeriu Caio – ele está sem grupo.

- Clair? – exasperou-se Mônica – me visto de menino e viro padre se for o caso, mas ele não!

Todos riram do comentário e da imagem que formou-se em suas cabeças da bela Mônica com seu rabo de cavalo castanho sendo cortado em um cabelinho forma de cuia e usando uma batina.

- Encontraremos alguém – acalmou-os Renan – no devido tempo.

Capítulo. 26

A primeira semana sem Sebastian foi difícil para os quatro, exceto para Ilian que parecia muito ocupado em desenvolver suas capacidades vampíricas para se incomodar com a falta do amigo. Existia também o fato do romeno ser o menos sentimental de todos os outros, demonstrando raramente quando estava triste, chateado, feliz ou qualquer outra coisa. Mônica suspeitava que a cada dia que passava ele tornava-se mais distante, mas quando disse isso aos outros recebeu uma saraivada de risadas dizendo que isso era coisa dos hormônios femininos dela.

Mônica não cedeu e sabia que algo de estranho ocorria com Ilian. Não sabia o que seria e quando perguntou a ele, Ilian logo mudou de assunto e saiu de perto deles.

- Olha aí o que você fez, menina - debochou Caio - deixou ele encabulado.

- É, Mônica - concordou João - deixa de nóia e termina de almoçar. Aliás, vai comer esse bolinho de milho? Se não me passa pra cá.

A garota tinha uma pulga atrás da orelha, sabia que Ilian almoçava sempre com Oligui, apesar do garoto ficar com eles no refeitório quando era horário de almoço. Mônica nunca vira Ilian enfiar nada além de água na boca e isso lhe cutucava a consciência. Havia aprendido na aula de vampirologia que meios-vampiros se alimentavam inicialmente de sopas de carne e comidas líquidas de fácil digestão e ao passar do tempo, sangue. Mas não conseguia

recordar-se de uma vez sequer que Ilian tivesse se alimentado. Não sabia o que fazia essa transição na alimentação deles, já que eles envelheciam muito lentamente, porém não conseguia crer nas suspeitas que a assombravam há alguns dias, quando começou a notar a mudança de comportamento de Ilian.

Decidiu ir atrás dele.

Levantou-se e com a bandeja em mãos foi a passos rápidos no encalço dele, mas não viu a poça de leite que projetou-se embaixo de seu pé e tropeçou. Foi ao chão de cara, bandeja e tudo mais. O barulho chamou a atenção de todo o refeitório e uma risada coletiva juntamente com sons de pena iniciaram. Mônica levantou com a ajuda de um garoto do quarto ano que perguntou se ela estava bem. Estava toda melecada de sopa e suco, seu joelho estava rasgado e um pequeno ferimento com sangue brotou em seu queixo. *Droga, ajudada por um garoto que está com pena, pensou.*

Quando recuperou a ciência do que ocorrera, Renan, Caio e João já estavam por perto e preocupados analisaram a situação da colega.

Uma risada conhecida não cessava.

Célio e seu grupo ainda continuavam rindo do ocorrido. O garoto estava vermelho e não tinha limites para o tanto de deboche que despejava sobre a garota humilhada. Mônica teve vontade de chorar e João viu em seus olhos que era uma questão de segundos para que ela estivesse acabada. Mostraria fraqueza perante a escola inteira. Estaria derrotada.

- Não - sussurrou para a garota - não aqui e não agora.

Max levantou-se ao fundo do refeitório. Dirigiu-se para o garoto que parou de rir e levantou-se para encará-lo. Célio estava visivelmente nervoso pela presença do garoto mais velho e bem maior. O cabelo preso e bem repuxado dava um ar mais autoritário em Max e seus olhos verdes miravam cheios de fúria o garoto.

- Que foi Max? Foi engraçado, porra! - disse sem graça.

Todo o refeitório tenso assistia em silêncio, torcendo internamente para que Max quebrasse a cara de Célio, mas que esse reagisse e desse uma boa briga. Dois dos amigos de Célio levantaram-se para apoiar o garoto prevendo a surra que Célio levaria se estivesse sozinho. Em um segundo sentaram-se novamente, pois Borges havia se levantado e pigarreado, indicando que compraria a briga se eles se metessem. O refeitório todo vaiou a covardia dos dois que pegaram suas bandejas e saíram do estabelecimento.

- Deixem suas bandejas aí! - ordenou Verber ainda sentado - Hoje vocês não comem!

Os dois garotos obedeceram e soltaram as bandejas na mesa mais próxima.

- Senta desgraçado! - ordenou Max com a voz baixa, mas o silêncio sepulcral a tornava nítida a todo o refeitório. Célio engolindo em seco e com os olhos marejados de vergonha sentou-se. No fundo estava aliviado porque sabia que Max não lhe espancaria sentado.

O que veio foi pior.

Max inclinou-se sobre o prato do garoto e escarrou um grande e viscoso catarro em cima do feijão de Célio. O refeitório agora, tenso abria sorrisos de expectativa e prazer no que via. Célio era odiado principalmente pelas séries anteriores por ser aproveitador e tirano em suas atitudes, além de ser covarde e machista com relação às garotas. Essas tinham especial sentimento de ódio por ele e nesse momento eram elas que ovacionavam.

Max o sonho de consumo delas, o garoto mais bonito da Cerberus humilhando o mais odiado.

Célio engoliu em seco, novamente humilhado e com os olhos ainda marejados encarou os furiosos de Max.

- Acabou? - perguntou - conseguiu o que queria?!

- Coma - disse Max entre os dentes.

Célio parecia incrédulo no que ouvira, mas Max não estava brincando e isso ele viu em seus olhos. Correu os olhos pelo refeitório e acabou encontrando os de Mônica. A garota parecia deliciada com o momento ao mesmo tempo que sentia pena. Cogitou a possibilidade de comprar a briga, mas decidiu que compraria apenas uma surra. Max era uma cabeça mais alta que ele e seus ombros eram bem mais largos. Não tinha o que fazer a não ser... comer.

- Não quer que eu vá aí dar na sua boca, né Celinho? - gritou Borges do outro lado do refeitório.

Com uma colherada tão demorada quanto um parto ele comeu. E o refeitório foi ao delírio com a humilhação daquele que sentia prazer humilhando todos.

Nesse momento Mônica descobriu que estava apaixonada.

Capítulo. 27

Aquela foi uma noite um tanto especial para mim. Os treinos me sugavam uma energia que eu não sabia por quanto mais tempo iria durar e as vezes eu me pegava pensando em desistir, dolorido das lutas com hematomas e cortes que faziam meu corpo parecer um mapa de um mundo estranho. Por várias vezes, quando varei madrugadas a fio treinando com a espada bárbara contra meu oponente meio-vampiro, eu me achava o pior lutador do mundo, mas quando chegava nas aulas de Oligui descobria que era diferente. Dava surras em meus oponentes que eles demoravam para esquecer. Quando você luta apenas contra um oponente formidável você não pode se achar nada melhor que um bosta. Poucos queriam me enfrentar e Oligui tinha que selecionar alguém para a missão, porque de livre e espontânea vontade ninguém se candidatava. Às vezes lutei contra dois e venci, saí machucado, mas aplaudido e minha habilidade aumentava fantasmagoricamente.

A noite estava estrelada e a constelação do Cruzeiro do Sul era visível e até fácil de ser localizada. Uma garoa fina começava a cair, mas não incomodava nenhum dos três. Na verdade, Renan e Ilian sentiam-se abençoados pela refrescada que as gotículas leves e frias davam em suas peles misturando-se ao suor que caía em bicas.

Ilian já sentira algumas vezes o peso da mão de seu oponente e descobrira que não era nada confortável ser

atingido por ele. Renan desenvolvera algumas seqüências de golpes que enganavam-no. Quando Ilian achava que o próximo golpe viria com a mão esquerda, era acertado com um chute da perna direita, ou uma cabeçada.

- Se querem sobreviver tenho dois conselhos - disse Oligui - primeiro de tudo, sejam imprevisíveis. Tudo que um lutador experiente precisa é saber seu próximo golpe, então ele brinca com você até a hora que cansar e decidir te matar. Ele sabe seu próximo movimento porque a vida e a experiência lhe dão uma capacidade de leitura corporal que hoje vocês não entendem, mas que um dia será tão natural quanto sentir o cheiro de um Calabam ou escutar o que não se deseja escutar, como as merdas que alguns padres dizem. Será como um sentido. Inevitável.

- E a segunda, professor? - perguntou Ilian.

- Em segundo, mantenham-se sóbrios. Apenas cães sarnentos e cagalhões bebem antes de uma luta para criar coragem. Se não tem coragem, então não lutem, vistam as roupas de suas mães e se agachem para mijar. Mandei que parassem?

Renan e Ilian continuaram a lutar por mais meia hora e Oligui gostava do que via. Talvez fosse o fato de serem parceiros de lutas quase todas as noites, mas eles estavam desenvolvendo uma capacidade de leitura corporal superior a de qualquer aluno do terceiro e até do quarto ano. Os golpes eram desferidos com precisão e ele sentia-se satisfeito por ver que Renan estava dominando bem o escudo.

- Não te dei um escudo como castigo ou enfeite, Renan - disse uma vez - dei para que o usasse. Sua espada não é sua única arma, moleque!

Uma vez, em noite com lua cheia, Renan devolveu o nariz quebrado que Ilian lhe deu no início dos treinamentos. Desferiu dois golpes de espada que Ilian bloqueou e forçou as armas ao chão. Então Renan subiu rapidamente o escudo em arco e acertou em cheio o rosto do meio-vampiro. O nariz de Ilian torceu-se naquela noite, mas não houve sangramento, apenas um fio de sangue que lhe correu lentamente em direção à boca e ele lambeu.

Renan ofegava. O ar entrava e saía gelado de seus pulmões dando uma sensação de queimação em seu peito e ele não sabia quanto mais tempo agüentaria. A espada parecia pesar uma tonelada, o escudo então, duas. Mantinha uma posição meio agachada convidando Ilian a atacar suas costas. O escudo quase raspava o chão e suor escorria de sua testa queimando seus olhos, mas estava em pé e isso era o que importava. Ilian não estava tão cansado, sua capacidade de recuperação era muito mais rápida devido seu metabolismo, mas suas meia-luas já começavam a pesar e queimar seus braços mais fracos que de seu oponente.

Ilian tentou um ataque giratório, algo que Oligui ensinara-o como dança da morte. Avançou em direção a Renan rodando e dando pulos giratórios, passando as armas em todas as direções. Renan agiu por instinto. Levou o escudo acima de sua cabeça e escorregou para baixo do inimigo,

não sabia exatamente onde atingira-o, mas levantou o escudo com as duas mãos e desequilibrou Ilian que caiu de costas no chão. Uma de suas meia-luas caiu longe de suas mãos, a outra estava a menos de um metro e ele mergulhou para pega-la.

Renan foi mais rápido. Atirou seu escudo que saiu girando se sua mão e com muita precisão e um pouco de sorte bateu na arma e atirou-a para mais longe. Ilian olhou surpreso para a arma que como mágica estava em suas mãos e agora não estava mais. O meio-vampiro tentou levantar-se, mas as pernas de Renan apareceram ao seu lado e ele sentiu a ponta da espada sobre suas costas. Estava terminado. Depois de meses Renan havia vencido sua primeira luta contra o meio-vampiro. E depois de meses viu o professor Oligui aplaudir por vários segundos.

- Muito bem - disse entregando um papel para Renan.

- Isso é o que estou pensando? - perguntou extasiado.

Oligui deu seu micro-sorriso.

- Bem, se o que está pensando é a autorização para as olimpíadas, então é isso.

Renan gritou de alegria. Ilian levantou e abraçou-o, os dois comemoraram por um longo tempo e Oligui não os apressou, deixou que curtissem o momento.

Aquele era o momento de Renan.

Capítulo. 28

- Cara, não acredito que você conseguiu! - disse Caio com genuína alegria cumprimentando-o. Caio era o melhor amigo de Renan e desde o começo os dois se deram bem, era uma amizade que parecia que iria durar para sempre. Caio tinha verdadeira satisfação em ver o sucesso de seus amigos e sentia prazer em mostrar-lhes isso. Era tão agradável tê-lo por perto que Mônica sempre se confidenciava com ele, inclusive com relação a seus sentimentos por Max.

- Acho que você deveria falar com ele - sugeriu certa vez - o máximo que vai acontecer é ele te dizer um não! - e como sentia-se mal por isso. Sentia que estava traindo seu próprio coração.

Mônica detestou o conselho. Já havia pagado papel de idiota uma vez no refeitório e não seria a pateta da Cerberus outra vez.

- Será que devo demonstrar para ele de alguma forma?

- Isso com certeza - disse - por que não escreve uma carta anônima para ele?

Mônica olhou-o com ar indagador.

- Como assim?

- Simples, oras. Você escreve uma carta e assina um nome qualquer, aí pede que ele responda a carta e entregue ao João Pequeno.

Mônica olhou-o assustada e quase surtou.

- Tá louco? O João anda com a gente, é óbvio que ele vai saber que sou eu que escrevi.

- Que nada, o João é amigo de metade da Cerberus, além disso, esta é a idéia: ele não iria pensar que seria você porque é óbvio demais. Ele justamente vai pensar que não pode ser você - Caio não acreditou no que dizia, mas tinha criado um ligeiro ciúmes de Mônica com relação a Max.

A garota pensou por um instante e então concordou com ele, fazia sentido o que ele falava e sua ingenuidade fez a idéia parecer boa mesmo. Mônica sabia que só iria se arriscar dessa forma porque estava tremendamente apaixonada pelo garoto, mesmo ele já sendo um adulto e ela uma criança, mas para um coração apaixonado não existe idade e o amor estava tocando todos seus tambores dentro do peito dela fazendo um ritmo tão frenético que ela quase podia ouvir.

Primeiro a forma como ele lhe tratou na casa do governador, torcendo para o seu sucesso. Segundo pelo jeito como defendeu a honra dela. Mesmo ela odiando ser protegida pelos outros, Mônica ainda era menina e gostava de ser tratada como tal.

Nesses dias ela sentia-se agitada e a semana das provas havia chegado. Sem Sebastian para ajudá-los tudo ficou mais complicado e Mônica teve de assumir o posto de tiradúvidas de Renan, Caio, João e Ilian.

Viraram algumas noites estudando para as provas, principalmente práticas da fé, onde nenhum deles tinha grande afinidade e muito menos prazer em estudar história

de santos, como funciona um milagre ou como fazer água benta.

Por sorte, Alfredo, o padre dos Ursos Vermelhos, sentia verdadeiro prazer em pregar a matéria para todos que quisessem aprender e o terceiro e quarto ano em peso foram procurá-lo até que teve que passar a marcar horários para ensinar grupos de cinco e seis alunos.

- Bem - começou Alfredo - o que vocês têm que entender é que tudo é energia. Eu sou energia, você é energia e essa mesa é energia. Somos todos formados da unidade básica de energia, a matéria primal.

- Achei que fossem os átomos - sugeriu Ilian.

- Sim, os átomos são formados de que? Protons, Neutrons e as menores partes: elétrons e do que são formados elétrons?

- Ih, agora nos pegou - zombou João.

- Bem vocês entendem que o átomo mais básico é o hidrogênio, certo? Então, o que o diferencia dos outros elementos?

Ninguém respondeu.

- Apenas a quantidade de elétrons, prótons e nêutrons, sem entrar em maiores detalhes, mas são basicamente esses três que fazem a diferença. Se eu conseguir encaixar elétrons e os outros componentes em um átomo qualquer, poderei formar qualquer elemento, inclusive formar a energia.

- Desculpe, mas isso aqui é química ou praticas da fé, Alfredo? - perguntou confuso Renan.

- Uma coisa tem a ver com a outra, moleque -disse - o que é a fé?

- Acreditar em Deus? - tentou João.

- Sim, também, mas a fé, nada mais é do que uma forma de energia estável, em equilíbrio, em harmonia! Quando você acredita em alguma coisa, você gera um campo de energia estável, harmonioso. Então partimos do pressuposto de que tudo é feito de matéria primal. O mundo, os materiais, nós e se digo nós, não apenas em matéria, mas o que mais?

- Nosso pensamento? - sugeriu Mônica.

- Exatamente! Nossa fé é pensamento, e pensamento é energia, logo, você não precisa de fórmulas como Pai Nosso e Ave Maria, você precisa acreditar no que está pedindo e canalizar seu pensamento nisso. As fórmulas servem para nos ajudar a concentrar e canalizar essa energia e dessa forma você conseguirá abençoar, ser abençoado e fazer coisas que vocês nunca imaginariam fazendo. Vontade é tudo!

- Então como uma água ordinária pode se transformar em água benta? - perguntou Caio - aliás, o que é água benta? Água com pensamentos positivos?

Alfredo riu simpaticamente, feliz, pois sabia que havia conquistado o interesse dos garotos.

- A grosso modo sim, mas se o padre Izidro perguntar na prova, não responda isso.

- Respondo o que?

- Qualquer coisa abençoada nada mais é do que aquela mesma coisa com suas energias reorganizadas de forma que fiquem estáveis, mas o padre Izidro não gosta de misturar a fé com a ciência, sabe que há conexões fortes, mas isso é mais para frente... responda que água benta é uma água com bons fluidos onde Deus derramou sua graça e seu amor. Para toda ocasião, uma coisa só é abençoada com a permissão de Deus, mas isso não é fato.

- Não? – perguntou Mônica.

- Não. Quando você sai de casa e sua mãe ou quem quer que seja lhe diz boa sorte ou boa viagem, é uma benção, mas não necessariamente tem a mão de Deus nisso. Bom, mas isso é discussão para outra hora, tenho hora marcada com outro grupo.

Os cinco agradeceram e saíram mais satisfeitos do que sequer imaginavam.

- Acho que aprendi mais hoje do que em todas as aulas do Izidrão – disse Caio. Todos riram, porque no fim pensavam a mesma coisa.

Na mesma noite Renan, Caio, Mônica, João e Ilian reuniram-se no quarto de João e Ilian para discutirem comportamento extraplanar e decidiram que não sairiam do canto. A matéria de Baltazar era uma das mais complexas e o velho negro não facilitava as coisas. João estava começando a temer uma nova reprovação e o mero pensamento de fazer a matéria pela terceira vez tirava-lhe a fome e embrulhava seu estômago.

- Não consigo entender o por que um vampiro não pode pegar luz direta do Sol, nem porque gremlins têm afeição em destruir máquinas e nem como funciona a cabeça de um golem - reclamou Caio.

- Maldita a hora que o Sebastian se mandou - lamentou-se Renan - o que você está fazendo que não para de escrever, João? Se está sabendo de alguma coisa compartilhe com nós.

- Ah com certeza - zombou Mônica - depois de três vezes ele deve saber tudo.

João esperou a gargalhada cessar. Sabia que era mais desafortunado quando o assunto era notas, e isso o incomodava, mas não deixava transparecer.

Isso era o grande gargalo da vida de João. Enquanto todos diziam invejar seu corpo e seu bom relacionamento com as pessoas, ele invejava secretamente a capacidade de aprender dos outros. João não era burro, dizia a si mesmo todas as noites, mas nessa noite ele continuaria fazendo suas colas.

Capítulo. 29

- Qual o material metal ideal para fazer pontas de flechas destinadas a penetrar a carapaça de golens de ferro? Pensou Renan repetindo a pergunta número um da prova de armeiros pela terceira vez em sua cabeça - Merda, só pode ser o chumbo!

Olhou para Caio que já vinha terminando a prova enquanto a maioria dos colegas estava começando a respondê-la.

Tentou ver o que ele tinha escrito e deu graças a Deus que o amigo tinha uma letra garrafal: Tungstênio era a resposta. - Claro, idiota! - Xingou-se.

Enquanto isso, João desembrulhava um rolinho de papel preso a um lápis, lia a resposta rapidamente e transcrevia para sua prova. Temia que Petrov o pegasse, aí sim seria seu fim, mas sabia que o velho era mais cego do que um morcego bêbado e isso lhe tranqüilizava um pouco.

Mônica, como Caio, não teve grandes problemas para terminar sua prova. Ela não soube colocar em ordem crescente de densidade os metais paládio, tungstênio, platina, ouro e ósmio na questão quatro e nem responder a questão seis que perguntava sobre temperatura de fundição do alumínio, mas fora isso tinha certeza que acertara todas as outras questões.

Como todas as provas, as pessoas saíam e ficavam esperando ao lado de fora da porta onde discutiam as questões e lamentavam-se os erros bestas, porém, a prova não fora tão difícil e a esperança reinava na maioria dos alunos do terceiro ano.

Quando Caio saiu, após revisar uma centena de vezes suas respostas, foi abordado por toda a turma em busca das

respostas certas. Todos sabiam da capacidade dele na matéria e suas respostas geraram e comemorações e indignações. Vários “eu sabia!” e “não acredito que errei isso!” foram proclamados até que Renan e João saíram.

- Como foram? - perguntou Mônica aproximando-se com Caio.

- Porra cara! - reclamou Renan - Não poderia ter esperado mais dois minutos?

- Dois minutos? - riu Caio - eu enrolei meia hora lá dentro. O que você não pegou?

- A última - lamentou-se Renan.

- Ah, deixa de ser chorão, vai tirar pelo menos nove.

- É, tem razão.

- Vamos comemorar, acho que todos fomos bem - sugeriu Mônica - não é, João?

Ele sorriu. Porque tinha certeza que sim.

A semana inteira seguiu em provas, na maioria fáceis. Comportamento extraplanar que tinha a fama de ser difícil dessa vez não foi diferente. Renan havia sido liberado de práticas da fé devido ao treinamento com Oligui lhe garantir isso sob a desculpa de falta de tempo para dedicar aos estudos. Havia ainda as provas práticas e foi na última delas que tudo saiu dos eixos.

Era para ter sido uma prova simples de práticas do combate com armas, onde os alunos lutariam um a um entre si e seriam avaliados, mas dessa vez Oligui resolveu fazer diferente: distribuiu as equipes por afinidades, que ele já havia identificado e colocou equipe contra equipe por falta de afinidade. O ano estava acabando e dessa vez Renan, João, Caio e Mônica iriam enfrentar a equipe de Célio, Alexandre e os gêmeos Diego e Diogo.

Os gêmeos eram gordos e fortes, ambos treinavam para serem cães de guerra e nessa luta estariam mais empolgados que nunca, pois Célio haveria de decidir qual seria seu cão de guerra para sempre.

As armas foram escolhidas e os oito alunos entraram em posição. A luta fora deixada para o final e a expectativa pairava no ar. Muitas pessoas torciam contra a equipe de Renan por causa de Mônica. Doía em seus egos ver garotos sendo derrotados por uma menina. Gritos de apoio a cada um deles era ouvido, não coletivamente, não havia ninguém torcendo por uma das equipes em si, mas sim torciam por seus amigos, individualmente, e todos, exceto Célio recebiam gritos de encorajamento.

- Lembrem-se das regras - disse Oligui aproximando-se do meio do campo - se forem tocados de forma fatal eu sinalizarei e a pessoa deve sair de campo, estão entendidos?

Todos concordaram.

- Mônica, você fica atrás de nós, dê-nos cobertura - disse Renan.

- Tá bem - respondeu passando para trás deles.

- João, você pode cuidar de uma dessas porcas gordas?

- Deixa o gordo da direita comigo - falou apontando para Diogo, um dos gêmeos que, como João, carregava um grande martelo de combate.

- Eu pego o da esquerda então - ofereceu-se Caio.

- Tem certeza? Ele é bem grande - advertiu-o Renan.

- Eu não lhe tiraria o prazer de enfrentar o Célio.

Renan riu e o sinal foi dado. A luta havia começado.

Os dois times correram ao encontro um do outro.

Caio partiu para cima de Diego girando seu magual na mão canhota. A arma possuía uma bola presa a uma corrente que estava ligada a um porrete onde ele segurava. Diferente dos manguais, o mangual de treino não possuía espinhos, mas a bola de ferro ainda sim podia desacordar um homem. Quando chegou próximo a Diego, esse girou seu machado de guerra, uma arma temível: lâmina dupla de machado em uma haste de um metro e meio. Caio abaixou-se bem a tempo de evitar a lâmina atingir-lhe o pescoço.

Mesmo sem fio, tinha certeza de que receberia uma bela cicatriz.

Mônica disparou uma de suas flechas contra Alexandre, mas ele era rápido demais com as garras e na posição de defesa que armara bloqueou facilmente duas flechas que ela disparou em sua direção. Alexandre aproximava-se dela a passos lentos, mantendo-se sempre dentro de sua carapaça de proteção, atrás das longas garras de combate.

A luta de João contra Diogo estava recebendo a maior parte das atenções. O gordo havia tomado velocidade e dera uma voadora com os dois pés no peito de João. Os dois caíram no chão e João sentia o peito doer do pesado golpe que lhe atingira como um coice.

João levantou e recolheu seu martelo de combate. Diogo avançou e atacou, mas João bloqueou seu ataque, haste contra haste em uma luta de dar inveja a dois ursos. Mediram forças por alguns segundos, então Diogo acertou uma cabeçada no nariz do oponente. A torcida urrou em deleite.

Pequeno passou as costas da mão e verificou que estava sangrando. Por pouco não havia quebrado o nariz.

- Quer brincar, gordão?

- Do que me chamou, seu saco de merda?

- Vou abrir você como se abre um porco, lata de banha! - debochou de Diogo, sabendo que os irmãos enfureciam-se quando chamados de gordos.

- Ahhh! - rosnou Diogo enquanto corria em direção a João.

Renan e Célio enfrentavam-se menos calorosamente, haviam se estudado por vários segundos até Renan decidir atacar primeiro, fora um golpe um tanto displicente e facilmente bloqueado pela espada de Célio. Retribuíram mais alguns golpes, os escudos trabalhando tanto quanto as espadas e o cansaço aos poucos passaria a tomar conta dos dois. Gritos com o nome de Renan eram ouvidos e isso inflamava um pouco sua moral, mas ao mesmo tempo dava a Célio uma vontade incontável de vencer.

Caio conseguiu atingir a mão de Diego, dera um golpe de sorte e quando ele foi bloquear, a corrente girou em torno da haste do machado e acertou em cheio a mão do garoto. Olhou para Oligui, mas o professor não sinalizou nada.

Diego gemeu, mas pareceu que o golpe não havia atingido de jeito, senão certamente teria quebrado sua mão. Sangue brotava dos nós dos dedos de sua mão direita, mas ele não ligou. Reiniciou uma seqüência de golpes que obrigou Caio a defender com o escudo. Porém, Diego era forte e o escudo de madeira começou a rachar com a força do impacto da pesada lâmina.

Mônica procurava disparar com a maior freqüência possível, havia acertado a coxa de Alexandre mas Oligui também não considerara um golpe fatal e o ruivo, com seus olhos verdes aparecendo por detrás das garras cruzadas em frente ao seu rosto, avançava metro a metro e ela estava acabando com suas flechas.

João Pequeno aguardou até o último segundo. Diogo correu em sua direção para atacá-lo, colocando o martelo de guerra atrás da cabeça, João girou o seu martelo arremessando-o em direção a ele. Diogo, cego em sua fúria não previra o óbvio e recebeu a cabeça do martelo em cheio no rosto. A torcida gemeu, alguns dentes voaram pelo campo e muito sangue explodiu para todos os lados. Oligui não precisou falar nada, pois o garoto estava desacordado, caído no chão como um saco de batatas.

Ao mesmo tempo que Diogo era derrotado, Diego conseguia cansar o braço de Caio. O escudo tornara-se pesado demais e ele sabia que era apenas uma questão de tempo até que seu braço não obedecesse mais seus movimentos. Já começava a sentir a queimação do ácido láctico que vinha anterior as câimbras, mas não conseguia sair da posição ajoelhada mantendo o escudo acima da cabeça.

Caio tentou levantar-se, ficou desesperado com a previsão de quebrar o braço ou receber uma machadada nas costas. Tentou acertar o escudo na cara de seu oponente, mas esse

foi mais rápido. Esquivou-se do golpe e plantou um chute no meio das pernas de Caio.

O garoto contorceu-se sob o grito de protestos de alguns de seus torcedores, outros riam enquanto Diego acertava-lhe o machado nas costelas. Caio caiu sob uma forte dor. Sentia que, se não havia quebrado algum osso, ao menos tinha rachado. Sabia também que estava eliminado da luta, porém riu antes mesmo que Diego pudesse comemorar, porque havia sido atingido na nuca. Não por ele, mas pela última flecha de Mônica.

Diego olhou para Oligui que anunciou para que ele saísse do campo. Obedeceu irritado e todos riram porque um ponto vermelho projetava-se de sua nuca sem cabelos. Marca da flecha com ponta de madeira havia lhe atingido.

Renan e Célio continuavam em sua luta particular, que envolvia orgulho acima de qualquer prova, porém a luta havia acalorado. Faziam seqüências de golpes e defesas arriscadas, apesar de não quererem, a luta era acrobática e pareciam dois espadachins enfrentando-se, enquanto roubavam boa parte das atenções.

Alexandre examinou Mônica e decidiu que ela não oferecia mais perigo, estava desarmada e viu em seus olhos que estava derrotada, não conseguiria sequer se defender, além disso, teria um difícil combate pela frente com João Pequeno, sendo assim, deu as costas para a garota e com reflexos felinos defendeu um forte golpe do martelo de João. Alguns gemeram achando que os pulsos ou as garras de Alexandre quebrariam, nenhum dos dois ocorreu, mas ele sentiu os pulsos doendo.

João atacou novamente e Alexandre tentou esquivar-se, mas sentiu que não conseguiria então bloqueou novamente o golpe. Também sentiu que não agüentaria mais um golpe desses, o primeiro fora bloqueado por puro reflexo e conseqüência disso foi que deixou os pulsos muito frouxos. Eles latejavam e queimavam como o inferno e Alexandre sentiu que não poderia vencer a luta, decidiu fazer o mais nobre: morrer e levar seu oponente consigo.

Aceitou o golpe de João que vinha lateralmente em direção ao seu peito e agarrou o grandalhão, o golpe chamado abraço de texugo era utilizado normalmente por lutadores especialistas nas garras de combate para morrer e levar seu oponente consigo. Foi atingido ao mesmo tempo que abraçava João, as garras não penetrando porque eram de madeira, mas mostrando a fatalidade do golpe. João tentou soltar-se, mas o abraço do texugo era violento e ele foi derrotado. Oligui fez sinal para que os dois saíssem do campo.

No combate restavam apenas Renan, Célio e Mônica. Os dois garotos ainda degladiavam-se ferozmente e a luta estava empatada e totalmente equilibrada. Lutavam como dois corsos e Oligui orgulhava-se disso, mas o cansaço tomava conta dos dois.

- Você não melhorou nada - disse Célio.

- Você em compensação melhorou muito para conseguir me enfrentar - retribuiu Renan.

- O que acha de resolvermos isso no mano a mano? - sugeriu.

- Como assim? - perguntou Renan.

Célio jogou sua espada e seu escudo no chão e tirou a camiseta.

Oligui observava os dois e a platéia gostava do que via. Gritos de encorajamento para que Renan aceitasse o desafio vinham de ambos os torcedores. Renan aceitou. Jogou sua espada e seu escudo sob a grama e enquanto tirava a camisa Célio atacou. Dois socos atingiram a barriga de Renan e um cruzado na orelha logo em seguida fizeram com que ele caísse no chão. Célio voou para cima dele e pegou-o por trás em uma chave de pescoço.

Renan começou a sufocar. Deu uma cotovelada na barriga dele e puxou-o por cima, fazendo com que caísse de costas ao chão. Tentou cair por cima dele acertar-lhe o cotovelo no nariz, mas Célio rolou e Renan atingiu o braço na grama fofa.

Levantaram-se e estudaram-se por um segundo, ainda ofegavam e o cansaço já se fazia presente em ambos os corpos.

Trocaram mais alguns socos. Sem querer estavam lutando boxe. Nenhum dos dois aplicavam chutes, apenas socos. E também não preocupavam-se muito em defender os golpes um do outro, apenas machucar seu oponente.

Os dois rostos estavam com olhos inchados, bochechas lanhadas e hematomas nas costelas e cabeças, mas não descansavam. Renan aplicou dois golpes na cabeça de Célio que conseguiu esquivar-se evitando que atingissem suas têmporas. Aproveitou a oportunidade e acertou o estomago de Renan que se curvou. Em seguida deu um gancho que atingiu em cheio seu queixo.

Tudo balançou, o céu pareceu girar e uma grande eletricidade invisível tomou conta de seu cérebro.

Renan deu um vôo para trás e atingiu pesadamente o solo, praticamente apagado, vendo seu mundo inteiro girar. Conseguiu ver que Célio preparava um golpe final, um soco em cheio em sua cara, mas algo o impediu, algo o fez retorcer-se em torno de seu corpo e urrar de dor.

Célio olhava incrédulo, com lágrimas de dor e raiva nos olhos enquanto encarava Mônica. O arco ainda nas mãos dela e um sorriso nos lábios, ainda apontando para ele. A flecha que o atingiu em cheio no meio das pernas repousava inofensivamente sobre o gramado. Mônica havia dado sorte dos bloqueios de Alexandre não quebrarem todas.

- Muito bem, parece que temos uma vencedora - declarou Oligui.

Capítulo. 30

- Como será que eles são? – perguntou Mônica empolgada.
- Como assim? São como qualquer outro – respondeu ofendido Ilian.
- Desculpe, Ilian. Não quis ofender, queria saber se são mais altos que nós, se a língua é muito diferente, essas coisas.
- Deixe-me ver... Bem, os russos normalmente são bem mais altos, são grandes e fortes, os cabelos normalmente são claros como os olhos. Os húngaros são mais fechados e um povo bem mais agressivo, possuem o dobro da arrogância dos russos. Já os escoceses são beberrões e brincalhões, gostam muito de competir e normalmente se dão bem com todo mundo que não seja inglês. Também é berço de alguns dos melhores e mais inteligentes alunos do mundo. Quanto a língua, não se preocupe, a língua oficial dos jogos é o inglês e sei que o seu é bom.

Mônica prestava atenção, mas Renan, Caio e João estavam olhando para os portões esperando a primeira escola a chegar. A Cerberus inteira estava no pátio gramado.

A excitação era sempre igual. De quatro anos em quatro anos as escolas mais importantes do mundo se reuniam em uma semana de jogos e diversão para alguns, e uma séria competição para outros. Era a época em que futuros caçadores do mundo todo se conheciam e reconheciam, disputavam habilidades em combates tão reais quanto os que encontrariam lá fora. E para quem vencia: a glória.

Um barulho ensurdecedor iniciou-se. O som fazia o chão da Cerberus tremer e parecia que uma avalanche se aproximava. O barulho arrepiou a espinha até mesmo de João Pequeno que engoliu em seco, aguardando o que vinha pela frente. Alguém de cima de uma torre gritou “eles estão vindo” e rapidamente foi calado pela surpresa do que estava vendo.

Levou mais cinco minutos até que quem estava no portão pudesse ver o que se aproximava. Uma centena de cavalos aproximavam-se puxando carruagens e mais carruagens em direção aos portões de madeira abertos. Renan achou fantástica a comitiva. Viu Célio próximo de Alexandre e seu sangue ferveu. Não conseguiu aceitar nas últimas duas semanas que havia perdido para ele em uma luta de boxe, e o que mais o indignava era que havia sido honesta. Mas teria sua revanche.

As carruagens aproximaram-se e foram parando. Renan conseguiu contar cinqüenta carruagens, todas com bandeiras em verde e branco, um urso desenhado ao meio derrubando um leão e acima de sua cabeça uma faixa escrito Szakrális Magyar Iskolát.

As portas abriram-se e, sem nenhum comando, todos os alunos foram descendo e entrando em uma rígida formação militar, espaçados perfeitamente, meninos e meninas, queixos duros, nenhum sorriso, cabelos perfeitamente cortados e penteados. Caio achou que eles haviam sido fabricados. Os olhos não demonstravam emoção, olhavam para o nada como se não tivessem alma. Todos vestiam roupas pretas com detalhes em verde e tinham o brasão no peito esquerdo e S.M.I. no direito. Apesar do calor, estavam de mangas compridas e não demonstravam desconforto.

Da primeira carruagem desceu um homem alto e magro. Aparentava ter quarenta anos mas mostrava uma virilidade de vinte, usava uma bela e espantosa brilhante armadura, seus cabelos negros foram repuxados forçadamente para trás e uma espécie de banha dava um brilho diferente neles. Possuía um queixo fino que lhe dava um certo ar de fragilidade mas os movimentos ágeis não deixavam dúvidas de que era, ou pelo menos havia sido um lutador formidável. Apesar da rigidez com que aparentemente dirigia a escola húngara, tinha um sorriso franco no rosto e não aparentava cansaço pela longa viagem de navio e carruagem que enfrentara.

- Izidro, meu velho amigo - disse em sotaque carregado abrindo um largo sorriso que deixava transparecer as cicatrizes.

- Professor Gabor, que prazer enorme em lhe revê-lo.

Os dois abraçaram-se e conversaram por mais alguns instantes, então Gabor fez um sinal e todos abaixaram-se, recolheram sua bagagem e começaram a andar. João estava com a boca aberta de espanto como tudo ocorrera, tinha a impressão que vários robozinhos haviam chegado a Cerberus. Eles não riam, não desviavam o olhar, sequer cochichavam entre eles, João não conseguia acreditar como aquilo fora ensaiado.

Izidro tentou avisar que seus alunos ajudariam a levar as bagagens, mas Gabor disse que não precisava, que cada um tinha que aguentar a bagagem que trouxe.

Os húngaros ficaram alojados no pátio sul, próximo ao ginásio que havia sido montado com as arquibancadas de madeira e ferro para assistir a competição de arqueirismo. Alguns alunos do primeiro e segundo ano estavam espiando espantados com a presença das pessoas estranhas, sem falar na facilidade que eles tinham de montar suas barracas comunicando-se com grunhidos e sinais.

Um garoto do primeiro ano chamado Carlos aproximou-se para olhar mais de perto e rapidamente foi enxotado com um xingão de um garoto alto que parecia ser um monitor. Carlos não entendeu do que foi chamado, mas não era algo bom. Pela primeira vez os húngaros riram de alguma coisa.

A primeira ceia desde que chegaram foi oferecida por volta da meia noite. Mesas foram separadas entre os colégios e um bezerro foi morto para dar as boas-vindas aos estrangeiros. Vinho azedo (uma relíquia rara) e água foram servidos em jarras e o enorme salão de festividades estava cheio pela metade. Uma outra mesa comprida foi separada encabeçando as outras onde sentavam-se os competidores.

Catorze alunos da S.M.I e doze da Cerberus sentavam-se a mesa, dentre eles Renan, João, Samuel, Borges, Verber e Denis, um garoto da turma de Samuel que participaria do

torneio com armas letais. Denis não era bonito, mas também não podia ser classificado como feio, tinha o corpo moreno e em forma, um cabelo escuro como carvão e cortado baixo no velho estilo militar. Tinha olhos puxados, fundos e inteligentes, um rosto estragado por espinhas, usava uma jaqueta da Cerberus e mantinha a atenção nos húngaros. Estava sentado entre João e de frente para Renan.

- Tá vendo aquele cara ali, com a mão rosa?

- Sim, o que é aquilo? - perguntou Renan

- Cicatrizes. Aquele é o Quotar, o atual campeão dos armeiros.

Deixou que os garotos digerissem a informação.

- Ele ganhou aquelas cicatrizes trabalhando com as bigornas. Faz lâminas tão afiadas que ao mero toque lhe cortam a carne.

- Ouvi dizer que afia tão bem a lâmina do Gabor que ela sequer faz som quando corta o vento - acrescentou um garoto do quinto ano chamado Péricles que sentava-se junto com ele e iria competir nas provas de vale-tudo.

- Conversa pra boi dormir, Péricles. Não dê bola a tudo que seu cérebro de rato ouve - ralhou Denis.

Os alunos da S.M.I comiam roboticamente sua refeição sem sequer olhar para o lado. O professor Gabor levantou-se e bateu com a faca na taça metálica que continha o vinho azedo. Todos seus alunos largaram os talheres e olharam para frente, sem piscar ou mexer um músculo sequer. Izidro deu sinal para que ele tomasse a palavra e ele agradeceu com um meneio de cabeça.

- Prezados Cerberianos - começou - é com grande prazer que recebo vossa hospitalidade de coração aberto e rogo aos céus que façam desses jogos um momento de fraternidade e competitividade. Mas agora é hora de nos recolhermos, novamente agradeço a bela refeição.

Todos os alunos da S.M.I levantaram-se e retiraram seus pratos deixando-os empilhados sobre a mesa dos pratos

sujos. Caio conseguiu ver algumas das garotas húngaras. Todas, sem exceção: lindas. Cabelos dourados e castanho claros, amarrados em um coque perfeitamente redondo atrás da cabeça, deixando o pescoço nu e mostrando uma pele branca e intocada. Tinha apenas onze anos e seu corpo começava a mudar; seus interesses também, começava a imaginar aquelas garotas nuas. Suas peles suaves e brancas, o cheiro do perfume...

Mônica acertou-lhe um chute na canela por baixo da mesa.

- Ai!

- Não quero nem saber o que você estava pensando!

No dia seguinte a escola americana chegou. Entraram fazendo muito barulho e recebendo meneios de cabeça negativos por parte dos húngaros. Vestiam roupas diferentes, algumas até coloridas. A única coisa uniforme eram os coturnos que a maioria usava, todos tinham pendurados estranhos óculos escuros e Oligui explicou que do deserto onde eles vinham a radiação solar era extremamente forte, fazendo com que precisassem estar constantemente cobertos e de óculos escuros. Desde pequenos eram acostumados a não sair de dia sem proteger os olhos e a pele.

Diferente da S.M.I que não saía de seu acampamento, a Holly Knights desde o início procurou fazer amizades e enturmar-se. Falavam um inglês complexo e Renan várias vezes pediu que repetissem. Ele, Mônica, Ilian, João e Caio fizeram amizade com um grupo de garotos da mesma idade. Um deles iria competir nas provas de armas letais e chamava-se Zack, tinha doze anos e um gládio preso à cintura. Era uma espada com uma lâmina de folha larga e pouco mais de trinta centímetros de comprimento, possuía alguns desenhos na lâmina representando algo parecido com dragões e fogo.

- É a espada de meu pai - disse - ele foi professor na Holly Knights antes de falecer.

- Sinto muito - disse Mônica parecendo nervosa.

- O que você tem Mônica? – pergunto Caio.

- Nada não. João, vem aqui um segundinho.

João seguiu-a, mas já sabia do que se tratava. Mônica queria saber se Max tinha escrito alguma carta para ela. Ele sabia a resposta, mas não queria dar a sua amiga. Sabia que as vezes era melhor que a verdade não fosse encontrada para que menos corações se ferissem, além disso, Mônica era sua amiga e ele preocupava-se com os sentimentos dela. Na verdade, João era do tipo que preocupava-se com os sentimentos de todo mundo, talvez por isso fosse tão querido... e tão facilmente enganado.

- O Max mandou alguma coisa para mim?

- Não, acho que não – omitiu.

Mônica não caiu na lãbia que ele tentou lhe passar e exigiu que ele contasse o que estava acontecendo. João não soube como explicar, mas então a explicação atingiu-a como uma flecha. Ele pôde ver nos olhos dela o que se passava às suas costas e virou-se para confirmar o que imaginara.

Max passava de mãos dadas com uma garota e cumprimentou os dois com um aceno de cabeça. A menina era definitivamente linda: loira, olhos verdes e profundos como duas esmeraldas saltando para fora da cara, tinha um andar elegante que Mônica acreditou que nunca teria e já tinha seios. Não havia competição, na verdade era um massacre e ela sabia disso. Porém, o que mais a enojou foi o símbolo da S.M.I na jaqueta dela.

- Mônica, eu tentei...

Mas ela não se conteve, os olhos encheram-se de lágrimas e ela conseguiu ter a dignidade de virar de costas e não chorar na frente de ninguém. Correu em direção ao banheiro e entrou para afogar-se em lágrimas.

- O que deu nela? – perguntou Ilian ao ver Mônica passar correndo por ele a ponto de desabar.

- Mulheres. Vai entender.

- É verdade, será que não existe um manual?

João não conseguiu rir do comentário. Se alguém escrevesse um manual para determinar o comportamento das mulheres em diversas situações e como os homens deveriam reagir, com certeza deveria ganhar um prêmio.

Os dois esperaram alguns minutos conversando sobre a grande novidade: os húngaros, até que Zack, o garoto da Holly Knights apareceu. Ele usava os óculos escuros por conta do sol e tinha um visual engraçado. Seu cabelo loiro não parecia natural, era espetado e dava um visual flamejante. Não possuíam uniformes como a S.M.I e isso quebrava a barreira de gelo entre culturas diferentes. Zack vestia um colete laranja com uma camiseta prateada que perdera a muito seu brilho, calças surradas jeans e coturnos completavam o visual de maluco que ele tinha. A espada pendurada na cintura dava a impressão de uma pessoa que passou por diferentes planos terrestres e recolheu um souvenir em cada um antes de parar neste.

- Sua amiga está passando bem? - perguntou.

- Ah, ela está um pouco triste, mas vai passar - disse João.

- Triste? - assustou-se - mas por quê? Acabamos de chegar, viajamos mais de um mês em Hovercrafts, mais três dias de caminhada para estarmos aqui e ninguém está triste. Ah cara - virou-se para Ilian - por que seu cabelo é branco desse jeito? O que você passou aí?

João gostou de Zack, tinha um humor que lembrava ele próprio além de um otimismo de dar inveja, decidiu que seria uma amizade que valeria a pena cultivar.

- Um cara quebrou o coração dela, mas já já será apenas uma cicatriz - respondeu Ilian - sobre o cabelo, é uma longa estória.

- Ah bem, pois beleza, vou lá conversar com ela! - afirmou ele, e antes que João ou Ilian pudessem protestar ele já havia ido.

Zack recolheu algumas flores que encontrou num canteiro. Eram pequenas e de diversas cores: amarelas, vermelhas, rosas e brancas. Fez um mini-buquê e amarrou com um pedaço de plástico que estava jogado no canteiro.

Um padre xingou-o por arrancar suas flores, mas Zack não entendia, então achou que não fosse com ele.

Estava eufórico, nunca tinha imaginado conhecer uma terra distante e tão bonita, diferente do terrível deserto de Salt Lake. Admirava a paisagem de morros ao redor da Cerberus, a vegetação verde e exuberante, o cheiro sem poeira. Ouvira dizer que ali caía água do céu e rezou para que pudesse ver pela primeira vez o que os mais antigos chamavam de chuva. Em Salt Lake não chovia há mais de trinta anos. Ficou impressionado como o sol às vezes escondia-se por trás das nuvens e ele podia tirar os óculos. Enchia-lhe de emoção ver como uma escola podia ser construída em tijolos e com todas aquelas formas, já que a Holly Knights era um complexo de túneis e cavernas subterrâneas escavadas há muitos anos.

Zack decidiu que pediria transferência assim que os jogos acabassem. Precisaria se dar bem nas provas e talvez até ganhar, então poderia escolher aonde ir, qualquer escola do mundo, e ele escolheria a Cerberus.

Decidiu que precisava ganhar. Agora, porém, precisava fazer amigos e era para isso que se encaminhava.

Zack encontrou o banheiro feminino, que por sorte estava vazio, mas como na Holly Knights não havia distinção entre masculino e feminino, ele entrou. Ouviu um choro baixo e soube que só poderia ser de Mônica.

Pigarreou.

- Quem está aí? - perguntou ela tentando fingir que não estava chorando.

- Sou eu, minha flor - disse em tom teatral.

- Quem? Acho que está falando com a pessoa errada - Mônica estava visivelmente confusa.

Zack passou o pequeno buquê por baixo da porta.

- Quero saber por que choras, ó donzela.

Mônica riu da atuação dele.

- Ah, nada... deixa pra lá. Bobagens de menina.

- Doce flor, saia desse banheiro que quero poder secar vossas lágrimas e consolar-te em meus braços - disse imitando um romântico apaixonado.

Mônica riu novamente e enxugou as lágrimas.

- Aonde aprendeu isso? - disse abrindo a porta.

- Meu pai tinha uns livros. Cavaleiros, dragões, sei lá, essas coisas, cresci meio fascinado por essa época... nossa...

- O que foi? - disse Mônica assustada.

- Você fica linda quando chora.

Mônica estava realmente linda aos olhos de Zack. O cabelo castanho e liso sempre preso a um rabo de cavalo que fazia uma curva natural valorizava seu rosto fino e de traços fortes, os olhos estavam brilhantes das lágrimas e a boca pouco inchada deixava-a com lábios bem vermelhos e carnudos.

Zack achou que se fosse jogada no meio das húngaras ela facilmente se camuflaria.

Sentou-se no chão do banheiro com ela e conversaram até o dia acabar. Os problemas de Mônica tinham passado sem que ela visse.

À noite os americanos misturaram-se aos alunos da Cerberus para o jantar, sentaram-se à mesa e conversaram animadamente sobre amenidades e sobre as competições que estavam por vir. Zack desejou a Renan boa sorte na prova que iria competir contra ele. Era sua primeira vez também e não poderia estar mais excitado. Aproveitou para lhes apresentar seu colega de infância Mathew que iria competir nas provas de padres.

- Vocês viram aquela caixa enorme que estavam carregando do jardim para dentro? Eram pashits, serão usados nas primeiras provas.

- Como assim? O que terão de fazer com eles? - perguntou João.

- Bem, você sabe o que são pashits, não?

- Sim, me lembro vagamente. São demônios fracos, certo?

Mathew meneou com a cabeça como quem dissesse que a resposta não lhe agradara.

- Sim e não - respondeu - pashits são demônios que podem ser de vera perigosos se você não tomar o devido cuidado. Acreditava-se que pashits eram demônios inferiores, subjugados e burros, mas através de pesquisas realizadas pelos cientistas e padres da Royal Academy descobriu-se quem nos planos inferiores existem pashits que comandam hordas inteiras de outros pashits e até mesmo beliahs. Ankh-o-ru não se sabe, provavelmente não porque são demônios mais poderosos e diga-se de passagem inteligentes. Não se engane meu amigo, pashits podem ser perigosos até demais.

- Sem falar - continuou - que pashits podem realizar alguns pequenos desejos, o que os torna atrativos à alguns homens de pouca fé.

Capítulo. 31

Mathew interrompeu sua fala porque batiam ao portão. Um tempo seco acompanhado de um calor intenso abateu-se sobre a Cerberus e alguns achavam que os jogos que acontecessem a tarde teriam de ser passados para a noite se não caísse uma chuva logo. Izidro sinalizou para que abrissem a porta e o professor Baltazar que estava mais próximo pediu a dois alunos da Cerberus que tirassem a pesada tora de madeira que trancava a porta.

Izidro, padre Johh que era o responsável pela Holly Knights e os outros padres que estavam na mesa principal de banquetes levantaram-se para receber ao som de uma música estranha um amontoado de pessoas que vinham entrando. Eram as escolas escocesa e russa que chegaram ao mesmo tempo depois de enfrentar uma estrada seca e horas de calor que não melhorou mesmo à noite.

Nitidamente distinguia-se quem era russo e quem era escocês. Os russos usavam uniformes verdes camuflados de guerra, todos, inclusive as garotas usavam coturnos e eram igualmente altos, loiros e muito brancos. De início Renan pensou que pareciam meio vampiros, como Ilian ou Oligui.

Os escoceses usavam saias xadrez e todos possuíam cabelos longos com algum tipo de trança ou nó esquisito. Tinham um visual mais selvagem do que qualquer coisa que Renan já vira. Três deles vinham tocando um instrumento estranho que Samuel explicou era típico deles e chamava-se gaita de foles, as saias chamavam-se kilt e era apenas uma vestimenta ritualística que eles usavam para se apresentar, não usavam aquilo o tempo todo, muito menos para competir.

Alguns alunos escoceses pareciam estar bêbados e não era para menos, muitos vinham com canecões de lata vazios e andavam com os braços em cima do ombro de outros colegas entoando canções em uma linguagem

diferente. Caio gostou da música deles e acompanhou o ritmo com a cabeça.

O responsável pela Royal Academy era um homem de barba loira e volumosa, com duas tranças que iam até o peito, tinha penas de águia presa junto aos cabelos que também eram repletos de tranças e uma roupa quase que medieval. Um colete feito de couro que demarcavam alguns de seus músculos, pois, apesar de não ser musculoso, era um homem de peito largo e muito forte. Uma longa capa vermelha caía às suas costas, levava um porrete de aço belissimamente esculpido junto à cintura e apesar do fedor de cerveja iminente que Renan sentiu quando o escocês passou por ele, andava com total sobriedade.

- Angus, Rostov - disse Izidro com genuína alegria - que enorme prazer em revê-los. Venham, juntem-se a nós.

Agora todas as escolas estavam presentes e os jogos teriam início. O salão de festas estava abarrotado e cerca de quatrocentos alunos apertavam-se nas mesas para que todos conseguissem um espaço.

Os russos da A.U.Z não aparentavam sequer incomodo pelo calor, mas Renan sabia que de onde eles vinham o frio mais úmido era apenas uma brincadeira, já os escoceses estavam bêbados demais para sentirem alguma coisa e continuavam mais preocupados em esvaziar os barris de cerveja escura que trouxeram nas carroças.

Izidro deixou que todos comessem e então decidiu que era hora da abertura oficial dos jogos. Levantou-se e pigarreou, mas silêncio não foi feito devido à excitação de tantos alunos com culturas e histórias diferentes.

- Silêncio - falou com voz grave o professor Mathias. Apesar de não ser tão grande quanto Rostov, possuía um respeito no círculo de alunos e até mesmo dos professores das outras escolas. Há alguns anos tinha participado de um grande feito quando decapitou um lobisomem que aterrorizou durante meses sua cidade natal. O feito foi em plena Lua cheia, coisa que poucos sequer teriam sobrevivido à experiência. A partir dali era respeitado por

todos e temido por muitos. Mathias ganhou a atenção de todos, apesar de ser totalmente careca, parecia mais jovem do que realmente era, tinha ombros largos e pernas fortes, seu nariz adunco era motivo de piadas às suas costas, mas a cicatriz das garras do lobisomem em seu rosto lembrava a todos quem realmente ele era.

Izidro agradeceu-lhe com um olhar.

- Gostaria de passar a palavra a nosso primeiro convidado, diretor da Szakrális Magyar Iskolát, professor mestre-armeiro Gabor.

- Igen! - soaram em coro perfeito todos os alunos da S.M.I.

Gabor levantou-se sob o som ecoante de aplausos e com um gesto fez com que cessassem.

- Prezados alunos - em seguida saudou os componentes da mesa principal - não vou demorar-me com frivolidades. Gostaria apenas de salientar o que disse ontem: que todos tenham bons jogos, porém - fez uma pausa - quero dizer também que a Szakrális veio com força total e que não temam meus alunos... ainda... dentro de alguns dias verão todo nosso potencial.

Silêncio fez-se a não ser pelos aplausos dos alunos húngaros. Izidro estava acostumado às provocações apesar de não ser adepto delas, mas era ritualístico e todos encaravam com bons olhos. Começou a aplaudir e foi seguido por todos no salão.

- Peço que o diretor da escola escocesa da Royal Academy of extraplanar hunters, professor mestre-corso Angus McMannus faça uso da palavra.

- Agora vai ser bom - disse Denis - os discursos do Angus são sempre os melhores. Ele sempre desacata o Gabor.

Angus levantou-se ao som de gritos e urros de deleite da parte de seus alunos, vários alunos da Cerberus e da Holly Knights também gritaram pois tinham verdadeira admiração pelo escocês que já conseguira expulsar quase todos os extraplanares da região de Edimburgo.

- Obrigado, velho Izidro - disse em bom-humor o escocês - não estou muito para palavras, estou mais com fome, mas digo a todos: se não puderem vencer, pelo menos aprendam algo de útil com a derrota. Devo dizer também que gostei do discurso do meu colega Gabor... meio arrogante como sempre, mas devo lembrá-lo que a Royal Academy detem mais troféus que sua escola de ferreiros. Se quiser pode ir buscá-los,... até lá,... você pode beijar meu traseiro escocês!

Gargalhadas soaram da mesa principal e de todas as escolas, exceto uma. Até mesmo Izidro e o padre John deram uma curta risada, o diretor Rostov tremeu a boca contendo um riso, mas seus alunos, principais rivais da S.M.I não pouparam deboches. Gabor era o mais arrogante dentre todos os professores e isso refletia-se em seus alunos, mas ele sabia que esse ano seria um ano especial. Havia de ser, tinham treinado além da conta e não se contentaria apenas com troféus de armeiros, não! Dessa vez ele levaria a maioria dos troféus para casa.

- E aproveite e leve seus alunos para selar nossos cavalos Clydesdale! - terminou numa gargalhada alta.

Izidro sinalizou para que todos fizessem silêncio e Mathias teve que intervir novamente.

- O professor mestre corso Rostov, diretor da Akademyia Ubiïts ne Zemlyu, irá proferir algumas palavras - anunciou.

- Obrigado - disse levantando-se - Vão, joguem com honra e vençam. - disse e com isso terminou seu discurso sentando-se.

Aplausos soaram vagamente, pois a maioria não entendeu que o discurso acabara, só depois de alguns segundos que todos aplaudiram.

Izidro levantou-se.

- Passo agora a palavra ao meu querido irmão de fé, diretor da Holly Knights, padre John.

O velho padre John levantou-se sem nenhuma dificuldade, estava entrando nos setenta anos e era mais velho que Izidro, suas juntas doíam, mas o deserto lhe dava uma resistência e uma saúde de ferro, apesar da pele bem

enrugada pelo forte sol. Vestia um hábito marrom e possuía cabelo perfeitamente branco e uma calvíce anormal. Tocou o ombro de Izidro em agradecimento e todos calaram-se respeitosamente. Padre John possuía muito reconhecimento por parte de todos os professores ali presentes por seu conhecimento e sua fé inabalável. Exorcisava como nenhum outro padre no mundo e já fora convocado ao vaticano diversas vezes, possuía métodos pouco ortodoxos e isso lhe aproximava de Izidro e Valeriano. Padres do mundo inteiro procuravam o deserto de Salt Lake para passarem temporadas com John que lhes servia como um mentor espiritual.

- Quanta exaltação, não?- riu, então, em voz fraca, porém confiante começou - Meus filhos... agradeço primeiramente por estarmos todos aqui reunidos na presença de Deus. Mais do que apenas garotos competindo por troféus, mas como o destino do mundo!

Deixou que todos no salão refletissem sobre suas palavras, só então seguiu.

- Vejam essa oportunidade mais que apenas uma forma de trazer glória à sua escola, mas como um aprendizado, como disse, vocês são o destino do mundo! Eu nasci quando o mundo já havia seguido em frente e quando olho para vocês, vejo que há esperança de tudo voltar a ser como era. Que Deus os abençoe e que os dias que estão por vir sejam em Sua glória.

Quando terminou, houve silêncio, suas palavras ricocheteavam na cabeça dos presentes e, após alguns segundos solenes, Izidro pousou a mão sobre a de John em parabenização pelo discurso. Todos, até mesmo Angus, ficaram tocados pelas palavras, exceto um: Gabor, que continuava a pensar na glória da S.M.I neste ano.

Capítulo. 32

A noite que se seguiu foi talvez uma das mais importantes para João. Estava deitado em sua cama quando algo passou por debaixo da porta. O barulho foi leve, mas acordou Ilian.

- O que houve?

- Alguém colocou isso por baixo da porta - respondeu João abaixando-se para pegar o envelope de couro que estava no chão. O envelope parecia antigo, porém mantinha bom estado de conservação, era marrom claro e tinha trinta por vinte centímetros. Estava lacrado com um símbolo que João já reconhecia: um martelo e um machado de guerra se cruzando por trás de duas cabeças de cachorros viradas uma para a outra.

João sabia que aquele era o símbolo dos cães de guerra. Não podia imaginar quem colocaria aquilo ali, tudo bem que era nítido que havia decidido tornar-se um cão de guerra, apesar da confirmação ser em um ou dois anos. A lealdade que tinham entre eles, a sobriedade das ações em momentos de juízo e a agressividade louca e incontrolada que saía para fora como um edema estourando era algo que João sentia ser de sua natureza.

- Quem colocou isso embaixo da porta? - perguntou olhando o envelope, mas não havia nada escrito. Ilian passou por ele e abriu a porta do quarto, olhou para os dois lados e mesmo com sua audição aguçada de meio vampiro ele apenas ouviu passos distantes. Ao pé da porta havia um embrulho que ele levou para dentro do quarto. João não viu o pacote, analisava de todos os pontos de vista o envelope, mas continuou não vendo nada além do símbolo.

- Quem quer que fosse, agora já foi. O que tem dentro?

- Acho que uma carta!

- Jura Pequeno? É claro que tem uma carta, abra.

João estava receoso.

- Não posso, não tem nada dizendo que é para mim.

- Ah, deixa de besteira, claro que é para você! Todos sabem que moramos nesse quarto e além do mais, essa ala aqui é do pessoal do terceiro ano, não há nenhum cão aqui.

No fundo João sabia que Ilian tinha razão, sentia que aquela carta era para ele, algo no fundo do seu coração radiava porque, de alguma forma, a carta fazia ele sentir-se importante, mas por outro lado, sentia medo de que fosse algo ruim... bem, só havia um jeito de saber.

Levou o envelope junto ao fogo e com a unha arrancou o selo preto, dentro havia um velho pedaço de papel amarelado e meio amassado. Não reconheceu a letra e as duas linhas escritas não davam muitas pistas de quem havia escrito, mas era uma letra bonita, muito enfeitada e escrita com uma pluma grossa, provavelmente quebrada ou usada demais, pois os traços eram muito mais gordos que o normal. A outra possibilidade era quem escreveu ser muito forte. No fim, ele acreditava que descobriria.

“Entre pelo bosque das amoreiras, a lua será teu norte, siga-a e encontraráás o que tu procuras. Nós encontramos o que procuramos.”

- O que tem escrito? - perguntou Ilian curioso.

João sabia dos pactos entre os cães de guerra e do sigilo com que eram tratados seus assuntos. Levou a carta até a chama e queimou o papel. Ilian apenas observou, entendeu que o que havia escrito era apenas para João, da mesma forma que ele também tinha muitos segredos para com eles. Não havia nada a fazer a não ser respeitar sua decisão e imaginar alguma coisa.

O meio vampiro jogou o pacote para João que desamarrou a corda e rasgou o papel pardo do embrulho que parecia uma pequena colcha. Era uma batina marrom de pano vagabundo, com capuz como a que o padre Izidro usava às vezes.

Ilian ouviu um barulho pela janela e correu até ela. Alguns vultos, vestidos com a mesma bata que João acabara de receber estavam saindo pelos fundos da Cerberus.

- Acho que é hora de você ir - disse.

João conseguiu facilmente sair da escola, encontrou com dois monitores conversando ao dobrar um dos corredores e pensou que estaria ferrado. A princípio eles tomaram um susto, mas fingiram não vê-lo e seguiram seu caminho dando passagem a ele, como se não existisse.

Entrou pelo bosque ao sul da escola, haviam duas amoreiras que flanqueavam a entrada como duas gigantes guardiãs silenciosas, prontas para estraçalhar quem ousasse invadir seu território. Era o bosque das amoreiras.

João sempre tivera receio de entrar ali, as estórias de calabans na região eram contadas pelos quatro cantos da Cerberus e encontrar um seria morte certa, ainda mais por não estar armado com nada mais que uma faca. Nessa noite, porém, ele estava exalando coragem e seguiu com passos firmes mantendo a Lua sempre à sua frente.

Seguindo mais alguns minutos começou a acreditar que talvez estivesse no caminho errado, ou pior: havia caído em uma cilada. O mero pensamento causou frio em sua espinha. Começou a pensar em quem poderia querê-lo mau, *talvez só o desgraçado do Célio*, cogitou em dar meia volta e se mandar correndo, só então ouviu um balido de cordeiro um pouco mais adiante. Alguns metros a frente ele viu o bruxulear de fogo.

Entrou em uma clareira bem iluminada e ali encontravam-se vários alunos, de todas as escolas, vestidos com as batinas iguais a sua. Conseguiu identificar alguns rostos conhecidos apesar de todos possuírem pinturas no rosto ou máscaras. Ninguém ali usava capuz, então retirou o seu.

- Vejam só quem apareceu, cheguei a pensar que não viria seu bastardo - disse Borges indicando para que ele se sentasse a seu lado. Borges era um negro imenso do último ano da Cerberus, tinha a cabeça raspada e pequenos olhos encravados no rosto que lhe dava um ar de assustador. Tinha um vocabulário pesado e dizia palavrões e xingamentos o tempo todo, mas era boa praça. Não tinha o coração de João, na verdade nem perto disso. Era o cão dos Ursos Vermelhos e João já tinha parado para analisar todos

os Ursos: Borges era impaciente com qualquer um que não fosse cão de guerra, era forte e gostava de demonstrar isso. Fazer com que as pessoas se submetessem a sua força era seu jogo preferido, mas não era covarde, apenas respeitava as pessoas que considerava forte. Verber era o líder dos Ursos, era centrado, racional, politicamente correto e um líder nato, apesar de não medir esforços para o sucesso de seu bando. Max era o mocinho do grupo, simpático, prestativo e caridoso. Já Julius era o completo incoseqüente do grupo. Suas atitudes eram muitas vezes impensadas e colocava os outros em risco, apesar disso era um bom espadachim e o beberão. Por fim, Samuel era o outro impaciente, até mais do que Borges, era em muitos momentos prepotente e audacioso, mas tinha garra e um senso de justiça quase tão grande quanto o de Verber.

Atravessou a clareira e sentou-se ao lado de Borges.

- Eu que lhe enviei a carta, se é de seu interesse. Sabe onde estamos?

Borges olhou em volta: apenas garotos, todos grandes.

- Suspeito que em alguma reunião?

Borges e um outro russo a seu lado riram alto.

- Você me mata Pequeno - disse terminando a risada - esse é o Encontro da Sociedade dos Estudantes Cães de Guerra. Tudo bem que estamos entre trinta aqui, mas nossa sociedade tem muita força, aliás, dentre as categorias, os cães são os únicos que possuem uma sociedade.

- Ainda não sou um cão de guerra, então o que estou fazendo aqui?

- Pode não ser ainda, mas depois dessa noite, tudo será diferente para você. Agora, cale essa boca e me deixe terminar, moleque.

- Sim, continue - disse empolgado com a novidade. Sua excitação era tão grande que seu estômago dava reviravoltas e ele sentia vontade de gritar de alegria. Sentia-se inebriado entre tantos cães de guerra.

- Todos os anos que haja jogos nós nos reunimos no que chamamos de Templo de Madraí, vê? - apontou para um círculo de quase três metros de diâmetro, pendurado por cordas em duas árvores. O círculo de madeira tinha entalhado no meio o símbolo dos cães de guerra e escrito ao redor "Templo de Madraí". - Antes que me pergunte, Marshall foi o avô daquele ali - apontou para o garoto que acabava de se levantar. Era um escocês de quase dois metros, músculos enormes e com pinturas e tatuagens no rosto. O garoto sinalizou para que todos fizessem silêncio.

Todos estavam sentados em troncos que circundavam a grande fogueira no centro, três cordeiros estavam amarrados à uma árvore e João pode identificar Thiago, um garoto do terceiro ano que também almejava ser um cão de guerra.

Não demorou muito e mais três pessoas chegaram conversando, mas quando entraram na clareira cessaram a conversa e sentaram-se junto aos outros. O aluno escocês, Borges tinha lhe dito, chamava-se Frank Marshall e ele era neto de um dos maiores, se não o maior cão de guerra que já existira. Antes de seu avô, o cão de guerra era uma categoria discriminada, indesejada e menosprezada. Meros buchas de canhão destinada somente à escória não pensante dos caçadores, e fora Will Marshall quem organizou e fez a categoria de cão de guerra ser tão respeitada como era hoje.

Frank tinha uma postura ereta natural e um porte de verdadeiro guerreiro, olhos azuis, duros como aço, e um nariz que deveria ter sido bonito antes de ser quebrado. O peito era largo e coberto de cicatrizes, uma delas enorme descendo-lhe pelo ombro esquerdo até o meio da barriga, todas elas estavam acinzentadas devido a uma tintura à base de banha de porco derretida e cinzas que lhe davam um aspecto brutal. Pousada no tronco de árvore a seu lado estava uma imensa espada, com quase um metro e meio de lâmina feita de aço espanhol, a empunhadura estava envolta em couro de javali ainda com pêlos grossos e

negros e no pumo da espada havia uma cruz celta. O guarda mão era feito em pedra dura como o aço, tirada das *highlands* e seu nome era Bás ón speir, que queria dizer Morte vinda do céu.

- Cogadh! - disse com a voz de um trovão. João arrepiou-se com a força da voz e o respeito que ela impunha.

- Cogadh! - responderam todos em unísono. João e Thiago ficaram calados e seus olhos acabaram se encontrando, ambos lendo excitação e medo ao mesmo tempo nos olhos do outro.

- Em verdade vos digo, meus irmãos de aço, é bom vê-los aqui e me reunir à todos. - fez uma pausa enquanto recebia sons de concordância dos outros cães - Um momento especial, além do nosso tradicional encontro, nos traz aqui em meio ao templo de meu querido avô. É dia de iniciação. Cogadh?

- Cogadh! - berraram todos.

Borges deu um cutucão em João e Thiago para que eles se levantassem. A cotovelada foi tão forte que Thiago chegou a dar uma gemida, mas num instante os dois e mais um húngaro estavam de pé.

Frank sinalizou para que os três se aproximassem e eles obedeceram. O garoto húngaro que havia se levantado tinha o cabelo loiro e cacheado, mais parecia um almofadinha do que um cão de guerra, mas suas mãos eram grossas e calejadas e parecia que há muito já empunhava uma espada. Tinha um modo de andar que denunciava uma invejável destreza e seus olhos e sorriso denunciavam um ser traiçoeiro e arrogante, como uma víbora diabólica.

Apesar de parecer ser mais velho que João, era quase uma cabeça menor, seus braços eram brancos e contrastavam bem ao lado da pele bronzeada do brasileiro. Quando chegou a frente de Frank colocou todo o peso sobre uma perna, assumindo uma postura quase relaxada e esquecendo de esconder um ar de desdém pelo momento solene.

Nitidamente estava achando ridículo o teatrinho.

Se Frank viu, fingiu que não, mas Borges e o russo ao seu lado enfureceram-se com a atitude do húngaro. Atrás de Frank Marshall estava sentado um russo chamado Kulik, era uma espécie de mestre de cerimônias. Kulik levantou-se. Tinha um enorme porrete em suas mãos e se tivesse cabelos longos, ao invés do corte curtinho estilo militar, certamente pareceria um homem das cavernas.

Kulik aproximou-se e frente a frente com o garoto húngaro que chamava-se Antal. Encarou-o por um segundo e soltou o ar do nariz na sua cara, como um cachorro que não gostou do que cheirara. Antal não esboçou reação, manteve o sorriso debochado no rosto e sequer ficou ereto para encarar o garoto que era um palmo maior do que ele.

- Se não se ajeitar agora, moleque, juro que arranco suas pernas e enfio no seu cú até você ficar com bafo de merda!
- disse entre os dentes, mas o silêncio era tão solene que todos ouviram.

Antal engoliu em seco e Kulik conseguiu ver um raio de medo surgindo em seus olhos. Rapidamente o garoto ajeitou-se e olhou para frente em respeitosa postura.

- Bom, agora tire a merda de sorriso do rosto!

Antal rapidamente obedeceu. Frank passou o tempo todo calado, apenas olhando o garoto como se nada tivesse acontecido. Borges e o russo abriram largos sorrisos pela humilhação do húngaro. Lászlo o cão de guerra húngaro que havia trazido Antal estava visivelmente irritado por Kulik ter repreendido seu apadrinhado, mas planejava vingar-se no boxe e a mera imagem de sua vitória em sua cabeça fez com que sorrisse e esquecesse o que passou. Desde a última olimpíada, fora Kulik que o derrotara e mantinha o cinturão, recebera um nocaute que ele engoliu durante quatro anos como sorte do russo. Um gancho certo em seu queixo enquanto ele tentava um cruzado com a mão esquerda. Só que dessa vez havia treinado mais, quase todos os dias e iria derrotar o desgraçado, sonhava com o momento e estava tentado em desafiá-lo agora, nesse

momento, mas não podia desrespeitar o templo. Queria vencê-lo em frente à todos, sua glória seria completa.

- Para a iniciação, solicito que cada um indique um padrinho aqui - pediu Frank Marshall - quem você indica, Thiago?

Ficou em silêncio por um momento, não porque não soubesse quem indicar, mas porque estava tenso demais para falar. Teve medo que não fosse o momento de abrir a boca, mas Frank lhe lançou um olhar de que deveria responder.

- Ro... Ronaldo - respondeu nervoso.

Cogadh! Cogadh! Cogadh! - gritaram os cães assustando os três iniciantes.

Ronaldo levantou-se sob os aplausos dos outros cães de guerra. Era um garoto tímido e de poucas palavras, porém, de rara sabedoria, e quando resolvia falar, normalmente as pessoas paravam para escutar, pois sempre saía algo de útil.

Levou tapinhas no ombro e agradeceu, ajeitou os óculos e andou até o centro do templo, ficando um metro atrás de Thiago.

- E você, quem indica, João? - perguntou tirando João do transe.

- Borges - respondeu convicto.

- Cogadh! Cogadh! Cogadh! - gritaram todos alegremente.

Borges também recebeu vários aplausos e alguns assobios como se fosse uma mulher bonita passando em meio aos tarados, alguns gritaram palavrões de sacanagem e o clima ficou mais descontraído. Borges posicionou-se ao lado de Ronaldo e os dois se cumprimentaram.

- Quem você indica, Antal?

- Lászlo - disse ainda sentindo-se humilhado.

Cogadh! Cogadh! Cogadh! - gritaram os cães, sem emoção alguma.

O húngaro levantou-se sob o som de aplausos que duraram apenas alguns segundos e João notou que ele

provavelmente não era muito querido dentre os cães de guerra. Na verdade pensou que nenhum húngaro era.

Cada um dos padrinhos aproximou-se de Kulik e pegou um pote contendo a tinta escura feita de cinzas e banha de porco. Levaram até seus apadrinhados e fizeram pinturas de combate com seus dedos no rosto, no peito e nos braços deles. Então, afastaram-se e foram escoltados até onde os três cordeiros estavam. Haviam sido desamarrados da árvore e um americano segurava dois deles, enquanto outros cães mantinham o terceiro sobre uma pedra, com a barriga para cima e as patas abertas. O animal baliá desesperado, sua barriga fora raspada e a pele estava avermelhada de irritação.

João foi chamado primeiro, Borges lhe passou uma faca de pedra com a lâmina curva, afiadíssima, parecendo um dente de algum monstro. O cabo era de madeira e o aspecto antigo era inegável, porém, João sabia que era uma arma mortal.

- Agora, prestem atenção - disse Kulik - devem estocar o animal na barriga e retirar a faca, depois disso, afastem-se. Estocar e puxar!

- Façam certo e não me obriguem a ensinar em vocês - disse Kulik.

João sentiu um ligeiro tremor no estomago, olhou para o animal e viu o desespero em seus olhos, pensou que talvez não fosse conseguir, mas a faca pareceu queimar em sua mão e soube que não podia falhar. Tinha que ser duro, seria um cão de guerra!

Fincou a faca fundo e o animal deu um grito choroso, então ele puxou e sangue com bile voou em cima dele, os quatro que seguravam o cordeiro soltaram-no e o animal saiu tropeçando e correndo desesperado, mas não conseguiu sair do templo porque havia cães de guerra em todo o perímetro. Correu em volta da fogueira e então caiu, chorava agonizante e ainda tentava arrastar-se, mas depois de mais alguns segundos parou e morreu.

Nenhum dos três entendeu o que aquilo significava, mas dois cães de guerra estavam fazendo o percurso que o animal fizera através de seu rastro de sangue, conversaram entre eles e em seguida um deles foi até Frank e sussurrou algo em seu ouvido. Frank assentiu com a cabeça indicando que entendera e concordara. Em seguida fez um sinal para que Ronaldo entregasse a faca para Thiago.

Outro cordeiro foi posto em cima da pedra e imobilizado pelos quatro homens. Thiago aproximou-se e Kulik que estava ao seu lado repetiu que deveria estocar e tirar a faca.

Thiago estocou e puxou a faca, arrastando-a para baixo e aumentando o tamanho do corte de forma absurda. O cordeiro foi solto e correu desesperado, o sangue que jorrava de sua barriga saía em quantidades bem maiores do que a de João, porém ele correu apenas alguns metros e suas tripas começaram a cair de sua barriga. O animal tropeçou nelas e tombou, então, em desespero começou a lambe-las deitado, chorava desesperado e o medo era evidente em seus olhos. Alguns cães faziam caretas de pena do pobre animal que morreu após um último balido.

Os dois juízes andaram por alguns segundos em volta dos rastros do cordeiro e conversaram entre si, quando chegaram a um veredicto, foram ao ouvido de Frank e lhe contaram o decidido.

Por último Antal foi chamado e recebeu as instruções e a faca.

Com prazer genuíno, fincou a faca diretamente no coração do animal que baliu e sequer se moveu quando foi solto, morrendo ali mesmo no meio da pedra.

Silêncio reinou e apenas os dois juízes se olharam, mas não precisavam discutir, seu veredicto era óbvio. Antal mantinha um sorriso no rosto por seu animal ter morrido o mais rápido que todos, seria aprovado.

- Silêncio! - ordenou Frank Marshall.

- Nessa noite - anunciou - quem for aprovado será bem-vindo para sentar conosco e dividir da nossa cerveja!...

Vocês três mostraram-nos vosso futuro através do sangue dessas criaturas. Thiago, vossas mãos derramaram sangue e carne, podemos aceitar-te em nosso meio, porém, receio que não terás uma vida longa, terás ainda de provar seu valor antes de dividir nossa cerveja.

- Antal - continuou - não vimos caminhos de sangue nenhum feito por vossas mãos, receio que sua vida de batalhas será ainda mais curta e você não se tornará um cão de guerra, pelo menos não do nosso templo. Mas isso já era previsto, pois não tens humildade para ser um de nós, por isso ordeno que se retire!

Antal tinha os olhos marejados. Surpreso e humilhado pela segunda vez na noite não conteve-se.

- Isso é uma palhaçada - disse cheio de raiva.

Grant, um cão de guerra americano e irmão de Zack acertou um soco em cheio na barriga dele. Antal dobrou-se e o americano acertou-lhe um segundo soco na nuca derrubando-o de cara na areia.

- Como ousa profanar nosso templo e blasfemar contra nossos rituais, bastardo? - berrou - vou sangrar-lhe como os cordeiros!

- Não! - berrou um dos juízes - aqui não é lugar, nem a hora dele! Em breve esse momento chegará.

- Fetissov tem razão, guarde a faca e tire esse traste daqui - ordenou Frank.

Grant passou a faca pelo rosto de Antal deixando-lhe uma cicatriz profunda, o garotou grunhiu, então ele guardou a faca e carregou o húngaro juntamente com Lászlo, seu próprio padrinho até a saída da clareira e arremessaram-no como se fosse um saco de estrume. Lászlo estava enfurecido com Antal, sentira-se mais humilhado que ele por ser seu padrinho. Tinha o orgulho e arrogância húngara, mas acima de tudo era um cão de guerra e amava seu templo.

- Se contar alguma coisa do que viu aqui, cortamos seus bagos! - rugiu Grant.

Voltaram ao templo de Madraí e Frank continuou o ritual como se nada houvesse ocorrido. João achou incrível como em todos os momentos ele demonstrou calma e serenidade no encontro, ali encontrava-se o exemplo perfeito de um cão de guerra: centrado e controlado, certamente no futuro iria espelhar-se em Frank Marshall.

- João, o sangue derramado por suas mãos mostrou-nos uma longa trilha de sangue que irás deixar, uma longa vida de batalhas e a partir de agora, podes considerar-se um cão de guerra!

- Cogadh! Cogadh! Cogadh! - berraram todos e tanto ele como Thiago foram abraçados por todos. Foram jogados ao alto e pareciam formigas perto dos outros cães de guerra que eram todos mais velhos e mais fortes. Estavam radiantes de felicidade e Borges, Ronaldo, Frank e cada cão de guerra estava feliz por ter ganho outro irmão.

Capítulo. 33

Celeste odiava trabalhar como faxineira na enorme casa, mas pelo menos seus filhos ganhavam o que comer, então ela ficava calada, mesmo naqueles momentos de terror. Era noite e todos estavam dormindo, exceto ele, *esse seboso...*

Eduardo apalpou seus seios tão forte que ela chegou a gemer de dor. Tentou afastar suas mãos, mas apenas conseguiu um tapa no rosto e uma ordem para que ficasse quieta. Era o filho mais velho do governador e tinha o costume de pegar as empregadas que passavam pela frente quando estava com tesão. Celeste sempre dera sorte, mas dessa vez o azar lhe pegara de surpresa.

Abriu a porta do escritório do pai e empurrou-a para dentro, ela tinha lágrimas nos olhos e suplicou que ele a deixasse.

- Cale-se Celeste! - ordenou aos sussurros - quer acordar todo mundo?

- Por favor, seu Eduardo, deixe-me em paz - suplicou chorando.

- Quanto tempo achou que fugiria de mim?

Celeste não respondeu, estava aterrorizada com a situação. Sabia que muitas das empregadas já haviam sido abusadas por Eduardo, algumas até procuravam isso na esperança de terem um tratamento ou uma vida melhor, mas ela era viúva e tinha dois filhos pequenos. Definitivamente aquilo era surreal para ela.

Eduardo avançou sobre ela e jogou-a sobre a mesa, ela gritou e ele levou a mão rapidamente a sua boca afogando seu grito.

- Se gritar te mando embora daqui, entendeu? Onde vai conseguir comida para seus filhos, hãh?

Celeste concordou com a cabeça. Tinha lágrimas nos olhos e tentou pensar em outra coisa. Tentou imaginar um dia de Sol, passeando de mãos dadas com seu casal de filhos...

mas não conseguia, sentiu nojo quando ele mergulhou a cabeça em seus seios e mordeu forte seus mamilos, gemeu alto e ele mordeu mais forte. Ela começou a chorar de dor e repugnância, mas ele não cedeu.

Eduardo sentou-se sobre a mesa do escritório de seu pai e colocou-a sentada na poltrona do governador, então tirou seu membro para fora e ela assustou-se com o tamanho. Fazia anos que não via nenhum e rezou a Deus para que ele não pedisse aquilo.

Mas Deus não estava ouvindo.

- Chupe-me - ordenou.

Celeste olhou horrorizada com o pedido e fez que não com a cabeça.

- Oras, Celeste, sempre imaginei como seria essa sua boca, tão volumosa, com lábios tão carnudos, aposto que você poderia engoli-lo inteiro - debochou.

- Você é nojento - disse enxugando as lágrimas.

- Já me disseram isso, mas sempre consigo o que quero, agora se você não se incomodar de calar a boca... - disse apontando para o pênis - faria a gentileza?

Celeste não podia acreditar no que estava prestes a fazer, então levantou-se e correu até a porta. Mal saiu para a escuridão do corredor e sentiu seu braço ser agarrado. Eduardo girou-a e colocou-se frente a frente com ela.

- Aonde você vai, vagabundinha?

O estalo veio como uma confirmação.

Eduardo sentiu algo lhe perfurar a barriga antes mesmo de ouvir o barulho do disparo. Uma seta enterrou em suas entranhas e ele sentiu uma dor quente e paralisante, o gosto da bile encheu sua garganta e ele achou que fosse vomitar, então sangue escorreu de sua boca descendo pela garganta e molhando toda sua camisa de seda branca.

Caiu de joelhos atônito, mas ainda vivo.

- Por que demorou tanto? - perguntou Celeste transformando-se da mulher desesperada que tanto

excitara Eduardo em uma mulher maquiavélica e divertida com o momento.

- Desculpa meu bem - disse a voz de um homem armando novamente a besta pesada - estava com uns impropérios - encostou a besta na testa de Eduardo que ainda vivia e começava a chorar por sua vida, então ouve outro disparo.

E para Eduardo, tudo ficou escuro.

João estava a mil. Apesar de não ter dormido direito a noite passada pela excitação dos primeiros jogos da sua vida, sentia-se renovado, mas não podia negar que suas mãos tremiam.

Água gelada foi jogada em seu rosto e ele despertou ainda mais, o banquinho de madeira não era nada confortável e ele tinha vontade de desamarrar as ataduras em suas mãos e lutar com elas nuas. Ouvia gritos dos seus conhecidos e até de alguns cães para que acabasse com o americano.

Gerrard guardou o balde que tivera água gelada e massageou os ombros de João. Verificou displicentemente que após o primeiro round ele não tinha ferimentos graves, apenas um olho inchado e que poderia continuar.

- Preste atenção em mim, Pequeno, em mim, não dê ouvidos à platéia, entendeu?

João confirmou com a cabeça.

- O desgraçado tem o cruzado de direita forte, mas é lento demais, fique longe da mão direita dele e das cordas, entendeu?

João estava olhando para trás de Gerrard, como um cão encoleirado prestes a soltar-se e avançar sobre o inimigo.

Gerrard enfiou-lhe um tapão na cara.

- Merda garoto, preste atenção em mim! Fique longe da mão direita dele!

- Tá bem - confirmou impaciente para voltar para a luta.

O juiz sinalizou e os dois levantaram-se e foram como dois touros desembestados em direção um ao outro. Val era o oponente de João e tinha o mesmo tamanho dele. As pernas eram fortes, porém depois do primeiro round

demonstravam cansaço e ele mal trabalhava sua esquiva. O americano era muito branco e o calção preto destacava-se pelo contraste contra sua pele. O castigo que João lhe aplicara não fora tão pesado quanto o que recebera do americano e Val mal aparentava qualquer sinal de sangramento.

João tentou acertar a distância com jabs e Val previu todos, esquivando-se facilmente, então deu um clinch e acertou-lhe nas costelas. João contorceu-se e tentou acertar-lhe com o cotovelo, mas também passou em branco. As regras do boxe haviam mudado desde que o mundo fora em frente. Haviam se adaptado como tudo adapta-se à realidade a que pertence. As cotoveladas e os agarrões que podiam durar segundos, sem falar em segurar a cabeça do oponente para socar passaram a ser válidas à muito tempo.

Gerrard no momento odiava João por ver o garoto tomar uma surra tão violenta. Era óbvio que ele estava nervoso, mas precisava esquecer que tinha uma platéia assistindo e pensar que estava em uma briga qualquer, senão, não sairia dali inteiro.

João bloqueou mais um soco com as mãos e notou que o americano começava a se cansar, mas não conseguia furar a guarda dele. Se tivesse que esperar até o cansaço fazer o serviço que seus socos não estavam fazendo, provavelmente não venceria. Acertou um soco no estômago de Val, mas não foi em cheio e recebeu um soco sobre a nuca. Caiu no chão e sua visão escureceu. Ouviu a contagem ser aberta e viu o americano fazendo poses para a torcida.

Então viu Célio e os seus dois capachos gordos rindo da sua cara, e como um combustível, aquilo explodiu dentro dele.

Levantou-se no sétimo segundo e avançou para Val que acabara de se virar para ele e não conseguiu bloquear o soco que entrou reto na sua cara. A atadura da mão direita de João saiu pintada de sangue quando ele recolheu o braço e socou com a esquerda pegando nas costelas de Val.

Socou duas, três vezes e sentiu que rachara algumas costelas dele. Não tinha ouvido nada, simplesmente previu e o rosto do americano confirmou tudo.

Val tentou agarrar João para ganhar tempo e levou uma cotovelada no queixo, o americano ameaçou cair, mas João não permitiu. Abraçou ele e manteve-o em pé, Val tentou se soltar, mas a envergadura do brasileiro conferia mais força e em dois passos foi arrastado até o canto do ringue.

João soltou o americano e rapidamente aplicou uma chuva de socos contra sua cabeça. Val levantou a guarda e cobriu o rosto, mas os socos eram pesados e um pegou certo na sua orelha. Tentou acertar uma cotovelada no rosto de João, mas foi sem objetivo e sua guarda ficou aberta, então João na sua fúria de socos acertou por sorte um cruzado de esquerda que atingiu em cheio o queixo de Val.

O americano viu tudo escurecer e não conseguiu sentir mais as pernas, não estava desacordado, mas havia perdido completamente as forças e o controle do corpo, então, como um búfalo abatido, tombou no chão e de lá não levantou.

João ouviu todo o som da vitória. Rugidos da torcida e gritos de *cogadh* de seus irmãos cães de guerra enchiam seu coração de alegria e ele soube o que era a glória. Para ele, aquele momento seria inesquecível, estava impresso em sua alma.

Cap. 33

Eu também conheci a glória em minha primeira luta, foi contra um escocês chamado Kenneth que tinha o dobro do meu tamanho e entrou no ringue dizendo que iria me abrir como um peixe fresco. Oligui estava ao meu lado e disse que não desse ouvidos, mas como eu poderia? Eu não vou mentir que estava com medo, não a ponto de me borrar nas calças, coisa que se fizesse, certamente seria a vergonha da Cerberus para o resto de minha vida. Digamos apenas que eu sabia que a situação não era favorável... mas quem disse que era pra ser fácil?

Renan entrou no ringue com a espada bastarda na mão direita e um escudo na mão esquerda. O ringue era diferente do que competiam os boxeadores. Era forrado com uma areia grossa e cascalho, as margens eram delineadas por correntes e o espaço era bem mais amplo que o do boxe. O calor havia dado uma trégua e o sol estava coberto por nuvens grandes e acinzentadas, um vento correu por seu rosto e o nervosismo era tão grande que o tempo pareceu parar.

Seu oponente chamava-se Kenneth e era uma cabeça mais alta que ele. Também tinha a pele clara e diferente dos cabelos castanhos de Renan, o escocês era ruivo. Feio como um diabo, seu rosto era coberto de sardas e os dentes se projetavam para fora como se fosse um cavalo. O queixo era comprido e largo o que lhe deixava com a aparência ainda mais estranha.

Kenneth pegou uma sabre e um escudo escocês tradicional, que nada mais era do que um pedaço redondo de madeira grossa com detalhes em ferro e um morcego assustador, símbolo da Royal Academy desenhada no centro.

Renan olhou para seu *corner* e viu Oligui ali parado, olhando-o, e ao seu lado Mônica, Caio, Ilian e Samuel gritavam seu nome e faziam sua torcida juntamente com vários outros da Cerberus.

O juiz era o professor Mathias. Ele aproximou-se do centro com uma bandeira verde e fez um sinal cortando o ar para que a luta começasse.

Kenneth atacou Renan com um golpe descendente, tentando acertar sua cabeça, mas Renan bateu com o escudo de lado e a espada passou a três centímetros do seu corpo. Apesar das armas estarem sem ponta e fio, ainda podiam cortar, eram reais e poderiam matar se um golpe atingisse em cheio ou se uma estocada fosse dada com muita força, porém, os competidores tinham ordens expressas para evitarem golpes mortais e Renan planejava seguir o recomendado,... só esperava que seu oponente também.

Kenneth tinha muita força, e cada golpe que dava, Renan bloqueava e sentia seu braço pesar mais. O escudo fazia o conhecido efeito de queimação no músculo de Renan.

Mônica ficou aflita ao ver Renan bloquear tantos golpes e não conseguir atacar com perigo.

- Professor, o Renan não pode vencer essa - disse aflita - está sendo massacrado, olha a cara dele! - Mônica conseguia ver as caretas de Renan a cada golpe que bloqueava e isso a deixava mais temerosa ainda, pois os golpes do escocês eram fortes e ele começara até a brincar com Renan.

- Renan - gritou Oligui - não segure os golpes, você não vai agüentar muito tempo! Bata na espada dele! Tire ela de lado, você sabe fazer isso!

Renan ouviu e não acreditou no que era tão óbvio. Tinha praticado isso uma centena de vezes, e Ilian era um adversário muito mais a altura dele do que aquele brutamente ruivo. Encheu-se de renovada energia e decidiu que agora entraria na luta.

O escocês batia e dava risada das caretas que seu oponente fazia, chegou a fingir alguns golpes e tentar humilhar ele, mas então, quando desferiu mais um golpe descendente em direção a cabeça de Renan, recebeu uma porrada com o pesado escudo. Sua espada saiu para o lado

e sua guarda abriu. Renan levantou a espada bárbara e passou-a no braço de Kenneth que rugiu de dor. Apesar do fio da espada estar cego, um corte fino abriu-se embaixo de seu braço direito e um filete de sangue escorreu em direção a sua mão.

Renan avançou e bateu com o escudo na barriga de Kenneth, mas o escocês conseguiu bloquear boa parte do ataque e o golpe atingiu-o sem força. Kenneth tentou estocar por baixo, mas recebeu o escudo em seu pulso e Renan baixou-o com força, fazendo com que Kenneth quase se ajoelhasse para não soltar a espada, então Renan com destreza ímpar estocou por cima do escudo e acertou as costas de Kenneth. O golpe não teve força, Renan apenas encostou a espada e manteve-a nas costas do oponente. Kenneth sabia que estava derrotado e Mathias deu a vitória para o aluno da Cerberus.

Renan soltou espada e escudo no chão e afastou-se para comemorar.

Kenneth estava visivelmente atônito com a derrota para o mais jovem. Quando voltou a si, foi na direção de Renan com a espada ainda em mãos. Todos fizeram silêncio e a tensão plantou-se no ambiente. Mônica pediu para que Oligui interferisse, mas o meio vampiro não se moveu, apenas observou. Kenneth ficou de frente para o garoto mais novo que acabara de lhe derrotar, então, agarrou a mão direita de Renan e levantou aos céus.

- Duas coisas garota - disse Oligui sem olhar para ela - uma: um dia terás uma sensibilidade para entender o que é uma ameaça e o que é uma pessoa reconhecer sua derrota.

Mônica esperou.

- E a segunda?

- Saberás que os escoceses são honrados na vitória e na derrota.

E assim, Renan teve seu dia de júbilo e soube que ganhara um amigo para o resto da vida.

Capítulo. 34

Aqueles foram dias difíceis... muito difíceis.

As competições continuaram no período da tarde e Samuel também havia derrotado seu oponente e passara as quartas de finais. Juntamente com ele e Renan passaram Marshall e outro escocês, o cão de guerra russo Fetissof, um húngaro chamado Vilmos que derrotara Denis em uma luta muito apertada e nesse momento um americano habilidoso com o mangual acabara de vencer outro russo.

A última luta não era muito aguardada e vários espectadores foram assistir ao boxe. Tratava-se de Antal, o húngaro que fora expulso e humilhado no templo de Madraí contra Zack. Mônica estava lá para assistir e não conseguia conter sua apreensão. No começo, quando as olimpíadas estavam tão longe, era tudo tão excitante, mas agora que via seus amigos participando desses combates ficava extremamente nervosa. Pegou uma medalha de Nossa Senhora que guardava no bolso, na verdade era uma tornozeleira de bebê, um último presente de uma mãe que ela não conheceu quando foi doada. Esfregou a medalhinha e fez uma breve oração por Zack, apesar das milhões de vezes que ele lhe disse para não se preocupar. Ele estava ali para competir e aprender e sabia que ainda não tinha habilidade para se sagrar campeão.

O céu estava mais escuro e as nuvens cobriam o sol proporcionando um abrigo do calor insuportável dos últimos dias. Grant, o cão de guerra que humilhara Antal foi no *córner* de Zack e passou-lhe algumas instruções. Mônica não pôde deixar de notar a semelhança dos dois: o mesmo queixo fino e bem desenhado, os mesmos traços que desenhavam as maçãs do rosto, até mesmo as mãos eram parecidas.

Antal olhou para Grant e o americano estava encarando-o. O húngaro apenas deu um sorriso para ele e virou-se para terminar de se preparar.

Não demorou muito e a luta começou. Zack tentou alguns golpes com seu gládio, mas foram facilmente bloqueados por Antal. Tentou mais uma vez, mas Antal bloqueou novamente com sua espada e chutou-o entre as pernas. Zack dobrou-se e agarrou suas bolas, gemeu e sentiu uma dor lancinante, só conhecida pelos homens, subir-lhe pela barriga e paralisar seus movimentos.

- Qual é, cara?! - disse recuperando-se - isso é apenas um jogo.

- Pra você, é o ultimo jogo - disse entre os dentes. Um sorriso falso e de pura maldade surgiu em seu rosto, então Zack sentiu um tremor na alma e soube que estava com medo. Soube que precisaria desistir agora ou teria de literalmente lutar por sua sobrevivência. Olhou para Mônica, em seguida para seu irmão Grant, e soube que não podia desapontar os dois.

Levantou-se e atacou Antal, mas o húngaro esquivou-se para o lado como um toureiro na arena e bateu com a espada na mão de Zack. Naquele momento ele soube que tinha quebrado a mão, e seu gládio estava pousado na areia, em frente a Antal.

Estava derrotado.

Antal, porém, não via dessa forma, levantou a gládio com o pé e jogou-a na direção de Zack que agarrou com a mão esquerda. Não era sua mão boa, mas recusava-se a sair dali humilhado. Pior, recusava-se a sair dali desapontando Grant e Mônica. Usava a gládio de seu avô. Seu irmão mais velho e a garota por quem se apaixonara a primeira vista estavam torcendo por ele, contando que fosse digno de suas torcidas.

Zack atacou mais uma vez e outra, mas os golpes saíram desengonçados, não era canhoto e nunca tinha experimentado trocar a mão. Aquela era uma luta que não poderia vencer, mas lutaria bem e com garra. Honraria a memória de seu avô e das pessoas que contavam com ele: Grant, Mônica e a Holly Knights.

Zack já estava sentindo o cansaço nos braços, sua mão direita latejava e ele não conseguia mais sentir os dedos. Olhou para ela. Viu que realmente estava quebrada e teve medo de nunca mais conseguir usá-la perfeitamente. O ataque seguinte passou raspando a cabeça de Antal que conseguiu abaixar-se no último segundo e colocou a ponta da espada apontada para a barriga dele.

Os segundos que se passaram, para Zack pareceram uma eternidade, mas para Mônica foi num piscar de olhos. Antal previra que o ataque de Zack iria tirar-lhe o equilíbrio: o golpe foi forte demais, tinha deixado sua cabeça de propósito como uma isca e conseguiu prender o pé do garoto, fazendo com que tropeçasse.

O próprio peso de Zack empalou-o na espada. Antal nem se mexera, fez tudo parecer um acidente, mas Grant e Frank Marshall sabiam que foi proposital.

Zack cuspiu sangue em cima de Antal, ainda não entendendo o que tinha acontecido. Em segundos começou a sentir uma dor na barriga que foi crescendo e tomando-lhe a força das pernas e dos braços, sua espada caiu e fincou-se perfeitamente reta no solo, então Zachary, como era seu nome de batismo escorregou pela lamina e tombou, levantando cascalho e areia.

Grant berrou em desespero e precisou ser contido por quatro cães de guerra que assistiam a luta a seu lado. Mônica não acreditou no que via, pensou que aquilo não fosse real. Correu pela arena e ajoelhou-se ao lado do amigo. Chorava com medo e pegou a mão do amigo.

Mathias gritou por um padre, os únicos que estudavam a ciência médica e poderiam ser capazes de salvar Zack, mas Valeriano, o braço direito de Izidro já estava lá e sabia que nada poderia ser feito. O corte foi fundo demais e todo o líquido das tripas já haviam infectado o resto do corpo.

- Quer se confessar, meu filho? - pegou sua mão e perguntou gentilmente, também com lágrimas nos olhos.

Zack sorriu, estava entrando em outro estágio e a dor se fora, afastou a mão do padre e pegou a de Mônica.

Valeriano deu espaço a garota.

- Eu ia dizer uma coisa para você, assim que terminasse essa luta - tosse - não sei se quer ouvir...

- Quero, quero muito!

Zack tossiu mais algumas vezes, depois continuou.

- Eu queria dizer que - tosse - estou gostando de você - tosse.

Mônica apenas ouvia, as lágrimas saindo como rios que não podiam ser contidos.

- Gostaria que um - tosse - um dia - tosse - você fosse conhecer - tosse - minha - tosse forte - minha casa.

- Eu prometo! - jurou ela aos ouvidos dele - eu te amo Zachary!

Um trovão soou alto nas proximidades e um vento típico passou levantando um pouco de areia, então uma chuva começou a cair lentamente. Ele sorriu e apertou a mão de Mônica junto ao peito.

Zachary morreu sorrindo.

Porque tinha visto a chuva uma vez.

Capítulo. 35

A noite e o dia seguinte foi anunciado luto oficial e os jogos foram suspensos. Mônica estava inconsolável e Caio não pôde esconder que estava com pena da amiga. Duas perdas seguidas: quando conseguiu esquecer Max pela amizade do irreverente, alegre e bondoso Zack, ele morre na arena. Passou o dia seguinte tentando falar com ela, mas Mônica tinha se trancado sozinha em seu quarto na ala feminina e queria apenas curtir sua dor.

Na manhã do segundo dia João foi visitá-la, mas ela também não quis recebê-lo. Então disse pela porta que precisava lhe mostrar algo e estivesse pronta as dez horas da noite ou ele arrombaria a porta e levaria ela a força.

As dez horas, como prometido, João estava novamente em sua porta e ela atendeu ao primeiro chamado. Vestia um velho casaco azul de moletom e calças do mesmo material. Estava visualmente acabada e seus olhos estavam escondidos por uma massa de olheiras, estavam vermelhos e irritados de tanto esfregar e seu nariz entupido escorria catarro toda hora.

- O que você quer, Pequeno? – perguntou quase sem voz.

- Como você está? – perguntou ternamente, passando a mão no rosto da amiga. Mônica deitou o rosto sobre a enorme palma do amigo.

- Vou ficar bem – disse.

- Venha comigo, Mônica.

Nos corredores os monitores trocavam olhares com João e abriam caminho para os dois, apenas Gerrard parou-os em um corredor, mas João lhe disse “cogadh” e para a surpresa de Mônica, Gerrard respondeu a mesma palavra e deu passagem aos dois.

João guiou Mônica através do Bosque das amoreiras e quando precisou afastou alguns galhos para que ela passasse. A garota notou que ele usava uma espécie de batina de padre e isso atiçou sua curiosidade.

- Escute - disse João quebrando o silêncio - tudo o que você ver aqui deverá esquecer, tudo bem?

Ela concordou com a cabeça e continuou seguindo-o até uma luz que bruxuleava por detrás de algumas árvores.

A primeira vista o tempo de Madraí parecia mais um local de acampamento para jovens e não surpreendeu Mônica, o que de fato a surpreendeu foram todos aqueles garotos, em postura solene, todos com um espírito sereno, em pé, vestidos da mesma forma que João e com máscaras ou pinturas no rosto esperando que ela adentrasse seu templo. Havia também um caixão próximo a fogueira e Mônica suspeitou de quem fosse.

A garota hesitou por um momento e Frank Marshall convidou-lhe docemente que prosseguisse.

Mônica adentrou o templo e logo parou sem saber o que fazer. João chegou ao seu lado. Um homem levantou e ela reconheceu Grant. Os olhos dela ainda estavam distantes, como se estivesse perdido em um mar de pensamentos e não naquele local. Ele olhou para Mônica e seus olhos se encontraram, então, abaixou-se e pegou junto ao tronco atrás de si um manto que embrulhava algo.

Grant andou até ela e ofereceu-lhe o embrulho. Mônica esticou as mãos e pegou o manto. Era azulado e cheio de bolotas, como se fosse uma manta de cachorro. Tinha várias manchas e até mesmo fedia, mas Mônica não conseguiu sentir nada disso.

- Acho que o Zachary gostaria que você ficasse com isso - disse.

Mônica já imaginava o que poderia ser. Desembrulhou o manto e viu que segurava a espada de Zach. O gládio que foi de seu avô agora repousava em nas mãos dela. Mônica esticou-o de volta para Grant.

- Não posso aceitar, está na sua família há décadas.

Grant não aceitou, sequer levantou as mãos, apenas olhou fundo nos olhos da garota.

- Escute Mônica - disse ternamente - em apenas uma semana vi meu irmão amar uma pessoa mais do que imaginei ser possível. A alma de Zack agora ocupa essa espada. Carregue-a, porque estará também carregando o amor dele por você.

Mônica ouvia as palavras e tentou controlar o choro, mas ele veio através de soluços e ela desabou em prantos. Grant também não agüentou e começou a chorar, então abraçou a garota e consolou-a em seus braços e foi consolado nos braços dela. Soluçou um pouco, mas manteve-se firme. Mônica encharcava toda a sua batina.

- Seja forte Mônica! - sussurrou - E qualquer coisa que precise, não hesite em me procurar, será como se eu fizesse um favor ao Zack.

Ela concordou com a cabeça. Afastou-se dele e reergueu-se, enxugou suas lágrimas e recebeu o braço de João por cima de seus ombros. Ele lhe fez um afago e caminhou com ela até o leito do caixão.

Dois garotos abriram a tampa do caixão e ela pôde ver o que suspeitara. Zack repousava ali, com o mesmo sorriso que morreu nos lábios. Estava limpo. Havia sido lavado e seu cabelo estava propositalmente despenteado, como sempre gostou de usar. Seu rosto parecia sereno e Mônica teve a certeza que ele se foi em paz.

João afastou-se da amiga e deu-lhe a privacidade que ela desejava. Grant chegou ao seu lado e pousou a mão sobre o peito inerte do irmão. Queria poder acordá-lo, mas sabia que isso era impossível. Ele fez questão de limpar sozinho o corpo do irmão e vira o quanto foi grave o ferimento.

Grant beijou carinhosamente a testa do irmão. Mônica aproximou-se e deu um beijo terno nos lábios do falecido amigo. Sentiu a carne fria e isso lhe causou arrepios, a pele já começava a perder sua elasticidade e parecia uma borracha.

O caixão era uma grande estrutura de madeira e estava recheado de flores e palha seca.

O ritual demorou por mais uma hora. Quem proferiu algumas palavras foi um cão de guerra americano chamado Abraham, amigo dos dois irmãos. Falou sobre sonhos, virtudes, qualidades e o quanto Zack faria falta na Holly Knights, também disse que o assassino de seu amigo pagaria com a vida e que Deus se encarregaria de mandar sua alma de volta ao Diabo. Todos gritaram “cogadh” três vezes.

Em seguida a pira funerária em que Zack repousava foi acesa, e o cheiro da carne queimando foi forte, mas todos ficaram até que só restassem cinzas. Quando todos se retiraram, Grant, Kulik e Frank espalharam-nas em um córrego perto dali.

Capítulo. 36

- Não posso lutar - disse Antal em desespero - vão me matar!

- É um risco que você corre - disse Gabor se importando mais com as unhas do que com a vida do aluno.

- Não é um risco, é uma certeza. Não irei lutar, me renderei no começo da luta!

Gabor fulminou o menino. Antal sentiu que o seu professor lhe colocaria o corpo em chamas se pudesse.

- Ouse envergonhar a Magyar Iskolát e eu lhe darei uma morte muito pior, seu merda!

Antal abaixou a cabeça em aceitação.

- Você armou tudo isso por um orgulho fútil. Assumirá o que fez e essa conversa está terminada, vá preparar-se para a luta! - disse Quotar, o aluno armeiro que era o braço direito de Gabor.

No dia seguinte os jogos recomeçaram e no boxe Kulik já havia vencido seu compatriota Nicolai em uma luta duríssima, já o húngaro Laszlo quase não conseguiu vencer o gigantesco escocês McArthur e levou a luta para a decisão dos juízes. Borges não teve dificuldades para vencer o escocês Douglas e também estava nas semi finais. João preparava-se para enfrentar uma luta duríssima contra um húngaro careca com uma enorme tatuagem das letras S.M.I na nuca.

Na categoria de combate com armas letais o clima estava um pouco mais tenso devido ao acontecido há duas tardes. O americano Christopher já havia passado pelo húngaro Vilmos, tornando as esperanças da S.M.I um garoto supostamente condenado.

Antal entrou na arena e o medo suplantava-lhe as forças e o raciocínio. Recebeu vaias de todos os lados e nem sequer seus compatriotas estavam torcendo por ele. Todos

consideravam-no um homem morto e ele tinha medo de assumir que também pensava assim.

Frank Marshall entrou na arena de peito nu, apenas a sua imponente espada em mãos, os cabelos soltos davam-lhe um ar tribal e assustador. Frank era muito maior e pelo menos quatro anos mais velho. Apesar de ter dezesseis anos, seu corpo não negava uma vida de exercícios físicos e combates. Possuía cicatrizes em todo o peito musculoso, as mãos eram enormes e os braços muito fortes, fazendo com que conseguisse utilizar a espada com apenas uma mão. Calçava botas de combate, calças de pano simples e tinha um enorme bracelete de aço no pulso esquerdo.

A luta teve início e foi rápida. Antal tentou ataques habilidosos, mas Frank era muito mais rápido, inteligente e forte. Desvencilhou-se de alguns e quando o húngaro tentou descer a espada contra sua cabeça Frank agarrou seu braço sem muita dificuldade. O húngaro tentou se soltar, mas Frank passou uma rasteira e ele caiu de costas no chão com os braços abertos.

Frank pisou no antebraço que ele segurava a espada e então bateu com a espada no seu pulso. Antal gritou de dor, sentiu o pulso quebrar e a queimação subir-lhe pelo ombro. Frank golpeou mais duas vezes, como se fosse um ferreiro martelando uma bigorna. O pulso de Antal estava estraçalhado e ele chorava de dor.

Mathias interferiu e encerrou o combate. Frank havia ganhado e Antal estava deitado ao chão, sentindo novamente que fora humilhado. Frank ajoelhou-se perto do ouvido dele.

- Sua alma não me pertence, mas como será um cão de guerra se nunca mais vai empunhar uma arma?

- Desgraçado - chorou Antal - você acabou com meu futuro.

- Você ainda pode ser padre, seu castrado. Agora entende porque o cordeiro mostrou uma curta vida em sangue? Ele não mente.

A platéia aplaudia o desempenho de Frank Marshall que levantou-se e acenou para as pessoas. Saiu do ringue e deu um abraço em Grant que riu o tempo todo.

- Morte seria libertação para ele, meu irmão - disse para Grant.

A luta de boxe de João estava para começar e Caio e Renan estavam no *corner* do amigo, próximos a Gerrard e Izidro. Um alvoroço foi visto e o padre perguntava-se o que havia de errado exatamente quando o governador aparecia.

Ezequiel veio com uma escolta de dois homens e estava visivelmente aflito. Tão logo o viu, Izidro abandonou a luta para fazer uma audiência particular com ele.

Caio e Renan deram de ombros e tentaram incentivar o amigo. João não precisava tanto de incentivo, depois do nervosismo da primeira luta aguardou a próxima com empolgação, não estava mais nervoso e sim confiante.

Seu oponente era o húngaro Marton, o careca da tatuagem. João era mais baixo que Marton também e ambos tinham a mesma idade, cerca de doze anos, porém o aluno da Cerberus possuía uma envergadura maior e músculos mais rígidos, fruto do pesado treinamento com o professor Gerrard.

O sino foi ouvido, e todos os alunos da Cerberus que estavam assistindo outras competições correram para ver o a luta. O boxe era o esporte que mais atraía espectadores, até mesmo que o de combate com armas, porque as pessoas se excitavam com o fato de que no boxe era só você com você mesmo e as chances de se machucar eram bem maiores do que nos outros esportes. Padre John assustava-se como aquilo ainda fazia parte do ser humano.

No começo da luta houveram algumas vaias, principalmente pelo lado dos escoceses que não tinham mais nenhum pugilista na competição. O último fora McArthur que fora derrotado pelo cão de guerra Laszlo na luta anterior. As vaias foram devido a falta de combatividade demonstrada nos primeiros minutos. Marton

e João estudaram-se bastante e não se agrediram além de alguns *jabs* para marcar a distância e o ritmo. Saíram do primeiro round vaiados e alvos de pedradas.

O segundo round foi mais movimentado e os dois saíram bem arrebatados quando o sino soou anunciando que o round acabara. A platéia estava mais inflamada e João viu que os escoceses e americanos tinham aderido à maior torcida que era da Cerberus. Gritavam seu nome com uma pronúncia engraçada e quase não conseguiam dizer Pequeno.

A luta foi para o terceiro e último round e pôde-se dizer que João venceu com um golpe de sorte. Acertou um direto de esquerda ao lado da cabeça do húngaro e sua visão escureceu. Atingira algum nervo na cabeça de Marton, ou talvez o soco fora muito pesado e balançou demais o cérebro dentro do crânio. O juiz teve que interromper a luta porque o húngaro estava visivelmente cego.

João comemorou nos braços do treinador Gerrard e vários colegas da Cerberus e das escolas americana e escocesa vieram lhe dar os parabéns, inclusive seu próximo oponente: seu amigo Borges.

Apesar disso, sabia que a luta tinha sido talvez a pior do campeonato.

Capítulo. 37

- Não posso acreditar no que estou ouvindo - disse Izidro tentando esconder o quanto estava pasmo.

- Sim meu querido amigo. Encontrei meu primogênito morto - disse o governador com pesar na alma.

- Bom Deus... - raciocinou - quem poderia ter feito tal atrocidade? E por quê?

- Lembra que alguns de seus garotos foram à minha casa, enquanto eu viajava, para resgatar uma menina que havia sido possuída por nosso inimigo, Baltisserath?

- Claro que lembro, mas faz muito tempo. O que isso teria a ver com a morte de Eduardo?

O governador abriu uma bolsa e retirou dois panos enrolados, então desamarrou um e mostrou seu conteúdo.

- Essa foi a seta de besta encontrada naquela noite, no parapeito da janela de um dos quartos, e essas - desenrolou o outro fardo - foram as flechas que mataram o meu filho.

Izidro analisou apavorado as três setas. Eram idênticas!

- Quem estava usando aquela besta na noite em que Baltisserath esteve em minha casa, é o mesmo desgraçado que matou o meu filho.

O padre continuava apavorado com a notícia, mas era um diretor de academia, tinha que manter o controle e raciocinar. Aquilo não provava nada, poderia ser duas pessoas utilizando a mesma arma, bestas não eram difíceis de serem encontradas por aí e com a aparição de calabans nas redondezas, as pessoas nas vilas estavam se armando cada vez mais.

- Essa seta tem a marca da Cerberus?

O governador pegou a seta e como não viu nada, negou com a cabeça.

- Então isso não é prova, meu querido amigo.

- Nós temos uma confissão.

Izidro empertigou-se na cadeira para ouvir o que não estava acreditando.

Meia hora depois, Max estava sentado na sala do diretor.

Não entendia o porque estava lá e o diretor Izidro estava sentado à sua frente e visivelmente irritado. Ao seu lado, o governador estava virado para a janela. Sequer havia olhado para Max em algum momento.

- Max, onde você esteve na noite de anteontem?

- Como assim padre? O que estou fazendo aqui com as disputas acontecendo lá fora? - disse dando uma risada.

- Escute aqui moleque, sua situação é deveras complicada e se eu fosse você eu responderia logo a pergunta! - esbravejou o padre.

Max ficou nervoso. Parecia que a situação era mais complicada do que imaginou e ele começava a se ver em um mato sem cachorro. Um trovão caiu nas proximidades e os vidros do escritório tremeram.

O ambiente era tenso e ele gostaria muito de saber o que o governador, que sequer ele sabia o nome, estaria fazendo ali juntamente com o seu diretor em um interrogatório que ele também não sabia do que se tratava.

- Bem padre, depende do horário, mais cedo eu estava assistindo os jogos, quando acabaram eu fui para meu quarto e fiquei lá.

- Você divide o alojamento com quem?

- Com o Borges, um dos garotos do meu bando.

- Ele é seu álibi?

- Não, ele não estava naquela noite, foi para o encontro dos cães de guerra.

- Você tem algum álibi? - perguntou irritado.

- Nenhum, agora posso saber o porquê disso tudo?

O governador virou furioso e pulou por cima da mesa do padre, agarrando Max pelo pescoço.

- Você matou meu filho, seu filho da puta desgraçado! - gritou.

Max conseguiu facilmente desvencilhar-se do velho que tinha as juntas duras e noção nenhuma de combate. Agarrou seus dois pulsos e fez uma alavanca com o corpo arremessando-o no chão, então imobilizou-o.

- Eu fiz o que? - perguntou apavorado, ainda não acreditando no que ouvira.

Izidro explodiu com o que acontecia em seu escritório, logo em frente ao crucifixo da parede. Impôs toda a sua moral em um grito forte que fez com que os dois parassem de brigar.

- Não aceitarei esse tipo de comportamento em meu escritório senhores!

Max ainda ressabiado soltou o governador e ajudou-o a se levantar. Sentou-se na cadeira para digerir a acusação que estava sendo feita contra ele.

- Max - disse o diretor com voz serena, porem passando a seriedade do assunto - tem uma confissão contra você...

- Confissão? Como assim? - Max havia afinado a voz, típico de quem está desesperado e indignado ao mesmo tempo, mas o governador não caiu naquele fingimento.

- Minha empregada Celeste, sob alguma... pressão... - disse tentando aliviar o sentido de tortura - ...contou-nos que você matou meu filho no momento que ele flertava com ela. Atirou-lhe essa seta no coração e essa no meio da testa - mostrou as setas marcadas com sangue seco.

É claro que Celeste havia dito que Eduardo tentara lhe estuprar, mas o governador sabia bem usar as palavras a seu favor. O governador sabia que Eduardo não fora santo, mas tinha o maior orgulho de seu primogênito. Agora ele estava sete palmos abaixo da terra. Alguém iria pagar por isso.

- Escute, governador, não fui à sua casa, não conheço empregada nenhuma sua e não matei ninguém, nunca matei!

- Max, tem ouvido vozes? Sentido alguma coisa estranha? - perguntou calmamente o padre.

- Não, não tenho! O que havia em mim já saiu! - protestou irritado.

- Até que seja provada sua inocência, teremos que prendê-lo. E depois investigaremos o chefe da armoreria, para saber como você, ou quem cometeu o crime teve acesso à arma sem autorização.

Max sabia que estavam falando de Verber, e se não descobrissem o que aconteceu, os dois iriam dançar.

Capítulo. 38

Grupos de caçadores de extraplanares eram difíceis de serem formados, não só na Cerberus, mas no mundo inteiro. As escolas não formavam mais que dois ou três grupos por ano e mesmo quando formavam, apenas um ou nenhum se destacava. Esse era o caso da Cerberus. O bando dos Ursos Vermelhos de Verber, Samuel, Julius, Alfredo, Max e Borges estavam se formando e juntos com eles mais ninguém.

No entanto era um grupo acima da média. Mas estava pestes a se acabar para sempre.

O calabouço ficava no subsolo da Cerberus e era espaçoso, úmido e fedia a uma mistura da mais escrota origem. A claridade entrava por uma pequena fresta na parede norte, mas nenhum raio de sol atingia a outra parede, pois era um dia nublado e a chuva caía como se nunca mais fosse cair novamente. A água escorria para dentro do quarto e ensopava o chão de pedra, mas por sorte corria para debaixo da porta e saía.

A porta se abriu e Verber foi empurrado para dentro.

- Você também? - perguntou Max.

- Quando me disseram o que aconteceu contigo, eu não acreditei, então vim te fazer companhia.

Max riu do sarcasmo e convidou Verber a sentar-se na cama com ele.

- Vou te fazer uma pergunta a qual já sei a resposta.

- Quer saber se matei Eduardo? - adivinhou Max.

- Você matou o filho do governador? - perguntou Verber sem olhar para o amigo.

Max apenas olhou para ele e a resposta transpareceu em seu silêncio.

- Então alguém armou para nós - concluiu o líder dos Ursos.

Enquanto os dois aguardavam um julgamento, os jogos continuavam mesmo debaixo da chuva forte.

A competição de luta-livre terminou na mesma manhã, com a Escócia facilmente se sagrando campeã, título que antes pertencia a Cerberus, com o já formado João Lucas. Houve poucos aplausos para o escocês, porque afora o boxe e a competição de combate com armas, pouca gente assistia as provas de luta livre e atletismo. A competição de armeiros, junto com o levantamento de pesos e a prova de artilharia também atraíam mais pessoas.

A competição de padres, por sua vez, era reservada e ninguém podia prestigiar.

O levantamento de peso contava com competidores fortes e cada vez levantando mais ferro do que se poderia supor e isso aguçava a curiosidade das pessoas. A artilharia era a única competição onde as meninas podiam competir e aí os marmanjos ficavam de prontidão, principalmente porque a atual campeã, a húngara Karol iria competir e ela além de um talento sobrenatural, era o sonho de muitos alunos presentes.

As provas dos armeiros eram das mais variadas e os alunos gostavam de assistir porque exigia extrema habilidade e precisão, todos imaginavam quais seriam as provas e as apostas estavam rolando a mil.

Na mesma manhã acabaram as primeiras provas de levantamento de peso, onde cada escola poderia inscrever um aluno e dois já haviam sido eliminados: o brasileiro Anselmo e o russo Pavel, restando na competição o húngaro Gera, o americano Bernard e o atual campeão, o imenso escocês Fisher.

Mesmo Anselmo tendo sido eliminado, era tratado com enorme respeito e quase que como um herói, porque qualquer um que participasse dos jogos tinha provado muita coragem e valor. Não era fácil, a Cerberus, por exemplo, tinha quase trezentos alunos e desses, apenas dez tinham conquistado o direito de competir.

Fora as competições de boxe e de combate com armas letais, todas as outras provas só aceitavam um competidor por escola, por isso iniciavam depois, e seu sistema não era através de chaves, e sim de pontuação e eliminação do pior da prova.

Nas primeiras provas de arco, a americana Sheila e a escocesa Grace foram eliminadas e a atual campeã, a húngara Karol, atual campeã dos jogos teve uma pontuação bem maior com sua besta a gás, uma arma de última geração que gerou curiosidade nas pessoas. Tal arma só poderia ter sido fabricada pelos armeiros húngaros. Apesar da beleza e arma da húngara, a grande surpresa foi o russo Dimitri que a acompanhou de perto e usava um arco curto, o que era bem mais desvantajoso em relação à besta. Mauricio disse a Catharina, a competidora brasileira, que se quisesse vencer teria de se esforçar muito mais.

No atletismo esperanças surgiam com o brasileiro Péricles. A primeira prova foi de corrida de cem metros e mesmo abaixo de chuva ele ficou em primeiro eliminando o russo Yerik e mais tarde na maratona de mil e quinhentos metros venceu no final, eliminando o húngaro Timar.

A chuva deu uma trégua e o sol abriu para a alegria geral, então o almoço foi servido ao ar livre nas enormes mesas do salão que foram trazidas para fora pelos próprios alunos. Carne de porco foi servida junto com arroz duro, batata, mandioca e cerveja aguada para homenagear os convidados.

As comemorações duraram quase três horas e um russo e um escocês brigaram e precisaram ser separados porque estavam bêbados demais. Foram arrastados até o calabouço e jogados dentro de duas celas para passarem a noite.

Verber e Max viram os dois sendo arremessados como se fossem animais. Estavam tão bêbados que não se levantaram. Do jeito que caíram ficaram estirados no chão e não demorou muito o escocês estava roncando.

Max não pôde deixar de rir, mas Verber não deu muita atenção aos dois e se concentrou no que estava fazendo. Aquela não era uma fechadura tão complicada. Na verdade para ele era simples, já que o cadeado foi ele que construíra há alguns anos.

- Ei Max, ta vendo aquele bracelete do russo? Consegue pegar para mim?

Max esticou a mão pelo meio da grade, mas não alcançou o braço do russo, então, como se fosse um homem das cavernas, agarrou os seus cabelos e puxou-o mais para perto. O garoto estava tão mal que nem fez menção de acordar.

- Aqui. - passou para Verber o bracelete. Verber abriu o bracelete e pegou apenas o ferrolho que servia para travá-lo. Era uma estrutura fina, porém era feito de alumínio e Verber soube que seria perfeito.

- Agora só temos que esperar a noite. Descanse, porque a noite será longa - Verber deitou em uma das camas e tentou dormir. Max procurou fazer o mesmo, mas ao mesmo tempo pensou se os outros Ursos saberiam onde os dois estavam.

Os jogos da tarde foram recheados com mais emoção. As provas de armeiros iriam iniciar e os competidores estavam sentados em uma grande mesa com cinco rodas de amolar. Alguns estranharam porque apenas quatro competidores sentados.

- Onde esta Verber? - perguntou Caio a Julius e Alfredo, mas eles não souberam responder.

- Se ele não aparecer logo será desclassificado - comentou.

Foi o que houve. A competição começou depois que Izidro chegou aos ouvidos do professor Petrov e disse algo. Petrov mostrou bastante irritação, mas com um sinal de Izidro de que não havia mais conversa, o húngaro deu um sinal.

Os armeiros começaram a trabalhar. Todos possuíam um facão de trinta centímetros de lamina e começaram

rapidamente a amolar na pedra que girava com a velocidade que eles moviam os pedais com os pés.

Petrov foi a frente da mesa e voltado para o público sentado nas arquibancadas explicou a prova. Cada um teria o tempo de trinta segundos para alcançar um fio que tivesse profundidade de corte entre quatro e seis centímetros. O que não alcançasse, ou se no caso todos alcançassem, o que se distanciasse mais da profundidade média de cinco centímetros, estaria eliminado.

Essa era uma prova de precisa, não era o simples amolar de uma lamina, mas sim de saber o ponto exato. Nem afiar demais para cortar acima dos seis centímetros, nem de menos, para não alcançar os quatro. Os armeiros afiavam três ou quatro segundos e passavam a lamina repetidas vezes no polegar para testar o corte, analisando se precisavam amolar mais ou retirar um pouco do fio.

Ao final da explicação Petrov deu ordem para que parassem de amolar e todos obedeceram. Um bloco de banha de porco foi trazido por um aluno das séries iniciais da Cerberus e Petrov dividiu a banha em quatro com uma faca afiada, em seguida colocou a banha na frente de cada um deles e juntamente com mais dois juizes de outras escolas pegou um dos facões e gentilmente pousou sobre a banha. Repetiu com todos os outros facões.

Os espectadores não conseguiam ver o quanto a faca penetrava sozinha na banha, sem o peso da mão, mas os juizes colocavam uma régua dentro do corte e mediam a profundidade. Ao final de alguns minutos de discussões, todos tinham alcançado a faixa de quatro a seis centímetros, mas Gunnar, o aluno da escola russa foi eliminado por dois milímetros. Comemorações foram ouvidas das torcidas, menos da russa que xingava em sua língua incompreensível.

As banhas foram retiradas e um carrinho com cinco bigornas foi arrastado até a frente da platéia, em seguida foram trazidas marretas e cinco espadas com as laminas tortas. Petrov explicou que a segunda prova consistiria em

cada armeiro tentar deixar a lamina o mais reta possível no período de cinco minutos. Qualquer lasca que fosse arrancada da lamina seria eliminatória para o armeiro.

Quotar, o armeiro húngaro desconfiou da facilidade da prova. Havia alguma pegadinha em uma prova tão elementar. Quilo era bem mais fácil do que a primeira prova e não fazia sentido ser depois. O sinal para começar foi dado e ele teve uma idéia ao pegar a espada.

Lambeu a lamina, sentiu seu sabor e após um segundo sorriu enquanto começava a martelar delicadamente a lamina, havia sentido seu gosto para confirmar, mas pelo peso da espada soube que aquilo era uma liga de alumínio com estanho. Era um dom que poucos armeiros tinham o de sentir o material pelo paladar.

A liga de alumínio com estanho fazia a espada parecer de aço, o que fazia com que os armeiros aplicassem uma força extra na marreta, já que não havia brasas para esquentar o aço. O estanho dava alguma dureza a arma, pois o alumínio era muito maleável, mas mesmo assim, essa dureza era muito inferior ao aço e, como previra, o armeiro americano bateu forte demais na lamina e ela entortou em um ângulo perigoso, quase arrancando uma lasca. Ele nitidamente ficou assustado, mas o escocês foi mais infeliz, aplicou uma força tão grande na marreta que quebrou um pedaço da lamina.

No instante seguinte Petrov parou a prova e eliminou o escocês que não entendia o que ocorreu. Ele já reparara inúmeras laminas sem o auxilio da brasa e nunca vira uma tão maleável.

- Para todos que almejam um dia serem armeiros de verdade, saibam que a característica principal de um armeiro é a paciência. Tinham cinco minutos, era mais que o suficiente para sentir a dureza do metal e fazerem um serviço bem feito - anunciou Petrov, ainda indignado porque sabia que o único a oferecer combate a Quotar seria Verber.

A semifinal do boxe e do combate com armas e a final dos armeiros, atletismo e arco ficou programada para o dia seguinte, pois haveria uma grande comemoração a noite e os preparativos estavam sendo feitos.

- Por que você não compete, Alfredo? - perguntou Renan que se juntara a eles para assistir a segunda prova dos armeiros.

- Acho uma blasfêmia usar a fé em coisas tão triviais como jogos - respondeu indignado - ainda mais as provas que são propostas.

Um grupo de cerca de dez padres de todas as escolas sentavam-se em uma bancada de juizes em uma sala, todos olhavam para uma enorme fenda protegida por um vidro que dava em outra sala. A sala era toda de pedra, iluminada por muitas velas e tochas e havia a grande caixa metálica no meio. Os juizes estavam um pouco tensos e todos os competidores entraram. Ficaram ao redor da caixa e esperaram.

Foram recomendados a orar antes do início e foi isso que fizeram. Pediram proteção a seus santos e espíritos da guarda, quando um barulho de ferro se iniciou.

Uma corrente foi puxada e as laterais da caixa caíram. Por alguns segundos o silêncio que já estava instalado pareceu mais profundo, então, lentamente o que estava no interior da caixa se revelou.

- Onde estão Borges, Max e os outros? - perguntou Renan sentado a mesa de banquetes junto com Caio, Alfredo e Julius.

- Não sabemos, o Caio nos fez a mesma pergunta. O Max deve ter dado uma escapulida com aquela delícia que ele namora - respondeu Julius gargalhando.

- Cale a boca Julius! Max não seria doido de fazer isso do lado dos padres! - disse Alfredo visivelmente nervoso.

- Talvez não aqui, mas deve ter arrastado ela para a mata - e gargalhou novamente fazendo movimentos com os quadris como se fizesse sexo.

Alfredo afastou-se irritado e deixou os três rindo, na mesma hora que Samuel e Borges estavam chegando e perguntaram por Max e Verber, recebendo as mesmas respostas.

O homem que saiu da caixa era um homem baixo, com pouco menos de um metro, tinha um cavanhaque e cabelos escuros, a pele era um pouco morena, como se fosse asiático, mas Mathew, o aluno americano soube que não era. Era um demônio.

Os pashits eram demônios de categoria inferior, porém muito espertos e manipuladores. As vezes apareciam sob forma de humanos pequenos, mas na sua forma natural eram feios, possuíam os olhos fendidos como cobras, pele escamosa e em alguns casos, até uma cauda e chifres podiam ser vistos, dependendo da fé do padre.

A corrente do homem foi puxada, em direção ao padre brasileiro. Alisson não se moveu, encarou o demônio nos olhos e continuou a rezar. O demônio aproximou-se até uma distância segura e sorriu. Parecia estar estudando o padre.

Como mágica, seus olhos mudaram de cor e forma e a pele pareceu ficar escamosa e alaranjada. O pashit notou isso e ficou visivelmente irritado, mas não disse nada, então, após um sinal do padre chefe, a corrente foi puxada e o demônio dirigiu-se para o padre russo ao lado.

Pashits eram extremamente sensíveis a fé verdadeira, e os padres analisavam o comportamento do demônio ao ser obrigado a ficar em frente ao padre e como seus poderes se comportavam. A habilidade de um pashit em manter a forma que quisesse só podia ser quebrada diante de uma demonstração de fé e a de Alisson fora considerada mediana, pois apesar de perder seu poder, mostrando parte de sua aparência, o demônio não demonstrou medo diante dele, apenas uma curiosidade mórbida.

O Pashit chegou a frente do aluno russo, ficou imóvel por um segundo, concentrando-se em manter sua forma humana e enganosa, mas com ele também falhou, seus

olhos voltaram a ficar fendados e a pele alaranjada, chegou a dar uma ligeira tremida, mas foi só.

Em seguida a corda foi puxada e o pashit ficou de frente ao aluno escocês. O pashit encarou o garoto nos olhos da mesma forma e num piscar de olhos sua forma mudou. O demônio ficou visivelmente irritado e pulou com as unhas afiadas na direção do rosto dele, Martin assustou-se e caiu no chão, mas o pashit não conseguiu alcançá-lo porque a corrente fora segurada. O ser tentava de todas as formas alcançar o garoto e gritou palavras em uma linguagem demoníaca que ninguém conhecia, então novamente foi arrastado e se recompôs para enfrentar o próximo.

A fé do escocês Martin, como a dos dois anteriores foi classificada como mediana, pois, apesar da brusca mudança, o que significava que Martin tinha uma fé bem pura, o garoto tinha medo, se não tivesse, o demônio não o teria atacado. Quem tinha fé em Deus não deveria demonstrar medo.

A corda em seguida foi puxada em direção ao aluno húngaro. O pashit, como com os outros, olhou-o diretamente nos olhos. Sua forma continuou inabalável e ele coçou o cavanhaque sarcasticamente como se esperasse. O Húngaro vendo que o pashit não alterara sua forma começou a rezar com mais força e mais alto.

O demônio começou a gargalhar do garoto.

- Qual o problema Balász, tá com falhas na conexão com seu Deus?

Balász continuou a rezar e olhou para o demônio, então fechou os olhos e rezou mais alto.

- Seu Deus te abandonou Balász. Da mesma forma que sua mãe te abandonou... e da mesma forma que você abandonou sua irmã doente na Hungria.

Balász abriu os olhos não acreditando no que ouvia

- Isso é mentira! Não abandonei ninguém demônio - disse abalado.

- Tsc, tsc - balançou a cabeça pesaroso - abandonou sim, e por causa disso ela morreu! - falou serenamente.

- Você mente demônio desgraçado! - Balász estava segurando o choro.

- Ela esta aqui, quer falar com ela?

- Cale a boca, eu ordeno!

- Balász, você volta para me ver, não volta?! - disse o pashit com voz de sua irmã Pietra que ficara na Hungria tratando-se de uma pneumonia que já estava muito avançada.

- Cale a boca, desgraçado - Balász havia caído de joelhos.

- Você me prometeu, Balász - continuou fazendo a voz.

- Eu mandei você calar a boca! - o garoto pulou em cima do demônio com as mãos esticadas para agarrar seu pescoço, mas ele já estava preparado e mordeu o dedo indicador de Balász arrancando-lhe fora.

O pashit foi puxado pela corrente em direção a parede e continuava gargalhando de forma doentia, divertindo-se com o que causara. Mathew e os outros competidores foram em socorro ao húngaro que estava com a mão sangrando muito e chorava copiosamente por causa de sua irmã.

Mathew levantou-se e foi andando em direção ao demônio.

- Agora é minha vez! - disse para ele.

- Pode vir você também! Tu não tens fé! - gritou para ele ainda gargalhando.

Quando Mathew aproximou-se dele, imediatamente a gargalhada cessou e o pashit pareceu assustado.

A transformação do demônio foi imediata e além das outras, uma cauda apareceu, pequenos chifres que rodearam a cabeça como uma pequena coroa vagabunda surgiram num piscar de olhos e os pés e as mãos ganharam garras pretas e afiadas como as de uma águia.

O pashit virou-se para a parede atrás dele e começou a arranhá-la desesperado, tentando escalá-la em visível agonia.

- Estas diante do poder de Deus, demônio!

O pashit gritava alucinado palavras em língua demoníaca.

Os padres vieram a grande demonstração de fé e deram um sinal. A corrente foi puxada e o demônio foi levantado até uma polia enorme próxima ao teto. Seu pescoço pressionou-se contra o metal e a corrente começou a enforcá-lo.

Ankh-o-rus, os demônios mais fortes e que não possuíam uma forma física só podiam ser derrotados pela fé verdadeira. E cada vez mais ficava difícil encontrar padres bons nisso. Pashits e beliahs, por sua vez, podiam ser mortos de forma física, alguns somente por decapitação, mas a maioria por fogo e estrangulamento também.

Mathew sabia que o enforcamento era uma morte tão prática a humanos como em pashits, então virou de costas e saiu junto com os outros que ajudavam Balász. Dois minutos depois, o demônio parava de se debater e gritar para sempre.

Capítulo. 39

Os festejos foram ao ar livre, no campo de treinamento de espadas. Havia iniciado antes mesmo da competição dos padres terminar e não podiam ter começado melhor. Carne de ovelha foi servida junto com carne de rato picada, uma iguaria aos olhos de pessoas em um mundo que quase não conhecia carne.

Outros barris da preciosa cerveja quente foram abertos e Izidro temendo que aquilo não bastasse mandou que vinho também fosse servido, sob os protestos do padre Francisco que foram instantaneamente ignorados. Alguns alunos da Escócia pediram permissão ao diretor para cantar uma música e logo um som animado alegrou mais ainda a festa. Dois escoceses tocavam gaitas de foles, um tocava um banjo, outro um bandolim e um outro fazia a percussão em tambores de couro de cabra. As pessoas cantaram juntas, mesmo não sabendo a letra, apenas pela alegria, e quando acabaram, mais e mais músicas foram pedidas e eles tocaram durante mais de uma hora.

Todos na festa já estavam visivelmente bêbados, dançando em rodas e puxando conversa com alunos de outras escolas que nunca haviam conversado antes. Horas se passaram e a madrugada entrou quente e regada a muito vinho e cerveja.

Renan, Caio, João, Mônica e Ilian sentavam-se juntos com Julius, Borges e Samuel e dividiam uma enorme jarra de cerveja quente. Todos bebiam, exceto Ilian que não podia provar do álcool por sua condição racial. Tinha vontade como todo garoto, mas Oligui o proibira definitivamente e a vez que ingeriu algo proibido vomitou sangue a noite toda.

Natasha, a bela namorada de Max chegou correndo na mesa deles, parecia muito assustada e Julius que já estava bêbado pediu que se acalmasse e sentasse para dividir um caneco de cerveja.

A menina o ignorou, ao invés disso virou para Samuel que tentou lhe acalmar.

- O que houve mulher? Respire! - ordenou preocupado.

Natasha recuperou o fôlego e só então começou a falar.

- Prenderam o Max! Prenderam ele! - gritava.

Borges empertigou-se num susto, ficando sóbrio no mesmo instante.

- Como assim prenderam o Max? Quem? Aonde? - perguntou.

- No calabouço da escola, eu estava procurando por ele, até que ouvi um chamado. Foi quando vi uma pequena janela no nível do chão. Ele esticou a mão e me mandou procurar você!

Samuel levantou-se juntamente com todos os outros, exceto Julius que já estava muito bêbado e foram correndo em direção ao prédio. Natasha ia na frente e Samuel e Borges iam logo atrás. Chegaram na lateral onde ela indicou tê-los visto e viram uma mão acenando de uma pequena janela com grades.

- Max! O que aconteceu?

- Agora não dá para explicar. Preciso que vocês liberem o caminho, porque eu e Verber vamos fugir.

- Verber também esta ai com você? O que vocês fizeram cara? - insistiu Samuel.

- Escute, vocês vão ter que confiar em mim! Em nós! Limpem o caminho e abram a porta.

- De jeito nenhum cara. O Izidro mata a gente, vocês em algum tempo já estão liberados.

- Escute aqui, Samuel - agora era Verber quem falava - estamos sendo acusados de um complô que assassinou o filho do governador. Não temos provas e nem álibi, e seremos enforcados por isso!

- Caralho! - exclamou Caio - em que merda vocês se meteram?

- Não temos tempo. Verber já destrancou nossa porta, precisamos fugir antes que a festa acabe.

Borges já estava em movimento mesmo antes de Max dizer alguma coisa, entrou pela porta da escola e pelo corredor que dava até a porta que descia ao calabouço. Samuel correu e alcançou-o sem dificuldades.

- Espere aí Borges, isso tudo é grave, podemos nos ferrar por isso!

Borges explodiu com ele.

- Cala a boca cara! Você não ouviu que vão enforcá-los? Não é qualquer um que morreu, é o Eduardo, o primogênito do governador. E o governador é unha e carne com o velho Izidro.

Todos os outros cinco ouviam a discussão dos dois e não sabiam o que fazer, mas Renan estava do lado de Borges. Imaginou se fosse Caio e João que estivessem na mesma situação, com certeza salvaria os dois, mesmo arriscando a vida.

- Eu entendo, mas sabe que se fizermos isso também podemos ser condenados?

- Não tô nem aí Samuel. Eles são nossos irmãos e morreriam por nós! Acredito na inocência deles.

- Ele tem razão! - disse o professor Oligui assustando a todos - Se acreditam na inocência dos dois, então devem fazer alguma coisa por eles, do contrario nunca se perdoarão. Um bando só existe se houver confiança cega no outro.

Oligui havia aparecido magicamente, mas Ilian já identificara a presença dele. O professor tinha percebido o movimento suspeito de sete garotos próximo as janelas do calabouço e depois a corrida frenética para dentro da escola. Oligui resolveu seguir os garotos com sua forma insubstancial e quase invisível, observando a conversa e intrometendo-se porque sabia que uma decisão precisava ser tomada logo. Eles tinham pouco tempo.

- Tudo bem, vamos libertar eles - concordou Samuel - Professor, você nos ajuda?

- De forma alguma - respondeu rindo - isso é um problema de vocês, apenas fingirei que não vi nada.

Borges e Samuel seguiram em frente e dobraram mais um corredor à direita. Dois alunos do sexto ano estavam de guarda na porta das escadas que desciam ao calabouço. Sorriam ao ver Borges e Samuel chegando com canecas de ferro na mão.

- Ah, muito obrigado disse um deles esticando a mão para pegar a caneca.

Samuel puxou a caneca de lado.

- Colegas, desculpem. Essas aqui são para nossos amigos Max e Verber que estão ali embaixo... Fazemos um trato, deixem que entreguemos essa boa cerveja de Deus para eles e depois trazemos uma para cada um?! - ofereceu com um largo sorriso bêbado no rosto.

- Prisioneiros não podem beber - disse o outro guarda de forma rude, parecendo um soldado disciplinado.

- Ah, deixemos disso - insistiu Borges - essa festa acontece uma vez a cada dois anos, imagine ficar preso em meio a uma bebedeira dessas?

- Não importa - manteve o guarda.

- E vocês aqui? Todo mundo bebendo, as húngaras quase tirando a roupa lá fora e estão aqui dentro de guarda? Somos todos amigos, ninguém acusa ninguém. Além do mais, vocês também não querem beber? Então?

- Mesmo assim...

- Cale a boca Zé! - ordenou o guarda do lado - não vou passar toda a festa sóbrio porque você quer pagar de guardinha eficiente. Esqueceu que estamos aqui de castigo por causa de merda que você aprontou?

Ele virou-se e abriu a porta. As escadas estavam escuras e o cheiro ocre penetrou nas narinas, fazendo com que Mônica xingasse o ambiente. Os guardas haviam pegado os canecos de cerveja e entrado no calabouço. Trancaram a porta atrás deles para que ninguém entrasse.

Havia apenas algumas tochas acesas e a grande maioria estava apagada, as sombras moviam-se conforme eles andavam e o guarda chato, chamado Zé, se propôs para ir buscar uma vela.

- Não enche Zé, é logo ali que eles estão - cortou novamente o outro guarda.

Foi tudo muito rápido. Os guardas chegaram perto da cela e ela estava vazia, então Max acertou uma paulada contra a cabeça de Zé e Verber surgiu das sombras, agarrou a cabeça do outro e deu uma cabeçada. Como uma ação sincronizada os dois caíram desmaiados no chão, espalhando a cerveja pelas pedras. Max e Verber puxaram os dois para dentro, amarraram e amordaçaram. Para finalizar, cobriram os corpos adormecidos com os cobertores pulguentos que tinham ganhado.

Max saiu primeiro e Verber logo em seguida, receberam um abraço de cada em especial de Borges que acreditara desde o início neles.

- Aqueles dois não vão levantar por um bom tempo - comentou Verber.

- Vocês precisam sair daqui agora - disse Samuel.

Foi isso que eles fizeram, mas antes teriam que passar no arsenal. Verber abriu o cadeado e pegaram armas. Ele pegou uma maça estrela leve e Max pegou um facão, uma besta de repetição e algumas setas. Precisavam estar leves para fugir bosque adentro e qualquer escudo ou armadura iria impedi-los de correr e se esconder. Foram com as roupas do corpo.

Em breve descobririam que eles fugiram e seriam caçados como raposas por cachorros. Verber sabia que precisavam descobrir o quanto antes quem armou para cima deles ou então teriam que enfrentar as conseqüências. E elas não eram boas.

Capítulo. 40

Um grito foi ouvido e uma garota russa saiu correndo detrás de um conjunto de moitas próximas ao muro da escola.

Antes que Oligui e Mathias pudessem entender o que acontecia, vários outros gritos foram ouvidos e uma correria veio em sua direção. Os alunos corriam de forma desesperada no que mais parecia o estouro de uma boiada. Algumas crianças menores caíram e foram pisoteadas pela multidão que sequer olhava para trás. Os gritos continuavam e choros desesperados eram ouvidos pelos professores que se reuniram junto com os dois.

Oligui farejou-os antes que qualquer um pudesse ver o que atacava as crianças. Puxou sua espada da bainha em um movimento rápido, quase imperceptível.

- Calabans! - gritou.

Todos os professores puxaram suas armas, eram ao todo dez professores. Oligui, Baltazar, Alberto, Mauricio, Petrov e Gerrard pertenciam a Cerberus e corriam para enfrentar os calabans, Izidro, Valeriano e o velho professor Charles agarravam as menores e corriam mandando que as outras entrassem no prédio.

Gabor da escola húngara e Rostov da russa estavam em uma mesa mais distante, mas já corriam em socorro aos alunos, Angus havia bebido mais que todos, porém sua genética escocesa era quase impossível de ser embriagada e ele já corria com o enorme porrete metálico em punho. O décimo professor a se juntar ao ataque foi outro meio vampiro de cabelos azuis e era uma espécie de guarda costas invisível do padre John da Holly Knights. Seu nome era Zetterberg, uma das lendas espadachins e apesar de não ser surpresa para Oligui, que sempre sentira sua presença, era a primeira vez que as pessoas o viam desde que a escola americana chegou.

Os calabans eram criaturas irracionais, ou quase irracionais. Havia quem suspeitava de uma certa inteligência, pois sabia-se que eles entendiam a dinâmica pequenos apetrechos como alavancas, por exemplo e conseguiram fazer armas rústicas. Além, é claro, de organizarem-se em bandos onde claramente notava-se a definição de um líder, o alfa.

Calabans eram considerados vampiros biológicos. Necessitavam de sangue e carne, mas não eram afetados pela fé, nem reagiam a objetos abençoados, por isso os padres eram inúteis ali. Na verdade, qualquer um que não usasse bem uma arma era inútil contra um calabam. Reagiam com extrema repugnância a luz solar. Também eram donos de uma força física invejável e velocidade impressionante, além de uma fome insaciável por sangue quente.

Oligui pulou por cima da multidão e caiu na frente do primeiro calabam, sua meia-lua correu pelo pescoço da criatura e sua cabeça caiu para trás, rolando no chão. Ela ainda conseguiu correr mais dois passos, então desabou tremendo como a maioria deles fazia enquanto havia sangue alimentando suas células. Oligui atacou mais dois antes que Gerrard chegasse logo em seguida para amassar o crânio de um calabam. Gerrard usava o que parecia um martelo de ferreiro. Pequeno, do mesmo tamanho que se retratava o martelo do Deus nórdico Thor, porém a cabeça do martelo era feito de ósmio puro e seu peso era em maior do que se fosse de chumbo, impedindo que qualquer um que não fosse tão forte quanto ele o manejasse.

A chacina continuou por mais um minuto que pareceu um século, os calabans eram muitos e entravam pelo portão da Cerberus que estava entreaberto. O pesado portão de madeira e ferro sempre ficava fechado, pois sabia-se da presença de Calabans nas redondezas.

- Dessa vez alguém cometeu um erro terrível - disse Gerrard.

- Ou um ato proposital diabólico - supôs Oligui.

Os calabans eram muitos e vinham em dezenas. Babavam, urravam um som que mais parecia o uivo de um lobo louco e atacavam com as unhas marrons e afiadas, duras como casca grossa de árvore. Os dez professores estavam sendo empurrados em direção a entrada do prédio e temiam não conseguir segurar a invasão. Um aluno russo e um escocês esperavam nas portas a entrada dos professores para trancarem assim que estivessem em segurança. Mas a onda calabam era grande e pesada, mais de cinco calabans por professor e alguns professores estavam em apuros, como Mauricio, o professor artilheiro, ficava atrás de Oligui disparando e estava ficando sem flechas. Algumas criaturas estouravam exalando um gás fétido que encharcavam os olhos humanos.

Gritos de desafio foram ouvidos nos corredores da Cerberus e alguns alunos saíram armados para enfrentar os vampiros. Samuel, Borges, Renan, Caio, Ilian, João e mais alunos das outras escolas saíram correndo porta afora e prostraram-se ao lado dos professores para ajudar a combater os calabans. Mônica e Karol, a bela competidora húngara estavam nas janelas do segundo andar e disparavam flechas na direção dos que alcançavam, mas estavam sendo inúteis.

- Mirem na cabeça! - gritou Maurício.

Karol ouviu o conselho e começou a acertar na cabeça cinza e careca das criaturas. As setas não eram suficientes para derrubá-los ou matá-los, mas a arma disparava a gás em uma velocidade alucinante, deixando os calabans visivelmente desnorteados. O professor Alberto fora ferido no braço por uma garra e sua espada caiu. Alberto foi abaixar-se para apanhá-la e Mônica que estava sendo bem menos eficiente que Karol conseguiu atingir a garganta de um que estava com o ataque preparado para acertar o professor. O calabam desequilibrou-se e Frank Marshall atravessou sua espada na garganta dele. O monstro caiu esperneando e um enorme cão de guerra russo pisou em

sua cabeça com o coturno, espalhando uma massa cinza escura pelas escadas da escola e liberando mais gás.

Alberto olhou em agradecimento a Mônica. Ela sorriu de volta e continuou disparando. Oligui gritou por Ilian e o garoto já estava a seu lado.

- Preciso que você feche o portão antes que venham mais!
- gritou em meio ao combate que estava ensurdecedor. Urros monstruosos eram ouvidos a toda hora e os calabans ainda eram muitos. Ilian procurou João Pequeno e achou-o dando cobertura para o professor russo Rostov e a Frank Marshall.

- Pequeno! - chamou, mas João não ouviu.

- Pequeno! - insistiu novamente e João olhou em sua direção.

- O que foi?

- Preciso que você me ajude a fechar o portão!

João olhou para a multidão de calabans na frente e se perguntou se Ilian estava louco, mas logo viu que era a única forma de estancar a invasão e que o garoto precisaria de alguém forte para ajudar a girar a pesada roda de madeira que fechava o portão. João juntou-se a ele.

- Como passaremos pela massa sem sermos triturados? - perguntou para Ilian.

Kulik, o cão de guerra russo postou a mão no ombro de cada um.

- Vão, a gente vai abrir o caminho - disse. Juntamente com mais três cães iriam fazer o melhor que pudessem. Ilian agradeceu.

- Mônica! - Ilian gritou - precisamos de cobertura!

A garota concordou e gritou para que os artilheiros que estavam nas janelas disparando com ela dessem cobertura aos dois.

Kulik e os três cães começaram a abrir caminho para Ilian e João. Mônica e mais seis artilheiros disparavam nos calabans mais próximos que tentavam fechar a passagem. Outros alunos e professores se juntaram para ferrar o

corredor que se formava, mas os calabans eram muitos, fortes e pesados e o túnel foi cada vez se estreitando mais.

- Cogadh! - gritou um cão de guerra no meio da massa de homens, garotos e calabans.

- Cogadh! - responderam vozes em sincronia quase que de imediato. O grito que significava "guerra" em uma língua escocesa antiga pareceu inflamar as almas dos cães de guerra e eles começaram a lutar como se o cansaço não os atingisse. Como se tivessem entrado na batalha agora. Empurravam os escudos contra o peito das criaturas e estocavam as cabeças.

- É nesse momento que os cães de guerra provavam seu valor! - gritou Angus, o diretor da Royal Academy. Vários gritos de aprovação e até mesmo risadas divertidas foram ouvidas.

- Por isso somos cães, porque juntos somos invencíveis! - berrou Kulik - Cogaaaaadh!

- Cogahd! - gritaram novamente. A união dos cães de guerra estava fazendo a diferença na batalha e o corredor começava a abrir-se novamente, alguns corsos que estavam ali invejaram o comportamento dos rivais de categoria e pensavam como poderiam ser mais fortes se fossem unidos.

João e Ilian encontraram o momento certo e passaram correndo pelo corredor de cães, armeiros, corsos e calabans que se formara. João levou um arranhão no braço e gritou de susto. Um pedaço de carne e pele ficou para trás e seu braço já estava cheio de sangue, mas a adrenalina era tão alta que ele não sentiu dor, apenas continuou correndo para salvar sua vida e de toda a escola.

Demoraram apenas alguns segundos para atravessar toda a distancia, mas foram os segundos mais tensos da vida dos dois. Nem mesmo quando Ilian esperou um trovão cair em sua cabeça tinha passado por tanto medo, mas agora estavam com o campo livre e correram em direção ao muro norte onde ficava a pesada roda dentada. Era parecida com aquelas que os piratas usavam para puxar a ancora e que cerravam os portões da Cerberus.

João e Ilian puderam ver que a porta estava apenas entreaberta, tão pouco que apenas um ou dois calabans poderiam entrar por vez e Ilian pensou quem cometera o terrível erro de não fechar o portão direito.

Quando chegaram ao meio do campo, uma visão aterrorizou os dois. Mais um calabam estava entrando. Andava devagar, assustadoramente devagar. Era visivelmente mais forte e um pouco maior que os outros. Em sua mão direita carregava um pesado porrete de madeira com pedras afiadas encravadas tornando-a uma arma mais mortífera ainda.

- Puta que pariu - resmungou João apavorado.

O calabam andava em direção a eles, mas diferente dos outros, não estava esganado de fome. Tinha um terrível ar de vaga inteligência nos olhos amarelos. A criatura cinza tinha furúnculos na cabeça careca e nos ombros que eram largos e com músculos definidos, estava nu como os outros e mostrava pernas bem mais fortes.

Olhou para os dois, então, sorriu.

Tinha dentes perigosamente afiados, todos eles do mesmo tamanho e igualmente mortais. Como todos os calabans, não tinha caninos. Sua boca estava ensangüentada e atrás dele João e Ilian puderam ver que ele se alimentava das entranhas de um garoto. Morrera jovem, talvez seis ou sete anos. Ilian esperou que ele tivesse morrido pisoteado e que o calabam estivesse apenas fazendo o serviço de urubu, resolveu encarar dessa forma, era a melhor mesmo, mas sabia que se saísse vivo dali, teria pesadelos por longos meses. João parou e olhou a cena, pensou que fosse vomitar, mas estava com muito medo para isso. Olhou para o seu amigo na esperança de um plano.

Ilian olhou para suas meia-luas ensangüentadas. Pingavam o líquido preto dos calabans famintos. Sabia de suas aulas que quando os calabans se alimentavam seu sangue ficava vermelho vivo, como de suas vitimas, mas quando já estavam a algum tempo com fome, seu sangue ia escurecendo e engrossando, como um óleo sujo.

- Você fecha a porta - disse - eu cuido dele.

João olhou para ele por um segundo.

- Tem certeza?

- Não - respondeu - agora vá logo antes que eu mude de idéia!

Ilian aproximou-se alguns passos do calabam no intuito de atrair sua atenção. João foi andando rapidamente tentando circular por fora do campo de visão do calabam, mas ele não se distraiu, de fato era mais inteligente que os outros calabans e João era muito maior do que Ilian. Como uma cobra peçonhenta, o calabam dirigiu sua atenção para ele, como se fosse guiado pelo calor emanado do corpo que, no caso de João Pequeno, era bem maior.

Ilian sabia que não era isso. João sangrava muito pelo braço e o cheiro era um convite até para ele que era seu amigo, quanto mais para um vampiro daqueles.

Tentou chamar a atenção, jogou-lhe uma pedra que atingiu a cabeça, mas ele não se distraiu, sequer virou-se para o meio-vampiro. Continuou a andar na mesma direção, hipnotizado com o sangue que saía do braço de João.

- Merda! - xingou João preparando o martelo de guerra, que havia pegado na armadoria. Sua arma preferida.

Então, sem aviso o calabam parou. Virou a cabeça para trás e sibilou, como uma cobra e João entendera o porquê.

Ilian havia regurgitado sangue propositalmente. Era uma característica dos meio-vampiros quando consumiam algo que não era sangue. E Ilian estava cheio de grama nos cantos da boca.

Uma quantidade grande de sangue caiu com um barulho nojento e formou uma poça em meio ao campo de treino. O calabam ficou alucinado com o cheiro de sangue quente e uivou. Seus olhos por um momento perderam a faísca de lucidez que tinham segundos antes. Ele correu em direção ao meio vampiro.

Ilian tinha perdido uma quantidade considerável nesse vômito. Apesar de não parecer tanto, havia se alimentado

apenas três dias antes e aquela quantidade fazia alguma diferença, mas não podia deixar seu amigo ser atacado. Por mais que João fosse um bom guerreiro, não poderia enfrentar um calabam alfa ainda.

Apesar de estar sentindo fome, não sentiu fraqueza, muito pelo contrario, a sede de sangue aguçou seus sentidos e seus reflexos, como se uma dose extra de adrenalina tivesse entrado em sua corrente sanguínea e ele precisasse de mais força para conseguir alimento.

O calabam atacou com o porrete em golpes descoordenados, porem fortes e rápidos, errando por pouco. Ilian pulou em cima de uma mesa e logo em seguida para trás, escapando por um triz da porretada que a destruiu como se fosse de porcelana. Ilian soube que se algum golpe daquele o atingisse em cheio, seria provavelmente seu fim.

João correu em direção a roda dentada e imediatamente começou a tentar gira-la, mas ela não se movia, mesmo ele aplicando toda a força. Em pouco tempo viu que não conseguiria gira-la sozinho, sempre dois ou três alunos faziam o serviço e somente ele seria quase impossível. Procurou alguma coisa ao redor para usar e a principio não encontrou nada, então viu que a sala dos materiais de jardinagem estava aberta e entrou.

Ilian esquivava-se do calabam e procurava uma chance de ataque. A única que tentou foi rapidamente rebatido por um soco com as costas da mão livre da criatura, voou longe e quebrou uma cadeira. Estava ficando encurralado e cansado. O calabam conseguiu acertar outro golpe que derrubou-o no chão. Sentiu que deveria ter quebrado uma costela. Se ficasse vivo, sua capacidade regenerativa lhe deixaria novo em folha em questão de dias, mas agora que estava no chão e a criatura acima dele, não sabia se veria o dia seguinte.

O calabam havia chegado em Ilian antes que ele tivesse tempo de levantar. Ergueu o porrete acima da cabeça,

uivou mais uma vez em jubilo e baixou contra a cabeça dele.

João havia encontrado uma pesada cavadeira articulada, cravou-a no chão algumas vezes e arrancou tufos de terra entre dois dentes da roda, então, ficou mais uma vez e viu que estava bem preso. Foi para o outro lado e começou a puxar a cavadeira, fazendo com que sua haste grudasse em um dos dentes e servisse de alavanca. Teve medo que não funcionasse, sabia que só precisaria fazer a roda se mover, se a tirasse da inércia conseguiria girá-la até o fim. Começou a desacreditar no seu plano, mas ouviu o barulho da roda e viu que estava se movendo. Isso fez com que ganhasse renovada confiança e puxou com mais força, logo a roda estava em movimento acelerado e ele agarrou com as mãos e colocou-se a girar.

Ilian pensou que seria seu fim. Quando o calabam ergueu o porrete ele entendeu que ali estava tudo acabado, teve medo, um medo que por um segundo paralisou-o. Quando o porrete veio, Ilian fechou os olhos e não sentiu nada, pensou que estivesse morto, mas ao abri-los estava atrás da criatura. Havia atravessado ela. O calabam ainda procurava ele resmungando e Ilian deixou para depois a excitação de ter se tornado insubstancial. Mesmo que apenas por essa vez, sem saber como, era extremamente excitante exercer suas capacidades especiais, mas não havia tempo para isso.

Ilian aplicou o golpe que Oligui lhe ensinara como dança da morte. Pulou em direção as costas do inimigo, girando em torno de seu próprio eixo, com uma velocidade surpreendente e com as meia luas passando rapidamente fazendo um barulho melodioso das lâminas afiadas cortando o ar. Era como uma música para quem aplica e um terrível castigo para quem tem que se defender da dança da morte. O calabam recebeu dois golpes atrás do pescoço. Sua cabeça caiu e rolou com um som enjoativo, seu corpo ficou em pé durante alguns segundos e logo depois tombou para fazer companhia a cabeça perdida. Ilian ouviu o

barulho do portão terminando de ser fechado e suspirou aliviado.

O combate havia terminado e nenhum humano mais morreu. Kulik ganhou uma cicatriz no rosto que lhe deixou cego do olho esquerdo, mas não se incomodava. Alguns alunos estavam feridos, mas os padres já estavam cuidando disso e em algumas horas foi anunciado que nenhum ferido morreria.

No dia seguinte uma missa foi rezada pelo padre John em homenagem as crianças mortas. Houve luto.

No fim da tarde, Izidro estava furioso com os dois guardas porque Verber e Max haviam fugido.

Capítulo. 41

Naqueles dias aprendi o verdadeiro valor da amizade. Entendi como se portam os verdadeiros heróis diante das dificuldades quando nossa integridade é colocada à prova. Nunca pensei no Samuel como um verdadeiro líder, na verdade muito de mim eu via nele: a vontade de querer fazer as coisas sozinho, a fraqueza que tínhamos em pedir ajuda, de assumir que precisávamos de ajuda. Isso tudo parte a alma de alguém como eu ou ele, e isso não são características de líderes.

Hoje sei que um líder precisa aprender a confiar no seu bando, delegar tarefas e ser paciente com os fracassos. Não precisa aceita-los, mas precisa entender que seus subordinados têm tempos diferentes de aprender e de executar alguma coisa. Porque são pessoas diferentes e tem limitações distintas. Mas o Samuel nunca entendeu isso, ele sempre viu a fraqueza como uma ancora e não como uma alavanca que te força a se tornar cada vez melhor. Por isso assumiu toda a culpa.

Já eu... bem, digamos que deixei de crer no romance da luta justa.

- Se não encontrar aqueles dois você vai pagar pelo crime deles, entendeu? - berrou Izidro fazendo saliva voar na direção dele.

Borges queria assumir parte da culpa por ter convencido e forçado Samuel, mas ele não deixou. Entrou sozinho na sala do diretor e assumiu tudo.

- Merda cara, porque não deixou que fosse com você? - perguntou furioso enquanto os dois desciam as escadas do ultimo andar.

- Porque o Izidro nunca acreditaria em você, agora escute que tenho um plano - e em seguida disse tudo o que Borges deveria fazer.

Renan acordou de um pesadelo. Estava suando e acabou acordando Caio.

- O que foi?
- Nada, só um pesadelo - disse.
- O mesmo de sempre?
- Quase. Sonhei que minha mãe estava sendo arrastada por um mordecai. Será que isso significa algo?

Caio bocejou de sono.

- Significa que você está ficando pirado. Volte a dormir.

Renan não tinha sono. Sempre que sonhava com sua mãe tudo começava bem e depois transformava-se em um pesadelo terrível. Normalmente ela se afogava, caía de um barco e ele tentava dar-lhe a mão, mas ela afundava sem que ele pudesse fazer nada, houve vezes que ele sonhou que ela lhe abandonava no orfanato e chorava muito e o homem que o recebia tinha um terrível rosto vermelho. Na maioria das noites simplesmente não sonhava e agradecia por isso.

Sempre rezava para que tivesse bons sonhos com a sua mãe, que onde ela estivesse, que estivesse bem e feliz, mas que estivesse viva e um dia voltasse para buscá-lo. Izidro mandava que ele esquecesse aquilo e que sua mãe provavelmente estaria morta.

Renan sabia que ela estava viva, em algum lugar e que um dia Deus iria colocá-los frente a frente novamente. Rezou mais uma vez e virou-se para dormir, mas passou a noite inteira acordado.

Na manhã seguinte ele enfrentaria o escocês Duncan e não se sentia tão disposto porque não tinha dormido nada. Pegou sua espada e verificou o fio para confirmar se não estava afiada, vestiu suas botas de combate, um colete de couro marrom que ajustava perfeitamente no seu corpo e segurou seu escudo. Estava com marcas e um amassado que ele prometeu que levaria na armadoria para ajeitar assim que vencesse a próxima luta.

Renan entrou no ringue sob vários aplausos. Duas lutas já haviam acontecido desde que a invasão dos calabans tinham ocorrido há dois dias atrás. O luto tinha sido

anunciado para homenagear as nove crianças que morreram durante aquela noite, todas muito novas e bêbadas. Crianças de sete e oito anos bêbadas.

Duncan entrou no ringue e também foi muito aplaudido. O garoto era careca e tinha um rabo de cavalo atrás da cabeça, havia pintado seu rosto todo de azul como se fosse um antigo guerreiro escocês. Usava uma espada grande e pesada e Renan tinha a certeza que espalharia seus miolos pelo cascalho se desse uma oportunidade. Na outra mão havia um escudo cheio de marcas de corte, porém de um material muito melhor que o seu.

Renan tentou cumprimentá-lo e ele cuspiu no chão em desprezo.

A luta foi iniciada pelo gongo do sino e Renan atacou Duncan na altura do ombro sendo aparado pela espada, depois foi a vez do escocês atacar. Aplicou uma serie de golpes e Renan teve que recuar vários passos para não ser atingido, mesmo assim teve que usar o escudo para apará-los.

Renan bateu com o escudo na cara de Duncan e isso custou um dente que ele cuspiu com sangue e desdém, como se não fizesse a menor falta. Duncan parecia estar drogado. Suas pupilas estavam bem dilatadas e ele baforava na cara de Renan com um hálito de cerveja misturada a uma péssima higiene bucal. Renan usava carvão para limpar os dentes, mas Duncan com certeza não fazia nada desde que nascera.

A luta continuou por mais alguns minutos sendo um troca-troca de golpes e escudos, xingamentos e palavrões que fizeram a platéia se inflamar. Renan e Duncan chegaram a ficar com as espadas travadas, um empurrando contra o outro em um teste de força que Renan achou que não podia vencer.

- Chute as bolas dele! - ordenou Oligui.

Ilian acertou um pisão na lateral do joelho do escocês e fez com que ele urrasse de dor. Duncan dobrou a perna e Renan acertou-o com o pumo da espada no rosto. O escocês

girou para trás, recuando e erguendo-se com agilidade. Passou a mão no rosto e viu o sangue brotando grosso da bochecha. Havia ganhado uma nova cicatriz e gritou de ódio.

Renan conseguiu ver Oligui visivelmente irritado pela oportunidade perdida, mas não queria acertá-lo no saco porque não queria vencer dessa forma, acreditava que nos jogos deveriam haver honra e combate justo. Um golpe daqueles transformava homens em animais. O chute havia pegado em cheio e Duncan agora estava mancando com a perna direita, mas não desistiu da luta e a raiva inflamava-o por dentro.

Partiu para cima de Renan e fintou um golpe acertando com o guarda-mão em cima de seu olho direito. Renan ficou um pouco atordoado e sua visão ficou difícil, sangue escorria para dentro do olho e ardia como o diabo. Fechou o olho machucado e sua visão saiu um pouco de foco, mas pelo menos incomodava menos.

Renan passou a preocupar-se mais em se defender, mas mesmo assim sua defesa estava ruim por causa da visão prejudicada. Tentou abrir o olho de novo, mas apenas ardeu mais e ele teve que fechar de volta. O sangue já pingava pelo queixo e ele sabia que não agüentaria muito tempo. Também não se renderia. Olhou para Oligui e não soube ler o que seus olhos diziam, apenas ficava de braços cruzados observando.

Novamente Duncan investiu e as espadas se encontraram. Ficaram na mesma posição quando Renan atingira o joelho de Duncan, então, contrariando toda a crença de Renan em luta justa, Duncan acertou um chute em cheio no meio das pernas dele. Renan não teve fôlego para gritar de dor, apenas dobrou-se sobre a barriga e antes que caísse por si só, Duncan acabou com seu sofrimento atingindo sua cabeça com o escudo.

Estava eliminado, a platéia vibrava e quando Renan acordasse, nunca mais acreditaria em uma luta justa.

A noite quando acordou e descobriu que nas semifinais estavam o americano Christopher contra o escocês Frank Marshall e o desgraçado do Duncan contra seu amigo Samuel. Ele sabia que Samuel tinha visto a luta e estaria esperando pelo escocês que mudara toda sua concepção de combate honrado.

- Você lutou bem, chegou mais longe do que eu esperava - disse Oligui sentado na beirada da cama.

- É Renan, você deu tudo que podia, parabéns - completou Caio.

Renan sentou-se e sentiu uma dor imensa na cabeça. Pensou que tinha um trem em cima dela.

- Se ele não tivesse me chutado nas bolas...

- O que você acha que são esses jogos? Acha que no mundo em que vivemos há espaço para alunos arriscarem-se vindo de longe, com toda a sorte de extraplanares por aí, apenas para competirem por troféus? Já cogitamos sobre cancelar o evento. As viagens são caras, cansativas e arriscadas. Então, por que acha que até hoje não acabamos com ele?

Renan não soube responder.

- Essa é a prática de combate mais real que terão. A verdadeira experiência de combate que vocês conseguirão antes de saírem para livrar esse mundo é através desses jogos, porque existe paixão, existe amor e uma verdadeira vontade de vencer. Isso que são os jogos! - completou - então, da próxima vez não pense que irá cumprimentar o adversário e que ele esperará que você levante quando estiver no chão. Da próxima vez, faça o que for possível para ganhar, ou apenas sobreviver.

Terminando de falar Oligui deu boa noite e saiu quarto afora. Caio continuou sentado à cama segurando o riso.

- Faça o que for preciso, soldado! - debochou dele imitando o sotaque quase grego do professor. Renan riu, mas sua cabeça doeu e ele se recostou de novo.

Caio explicou o que tinha acontecido com Samuel e que ele veio lhe procurar porque tinha um plano para descobrir o que estava acontecendo. Disse que precisava de Renan e teria que ser esta noite.

Capítulo. 42

- Quem quer que tenha aberto os portões, padre, deveria saber que os calabans estavam por perto - disse o professor Maurício para Izidro.

Izidro tinha convocado uma reunião de emergência para discutir providencias a serem tomadas com relação à abertura dos portões. Queria descobrir se foram abertos propositalmente ou se foram esquecidos abertos.

- Foram Max e Verber quem fizeram isso, Deus é prova! - incitou a rebelião o padre Francisco.

- Deus não é prova de nada padre e não use o nome de Deus em vão! - gritou Petrov apontando o dedo na cara do padre. Petrov era um professor húngaro que lecionava na Cerberus há quase dez anos e tinha um estreito laço com Verber, o qual confiava plenamente as chaves da armoria. Além disso era crente em sua própria fé.

Uma discussão violenta começou. De um lado os professores, de outro a maioria dos padres e no meio Izidro, Valeriano e o resto dos homens de Deus tentando apaziguar os ânimos.

- Foram eles, senão, por que fugiram? - perguntou um padre e os outros soaram em concordância.

- Fugiram porque estavam com medo - disse Alberto.

- Medo? De que? Quem não deve não teme - disse Francisco.

- Medo de serem acusados sem culpa. Pelo testemunho de uma mulher que ninguém conhece e ninguém viu. Medo de sofrerem um julgamento de mentira - retrucou Alberto. Isso deu origem a mais baderna e Izidro olhava para Valeriano à procura de uma solução para acabar com o impasse.

- Escutem - disse Izidro, mas ninguém se calou, então ele pegou um pedaço de pau que tinha para essas ocasiões e sentou na mesa causando um susto em todos.

- Escutem! Darei setenta e duas horas para que apareça um culpado pela morte de Eduardo, o filho do governador, acabado esse prazo eles serão levados à julgamento.

- E se eles não voltarem? - disse Francisco.

Izidro sopesou por um segundo.

- Então Samuel pagará a conta dos dois.

Era noite e não havia a luz da lua, apenas as tochas iluminando todo o caminho que Renan e Samuel percorriam. Samuel tinha chamado apenas Renan para ir com ele porque aprendera a confiar no garoto e para onde iam, precisava de pouca gente e talvez fosse preciso alguém pequeno.

O bosque sul da Cerberus era bem curto e logo deu origem a um campo aberto. Tinham trazido pão velho e um queijo duro que Samuel conseguiu roubar na cozinha. Partiu um pedaço de cada e entregou nas mãos de Renan que agradeceu com um sorriso.

- Obrigado por me trazer - disse Renan.

- Obrigado a você por vir.

Renan enfiou um pedaço de queijo dentro de outro de pão que tinha rasgado e fez uma espécie de sanduiche enquanto caminhavam. Tinham trazido apenas uma faca cada um porque a armoria estava fechada e Verber tinha levado sua chave consigo.

- Qual é o caso do Julius? - perguntou Renan.

- Julius? Como assim?

- Sei lá, ele parece estranho às vezes.

- Bom, ele é meu melhor amigo, mas tem lá seus defeitos.

- Pergunto porque sinto que ele e o Verber tem alguma rixa, não?

Samuel sabia exatamente onde Renan queria chegar.

- O Julius queria ser líder, mas não adianta. Pessoas como eu ou o Julius não somos líderes, mataríamos o bando em dois tempos.

Renan ficou cabisbaixo porque não sabia se o comentário servia para ele também. Pensou se ele seria um bom líder

no futuro, depois pensou em quem poderia ser: Caio? Não, faltava atitude nele... João? Também não, coração demais, cérebro de menos... Monica? Ah claro, uma líder mulher, era tudo que precisavam mesmo, ser a chacota dos bandos de caçadores, cinco homens seguindo as ordens de uma mulher. Sobrou Ilian e ele pensou que talvez se Ilian falasse um pouco mais fosse um bom líder.

Também pensava se ele tinha qualidades para ser o líder. Lembrou que no grupo deles ainda faltava um padre e que padres davam bons líderes. Apesar de morrerem muito fácil, sabiam dirigir bem um grupo, mas não sabiam coordenar bem uma ação de combate e se o mundo fosse algo tão feio como os professores pintavam para ele, com certeza um líder que não soubesse coordenar ações de combate, certamente condenariam o grupo.

- Como vocês fizeram para definir o líder de vocês?

Samuel riu.

- Líder não se define, ele se mostra.

- Quer dizer que não houve uma votação nem nada? - Renan ficou aliviado, pois sabia que se houvesse uma votação João com certeza sairia vencedor. Seu amigo era muito carismático e possuía uma coragem de poucos. Sua ação junto com Ilian de atravessarem o corredor de calabans foi muito bem vista por todos os presentes, e era muita gente. Muitos lutando contra a horda infernal de calabans que vinham babando e querendo se alimentar de sangue e carne fresca.

Quando Renan pensava no que tinha passado naquela noite tremia as pernas e não sabia como tinha saído vivo daquela noite.

- Liderança não se impõe, Renan. Liderança é conquistada! Mesmo que você não queira. O Verber, por exemplo, nunca quis ser líder.

- Não? - Renan estava surpreso, o careca Verber desde que ele conheceu sempre se mostrou um ótimo líder, provavelmente nato. Era implacável em suas decisões, tinha pulso firme, sabia comandar sem ordenar e ouvia

todos os outros Ursos. Assumia as responsabilidades de um líder e era nele que Renan se espelhava.

- Os Ursos fazem algo não porque Verber manda. Fazemos porque Verber faz com que queiramos realizar a tarefa. Isso, meu amigo, é a melhor característica de um líder. Julius não chega nem perto de ter isso. Na verdade, tudo que ele ordenava parecia suicídio.

Renan sabia que ele fora preso propositalmente com Max apenas para salvá-lo. Entregou-se e disse que tinha deixado a armoria aberta sem querer. Izidro sabia que isso era ridículo e que ele mentia, mas se estava confessando, o que ele poderia fazer?

Cada vez que Renan se comparava com Verber temia por seu futuro bando, porque sabia que não era nada parecido com ele. Enquanto o primeiro era centrado, convicto, Renan era emotivo e displicente, enquanto Verber virou líder porque foi reconhecido como tal, Renan planejava ter atitudes para ser mais parecido com ele e então reconhecido.

- Verber foi reconhecido porque era o mais competente de nós para o cargo, ele revoltou-se no começo, quis passar pro Julius. Deus sabe que Julius é meu melhor amigo, mas prefiro o covarde do Alfredo na liderança que aquele lunático.

Renan riu.

- Qual o problema dele?

Samuel meditou se deveria entrar nesse assunto, mas viu que não havia volta e que se confiava em Renan então aquilo não sairia de lá.

- Uma vez tivemos uma prática de combate. Era uma noite de chuva e tínhamos ficado para a final da prova. Ainda não tínhamos um líder definido e revezávamos. Julius liderava esse combate. Tínhamos um outro curso que era nosso amigo, e o Borges ainda não estava conosco. O que você precisa saber é que Julius teve a chance de defender esse garoto e não o fez. Em um determinado momento ficamos cercados e o Julius era o maior de nós, poderia ter se

sacrificado para que vencêssemos, pois tinha um ângulo bom para agarrar o braço do oponente e esse nosso curso o derrotaria. Julius optou por defender-se e o garoto foi atingido, nossa equipe venceu porque Julius conseguiu um contragolpe de sorte, mas o garoto foi atingido no pescoço e morreu. Julius até hoje não aceita que a morte do garoto foi culpa dele. Um líder não faz isso, ele deve se sacrificar pelo seu time, tem a visão de que o que importa é o resultado da equipe e não o dele.

- Mas foi culpa de Julius?

- Ele era maior que o oponente, se não conseguisse agarrar o braço do oponente, a espada iria acertá-lo na armadura peitoral e nada aconteceria, mas o nosso curso foi atingido na garganta, quebrou a traqueia e morreu lá mesmo.

Renan refletiu sobre a estória e sobre a conversa sobre liderança. Pensou em ter um líder como Julius e viu que os Ursos Vermelhos tinham feito certo sobre Verber e Julius.

- Mas no fim, o Julius gosta do Verber. É um pouco ressentido e espera o momento certo para que Verber fracasse e ele possa apontar o dedo, mas isso raramente acontece, na verdade eu nunca vi o Verber tomar uma má decisão.

- Por que não chamou o Julius para vir com a gente? Seria de grande ajuda.

- Para que? Não estamos indo matar ninguém. Ele se ofereceu para vir me ajudar, mas eu recusei, pensei em ir só, mas pensei que poderia precisar de alguém pequeno para o serviço, além disso ele já estava bêbado. Renan não gostava de ser chamado de pequeno, mas em comparação com Julius, Alfredo e Samuel ele era pequeno mesmo, estava por volta dos onze ou doze anos e os outros já tinham dezesseis.

Encontraram o muro do vilarejo do governador e Samuel jogou uma corda de couro por cima, o gancho prendeu no muro e ele confirmou que estava seguro. Então levantou Renan que agarrou-se na corda e subiu os três metros

restantes. Quando chegou em cima pulou para o outro lado, quase se cortando nas pontas de madeira.

- Pode me contar seu plano agora? - pediu Renan.

- É simples. Pretendo encontrar a tal da Celeste para fazer umas perguntinhas.

- Ah! Ótimo! - Renan começou a pensar em como raios iriam encontrar uma mulher que estava desaparecida desde o ocorrido e que eles nem sabiam como se parecia.

O vilarejo estava calmo, exceto por um ou outro vigilante que ficava rondando as ruas de terra. A lua continuava iluminando o caminho e Samuel teve medo que ela denunciasse a presença dos dois, por isso movia-se entre as sombras da casa, procurando sempre mover-se da forma mais silenciosa possível.

Viram a casa do governador a pouco mais de duzentos metros e a segurança fora reforçada depois que Eduardo tinha sido assassinado. A casa surgia no meio dos casebres de barro e estreme como um gigantesco monstro de pedra pronto a engoli-los. Renan pensou como era ridículo haver tanta gente com fome e morando em meio a merda de vaca enquanto outros comiam leitões e bezerros e dormiam aquecidos em suas lareiras e paredes de pedra. Imaginou se antes do mundo seguir adiante as coisas seriam assim. Se no Brasil com tanta gente para reclamar seus direitos, com comida em abundancia e sem a espécie humana em risco de extinção, será que haveria espaço para fome e a desigualdade que se via na casa do governador? Provavelmente não!

Estavam atrás de uma moita grande na lateral do casarão e as roupas pretas que estavam usando camuflavam tão bem que eles pareciam tornasse sombras de verdade. Renan e Samuel puxaram os gorros na cabeça ficando apenas os olhos de fora e se não fosse pelas botas de couro marrom estariam verdadeiros ninjas.

Samuel esperou até que um segurança solitário passasse por eles. Era um homem velho de quase sessenta anos e com certeza estaria fazendo aquilo por um prato de carne.

Samuel pulou em cima dele e bateu com uma pedra em sua cabeça. O homem cambaleou sem saber o que lhe atingira. Samuel acertou novamente a pedra e o homem caiu. Renan puxou ele para a moita e verificou que ainda respirava, apesar de ter ficado um belo machucado na cabeça.

- Ok, agora temos que entrar e tem que ser pelo subsolo.

- Tem subsolo aqui? - perguntou Renan impressionado com a casa que antes tinha três andares pra cima e agora já tinha quatro no total.

Samuel e Renan esperaram para ver se não vinha mais ninguém e quando viram que não, puseram-se em movimento. Andaram rápido e na ponta dos pés, tentando fazer o mínimo de barulho.

Chegaram a uma janela pequena, como a do calabouço da Cerberus e Renan sabia que fora para isso que ele tinha vindo. Apenas ele passava no pequeno buraco. Samuel enrolou um pedaço de pano na mão e socou o vidro. O vidro quebrou sem fazer muito estardalhaço e Samuel agradeceu a Deus por isso. Terminaram de quebrar os pequenos cacos que ficaram na armação da janela e Renan finalmente se apertou e entrou. No começo pensou que não fosse passar, então Samuel o empurrou com os pés e ele caiu dentro do quarto.

- Abra o portão que dá acesso ao porão - sussurrou Samuel apontando a direção.

Renan caiu dentro do que parecia ser um quarto de faxina. Várias vassouras de palha estavam apoiadas em uma parede e alguns baldes com água suja que pareciam estar prestes a serem jogados fora estavam de lado. Renan pensou no que os alunos da Holly Knights que quase nunca viam água a não ser para beber fariam se descobrissem que água preciosa era usada em faxina e jogada fora como se não valesse nada.

Então lembrou de Zack e seu sorriso sincero e entristeceu-se. O americano começara a fazer amizade e morreu de forma tão prematura, cruel e inútil. Lembrou do olhar que ele deu para Monica e seu irmão Grant quando teve medo

de morrer, porém seus olhos lhe diziam que ele não ia desistir, então veio a mente o quanto ele ficou feliz de morrer com a chuva que ele nunca vira caindo no rosto. Pensou na amiga Mônica que passou os últimos momentos com ele e em como Caio ficara enciumado. Renan sabia da paixão que o amigo sentia por ela, mas Caio lhe fez prometer que jamais diria nada e ele jurou. Apesar que gostaria que ele criasse colhões e falasse o que sentia pela garota.

O corredor cheirava ao calabouço da Cerberus e Renan pensou como pessoas poderiam dormir com aquele cheiro podre. Sombras dançavam no corredor e Renan pensou que fosse alguém, mas eram apenas as poucas tochas que iluminavam mal a parede amarela. Não sabia exatamente onde seria a porta que dava acesso à superfície do jardim lateral, mas sabia mais ou menos a direção, então seguiu por um corredor que fazia uma suave curva para a esquerda até que ouviu um barulho de porta.

Renan encostou-se em uma parede que estava protegida por uma sombra grossa e cerrou os olhos para que o branco deles não o denunciassem. Um velho cego tinha saído do banheiro, seu pedaço de pau mexendo de um lado para outro procurava o caminho de volta do quarto. Ele passou por Renan sem o notar e entrou em um quarto fechando a porta.

Renan soltou a respiração que prendera por um período que pareceu eterno e voltou a andar. Enfim encontrou uma porta que dava acesso a superfície e pelo design da porta Renan soube que com certeza não era para dentro da casa, abriu o ferrolho lentamente e quando abriu o portão foi violentamente puxado para fora.

O homem que o puxou para fora tinha muita força e estava acompanhado por mais três. Tinham feito Samuel refém e quando Renan pousou no gramado recebeu vários chutes na barriga, no rosto e em todo o corpo, então sob uma ordem eles pararam.

- Ora, ora, ora, veja o que meus homens pegaram - disse o chefe da segurança do governador enquanto um dos homens levantava Renan quase desacordado. Puxaram o gorro deles e revelaram suas faces. Os dois estavam tão ensangüentados que o mesmo se o homem os conhecesse não os reconheceria.

- Ladrõezinhos hein? - disse, mas não era uma pergunta e sim uma afirmação.

- O que quer que façamos com eles senhor? - perguntou um gordo

- Roubaram alguma coisa? - perguntou o homem confiando a barba.

Um dos seguranças revistou Renan e não descobriu nada. Renan sentiu muita dor na revista não somente por ela ser bruta, mas porque tinha sido espancado, porém não teve forças nem para gemer. Seu olho direito não abria e ele era apenas uma bolha de sangue, mas viu que Samuel estava bem pior. Parecia que o tempo todo que Renan ficou lá embaixo ele passou apanhando. Estava quase morto.

- Não senhor - respondeu outro guarda que usava um chapéu de palha e mastigava um pedaço de couro.

- Dêem um jeito nesses bandidos, mas não aqui. Levem para o bosque, não quero sangue derramado no quintal do patrão. Não faz bem para a social dele que pessoas sejam encontradas mortas por aí.

- Sim senhor! - o enorme gordo colocou Renan e Samuel um em cada ombro e os quatro foram levando eles para fora do vilarejo.

Capítulo. 43

Odeio estragar a estória, mas se estou contando isso aqui, é porque obviamente não morri naquela noite. Porém, ali senti pela primeira vez o medo de morrer na alma. Não aquele medo repentino de quando você entra em combate e sabe das possibilidades de morrer. Mas aquele medo de você saber que vai morrer. Que não é uma possibilidade, é uma certeza! Cada passo você fica mais próximo da morte e enquanto a gente caminhava, ou melhor, caminhavam com nós em seus ombros, eu só pedia a Deus que fosse uma morte rápida, que eu não sentisse dor e que alguém estivesse a minha espera para resgatar minha alma. Confesso que tive vontade de chorar e só não o fiz porque não queria que Samuel tivesse a última imagem de sua vida e da minha como: “morri com um covarde”.

- Chegamos queridos - disse o magro que parecia ser o líder.

Renan teve um frio na barriga e desejou estar desmaiado como Samuel. Foram arremessados no chão como se fossem um saco de estreme e Samuel gemeu, mas continuou desacordado com a queda. Um dos homens, o que até agora não se pronunciara virou Renan com o pé. O homem era cego de um olho e tinha um enorme buraco no lugar. Ele sorriu e mostrou dentes tão amarelos quanto seus cabelos.

- Estou curioso - disse o líder atrás deles - o que vocês queriam lá afinal?

- Não queríamos roubar senhor, eu juro - disse Renan de forma firme, recusando-se a humilhar-se, mas querendo apaziguar a sentença.

- Senhor - gargalhou ele - gostei dessa, de agora em diante vocês me chamem de senhor - disse ele para os outros que riram.

O gordo agachou-se perto de Renan e começou a apalpar suas pernas, depois foi em Samuel e fez o mesmo. Renan

não entendeu o que ele estava fazendo, então o chefe chamou a atenção dos outros três.

- Tá certo, quem vai matar eles?

Todos se candidataram como se fossem alunos de escola primária querendo apagar a lousa. O chefe se chamava Macaco e na falta de escolher um e desagradar os outros propôs um jogo de cartas para decidir quem seriam os dois que teriam o prazer de matar Renan e Samuel.

Renan viu que Samuel estava acordando, seu rosto era uma massa de sangue e ele só conseguiu abrir um olho, mas era um olho perdido, de quem não sabia o que aconteceu e muito menos o que estava por vir.

- Mas você sempre ganha nas cartas - retrucou o careca.

- Eu sou o chefe aqui! - debochou ele - e me chame de senhor.

Todos riram menos o careca que provavelmente era o pior jogador de cartas dentre eles.

A partida demorou quase cinco minutos. Renan não sabia o que eles estavam jogando e nem as regras. No começo torceu para que ninguém ganhasse, mas depois cansou-se da agonia da espera e das tentativas frustradas de se soltar e quis que logo um vencesse e lhe cortasse a garganta. Obviamente ele e Samuel tinham sido desarmados na revista e as facas estavam na cintura do chefe e do cego.

Renan achava que não havia cometido tantos pecados na vida e que Deus o receberia de bom grado, mas a incerteza lhe deixou louco, resolveu rezar novamente. Samuel desacordou novamente e Renan achou que ele tinha muita sorte, então ouviu um grito de comemoração e o gordo havia vencido.

- Eu quero esse aqui - disse ele gargalhando e pegando uma faca que vinha afiando o jogo todo em uma pedra. Renan agradeceu a Deus pela faca estar afiada e pediu que Samuel não acordasse quando ele cortasse sua garganta.

- Não quer matar primeiro? - perguntou o careca.

- Não, a carne fica fria e vira uma bosta - respondeu o cego.

O gordo virou-o de costas e os outros vieram em cima de Samuel, segurando nos ombros e pernas. No início Renan não entendeu o porquê, mas a verdade veio como um coice em sua mente.

Cortaram a calça de Samuel e o gordo começou a cortar a carne atrás da coxa de Samuel que acordou e urrava de dor. Tiraram um naco de carne ensangüentada do tamanho de uma falange de dedo e enfiou na boca.

Renan começou a balançar-se em agonia e desespero e Samuel gritava xingando a mãe e todas as gerações dos caras. Renan não se perdoou de não suspeitar que eram canibais antes, principalmente o gordo, num mundo onde falta comida, como uma pessoa pode ser tão gorda, tão bem alimentada? Só comendo outras.

Sabia que o canibalismo era muito comum em algumas regiões e Renan mesmo já tinha pensado que seria um adepto, mas não de pessoas vivas. Os canibais não eram pessoas ruins, eram pessoas com fome que comiam cadáveres de pessoas que acabaram de morrer por algum motivo que não seja doença ou velhice. A maioria dos canibais não matava para comer. Claro que em uma ocasião de uma briga que um morresse, o outro poderia comê-lo e isso ainda que mal visto pelo vaticano, mas o que aqueles quatro estavam fazendo era bizarro e doente.

- Deixa eu tirar um pedacinho - pediu o cego que estava em pé.

- Tá bem, mas anda rápido - disse o gordo passando-lhe a faca.

Continuavam esperando, segurando Samuel e olhando para o buraco sem pele e carne que saía sangue e dava água na boca. O cego ainda não se abaixara para cortar, apenas estava parado. Um segundo depois a faca caiu no chão.

- Que foi, desistiu? - perguntou o magrelo

- Puta que pariu - gritou o careca quando olhou para cima e viu que o cego tinha uma seta enterrada no meio do olho que lhe faltava. Os três se levantaram e Renan chutou o joelho do careca fazendo dobrar-se. Outra flecha veio do bosque e penetrou fundo no meio do peito dele fazendo-o cair para trás. O sangue escorreu tão forte do peito dele que Renan sabia que tinha atingido o coração.

O careca tentava tirar o projétil, mas Renan mesmo deitado levantou a perna e com o calcanhar bateu forte na seta martelando-a no peito do homem. Ele gritou e em dois segundos estava morto.

O líder tentou correr, em direção ao vilarejo, mas assim que passou pela árvore que estava atrás deles foi recebido por um facão no meio da barriga. Verber saiu de trás da árvore e fincou mais fundo a lâmina, girando-a e puxando em diagonal para abrir mais o ferimento. O magrelo gemeu de dor e tentou agarrar a faca em sua cintura, mas Verber aplicou outra na barriga dele e uma terceira embaixo do queixo. Ele caiu morto com os olhos ainda abertos.

O gordo andava para trás e encostou-se na árvore. No final das contas era um grande medroso e começou a chorar implorando pela própria vida. Max vinha saindo da clareira com uma seta pronta para atirar e Verber surgiu na clareira, rapidamente começou a desamarrar Renan e Samuel.

O homem soltou a faca e implorou que não o matasse, que só estava seguindo ordens, mas Verber ouvira os gritos dos amigos. A situação havia virado, Verber mandou que colocasse as mãos para trás e com a corda de couro que amarraram Renan e Samuel ele passou a corda por trás da árvore e amarrou as mãos do gordo, abraçando a árvore com as costas e ficando com o peito e a barriga expostas. Passou o facão pela camisa dele e rasgou-a, revelando uma enorme barriga de banha e carne flácida.

- Vocês são do vilarejo, não são? Nós não comemos aquelas crianças, elas estão bem, trabalhando lá na casa do governador - mentiu desesperado.

Samuel ainda estava se levantando com a ajuda de Max e Renan, então ele foi cambaleando até o gordo e pegou sua faca no chão. A mesma faca que lhe cortara, que lhe dera a maior dor de sua vida. O homem soube que só havia ódio nos olhos do menino que antes estava gritando, implorando para que parasse. Não se agüentou e na esperança de sentirem pena dele, mijou-se nas calças.

A cena que veio a seguir ficou gravada para sempre na memória dos quatro. Para Samuel, como uma boa recordação que o fazia dormir tranqüilo, como o sentimento de quem sofre um bullying e consegue se vingar.

Para os outros três, os gritos daquele enorme e cruel homem ficou na memória para gerar pesadelos, mas eles precisavam olhar, porque faziam parte daquilo. Nenhum deles fechou os olhos quando Samuel passou brutalmente a faca por toda a barriga do gordo. Seguiu o sentido horizontal, de um lado a outro da enorme barriga, passando pelo umbigo. Não ligou quando o gordo se mijou mais e chorou implorando.

Quando Renan achou que havia acabado, Samuel enfiou as mãos dentro do enorme corte de quase um metro e começou a puxar para fora o que encontrou. Precisou de uma enorme força. Primeiro saiu um pouco de gordura mole com um barulho nojento que caiu no chão e se misturou a terra, depois ele conseguiu puxar os intestinos e o cheiro de merda ficou tão grande que Max virou para o lado e vomitou.

Samuel virou-se e andou dois passos, depois do enorme esforço quase tombou, mas Verber estava lá para apará-lo. O gordo tremeu por mais alguns segundos, não tinha mais voz e começou a entrar em choque. Suas mãos tentavam arrebentar a corda, mas também não tinha mais força. Por fim, morreu.

Capítulo. 44

Padre Francisco estava visivelmente nervoso. Havia convocado um aluno do sétimo ano e ele até agora não tinha aparecido. Rodava como um peru e parou para esquentar as mãos próximo em uma vela quando Ângelo entrou.

- Por que demorou tanto, seu idiota?

- Perdão padre, mas vim assim que recebi o seu recado - desculpou-se.

Francisco estudou o garoto. Tinha cabelos loiros e cacheados, como de um querubim, o rosto era bonito e com ângulos delicados, mas não tirava a sua masculinidade. Era um garoto alto e com braços fortes que estavam a mostra graças a uma camisa sem mangas. Ângelo tinha olhos verdes tão claros que a uma certa distancia pareciam totalmente brancos, seu queixo apesar de fino era forte e Ângelo se orgulhava dele. Sabia da rivalidade de seu grupo para com os Ursos Vermelhos. Decidiu que ele teria que servir.

- Tenho uma missão para ti, meu filho - disse recuperando a compostura.

Ângelo estranhou àquela hora da noite ser chamado aos aposentos do padre mais odiado da escola para receber a missão. Perguntou-se o que não poderia esperar pelo amanhecer. Estava nervoso dentro dos aposentos do padre, aquele quarto parecia ter algo do mal, apesar de ser de um homem de Deus.

Ângelo notou alguns crucifixos espalhados pela parede e todos mostravam uma imagem extremamente sofrida do Cristo. Havia apenas uma cama encostada à parede e uma escrivaninha onde Francisco fazia suas escrituras e estudos. A vela que estava ali agora estava nas mãos do padre e sua velhice não a faziam parar de tremer. A luz incidia por baixo do queixo de Francisco lhe dando um aterrorizante ar cadavérico. A pele flácida e amarelada por

alguma peste, além dos olhos fundos estarem escondidos pela sombra e o fato dele só ter dez dentes na boca deixavam seu rosto parecendo o de um cadáver falando.

- Como tu sabes, temos dois assassinos à solta - disse referindo-se a Verber e Max.

Ângelo aguardou sem dizer nenhuma palavra, indicando que o padre deveria prosseguir.

- Deus não pode aceitar que um crime tão bizarro contra o pobre filho do governador fique impune - continuou.

- Mas pelo que sei, o diretor Izidro disse que eles teriam setenta e duas horas para voltar e trazer o verdadeiro culpado...

- E você acha que há um verdadeiro culpado que não aqueles dois bastardinhos? - explodiu o padre fazendo saliva voar em seu rosto. Ângelo lutou contra a vontade de limpar o nojento líquido.

- Escute Ângelo, aqueles garotos são os queridinhos do diretor, mas na verdade também são do Satanás!... Se fosse você, meu querido, já estaria enforcado, balançando as pernas no cadafalso. Os corvos já teriam comido vossos olhos... - ele deixou as palavras dançarem na mente invejosa do garoto - A pergunta é: você gostaria de ter a honra de prestar um valioso serviço pela sua escola e a Deus?

Ângelo pensou por um segundo. Sabia exatamente aonde o maquiavélico padre queria chegar.

- Quer que eu espere as setenta e duas horas para depois caçá-los?

Francisco arremessou a vela na parede e para o pânico do garoto o quarto todo ficou em trevas.

- Garoto idiota! Se não há culpado, você acha que eles vão voltar? Eles já devem estar se distanciando e se você não sair agora, não conseguirá encontrar seu rastro. Quando você for bem sucedido nessa missão, será um herói da Cerberus.

- Tudo bem - concordou finalmente Ângelo, apenas querendo sair daquele terror. Apesar disso, estava sentindo a empolgação de ser o novo herói da escola penetrando em seus ossos. Conseguiria todas as garotas, os professores pediriam que ele monitorasse suas aulas, pensou que seu bando, os Lobos das Ruínas seria o mais famoso bando que já pisara na Cerberus. Com certeza o governador lhe arranjará uma medalha e talvez até um emprego como chefe da guarda.

Francisco conseguiu imaginar nos olhos do garoto tudo que ele pensava. Sorriu, sabendo que já estava aceita sua proposta.

- Em quanto tempo consegue preparar seu bando?

- Essa noite?

- Sim idiota, essa noite, não podem perder nem mais um segundo.

- Padre, há calabans nas redondezas, é perigoso demais.

Novamente Francisco explodiu com ele cuspiendo mais saliva em seu rosto e seu peito. Xingou-o de alguma coisa em latim que Ângelo não entendeu. O padre estava tão nervoso e sua voz tão esganiçada que Ângelo sentiu seus ossos tremerem.

- Você estará saindo dos muros dessa escola no fim do inverno que vem. Não tens vergonha de ter medo do que há lá fora? Além disso, não mandei que fossem desarmados, mandei? Tome - entregou-lhe uma chave grossa - Da armaria, peguem o que precisar.

- Padre, e se eles realmente forem inocentes?

Francisco encarou-o por dentro das órbitas negras e Ângelo mesmo sem vê-lo soube que ele estava lhe estudando, tentou não parecer nervoso, mas não achou que estava conseguindo.

- Eles não são. Deus me disse - então, com a voz como um sussurro os sentenciou - Eles devem morrer!

Com um gesto Ângelo foi dispensado para juntar os Lobos das Ruínas. Apesar do medo, estava mais do que

empolgado, porque iria tornar-se herói.

Capítulo. 45

Juro que até hoje quando sinto cheiro de gordura me lembro daquela cena. Quando me recordo, no início sinto pena do homem, mas depois me vem a mente os gritos de Samuel, entendo o porquê de sua atitude e acho que foi muito bem feito. Não mais, nem menos do que o necessário, o suficiente.

Sabe, algumas coisas nos levam a fazer coisas que sequer sonhamos. Quando encontrei Samuel uma vez dessas aí que a gente se bateu pelo mundo, comentamos desse dia e ele não se lembra de nada, apenas de ser apanhado esperando do lado de fora do porão e de ser surpreendido e espancado. Não se lembra de ser cortado e nem de ter feito o que fez com o gordo. De fato, ele parecia possuído naquele dia e hoje me pergunto: será que me momentos de grande medo ou de raiva podemos ser possuídos? E será que se possuídos, como pela raiva ou medo, ou até mesmo pelo amor, devemos responder por nossos atos?

- Como nos encontraram? - perguntou Renan.

- Pelos gritos de vocês, claro. Demos sorte de estarmos pelas redondezas - disse Verber enquanto acendia uma fogueira.

- Acha que ele vai ficar bem? - perguntou olhando para Samuel que estava desmaiado e recebia os cuidados de Max.

- Max não é nenhum padre, mas entende bem da ciência médica.

Uma centelha surgiu e Verber sorriu a palha seca começou a chamoscar.

- Sabe que encontrei uma vez uma revista,...

- O que é revista? - quis saber Renan.

- É como se fosse um livro, mas não te ensina muita coisa. Lá estava dizendo que antes do mundo seguir adiante, as pessoas que trabalhavam com ciência médica eram as que

mais recebiam pagamentos na forma de papel moeda? – disse Verber não sabendo o que era o dinheiro na verdade.

- Sério? Os padres cobravam papel pra fazer isso? – Max achou graça da idéia enquanto passava algumas folhas mastigadas dentro do fermento na perna de Samuel.

- Não eram padres. Eram pessoas que só estudavam isso, inclusive haviam categorias. Os padres faziam a ciência medica muito antes, quando haviam guerras por Jerusalém em um deserto e uns brigavam por Deus e outros por outro deus.

- Mas Deus é um só – disse Renan.

- Pois é, isso que eu ainda não entendi direito – respondeu Verber – tem tudo em uns livros na biblioteca, mas é tudo muito velho e o padre Luís Miguel da biblioteca disse que não ia me explicar. Disse que se eu insistisse ele iria pedir pro Izidro me exorcizar porque que era coisa do demônio e tal.

Todos riram. Era uma característica dos padres ameaçarem com exorcismo, mas Izidro não brincava com isso e essa ameaça nunca colava com os alunos. Ainda assim os padres tinham o poder de passar outros castigos como fazer faxina na escola, preparar almoço ou ainda piores, como rezar milhões de “pais nossos” e “aves marias”.

- O que vocês vieram fazer aqui? – perguntou Max cobrindo Samuel com sua camisa. Renan viu o corpo definido de Max e entendeu porque a maioria das meninas eram doidas por ele. Max tinha um cabelo longo e ondulado, da cor de bronze. Os braços eram longos e bem definidos, não eram grossos como dos outros Ursos (exceto Alfredo que era um louva-deus), mas eram de chamar atenção, seu peitoral também era bem trabalhado e Renan desejou que quando chegasse aos catorze ou quinze anos de Max ficasse parecido com ele.

- O Samuel assumiu toda a culpa pela fuga de vocês, o Izidro deu setenta e duas horas para o culpado ser

entregue ou então vocês serão condenados, no caso de vocês não voltarem,...

- A culpa recairá sobre ele - adivinhou Verber. Renan confirmou com a cabeça.

Verber e Max se entreolharam, quando se é jovem os planos nunca saem como você quer. Sabiam que da mesma forma que não poderiam levar a culpa por algo que não fizeram, não poderiam deixar Samuel levar essa culpa também.

- E vocês? O que têm feito? - perguntou Renan.

- Viemos atrás da vaca que nos entregou - disse Max.

- Que nos entregou o caramba! Que mentiu sobre nós. Nem conhecemos ela, mas assim que botarmos as mãos nela, iremos ter nossas respostas - disse Verber.

- Têm idéia de onde ela pode estar? - perguntou Renan.

Verber e Max se entreolharam.

- Não. Mas Sabemos um jeito de atraí-la para nós. Agora escolha uma árvore, suba e boa noite - disse Verber.

O dia havia raiado e apesar da noite quente, a manhã estava um pouco fria. Samuel tinha amanhecido com febre e Max suspeitava que ele estivesse com alguma hemorragia interna porque não conseguia ficar acordado por mais de alguns poucos minutos. Renan notou que os corpos tinham sumido e Verber explicou que se livrou deles para evitar calabans ou outros problemas.

- Precisamos levar ele de volta para escola ou ele pode morrer - sentenciou Max.

- Renan, você acha que agüenta ele? - perguntou Verber.

- Nem pensar - cortou Max - Samuel precisa voltar rápido para Cerberus. Por mais que ele queira, terá que fazer o percurso todo enquanto há Sol para evitar os Calabans e não irá conseguir. Sem ofensas meu amigo.

- Tudo bem - respondeu Renan engolindo o orgulho.

- Deixe que eu vou - disse Max - levo ele, dou um jeito de entrar na Cerberus, chamo o João para levá-lo para dentro e volto para ajudar vocês.

- Tá bem - disse Verber lhe passando uma chave - e tragamos armas decentes por favor.

Max partiu naquela mesma manhã carregando Samuel nas costas. Apesar do amigo ser pesado, só pelo fato de não estar se mexendo já facilitava as coisas e ele achou que poderia fazer os primeiros quilômetros sem descansar, após isso teria que dar um jeito de beber água. Por sorte sabia onde havia uma espécie de cacto que quando ferido liberava uma boa quantidade de água.

Verber e Renan caminharam mais um quilômetro até chegarem a um conjunto de casas onde ficavam a ralé do vilarejo. Pessoas pobres ou condenadas a se retirarem dos muros e que viviam a mercê do banditismo e do ataque dos extraplanares e de eventuais caçadores canibais. Verber carregava um saco que estava manchado de sangue e Renan não quis saber do que se tratava.

Todo forasteiro assim que chegava a uma determinada comunidade era observado muito de perto por todos que morassem no local. O medo de canibais querendo roubar suas crianças era palpável e sempre fazia com que as elas fossem trancadas dentro de casa, janelas fechadas e os homens com facas e enxadas faziam a calorosa recepção.

Com Renan e Verber não foi diferente. Quando chegaram à pequena comunidade viram apenas uma mureta de madeira como primeira defesa. Entraram pelo portão que estava aberto e foram recebidos com cinco homens armados de caras feias e facões.

- O que querem? - perguntou o que estava na frente. Era um homem magro, porém fortalecido devido ao trabalho na lavoura, seus olhos diziam que não estava interessado em amizade e eram negros como seus cabelos enrolados. Sua calvície era pronunciada e sua pele era queimada do sol lhe dando um tom quase mulato.

- Viemos em paz, não somos canibais! - disse Verber.

- Isso foi o que os outros disseram! - gritou um deles - até que fomos para lavoura e levaram três de nossas crianças!

Os olhos do que estava na frente mostravam nítido sofrimento e ele baixou a cabeça por um segundo contendo-se.

- Imagino que uma seja sua - disse Verber em tom de quem se sensibiliza com a causa.

- Duas. E o que você tem a ver com isso, seu merda? - disse tentando conter a fúria que tinha dentro de si - Se você não disser por que vieram, agora, eu vou partir sua cabeça.

- Somos caçadores de canibais - mentiu Verber. Renan começou a temer como ele sustentaria a mentira.

- Nunca ouvi falar numa merda parecida. Vocês são só garotos! - disse o homem não gostando de ser enrolado.

Verber jogou o saco que vinha carregando para o homem. Ele abriu e virou de ponta cabeça. Renan conteve o susto quando viu a cabeça dos quatro canibais que eles mataram ontem rolando na direção dos homens com enxadas. Um negro que estava logo atrás dele chutou a cabeça do careca e os outros começaram a jogar futebol com ela. O homem que conversava com eles se apresentou como Simão e convidou para que Renan e Verber fizessem o desjejum com ele, sua esposa e sua filha mais velha. Antes disso ele acabou com o futebol dos outros, pegou as cabeças e enfiou nas estacas que faziam a mureta do pequeno vilarejo.

No desjejum a esposa de Simão serviu pão caseiro e carne de lagarto crua que os dois comeram sem muita cerimônia e acharam delicioso. Também foi servido leite azedo e um pouco de queijo duro para comemorar a morte dos raptos de suas filhas.

A filha mais velha de Simão chamava-se Amábili e diferente do pai tinha uma pele branca e suave, seus cabelos eram loiros e seus olhos profundamente azuis. Renan chegou a achar que era fruto de traição e Simão vendo a dúvida em seus olhos explicou que ela era filha de sua esposa no primeiro casamento que vira a falecer de uma doença que a acometeu por anos a fio. Verber e Simão

continuaram a conversar sobre o dia-a-dia e o garoto estava ganhando a confiança do homem.

Renan notou que Amábili o olhava e retribuiu meio envergonhado o olhar. Achou ela incrivelmente bonita e até mesmo parecida com as húngaras pelo tom de pele e os cabelos, mas seu jeito de falar era nitidamente brasileiro. Quando ela se virou para voltar à cozinha Renan pôde observar as suas curvas. Amábili usava um short curto e isso definia bem suas nádegas e suas coxas brancas, tão brancas e intocadas que era possível ver algumas veias verdes por baixo da pele.

A garota devia ter a mesma idade que ele, talvez fosse um ano mais velha, mas já possuía seios e suas costas eram bem lisas. Ela virou-se e pegou ele admirando seu corpo, então sorriu e ele ainda teve tempo de ver os belos lábios rosados que ela tinha antes de Verber pisar em seu pé.

Simão estava olhando para Renan curioso.

- Nunca tinha visto uma parede como essa - mentiu Renan.

- Estrume? - perguntou Simão achando ridículo.

- Tão reta - mentiu novamente.

- Ah! - gargalhou - Fui muitos anos construtor de casas, na verdade sou até hoje.

Cap. 45

O dia havia escurecido e Max não conseguiu cumprir o que tinha em mente. Em pouco tempo não haveria luz e ele cogitou a idéia de fazer uma fogueira. Verificou o numero de setas e viu que ainda tinha cinco, e isso não seria suficiente para salvar a vida deles dois caso calabans ou algo pior aparecesse.

Ouviu um farfalhar de folhas perto da onde estava e armou seu arco. Armou a besta e puxou-a rente a orelha, então gritou para o que estivesse ali saísse.

Nada saiu. Max atirou em direção à uma moita e uma lebre saiu em desespero.

Ficou alucinado com a idéia de ter lebre para o jantar, tentou pegar outra seta e atirar, mas ela já havia se escondido atrás de uma árvore próxima a ele. Max pegou o facão e andou na ponta dos pés até a árvore, sabia que tinha que ser rápido porque a adrenalina do animal estava a mil.

Pulou ao redor da árvore tentando agarrar o animal, mas não viu nada. Aonde quer que o animal tivesse ido, ele não vira. Xingou-se por ter sido mais burro que um coelho assustado e voltou para Samuel que estava deitado na grama. A boca do amigo estava ressecada e Max verificou seu cantil, tinha muita sede, mas sabia que a situação dele era bem pior que a sua, então pingou as últimas três gotas que tinha em sua boca e Samuel que não se mexia a horas deu sinal de vida enquanto saboreava a água.

- Calma meu amigo, acho que teremos que passar a noite aqui - disse para sabendo que Samuel ele lhe ouvia.

Olhou ao redor e viu que só havia uma árvore, seu galho firme mais baixo estava há pouco mais de três metros e ele não teria dificuldade para subir, mas não sabia como levaria Samuel lá para cima. Tentou não pensar que dois metros não era nada para um calabam, mas não viu alternativa melhor. Max analisou a árvore e lembrou-se das aulas de armadilhas e do princípio das polias e alavancas.

Uma idéia veio em sua cabeça, pensou em laçar por cima de um galho firme a corda que tinha enrolado no ombro e amarrar uma ponta no peito de Samuel, mas descartou a idéia quando verificou que precisaria de no mínimo oito metros de corda e só tinha quatro.

Voltou a pensar no assunto e viu que as chances de sobrevivência à noite não eram boas. Pensou em como Deus estava deixando tanta coisa ruim acontecer com eles. Como num dia estava com a namorada, tudo indo tão bem, assistindo aos jogos e num piscar de olhos o mundo desaba: são atacados por canibais, acusados de assassinato, seu amigo está quase morto e ele estava com medo e sozinho no meio do mato. Pensou que Deus talvez brincasse com as pessoas para testá-las e não sentia que Deus estava do lado deles nessa noite. Então ouviu uma voz atrás de si.

- Precisa de ajuda amigo? - disse a voz.

Max virou rapidamente e colocou a faca na frente de seu corpo em posição de combate.

- Ou, calma aí - disse o homem - só quero ajudar.

O homem era mais baixo que Max, devia ter um metro e meio ou menos, era velho e seu rosto tinha marcas de varíola. Tinha um bigode preto e ensebado, uma barbicha do mesmo material e enormes orelhas, como que se tivessem crescido enquanto ele parou no tempo. Usava calças rasgadas e fedia como um porco, talvez como um chiqueiro inteiro, mas seu sorriso era franco e o chapéu de palha deixava ele com uma aparência mais amistosa. O homem carregava um saco nas costas e um enorme garrafão de barro preso à bolsa. Max percebeu que era um andarilho.

- Desculpe - disse - ando meio ressabiado.

- Também não é para menos, você é um garoto sozinho e tem um cadáver para carregar.

- Cale a boca - disse - não ouse enterrar meu amigo antes da hora.

- Desculpe a indelicadeza de um velho, estou andando há vários dias e estou com a mente cansada, além das velhas

pernas, claro - disse com sinceridade - mas ele está muito mal.

Max olhou para Samuel e viu que era verdade. Apesar que não queria acreditar.

- Estou levando-o de volta para a escola.

- A Cerberus? - perguntou o homem que não tinha os dois incisivos de cima e de baixo, fazendo com que o "c" de Cerberus saísse chiado como o de uma cobra.

Max olhou desconfiado para o homem.

- Você conhece?

- Se conheço, entrego queijo lá às vezes - respondeu o pequeno homem mostrando orgulho genuíno.

- Engraçado, nunca te vi por lá - disse desconfiado.

- Seu amigo precisa de água senão vai morrer - disse olhando preocupado para Samuel e ignorando a desconfiança de Max.

Max olhou para o amigo no chão e viu que era verdade, precisava de água urgente, mas o único cacto que sabia existir havia sido arrancado. Provavelmente por algum desgraçado que iria replantá-lo em outro lugar mais próximo de sua moradia e ter água só pra si.

- O que você tem nessa garrafa? - perguntou Max apontando para a garrafa de barro que ele tinha preso às costas junto com o saco.

O homem puxou a garrafa em um movimento hábil e pousou-a no chão, Max pensou que deviam caber três ou quatro litros de água dentro e pelo barulho estava cheia.

- Não é água. Não vejo água a vários dias. É uma bebida alcoólica que troquei há cinco dias por uma perna de porco em um vilarejo a leste - disse abrindo a garrafa e oferecendo a Max - mas é muito boa pra matar a sede.

Max aceitou a garrafa, estava cheia quase até a boca e ele cheirou o líquido, não parecia ser muito forte e tinha um leve aroma adocicado, como se fosse feito por ervas. Colocou um pouco na boca e saboreou. Era gostoso e realmente não era forte, chegava a ser doce e ele decidiu tomar mais um gole.

- É tudo que tenho - disse o homem - mas acho que pode salvar seu amigo.

Ele sabia que era verdade. Apesar de Samuel precisar de água, aquilo era melhor do que nada e com certeza ele não passaria dessa noite se desidratasse mais. Apoiou a cabeça do amigo em seus joelhos e derramou um pouco do líquido na sua boca. Samuel mexeu os lábios e conseguiu engolir com muita dor o líquido avermelhado. Max olhou para o velho e ele indicou que podia dar à vontade para o amigo. Max deu mais um pouco e Samuel pareceu bem melhor. Em poucos minutos tinha recuperado um pouco da cor nas partes de seu corpo que não estavam roxas ou rasgadas do espancamento, mesmo assim, estava exausto para ficar acordado.

- Isso vai amenizar um pouco a dor dele - disse o velho sinalizando para que Max se servisse.

Max deu mais algumas boas goladas e sentiu uma leve tontura.

- Vá devagar, garoto - disse o velho rindo - isso é forte para quem não está acostumado.

Max sentou-se ao lado de Samuel e olhou as estrelas, fazia tempo que não reparava nelas e nessa noite elas estavam bem brilhantes. Brilhantes até demais, pensou.

- O que vocês estão fazendo perdidos por aqui? - perguntou o velho.

- Fomos atacados por canibais na noite passada, meu amigo se machucou e estou levando-o de volta.

- Entendo - respondeu o velho olhando para o chão - e você nem sabe se eu sou um, não é?

Max tocou o facão.

- Calma, calma - gargalhou o velho - estou só brincando com você. Nossa, você precisava ver a sua cara.

- Não teve graça - disse Max relaxando a faca e tomando mais um gole da bebida.

- Como é o nome disso? - perguntou Max.

- Não sei, só sei que é bom, não é?

Samuel gemeu e revirou-se um pouco chamando a atenção de Max.

- Acha que ele vai ficar bem?

- Só Deus sabe - respondeu o velho analisando Samuel e fazendo uma careta.

Max já estava sentindo-se tonto pelo álcool e sua fala já estava ficando enrolada. Deu um arrotto.

- Estou um pouco cansado de colocar as coisas nas mãos de Deus - disse rancoroso - já rezei para que as coisas começassem a melhorar, mas acho que Deus está esquecendo um pouco de nós aqui. Sei que não sou o melhor dos católicos, mas, espere aí né? Ainda sou filho do cara.

O velho riu diante da colocação.

- Você não tem fé não é, Max? - perguntou.

- Não e nem faço questão. Só ando entrando em problemas.

O velho gargalhou e Max não entendeu o que era tão engraçado em um garoto sem fé em Deus. Então o velho continuou a gargalhar e Max começou a irritar-se. Não gostava de fazer papel de palhaço.

- O que é tão engraçado? E como sabe meu nome? - perguntou bruscamente.

- É bom começar a ter fé garoto - disse encerrando lentamente a gargalhada. Max viu que seus olhos estavam amarelos e fendados - porque seus problemas estão só começando.

Max tentou alcançar o facão em sua cintura, mas ele parecia distante demais. Seus braços não obedeciam e ele sentiu e estava perdendo toda a noção de distancia, espaço e equilíbrio. Olhou para Samuel e viu o desespero nos olhos do amigo, e então viu como fora ingênuo.

Enquanto o pashit gargalhava, ele reviu seus erros: um homem que diz não ver água a dias, andando sozinho pela mata, com uma garrafa cheia de um líquido que disse ter comprado há cinco dias. Como não suspeitara? A garrafa estava cheia! Como um homem sedento não teria bebido?

Lembrou que o demônio não havia bebido um gole sequer com eles. Fora estúpido e agora ele e Samuel morreriam juntos, lado a lado. Tentou levantar-se e fugir, não pensou em Samuel, pois estava tonto e desesperado. Olhou para as estrelas e elas estavam ainda mais brilhantes. Entendeu que era devido à bebida que ingeriu, então, sem força nas pernas Max tombou. E tudo ficou escuro.

Capítulo. 46

Ah, o amor... nunca imaginei que iria entender o que Caio me dizia sobre Mônica... até hoje. Esse sentimento não pede licença pra entrar em seu coração e como um cunhado folgado toma posse de tudo que mais lhe é sagrado: Sua vontade, seu pensamento, seu espírito.

Dou graças a Deus por ele ter me levado até aquela vila naquele dia.

Renan dormia em um quarto após passarem o dia procurando Celeste. O vilarejo era pequeno, mas todo mundo dizia não conhecê-la.

- Estão mentindo - comentou Verber naquela manhã - estão com medo, por isso a protegem.

- E o que vamos fazer? - perguntou Renan. Porém Verber não tinha um plano, na verdade o tempo estava acabando e ele estava ficando desesperado. Virou e tentou dormir um pouco.

Renan acordou com uma mão em sua boca. Tomou um susto e agarrou a faca que ficava ao seu lado, mas a mão que lhe tocava era suave e ele reconheceu o perfume doce que sentira de manhã. Amábili.

A garota usava uma camisola de seda e sorriu ao ver que ele a reconheceu. Estava debruçada sobre ele e levantou-se silenciosamente sem que a palha em que Renan dormia fizesse um ruído. Com o dedo delicado ela pediu que ele a seguisse.

Renan obedeceu, mas ela andava rápido, como se fugisse dele, apesar de sempre olhar para trás para certificar-se de que ele continuava a seguindo. Amábili estava com os cabelos loiros soltos e a brisa fazia com que voassem rebeldes. Eram lisos como apenas os das alunas húngaras e russas e eram extremamente convidativos. Os pés estavam descalços e ele pode reparar que eram brancos como todo o resto do corpo e suas solas, como as palmas das mãos eram rosadas.

Amábili entrou em uma construção que parecia um paiol e Renan seguiu-a prédio adentro. Não sabia exatamente o que ela queria, mas estava com medo que não fosse o que ele queria. Pensou que talvez ela tivesse informações sobre Celeste e precisasse de um lugar escondido para delatá-la.

O prédio realmente era um paiol. Tinha mais de quatro metros de pé direito e Renan viu vários ancinhos e alguns fardos de palha amarrado para serem dados às poucas vacas em tempo de seca. Pôde ver uma máquina que nunca tinha visto antes. Possuía rodas enormes e uma chaminé curta e fina em cima da estrutura de ferro que ficava na frente. Atrás dessa estrutura ficava um volante e toda a máquina estava comida pelas ferrugens e as rodas totalmente murchas. Renan perguntava-se para quê aquilo servia quando ouviu um assobio baixo.

Celeste havia subido por uma escada e estava no segundo andar do paiol. O segundo andar nada mais era do que uma estrutura construída para proteção e vigilância do vilarejo, já que era o maior prédio e dali conseguia-se ver todas as casas e a mureta de madeira. O segundo andar cobria apenas o perímetro interno do prédio e tinha janelas por todos os lados, mas apenas uma estava aberta e Renan encontrou Celeste deitada embaixo dela sobre um monte de feno.

A luz da lua iluminava a garota e Renan tremeu quando viu que estava nua. Nunca tinha visto o corpo de uma garota antes, apesar das várias tentativas. Tinha entre onze e doze anos e seu corpo já começava a mudar. Ele já havia descoberto o pecado da auto-felação e até já levava umas broncas dos padres por isso, mas desde que saiu do alojamento comum com os menores e passara a dividir um quarto apenas com Caio, nunca mais passou vergonha. Caio dormia cedo e tinha o sono muito pesado para a alegria de Renan.

Amábili sorria para ele. Parecia ser um pouco mais velha e Renan suspeitou que estivesse entre os doze e treze anos, apesar disso, olhava com desejo ardente para ele. Como ele

imaginou a noite antes de dormir, seus seios estavam crescendo e agora que ela estava deitada de frente para ele, podia ver que eram pequenos e duros, seus mamilos pequenos e rosados eram um convite e ele começou a salivar. Sua barriga estava azulada graças à luz da Lua e Renan pensou em como ela era magnífica.

Apesar de todas as conversas sobre o assunto com Samuel, Max e Verber, ele não sabia o que fazer, só sabia que queria fazer! Sentiu o volume dentro de suas calças crescer até o ponto de latejar, mas não sabia se devia dizer algo antes e se dissesse, teve medo de falar algo idiota e que ela risse dele.

Então ela descruzou as pernas. Renan pôde ver que os pêlos pubianos começavam a crescer e que ela era pequena ali. Amábili sentou-se na frente dele e desamarrou seu cinto enquanto Renan continuava sem fazer nada.

- Eu vi como você me desejou hoje.

Renan engoliu em seco. Pensou em como Max faria, mas xingou-se por estar pensando em Max num momento daqueles. Agradeceu a Deus por estar escuro e pediu que ela não risse se achasse pequeno.

- Não tenha medo, também é minha primeira vez - disse puxando ele ao seu encontro.

Renan surpreendeu-se como seus instintos estavam lhe guiando. Amábili pegou um pedacinho de sebo de porco que estava no beiral da janela e passou em seu pênis. Colocou na entrada de sua virgindade e começou a mexer de forma lenta e ritmada, Renan acompanhou seu movimento e olhou em seus olhos. Eram profundos olhos azuis e ele viu que ela estava sentindo dor, pensou em parar, mas desistiu quando ela envolveu-o com as pernas e puxou mais para dentro de si.

Amábili grudou seus lábios no dele e beijou-o apaixonadamente, Renan sentiu que queria tomar a iniciativa e começou a massagear lentamente os pequenos seios da garota. Ela gemia baixinho e quando ele começou a chupar seu pescoço ela mordeu-lhe a orelha com força.

Renan gemeu de prazer e dor, sentiu que seus pêlos pubianos encostavam-se no dela e pôde sentir o sangue quente em volta de seu órgão.

Continuaram se envolvendo por mais de uma hora, Renan surpreendeu-se com a naturalidade e até alguma habilidade que demonstrava naquele momento. Apesar das diversas conversas com Verber, Samuel e Max, nunca imaginaria que teria sua primeira vez antes de estar formado. Pensava que teria que se lembrar de tudo que lhe fora contado: das carícias, de algumas posições e até mesmo de tirar antes de derramar sua semente, mas agora tudo acontecia fácil e com naturalidade e ele viu nos olhos dela que confiava nele.

Tinha deitado por baixo e Amábili estava sentada em cima dele, fazia movimentos para frente e para trás e dava curtos gemidos, controlando-se para não fazer barulho demais. Renan segurou em suas nádegas suadas e sentiu a suavidade da pele dela em seus dedos. Acariciou-lhe as costas e viu que ela sorria de felicidade plena. Jogou seus cabelos dourados e lisos para trás e Renan pôde ver novamente seu pescoço liso e perfeito, sentou-se e abraçou-se nela enquanto ela continuava mexendo em cima dele e o abraçava. Cheirou seu pescoço e ela inclinou a cabeça para deixá-lo totalmente exposto, então ele beijou-o e mordeu. Amábili deu gemidinhos longos que deixaram Renan louco de prazer e felicidade.

Amábili estava verdadeiramente feliz. Nunca havia saído do vilarejo e nunca havia convivido com pessoas de sua idade. As primeiras que conheceu foram Verber e Renan. As crianças mais novas sempre debochavam dela dizendo que era a gigante e desengonçada e que seu pai copulara com uma calabam, porque era branca demais. Sempre se achara feia, porque todos os onze garotos do vilarejo sempre disseram isso, então viu do jeito que Renan a desejou durante o café da manhã e depois de vê-lo o dia inteiro com o amigo pra cima e pra baixo perguntando por Celeste, soube que o desejava. E que se não o segurasse ali, o perderia para sempre.

Terminaram e continuaram nus, deitados lado a lado, olhando para as estrelas através da janela aberta e rindo do que acontecera.

- Foi sua primeira vez mesmo, não foi? - disse Amábili, mais confirmando do que perguntando.

- Por que? Fiz algo de errado? - perguntou com receio.

Ela virou-se e beijou seus lábios, depois deitou-se no peito dele.

- Pra mim foi perfeito - disse com sinceridade.

Renan continuou olhando para as estrelas, não poderia estar mais orgulhoso e feliz com ele mesmo. No começo teve medo porque não conseguiu sair dela antes de derramar sua semente, mas ela lhe disse que tinha acabado de entrar nos dias de sangue e que sua falecida mãe disse que isso não causava problemas.

- O que você é na verdade? - perguntou.

- Como assim? - perguntou Renan.

Ela ficou de braços e procurou seus olhos. Renan tinha olhos castanhos claros e um rosto bonito, seu cabelo era curto e liso e puxavam a cor dos olhos. Apesar de não ser muito grande, na verdade Amábili era mais alta que ele, Renan era forte e seus músculos começavam a definir depois dos meses de treinamento noturno com Oligui e Ilian. Seu nariz havia sido quebrado no processo e havia consertado um pouco torto, mas nada que estragasse a sua aparência, na verdade Amábili gostou do charme que dava.

- Quis dizer sobre o que você faz. Você realmente caça canibais?

Renan olhava-a nos olhos e viu que não precisava mentir para ela. Não sabia se estava gostando dela, mas com certeza Amábili era uma garota boa. Vivia num vilarejo onde as pessoas constantemente tinham medo e eram simples, defendiam-se como podiam, mas também sabiam ser hospitaleiras e não era correto tratá-las como idiotas.

Renan pensou que Amábili não tinha maldade no coração e não gostava de mentir para pessoas como ela. Durante

muitos anos pensou que a vida de um caçador de extraplanares era inútil, que o mundo estava acabado e que a raça humana já estava condenada. Já havia saído da escola outras vezes, mas nunca tinha ficado tão próximo de pessoas simples, que lutavam todo dia na lavoura para ter o que comer e criar bem seus filhos.

Depois que conheceu Amábili, Renan entendeu o sentido do porquê valia a pena tornar-se um caçador. Naquela noite jurou a si mesmo que nunca deixaria que nada de mal a acontecesse.

- Eu e o Verber estudamos na Cerberus - disse por fim.

- O que é isso?

Renan muitas vezes pensava que estava no topo do mundo. Quando participou dos jogos e teve sua primeira vitória, sentiu toda a glória que achava possível alguém sentir, mas então viu que a Cerberus era apenas um pequeno espaço no mundo e que muita gente lá fora não sabia que alguns humanos estavam esforçando-se para que a espécie humana não desaparecesse. Teve pena da ingenuidade de Amábili quando a conheceu, e agora pensava que ele mesmo era ingênuo.

Tinham acabado de se vestir quando a porta do paiol foi aberta novamente. Renan e Amábili deitaram-se no chão e apenas botaram a cabeça pra fora a tempo de ver duas pessoas entrando e parando ao lado da máquina, estavam visivelmente nervosas.

- Eles estão na casa de Simão - disse um homem - passaram o dia procurando você.

- Você acha que descobriram alguma coisa? - perguntou a mulher que Renan supôs ser a Celeste.

Renan tentava ver quem era o homem que falava com ela, mas estava muito escuro e apenas podia ver as silhuetas. Teve medo de ser descoberto e puxou Amábili para apenas concentrar-se na conversa.

- Eles não podem descobrir onde eu estou, você ouviu? - disse.

- Não se preocupe, já mandei alguém cuidar disso - agora vá descansar.

O sangue de Renan gelou. Enquanto estava ali com Amábili, Verber ficara dormindo e estava correndo grande perigo, podia inclusive estar morto. A porta do paiol foi novamente aberta e o casal saiu. Renan sussurrou para que Amábili seguisse a mulher com cautela que ele iria atrás de Verber.

Saiu do paiol com cuidado e olhou, como o caminho estava livre correu em desespero de volta para a casa de Simão e entrou pela mesma porta que tinha saído.

Sua espinha gelou quando viu que a porta que havia deixado fechada estava entreaberta. Entrou com cuidado, andando com passos rápidos na ponta dos pés, fez uma breve oração para que não encontrasse Verber morto na cama. Não estava armado e nem saberia como lidar com a situação. A mera imagem causou vertigem e sentiu borboletas no estomago.

Finalmente entrou no quarto e a porta estava aberta...

Capítulo. 47

Max acordou perguntando-se onde estava. Sua cabeça doía e ele teve a sensação de que um tornado tinha passado dentro dela. Sua visão estava turva e ele mal pôde ver o homenzinho sobre ele.

Era um pashit e disso ele não tinha dúvida. Agora o homem mostrava sua cauda longa e pontuda. Sua pele tinha um tom amarelado e seu cheiro de enxofre causou-lhe náuseas. Ele mexia a faca de Max entre os dedos com alguma habilidade e Max não quis imaginar o que ele pretendia com ela.

- Ah você acordou então - debochou o velho pashit. Andava sobre duas pernas, mas em uma posição curvada que seria anormal a qualquer humano. Seu peito quase encostava no chão e seus joelhos ficavam acima da cabeça. Eram joelhos com uma pele cheia de furúnculos e Max viu algo parecido com pus saindo deles.

Então desmaiou de novo.

Sonhou que estava em uma planície em chamas, o céu pegava fogo e o calor era insuportável. Havia um forte cheiro de enxofre e criaturas arrastavam outras por correntes e chicotes. Havia montanhas de corpos no horizonte e Max estava apavorado.

Então o céu de fogo se abriu, e uma mulher vinha descendo lentamente por ele. Sua figura era toda dourada e Max acreditou nunca ter visto uma mulher tão linda. Ela tinha olhos caridosos e sua presença causou em Max uma sensação tão boa e uma paz interior além desse mundo e ele pensou que ela não combinava com esse sonho.

A mulher aproximou-se mais e seus cabelos esvoaçavam com uma refrescante brisa que passou por aquele inferno entre eles. Ela vinha do céu, como se fosse um anjo, na mesma hora Max perdeu o medo e estava totalmente encantado.

Ela finalmente chegou nele, aterrissando sem fazer sequer um ruído, sem incomodar em nada a natureza pútrida à sua volta.

Levantou a mão suave e lentamente em direção ao rosto de Max e tocou-o. Era quente e reconfortante a sensação, Max deitou o rosto em cima de sua palma e sentiu que não havia provado nada mais gostoso do que aquele sentimento de paz interior.

- Quem é você? - perguntou.

A mulher deu-lhe um sorriso sereno, e acariciou sua bochecha com o polegar.

- Você precisa acreditar, Max.

Ele encarou-a incrédulo nos olhos.

- Eu não consigo - disse - o mundo não deixa que eu acredite.

Ela sorriu novamente.

- A sua fé não depende do mundo, Max. Nem mesmo de Deus. A sua fé depende apenas de você.

Max começou a chorar de raiva e emoção, sentiu como se seus olhos estivessem sendo abertos pela primeira vez.

- Mas então por que Deus não me dá uma prova? Por que deixa que seus filhos sofram tanto nesse mundo?

Ela beijou-o na testa, então olhou profundamente em seus olhos e Max viu que até mesmo eles eram dourados, sentiu um calor irradiando por eles, pensou que calor seria esse.

- Há outros mundos, mas você pertence à esse e deve fazer o que foi designado a fazer, esses são os planos de Deus e você não deve se resignar.

- Eu só precisava de uma prova, só uma para acreditar - disse não mais importando-se com o ambiente ao redor. De repente tudo parecia não ter importância.

- E que valor teria essa fé? A fé baseia-se em acreditar mesmo quando se é cego - disse docemente - Deixe Deus entrar em seu coração e essa será toda a prova de que precisa.

Então ela se virou para ir embora.

- Espere - chamou. Mas ela não esperou, apenas começou a subir aos céus.

E Max caiu de joelhos no chão e começou a chorar copiosamente. Não soube como, mas tinha certeza que aquela só podia ser uma pessoa: era sua mãe.

Apenas as mães são perfeitamente lindas e reconfortantes aos olhos do filho. Apenas elas vêm de onde estiverem para resgatá-los do abismo. Max olhou para dentro de si e decidiu que daria uma chance a Deus.

- Acorde! - ordenou uma voz e ele sentiu um chute na barriga, mas estava tão anestesiado da bebida que não sentiu dor.

Max estava assustado, mas não conseguia abrir os olhos, então outro chute ajudou-o a recuperar os sentidos e aos poucos foi começando a enxergar. Estava procurando pelo pashit, mas não era ele. Era um humano e sua visão ainda estava muito turva para saber quem era.

- Boa noite, querida - disse a voz, mas Max não conseguiu enxergar com perfeição. Não sabia onde estava.

O pashit atrás dele gritava e Max conseguiu ver que haviam mais cinco garotos com ele e estavam todos se divertindo segurando com longas varas de pau o pashit dentro da fogueira que o próprio havia acendido. Estavam vendo-o queimar vivo.

Em menos de um minuto os gritos cessaram e deu lugar as gargalhadas e ao cheiro sulfúrico de demônio morto. Max nunca tinha sentido um cheiro tão forte na vida, era uma mistura de carne podre queimada com alguma outra coisa que com certeza só poderia ter saído do inferno.

O garoto acocorou-se perto de Max e seus rostos ficaram próximos, então ele olhou com mais atenção e finalmente o garoto sorriu. Porque Max o reconheceu.

- Ângelo - disse.

- Achei que não me reconheceria - respondeu sarcasticamente.

Ângelo e seu bando, os Lobos das Ruínas eram quase arquirivais dos Ursos Vermelhos. Apesar de Max e seus companheiros estarem todos no oitavo ano e os Lobos no sétimo, estavam em constante competição porque os treinos eram a maioria juntos e Max sabia que o garoto que lhe encarava de perto era muito perigoso.

Mesmo assim Max não demonstrou medo.

- Suspeito que não estava passando aqui por acaso.

- Certo - respondeu rindo.

- E não foi o Izidro que mandou vocês aqui para nos ajudar, não é?

- Certo de novo - riu Ângelo e todos os Lobos gargalharam e zombaram dele.

- Vocês aprontaram uma e tanto, hein Max?

Max viu a faca na mão de Ângelo e entendeu as intenções dele. Por um momento achou que teria medo, mas surpreendeu-se por não estar se importando. Lembrou do conselho de sua mãe. *"Tenha fé"*.

- Acabe logo com isso - pediu.

Ângelo não entendeu. Seu humor foi quebrado como uma janela atingida por uma pedra e ele por um segundo não soube o que fazer.

- Tão fácil assim? - perguntou.

- Já é a terceira vez em duas noites que tentam me matar - disse - estou me cansando disso.

- Tudo bem - disse Ângelo levando a faca até o pescoço de Max.

Capítulo. 48

Renan entrou assustado pelo quarto totalmente escuro. Não podia ver sequer um palmo à sua frente e teve medo que alguém espreitasse dentro das sombras. Andou tateando pelas paredes até que tropeçou em algo. Teve medo que fosse Verber e colocou a mão, mas era apenas um novelo de lã enrolado no chão.

Chamou Verber baixinho e não ouviu resposta. Tocou no cabo da faca para afastar o mal. Tocar o cabo da arma era uma antiga crença que Renan aprendera e era de muito antes do mundo seguir em frente, mas Renan ainda achava que esse conhecimento ancestral, apesar de abominado pelos padres mais ortodoxos como uma crença pagã, ainda servia muito bem ao seu propósito. Sentia-se mais seguro tocando o cabo da faca que fazendo o sinal da cruz.

Renan chegou próximo a janela do quarto e abriu. A luz da lua penetrou a noite tão fácil como uma faca trespassava um queijo e rapidamente iluminou boa parte do quarto.

Verber não estava lá.

Renan sentiu os pêlos na nuca se arrepiarem e amaldiçoou-se por não ter ficado junto com ele enquanto dormia. Mas como podia recusar? Como iria adivinhar que Verber iria sumir? Pensou que ele pudesse ter ido ao banheiro e não quis esperar. Saiu da casa pela única porta que tinha e foi em direção à latrina.

Antes que pudesse chegar lá ouviu passos atrás de si e virou-se puxando sua faca. Amábili deu um gritinho e abraçou-se nele, estava muito nervosa e ele sentiu seu corpo todo tremendo.

- Eles levaram seu amigo - disse assustada.

- Quem?

- O homem e a mulher que você me mandou seguir - ela deu uma pausa e respirou. Viera correndo e estava visivelmente esgotada.

- Me leve até lá - pediu e ela imediatamente guiou-o.

Havia uma cabana no interior de um bosque próximo à saída do vilarejo e Renan e Amábili espreitavam atrás de uma moita para ver se havia movimento. Tudo parecia estar calmo e nem sinal de Verber.

- Tem certeza que vieram pra cá? - perguntou.

- Sim, absoluta - disse com os enormes olhos azuis arregalados.

Uma tocha foi acesa e o interior da cabana ficou totalmente iluminado. Sombras moviam-se lá dentro e Renan mandou que Amábili ficasse ali enquanto ele iria investigar.

Aproximou-se da cabana andando sobre os calcanhares, a terra batida levantava uma poeira que entrava em suas narinas e grudava em seu rosto suado formando-lhe uma leve crosta que ele limpou com a mão. Chegou embaixo da única janela que havia na pequena cabana e levantou a cabeça apenas o suficiente para conseguir olhar dentro.

As paredes da cabana eram feitas de estrume com barro e a cobertura do teto era toda em palha seca. Dentro não tinha mais que vinte metros quadrados, parecia mais um quarto de curtir couro do que a moradia de alguém e Renan conseguiu ver Verber deitado em uma mesa de madeira. Instrumentos de curtimento estavam espalhados pelo chão.

Verber estava preso pelos braços e pernas e tinha uma mordaca na boca para que não gritasse. Contou dois homens e uma mulher, começou a bolar um plano para tirar o amigo da enrascada, mas nada vinha a mente. Um dos homens começou a afiar uma pequena faca e Renan não quis imaginar para que seria utilizada.

Verber estava acordado e seus olhos estavam saltados de medo. Sabia o que lhe aconteceria e a sensação não era nada boa. As cordas de couro que amarravam suas mãos e pés eram grossas demais e estavam muito bem presas para ele tentar arrebatá-las, mesmo assim nunca teria força para tal feito. Do lado de fora Renan teve um plano e

parecia idiota demais, mas era a única coisa que se formou em sua cabeça.

Celeste chegou próxima ao prisioneiro e retirou sua mordaca que nada mais era do que um grande pano amassado que ela colocou ao seu lado na mesa em que ele estava preso.

- Onde está o seu outro amigo? - perguntou gentilmente, divertindo-se com o medo dele.

Verber não disse nada, apenas encarou-a nos olhos e procurou mostrar que não tinha medo dela.

O homem que afiava a faca começou a rir e testou a lâmina. Viu que havia feito um bom trabalho, então passou rente a pele do braço de Verber e lhe arrancou todos os pêlos, como se já estivessem soltos. Verber não tinha dúvidas de que a faca estava bem afiada, afinal, ele mesmo reconhecia um bom fio só de olhar a lâmina.

- Vou repetir só mais uma vez - disse ela - onde está aquele safado?

Verber continuou olhando para a faca e o homem divertiu-se com isso, então voltou a olhar para Celeste. O outro homem que estava na cabana usava um enorme manto cinza escuro e o capuz lhe cobria todo o rosto e em momento algum ele se pronunciou, sequer se mexeu. Renan conseguiu ver que ele usava sandálias amarradas ao tornozelo.

- Não sei, e se soubesse também não diria - respondeu por fim - no mais você pode ir pro inferno!

Celeste balançou a cabeça negativamente e então deu um sinal ao homem que estava com a faca. Ele deu um sorriso grotesco e Verber pôde ver que lhe faltavam quase todos os dentes, exceto um incisivo superior. A barba negra e grossa dava-lhe um ar de açougueiro que o fez sentir medo e nojo do grande homem.

Verber fechou os olhos e esperou o primeiro corte, mas não sentiu nada. Demorou a entender o que se passava, mas os três estavam olhando para cima. Verber viu que o teto de palha estava em chamas. As labaredas começaram

pequenas, mas rapidamente lambiam todo o teto da cabana e o estrume que dava sustentação às vigas começou rapidamente a derreter.

O primeiro a correr foi o homem encapuzado, que apesar de não ser grande era bem rápido. Assim que saiu porta afora recebeu uma enorme porretada. Seus reflexos fizeram-no pular, mas o pesado pedaço de tronco que Renan usou atingiu seus pés e ele caiu de cara e rolou alguns metros. Renan havia esperado com as costas grudadas ao lado da porta e quando viu a sombra se movendo para fora girou com violência o porrete para acertar as pernas e derrubar quem viesse.

Renan seguiu o homem encapuzado e pôde ver que seus pés sangravam.

- Tire o capuz - ordenou.

O homem que rastejava de costas não disse nada. Renan bateu mais uma vez com o porrete improvisado no seu pé direito e o homem gemeu de dor. Renan viu que havia quebrado todas as unhas do seu pé e ele continuava a rastejar arfando.

- Eu mandei... - mas não teve tempo de completar a frase, porque foi agarrado pelos cabelos e puxado por uma força enorme. Antes que o barbudo pudesse fazer qualquer coisa, Renan, que estava em fúria, girou o porrete e o acertou no rosto da melhor forma que conseguiu. O homem cuspiu o único dente, mas não pareceu ficar atordoadado. Ele arremessou Renan contra uma árvore.

Bateu pesadamente contra a árvore e sentiu as costelas doerem. Também havia batido o rosto de mau jeito e sentiu o sangue escorrer pela boca. O gosto quente e ácido causaram vertigem enquanto assistia, encostado a árvore, o homem aproximando-se e mostrando seu novo sorriso sem dentes.

O homem pegou o porrete de Renan e sentiu seu peso, então abriu um largo sorriso enquanto seus olhos diziam que ele iria amassar a cabeça do garoto contra a árvore. Renan havia sentado e não tinha forças para levantar.

Sentiu o pulmão dar uma ligeira alfinetada enquanto respirava e cuspiu sangue.

Viu que o barbudo estava cada vez mais perto e já tinha a distância de um golpe. Sem falar uma palavra, ele apenas gargalhou e levantou o porrete. Renan fechou os olhos e esperou o golpe... pediu que sua mãe olhasse por ele e se estivesse morta a recebesse assim que passasse dessa vida, mas apenas ouviu o grito do homem.

Quando abriu os olhos, Amábili havia enterrado a faca de Renan no pescoço do gigante. O homem parecia não acreditar. Seus olhos estavam esbugalhados e ele colocou a mão atrás da orelha direita para sentir onde havia sido atingido. Por um momento pareceu que ia cair, mas ele manteve-se em pé. Havia esquecido Renan e olhado para a garota. Com fúria no olhar começou a andar em sua direção.

Amábili tremia de medo e não conseguia acreditar no que tinha feito por puro instinto. Por um momento achou que iria perder Renan, então fez o que achava ser certo, mas o homem agora andava na direção dela, lentamente e ela não conseguia mover as pernas.

O homem puxou a faca e um filete de sangue espirrou a mais de três metros, ela havia lhe acertado em uma artéria e a pressão arremessou mais alguns filetes antes dele colocar a mão para tapar. Ele cuspiu sangue e até de suas narinas escorriam em quantidade. Como um prédio ruindo ao seu fim, ele tombou na frente da garota que chorava nervosa. Ela correu em direção a Renan e abraçou-o. Renan confortou-a em seus braços por um breve momento e lembrou-se de Verber.

- Eu o libertei enquanto você estava ocupado - disse.

Eles voltavam para a cabana quando viram Verber carregando de volta pelos cabelos loiros a tão procurada Celeste.

Capítulo. 49

A Cerberus continuava sua rotina normal. Os jogos já haviam chegado a seu estágio final e algumas modalidades já tinham seus vencedores. Os húngaros da S.M.I. estavam irritados porque haviam ganhado apenas a competição dos armeiros com Quotar e do levantamento de peso.

Enquanto isso a Rússia tinha surpreendido com o estreante Dimitri desbancando a preferida húngara Karol na competição de arqueirismo, possuindo ainda mais duas chances de medalha: no boxe, Kulik estava na final contra o brasileiro Borges e no combate com armas letais Samuel havia sumido e houve um conselho propondo que o derrotado Fetíssov lutasse contra o escocês Duncan, que havia derrotado Renan com um golpe baixo. O russo saiu-se bem e venceu Duncan chegando a final contra Frank Marshall, assim a A.U.Z. tinha chances de levar três modalidades podendo ultrapassar a S.M.I.

Os americanos tiveram a participação modesta de sempre e levaram apenas a competição de padres com o também estreante Mathew vencendo o húngaro na final e isso foi motivo de grande júbilo pelo padre John e todos os outros, de certa forma apagando a ferida aberta pela morte de Zack.

A Royal Academy escocesa, por sua vez, havia ganhado a primeira competição três dias atrás com a vitória de Harold e cruzavam os dedos para conseguirem a segunda competição no combate com armas. Todos estavam bem confiantes porque Frank Marshall era um exímio espadachim, porém, se fosse contra Duncan, a Escócia já teria garantido o troféu, mas obviamente na votação foi 4 contra 1 a favor de Fetíssov substituir Samuel e enfrentar Duncan. O professor Angus ficou irritado amassando um caneco de latão no qual tomava sua cerveja.

A Cerberus destacava-se na competição por ter vencido uma competição, com Marvin no atletismo e ter uma

chance de se igualar à outras escolas em número de vitórias. Borges estava muito confiante e agora era ele que entraria no ringue para a grande final.

Seu adversário era Kulik e o clima entre os dois estava bem descontraído. Entraram no ringue, se abraçaram, contaram piadas um da cara do outro e todos esperavam que fosse uma luta limpa, coisa rara nos jogos inter colegiais.

A platéia lotou a arquibancada e quem chegou atrasado teve que assistir em pé ou embaixo da estrutura de madeira e ferro. As pessoas pulavam de forma frenética e Baltazar que estava no meio da multidão sentiu as arquibancadas tremendo e temeu que tudo desabasse. Apesar disso sabia que não haveria como conter a multidão e só restou a ele rezar para que a estrutura não viesse abaixo.

O gongo soou e Borges e Kulik iniciaram a luta. Cumprimentaram-se tocando os punhos e o combate não podia ter tido um começo mais violento. Kulik acertou dois jabs no nariz quebrado de Borges e apesar dos golpes não terem sido fortes, o nariz já começou a sangrar. Borges iniciou a luta na defensiva e Gerrard berrava do corner que ele usasse sua envergadura. Borges tinha noção que sua capacidade de alcance era muito maior que a de Kulik. Ele era uma cabeça maior que o russo e os perdidos que não conheciam nem um nem outro não tinham como se confundir, além disso, um era negro e o outro extremamente branco.

Alfredo, o padre dos Ursos Vermelhos viu Natasha sentada alguns metros de si ao lado de Ilian e pediu licença para sentar perto dela. Conhecia Natasha há alguns anos, desde que Max começou a namorar com ela quatro anos atrás, nos jogos que tinham sido na Rússia. Lembrava-se da tortuosa viagem que fizeram com uma espécie de dirigível que havia sido desenvolvido em um grande vilarejo próximo ao litoral. Apesar disso, a viagem fora longa e durou quase quinze dias, com algumas paradas nas Américas e o

Estreito de Bering que separava América do Norte da Rússia.

- Oi - disse para Natasha que se assustou com sua presença.

- Alfredo. Nossa, você me assustou.

- Desculpe, não foi minha intenção. Teve notícias do Max e dos outros?

Natasha olhou para os pés, a arquibancada começou a tremer novamente com os pulos e os gritos dos russos porque Kulik havia derrubado Borges com um forte direto no queixo.

Alfredo olhou e esperou que seu amigo levantasse. Borges nem deu tempo de o juiz abrir a contagem e já estava novamente em pé, rindo e partindo para cima do russo.

- Não, nada. Estou muito preocupada, você acha que aconteceu alguma coisa?

Alfredo pensou por um segundo.

- Eles sabem se cuidar. Acredito que devem estar bem, não se preocupe.

Natasha tinha os olhos marejados de lágrimas, mas ainda não derrubara nenhuma. Odiava não ter notícias de Max e não dormia desde que ele se fora.

- Falemos de outra coisa - sugeriu ele - o que é esse belo colar no seu pescoço?

Natasha olhou para o colar que havia pendurado no pescoço e o pingente que continha um liquido avermelhado e descia até entre seus pequenos seios que começavam a surgir. Alfredo viu como eram brancos e imaginou qual seria sua textura, então se puniu mentalmente por tais pensamentos, mas Natasha era a garota mais bonita que havia dentre todas as escolas e ele não sabia se desejá-la por alguns segundos consistia em um pecado.

- Isso aqui?

- É, acho que já vi antes.

Natasha ruborizou.

- Bem, não sei se é possível, esse pingente aqui contém meu sangue.

- Deve ser muito precioso para você não é? - disse com sinceridade.

- É sim, é como um amuleto de proteção, minha mãe deixou comigo quando me doou à A.U.Z.

Alfredo olhou melhor quando ela puxou e entregou para que ele examinasse. Realmente era um pequeno frasco e dentro havia um pouco de líquido viscoso que parecia muito com sangue. A arquibancada começou a vibrar novamente e dessa vez com muito mais intensidade. Havia muitos mais alunos da Cerberus e Borges havia derrubado Kulik com um poderoso gancho. Alfredo e Natasha que eram muito magros tombaram no banco e a mão dele enfiou-se entre o espaço dos tacos da arquibancada.

- Ó Deus - disse desesperado, então encarou-a.

- O que foi?

Ele então puxou a mão vazia.

- Eu derrubei seu colar - disse de olhos arregalados.

Natasha encarou-o horrorizada e os dois começaram a procurar pelo espaço que o colar havia caído. Olharam para uma multidão que estava três metros abaixo e pulava ensandecida com a luta. Havia quase cem alunos lá embaixo e nenhum sinal do finíssimo colar dourado.

- Eu vou achar - garantiu ele levantando-se.

- É bom mesmo! - disse ela irritada.

Alfredo saiu correndo entre as pessoas e recebeu vários xingamentos das pessoas que atrapalhava e pisava nos pés. Natasha só mirava-o com ódio e culpando-se por ter dado algo tão precioso nas mãos magras daquele desastrado.

Ilian viu ele se distanciar.

Enquanto ele procurava, recebendo empurrões e trombadas, Borges nocauteava Kulik e tornava tudo pior para Alfredo, porque agora havia briga entre alunos da Cerberus e da A.U.Z. e ele estava bem no olho do furacão.

A vitória de Borges causou um feito inédito: Duas vitórias da Cerberus em uma mesma edição dos jogos. Tanto os brasileiros como os húngaros estavam extasiados porque a Rússia só havia conseguido uma medalha até agora e não havia mais chances de nenhuma escola ser a grande campeã da edição.

Tanto a Royal Academy como a A.U.Z., que fariam a última final, só tinham chances de alcançarem duas vitórias. Gabor esperava que Fetíssov vencesse o escocês Frank Marshall, mas já havia perdido de um aluno da Cerberus do terceiro ano e as probabilidades não eram nada boas.

- Não vou ficar aqui parado - disse João enquanto terminava sua cerveja.

- Nem eu - disse Ilian que depois do episódio com os calabans tinha criado um vínculo ainda mais forte com o grandalhão.

- Tudo bem, nem eu quero ficar aqui - acalmou-os Caio - mas precisamos de um plano, senão corre o risco de nem nós mesmos voltarmos.

Mônica escutava a conversa sentada praticamente fora da roda deles.

- Você tem um plano? - perguntou por trás deles.

Ilian, Caio e João se encararam.

- Onde você pensa que vai? - perguntou João.

- Como assim? - indignou-se a menina diante da pergunta - Vou com vocês, claro!

- Olha Mônica, não creio que você deva ir com a gente.

- Por que? - disse com os olhos marejados indicando que já estava prestes a chorar.

- Olha aí - disse João - você já está chorando!

- Não estou não - disse ela limpando os olhos - quero saber por que não posso ir!

Caio olhava para ela e soube que sempre se apaixonaria por aqueles olhos. Procurou as respostas dentro de sua cabeça, mas só achava desculpas esfarrapadas e antes que

João piorasse a situação, escolheu uma e esperou que ela engolisse.

- Precisamos de alguém aqui para ser nosso suporte, explicar nossa ausência se alguém notar nossa falta. Você sabe, é a melhor de nós em arranjar uma desculpa.

- Não tão boa quanto você, seu desgraçado - apontou ela na cara dele - vocês não querem que eu vá porque sou uma garota! Não é isso?

- Pois é... - começou João, mas foi logo interrompido por Caio.

- Não, não é isso - tentou consertar falando calmamente, mas ela estava furiosa.

- Então o que é? - e não houve nenhuma resposta - é isso não é?

Todos continuavam em silêncio. Ilian encarava a mesa e sua caneca com sangue de carneiro.

- João? - perguntou Mônica.

- Bem,... adoro você, Mônica, sabe,... - chamou-a pelo apelido - mas será perigoso demais para uma.... sabe?

Agora suas lágrimas escorriam e seu rosto era só ódio.

- Ilian? - Mônica chamou-o indicando que queria sua opinião.

Ilian apenas encarou-a, então envergonhado abaixou a cabeça novamente e voltou a encarar sua caneca.

- Vocês são patéticos! - disse ela, limpando as lágrimas e levantando-se irada.

Um silêncio reinou por quase um minuto. Caio, Ilian e João refletiam sobre o que tinham feito e nenhum deles quis quebrar o gelo, então Caio o fez.

- Eu gosto dela - disse por fim.

- Jura? Não percebemos - zombou João.

- Eu falo sério!

- A gente sabe. Também sabemos que você quer ela perto da gente porque ela estaria de olho em qualquer atitude heróica sua, mas por outro lado teme que ela se machuque.

Caio encarou-o irritado por ter sido lido com tanta facilidade e João notou sua indignação.

- Cara, posso não tirar boas notas, mas quando se trata de entender o sentimento das pessoas, você tá indo e eu tô voltando.

Caio sabia que isso era verdade. João sempre fora bem relacionado com as pessoas justamente por sua sensibilidade com os outros. Sabia freqüentemente quando as pessoas estavam tristes, mesmo que elas fizessem de tudo para não aparecer. Mesmo que se escondessem por trás de máscaras de sorrisos e atitudes felizes, nada passava despercebido pelo João Pequeno.

- Você quer protegê-la, porque não se perdoaria se algo acontecesse a ela, por isso não quer que ela vá não é? - perguntou João.

- Também. Mas também há o fato dela ser menina. Estamos indo tentar resolver um problema e podemos estar levando uma complicação. Quem a protegeria? Sabe-se lá o que tem lá fora.

- É isso cara! - disse João contente e dando um tapa no ombro de Caio - o que você acha Ilian?

Mas Ilian já havia saído atrás de Mônica antes que os dois percebessem.

Mônica tinha ido para seu quarto, decidiu que não choraria mais pelo machismo dos seus amigos, então xingou-se por chamá-los de amigos. Que amigos eram esses que desfaziam de sua competência? Que não achavam-na capaz para nada além de preocupar-se com eles nas competições de boxe ou que ficasse na retaguarda, como se fosse um peso morto no bando?

Teve uma idéia nada original e decidiu colocá-la em prática. Várias mulheres já haviam feito isso e tinha dado certo, para ela tinha que dar também. Agarrou uma faca que tinha no criado mudo ao lado de sua cama, foi à frente do seu espelho de cobre que produzia uma imagem distorcida dela, mas era o que a tecnologia conseguia fazer desde que o mundo foi em frente .

- Não precisa fazer isso, Mônica - disse Ilian às suas costas.

Mônica assustou-se com a presença dele, mas mesmo assim não soltou a faca, apenas abaixou-a.

- Não quero sua pena - disse grosseiramente.

Ilian entrou e calmamente tirou a faca de suas mãos, então olhou para a amiga e limpou uma lágrima que escorria. Ela estava trêmula e Ilian sabia que era de raiva, mas não podia culpá-la, afinal, ele mesmo sofria muito com o preconceito de muitos colegas de classe que diziam às suas costas que ele era uma aberração, que não deveria dormir sob o mesmo teto e que um dia seria caçado igual ao que treinava para caçar.

- Não vim aqui porque sinto pena de você - disse.

- Não? Então Por que veio? - disse Mônica ainda desconfiada.

- Se não fosse você, eu e João não teríamos conseguido passar pelo corredor de calabans.

Mônica lembrou-se do episódio, quando Ilian pediu que lhe desse cobertura e ela e outros artilheiros ajudaram os cães a abrirem caminho para eles. Mônica superou-se naquela noite e ela sabia disso. Nunca havia atirado em um alvo que não sente dor e sob tamanha pressão. Sabia que não podia falhar e coordenou o ataque com maestria para que seus dois amigos tivessem êxito.

- Aquele idiota do João - disse com rancor.

- Não culpe ele. O Pequeno tem um grande coração e também gosta muito de você, só é muito burro para saber o quanto você é competente.

Mônica sorriu.

- Você realmente acha isso?

Ilian lhe sorriu de volta e a abraçou.

- Minha amiga, se eu não achasse isso, com certeza você não estaria em nosso bando - disse e os dois riram juntos. Pela primeira vez ela estava se sentindo bem pela conversa e sua raiva diminuía.

- Obrigado Ilian, me sinto melhor, mas mesmo assim não irei lá falar com aqueles dois e nem irei com vocês.

Ilian encarou-a nos olhos.

- E nem deve, preciso que você faça uma coisa muito importante.

Sentaram-se e ele contou o que precisava.

Capítulo. 50

A cabana não estava totalmente destruída, mas o teto se fora por completo e o cheiro de esturme queimado açoitava o nariz dos três enquanto arrastavam Celeste sobre a mesa de tortura. Celeste debatia-se como um animal louco e Verber agarrou mais firme pelos seus cabelos e esbofeteou seu rosto.

- Você não vai arrancar nada de mim, entendeu? - disse em desafio e cuspiu na cara de Verber. O cuspe escorreu pela face enfurecida do garoto e ele adicionou mais crédito ao ódio que sentia da mulher.

Verber bateu o rosto bonito da mulher contra a mesa e ela ficou grogue por alguns segundos. Passou uma rasteira e derrubou-a sobre a mesa de madeira. Celeste gemeu com a pancada e sentiu seus braços serem agarrados. Amábili tentou segurar os pés dela, mas ela girou-os como se estivesse pedalando e acertou a cara da garota que caiu no chão.

Amábili levantou-se furiosa. Odiava a mulher porque desde que fora trabalhar na casa do governador olhava a todos com nariz empinado e sua arrogância não tinha limites. Odiava também os filhos dela que a chamavam de gigante desengonçada e monstro pernudo. Há pouco descobrira que era a mãe que incentivava as crianças a dizerem tais coisas.

- Fica quieta, sua vaca! - disse Amábili e para surpresa de Verber e Renan que tinham dificuldade em controlar a fúria da mulher, Amábili socou-a no estômago tão forte que até eles, acostumados a levarem porrada desde que aprenderam a andar, se contorceram de dor.

Celeste soltou o ar e perdeu a voz, parando de chutar e gritar como uma louca. Teve uma crise de tosse tão grande que até Renan ficou preocupado, mas pelo menos conseguiram amarrá-la com facilidade na mesa. A mulher não tinha mais forças para espernear, o soco pegou em

cheio na divisa das costelas, acima do umbigo, na região do diafragma e Renan sabia o quanto isso doía.

Verber certificou-se de que as cordas de couro estavam bem amarradas e Renan olhou com ele. Viu que os pulsos dela estavam tão firmes que estavam até ficando brancos e cada vez que ela puxava, mais forte o couro apertava e pior ficava.

- Não acha que é melhor afrouxar um pouco? - perguntou Renan, mas Verber encarou-o com fúria. Havia passado o medo que aquela mulher causara enquanto lhe torturava psicologicamente, a humilhação de ter vontade de chorar, afinal, já tinha seus quase dezesseis anos e era um homem formado, mas ser homem não significava ausência de medo. O medo da dor iminente, de morrer nunca se esvai do corpo, isso Verber tinha certeza. Sentiu o medo do barbudo banguela arrancar-lhe sangue, fazê-lo gritar e mais humilhante ainda era a sensação de gratidão quando a tortura para.

Renan leu tudo isso nos olhos de Verber e teve medo do que viu. Do que ele estava disposto a fazer para conseguir as informações que precisava. Virou para Amábili e pegou sua mão.

- Dispense sua namorada e vamos começar - disse friamente olhando para Celeste.

- Acho que está tarde, vá para casa - disse Renan carinhosamente, como quem diz: "você não vai querer ver isso!" Pegou sua mão e saíram para a noite e fora das vistas de Verber.

Amábili quis se despedir melhor de Renan, mas o olhar de Verber avisou que não tinham a noite toda, então deu um beijo nos lábios dele e o abraçou forte, como nunca tinha abraçado ninguém. Aprendera naquele único dia a gostar dele, da forma como lhe tratou e como foi carinhoso. A forma como que fizeram amor não foi tão significativa para ela quanto a forma que ele a olhou enquanto faziam, com respeito, admiração, sem tratá-la como um monstro pernudo.

Renan se demonstrara terno e isso fez Amábili admirá-lo mais ainda. Não era como Verber. Podia não ser bonito como ele a primeira vista, mas aos olhos de Amábili Renan agora se tornara o homem mais bonito do mundo. Apesar de ser mais baixo que ela, era de uma grandeza sem tamanho e ela não queria sujar a imagem dessa pessoa com o que ele estava prestes a fazer. Apesar disso, sabia que era necessário, por isso ajudou a colocar uma mulher que ela conhecia desde que nascera à uma mesa, amarrada por cordas e esperando pela dor.

- Você voltará um dia? - perguntou contendo o choro.

Renan beijou seus olhos e sorveu suas lágrimas antes mesmo que escorressem. Sentiu o gosto salgado, mas sentiu também uma explosão de sentimentos. Sentiu que a garota realmente gostava dele e de uma forma que ele não achava ser possível.

Renan nunca se apaixonara antes e nem sabia qual seria a sensação. Não entendia o que era amor ou paixão à primeira vista e não sabia se estava acontecendo com ele agora, mas sabia que realmente gostava de Amábili. Os lábios dela ficavam mais avermelhados enquanto ela chorava e a ponta de seu nariz também. Achou bonito como os olhos dela ficavam mais brilhantes do que jamais vira em outra mulher. Eram de um verde tão profundo que um homem poderia se afogar lá e Renan pensou que seria uma morte que valeria a pena. Todos esses pensamentos passaram pela cabeça de Renan em um único segundo e ela esperava uma resposta ainda.

- Pode ter certeza que um dia eu voltarei para você - disse ele com sinceridade, rezando para que Deus permitisse isso.

Renan e Amábili que nunca haviam beijado ninguém antes, beijaram-se apaixonadamente e se abraçaram apenas com a Lua como testemunha. E ela se foi. Renan observou até que ela sumiu da sua vista e entrou em segurança no pequeno vilarejo.

Verber havia ficado dentro da cabana fazendo seus preparativos com calma, curtindo cada momento de sua vingança e tentando manter o equilíbrio de sempre. Queria matar logo a mulher e queria que sofresse também, mas não podia. Repetia seguidamente em sua cabeça que tinha uma missão e que precisava obter as respostas. Viu Renan entrar e voltou a encarar a mulher deitada na mesa.

Celeste viu o mesmo que Renan nos olhos de Verber e teve medo. Verber era alto e tinha o queixo quadrado e firme, o que lhe dava um ar de seriedade em tudo que se propunha a fazer, sua cabeça era inteiramente raspada e ele deixava começar a nascer os pêlos no queixo, o qual um dia pretendia fazer uma trança mas, que agora não passavam de um amontoado de pêlos dispersos.

Celeste não queria demonstrar medo, mas não teve como, então em uma tentativa banal de manter seu orgulho cuspiu novamente nele. Verber cansou-se disso. Deu um soco na boca da mulher que pegou em cheio e quebrou dois dentes. Celeste bateu a cabeça contra a mesa e desmaiou.

- Acorde ela - disse a Renan.

Renan deu alguns tapinhas na cara de Celeste, mas ela nem esboçou reação. Teve medo de mostrar fraqueza diante de Verber ou que estava começando a ter pena da mulher. O que ela iria fazer Verber passar veio a sua mente e rapidamente engoliu a pena e esbofeteou a mulher.

A boca da mulher era uma massa de sangue devido ao soco de Verber. Seus dois dentes haviam caído na mesa e ficaram lá, como dois insetos encarando Renan.

- Jogue água na cara dela - disse Verber enquanto mexia em uma bacia de ferro que estava encostada à parede.

- Eu não tenho água aqui comigo, Verber - disse procurando. Água era um negócio tão raro que dificilmente seria encontrado em um quarto de curtir couro.

Verber foi pelo outro lado da mesa e, para a surpresa de Renan, baixou as calças e começou a mijar na cara da mulher. Celeste acordou cuspiendo sangue e urina e quando viu o que Verber estava fazendo gritou de raiva.

- Filho da puta des.... - e foi interrompida porque Verber voltou a mijar em sua cara, fazendo urina entrar em sua boca e ela tossir.

Verber subiu as calças. Em outra ocasião poderia até achar engraçado, mas nessa noite seu senso de humor era zero.

- Acredito que não preciso explicar as regras para você - começou calmamente - mas mesmo assim vou dizer porque quero que saiba até onde estou disposto a ir. Isso vale para você também Renan.

Renan olhou assustado para ele por ter sido colocado no meio.

- Se você não tem estômago então peço que se retire, mas quando eu começar, se você estiver por aqui, ficará até o fim. Está entendido?

Renan confirmou com a cabeça e ficou onde estava, garantindo que ficaria lá até o fim.

- Celeste, serei direto, como sempre gosto de ser - disse calmamente causando um frio na espinha tanto dela como na de Renan. Renan não imaginava até onde Verber podia ir com ela e teve medo de pensar. Sabia da situação dele: se não arranjassem o verdadeiro culpado eram as pernas dele que balançariam no cadafalso enquanto a corda apertaria seu pescoço. Renan se imaginou no lugar dele.

- Como tenho interesse no seu depoimento, por um ato de boa fé, permitirei que não fique amordaçada, diferente do que fez comigo, mas se me xingar, prometo que limpo minha bunda com aquele pano imundo e enfio na sua boca, está claro?

Celeste não respondeu.

- Entenderei seu silêncio como um sim.

Verber pegou a sua faca e afiou-a na pedra, então encostou na barriga de Celeste.

- Diga-me quem matou o filho do governador.

Celeste continuou em silêncio, tinha mais medo do que aconteceria a ela se dissesse alguma coisa do que de ser

cortada pelo desgraçado a sua frente. O silêncio prolongou-se e quando menos esperava sentiu a dor. Não foi tão forte quanto ela pensou e ela conseguiu conter o grito de dor.

Verber havia passado um corte curto e rápido, sem muita profundidade, apenas para começar a minar o psicológico dela. Havia aprendido durante seu período na Cerberus como se comportar durante uma tortura, tanto aplicando, quanto sofrendo uma, e sabia que o mais importante era o psicológico. Precisava quebrar o psicológico de Celeste.

- Ouviu minha pergunta? - perguntou ironicamente.

Celeste estava com lágrimas nos olhos, tinha medo, mas sabia que precisava resistir ou teria uma morte muito pior. Pensava a todo momento que precisava quebrar a confiança de Verber e fazer com que ele lhe matasse logo, do contrário, acabaria por delatar o que sabia e sofrer as conseqüências.

- Não vou dizer nada - avisou enfrentando os olhos de seu torturador.

Verber passou dessa vez um corte lento e mais profundo. Havia feito o fio da faca para que ficasse muito afiada e fosse capaz de passar cortes dolorosos, mas que a pele fechasse mais fácil e reduzisse o sangramento, tornando assim, a agonia muito pior e a morte muito lenta. O corte levou cerca de cinco segundos e correu por sua barriga de um lado a outro. Celeste gritou durante todo o percurso.

Renan pensou em fechar os olhos, mas teve medo que Verber visse e o tratasse como um maricas, sabia que aquilo era necessário e que se não tinha coragem para ver uma mulher morrer daquela forma, talvez nunca conseguisse ser um corso. O mundo lhe aguardava coisas bem piores e ele sabia disso, por isso manteve os olhos bem abertos e tentou encarar como um aprendiz.

Celeste chorava e gritava. A tortura se prosseguiu por mais meia hora e Celeste já tinha cortes pela barriga, pernas e rosto, mas não tinha falado palavra alguma. Verber visivelmente estava ficando irritado e Renan começou a pensar que alguém no vilarejo poderia ouvir.

Aproveitou para refrescar a mente e saiu, deu uma olhada e viu que graças a Deus o vilarejo dormia, então retornou para os gritos de Celeste.

Verber havia se mexido e estava agora nos pés da mulher, tirou-lhe as sandálias e Renan pôde observar que ela tinha pés grandes e brancos. Verber mais uma vez voltou a falar.

- Vamos começar pela mais fácil - disse - por que mataram o filho do governador?

Celeste manteve-se chorando, Renan viu que ela transformara-se em uma massa de sangue irreconhecível. Lembrava-se que era uma mulher bonita, coisa que nunca voltaria a ser.

A mulher meneou a cabeça negativamente, dando a entender que não responderia. Verber então agarrou o dedinho do seu pé esquerdo e passou a faca. Foi um corte único e rápido e quando a faca passou meio segundo depois, Renan viu que o dedo não estava no pé dela. Celeste gritava e balançava os pés, mas Verber era forte e determinado.

- Por que?

Apenas gritos e ele tirou o anelar.

Por que? - berrou violentamente, mas ela só balançava os pés e gritava em desespero. Verber arrancou o médio e o indicador de seu pé até que ela começou a falar.

Celeste havia perdido quatro dedos para manter o segredo e Verber jogou-os na bacia metálica que havia acendido fogo. Renan sentiu o cheiro de carne queimando lembrando churrasco, mas manteve-se firme enquanto ela falava.

- O filho do governador era uma forma de fazer com que você e o Max fossem culpados! - gritou desesperada de dor.

Verber coçou lentamente a barbicha que nascia sem entender.

- Mas por que exatamente ele? Poderia ser qualquer outro.

- Porque só o filho do governador faria com que duas execuções acontecessem. Se fosse qualquer outro, aquilo ficaria enterrado para sempre! Ninguém mataria dois

homens prontos, todo o tempo e investimento gastos, por um qualquer que apareceu morto. Além disso o Eduardo era um desgraçado que se aproveitava de todas as mulheres que tocava! O mundo ficou bem melhor sem ele! - disse tudo rapidamente no desespero de acabar sua dor.

Agora uma pergunta estava respondida, só faltava a principal.

- Por que alguém quer Max e eu mortos?

Celeste chorava e Verber encostou a faca no dedo que faltava. Ela negou com a cabeça e disse que poderia cortar-lhes todos os dedos que não falaria. Verber sabia que haviam chegado no estágio em que deveria mudar a forma de tortura porque ela se acostumara aquele tipo de dor, precisava-lhe quebrar ainda mais a alma.

Foi em direção à bacia metálica que pegava fogo e Celeste aproveitou para tentar quebrar Renan.

- Por favor, deixe-me sair - disse ela - não sei mais nada.

Renan por um segundo teve pena. Verber ordenou que não olhasse nos olhos dela e que não a desse ouvidos. Apesar disso, as súplicas dela eram de partir o coração e Renan pediu que ela colaborasse logo que tudo acabaria bem.

Bem!? Depois Renan pensou que diabo de comentário idiota fora aquele? Como tudo podia acabar bem para Celeste? Estava toda cortada e nunca mais seria a mesma. Pensava que não poderia ser pior, então Verber veio com o que Renan temia.

Encostou a lâmina alaranjada na parte interna da coxa de Celeste e ela gritou enquanto balançava-se na mesa. Renan contorceu-se com grito dela e o cheiro de carne assada lhe causou uma ânsia tão grande que ele caiu no chão e vomitou. Sentiu espasmos fortes na barriga e aproveitou para ficar no chão preocupando-se com seu estomago enquanto desligava-se do que ocorria à sua volta.

Levou mais três minutos de muita dor, então Celeste foi quebrada.

- Eu só sei que ele é de dentro da escola! Ele quer o pergaminho que está com o governador - gritou.

- Como eles são? Se levarmos você ao tribunal você pode reconhecê-los?

Celeste chorou em desespero. Sabia que uma morte pior lhe aguardaria, mas não podia mais suportar aquilo. Subestimou o garoto careca que há minutos atrás tentou torturar. Havia lutado e perdido.

- Sim, eu reconheço - disse

Verber estava desamarrando seus braços quando ela cuspiu sangue mais uma vez. Ele pulou no chão mandando que Renan se abaixasse.

Uma seta, idêntica a que matara Eduardo entrou pelo enorme buraco que era o teto e perfurou o peito de Celeste, próximo à garganta. Renan conseguiu botar a cabeça para fora e ver que havia um vulto sentado à um tronco em cima da árvore a quinze metros deles. Tirou a cabeça do vão da porta um segundo antes de uma seta pregar na porta, quase atingindo sua testa.

Verber e Renan ficaram abaixados. Celeste havia morrido e eles estavam encurralados, o quarto era muito pequeno e não havia uma saída que um atirador não pudesse cobrir. E pelo que os dois viram, era um atirador muito bom.

- Onde ele está? - perguntou Verber.

- Em cima do tronco da única árvore a nordeste, três metros de altura.

Verber preparou-se. Num segundo colocou e tirou a cabeça, mas nenhuma seta veio e ele sabia porque. Quem quer que fosse, já havia fugido. E apagado a única prova que eles tinham da sua inocência.

- Para onde ele foi?

Mas Verber sabia, que naquela direção só havia uma coisa: O vilarejo do governador.

Capítulo. 51

Caio, João e Ilian aproveitaram que a grande festa de encerramento estava sendo organizada e a maioria dos professores estava envolvida nos preparativos. Grandes pinheiros foram cortados no bosque ao norte dos muros da Cerberus e foram usados para fazer novos bancos, mesas e até mesmo um novo brasão em madeira da Cerberus.

Alberto, o professor de armadilhas tinha mãos muito hábeis e seu hobby preferido era de fato a marcenaria. Ele coordenou todos os alunos da Cerberus envolvidos. Os escoceses, russos e americanos juntaram-se para trabalhar e aproveitar os últimos momentos entre os novos amigos, regados a muita cerveja quente.

João levou Caio e Ilian pelo jardim sul da escola, onde sabia da localização de uma pilha de pedras onde poderiam escalar e pular o muro da Cerberus sem serem notados. Era o mesmo caminho que fazia para ir ao Templo de Madraí, onde reunia-se com os outros cães de guerra e ele lembrou-se do triste enterro de Zack. Tanto ele como Mônica haviam criado um vínculo de amizade muito forte com Grant, o irmão do falecido amigo.

Grant havia melhorado seu estado de espírito e apesar de João ainda sentir o peso de sua tristeza em seus olhos, ele havia voltado a comer e a sorrir. Passava constantemente bêbado, o que não era bom, já que padre John, o caridoso diretor da Holly Knights proibiu-o de chegar perto de Antal, o assassino de seu irmão.

Antal por sua vez raramente aparecia, a não ser para comer. O resto do tempo ficava fazendo sabe-se lá o que em sua barraca. Quando aparecia, tinha dificuldades em empunhar a colher com a mão esquerda e as pessoas riam dele, principalmente Grant, na vã esperança de que ele tivesse o orgulho ferido e viesse tomar satisfações, mas isso não iria acontecer. Antal podia ser covarde, mas não era burro e sabia que nunca mais poderia empunhar uma

espada perfeitamente. Teria que dar um jeito de aprender a usar a mão esquerda e amarrar o escudo à direita. A cicatriz que Grant lhe dera no rosto na noite da iniciação no Templo de Madraí dobrara-se em volta do corte criando uma marca roxa abaixo do olho direito. Tal cicatriz ficaria para o resto da vida como um sorriso no meio da bochecha.

Caio e João escalaram as pedras e pularam do outro lado, enquanto Ilian conseguiu pular por cima do muro com facilidade. Saíram no meio do bosque e Caio estremeceu, pois sabia que o bosque sul era uma mata fechada e havia muitas criaturas extraplanares vagando por ele. Pelo menos era o que os mais velhos diziam sobre o bosque.

Viram as duas amoreiras flanqueando a entrada da trilha, parecendo duas sentinelas atentas aos intrusos que invadissem seu sagrado espaço. Só que essa noite eles não entrariam no bosque sul, iriam a oeste, ao vilarejo do governador em busca de Samuel, Renan, Max e Verber.

Contornaram os muros da Cerberus com as costas grudadas ao muro, para que nenhum sentinela os avistasse. O risco de serem pegos não era grande dada a noite de hoje, quando a maioria dos alunos e professores estariam ocupados com os festejos ou bêbados demais para prestarem atenção em outra coisa que não suas canecas que toda hora esvaziavam.

- Ainda acho que deveríamos chamar os Ursos para virem conosco - reclamou João.

Caio fez sinal para que falasse baixo. Sentiu que estavam sendo observados, mas depois afastou seus pensamentos dizendo a si mesmo para deixar de ser paranóico.

- Já falamos disso - sussurrou - não há tempo.

Continuaram seguindo até chegar ao muro oeste. Seguiram por cento e cinquenta metros, entraram no bosque e sumiram das vistas de quem quer que estivesse os observando.

E havia alguém, que não foi visto.

Ele sorriu diabolicamente enquanto descia o muro no encalço dos três.

O bosque oeste era muito curto e depois de um quilometro de arvores esparsas e uma nevoa que se formava densa, avistaram um vulto passando lentamente entre as árvores. Abaixaram-se na expectativa de não serem descobertos. Apesar de estarem bem encrocados se fossem descobertos, Caio acreditava que conseguiriam provar a inocência de Verber e Max, caso contrario, sabia que também estariam em sérios apuros.

Mesmo assim haviam pegado armas. Apenas Verber e Petrov tinham as chaves da armoria, mas Verber ensinara a Caio como destrancar facilmente a porta usando um punhal fino e um grampo de cabelo que Mônica havia emprestado. Caio havia pegado seu mangual e agora conseguia manejá-lo com destreza na mão canhota que nunca havia usado antes de conhecer Verber. Sentia um conforto em usar a mão esquerda e até um prazer diferente ao descobrir cedo uma coisa que poderia estancar seu desenvolvimento. Quando usava a mão direita, meses atrás, achava que não tinha talento com as armas e isso lhe causou medo de acabar tornando-se padre. Já agora sentia a segurança de um verdadeiro espadachim e isso lhe deixava cheio de empolgação.

João carregava um martelo de guerra, mas não tão grande quanto o que usou na primeira visita à casa do governador. O cabo do martelo tinha um metro de comprimento e ele conseguia prende-lo junto às costas, deixando a mão livre para ajudar a abrir o caminho. Ia à frente e com o martelo quebrava alguns galhos que atrapalhavam no percurso. Apesar das árvores serem bem espalhadas pelo bosque, muitas estavam caídas ao chão dificultando a travessia.

Ilian, por sua vez, havia pegado as meias-luas que treinou contra Renan durante meses. Olhá-las fazia com que se lembrasse do amigo e isso lhe causava alguma tristeza ao pensar que poderia estar morto. Torcia para que nada de ruim tivesse lhe acontecido.

Rapidamente voltou a si. Sentira uma presença arrepiando os poucos pêlos de seu braço.

- Sentiram isso? - perguntou Ilian.

João e Caio pararam assustados.

- Isso o que? - perguntou Caio.

- Não sei, simplesmente senti.

João tremeu as pernas.

- Porra cara, não diz isso. Sabe como tenho medo de fantasmas e essas coisas - disse.

Um segundo depois eles ouviram. Era um som que parecia vir de algum lugar à frente, mas ao mesmo tempo de todas as direções, então Ilian o identificou.

- Parece... - parou mais uma vez para analisar o som, já que suas capacidades sensitivas eram muito além das humanas - parece um choro.

João rapidamente recompôs-se. Os três voltaram a andar em direção ao choro, procurando fazer a menor quantidade de ruídos possíveis. Por sorte a grama estava alta e bem fofa fazendo com que as pesadas passadas de João não fossem ouvidas.

Chegaram a uma clareira onde encontraram uma moça ajoelhada. Ela chorava copiosamente e seus soluços partiam o coração de Caio e João. A garota tinha os cabelos negros como a noite mais escura e a pele muito branca, usava um vestido de seda todo branco e ele moldava-se na grama alta que ela estava ajoelhada. Seu cabelo estava tão emaranhado que Caio perguntou-se a quanto tempo ela não se lavava.

- Meu Deus, coitada - resmungou Caio.

- O que será que aconteceu? - perguntou João como se os outros dois fossem ter as respostas.

Caio apiedou-se da garota e foi em direção a ela. Rapidamente Ilian o segurou pelo braço.

- O que está fazendo cara? - perguntou Caio olhando irritado para a mão branca do meio vampiro que contrastava bem com sua pele mais morena.

- Não se aproxime dela, meu amigo - disse ele.

- Por que não? - perguntou indignado.

- Ela não tem sangue, nem um pingo - sussurrou para o amigo.

- Como você pode saber disso?

Ilian apenas apontou para seu nariz e Caio lembrou-se que meio-vampiros podiam farejar sangue.

Olhou apavorado para depois de Caio e viu as costas de João que já estava há pouco menos de três metros da garota que intensificara seu choro.

- Ela não é viva! - berrou para o amigo.

João virou-se para eles, parecendo em transe. Hipnotizado pelo choro melancólico e sofrido da garota. Atrás dele, a mulher levantava o rosto e começava a ficar de pé.

Caio olhou assombrado para ver que ela não tinha pernas e fez o sinal da cruz. Os olhos dela eram enormes e totalmente amarelos, os cabelos começaram a esvoaçar com uma ventania que ela mesmo provocou e um sorriso diabólico nasceu em seu rosto mostrando uma boca enorme e dentes amarelados.

- Deus! - berrou João caindo na grama de costas.

Não soube o que aconteceu, apenas lembrava-se do choro da garota e de sentir uma vontade imensa de acalenta-la, perguntar se podia ajudar. Então acordou do transe e deparou-se com uma horrível mulher bem a sua frente, ainda por cima ela flutuava, como os fantasmas que havia em sua imaginação. João fez o sinal da cruz e rastejou de costas de volta para seus dois amigos.

A mulher deu um grito estridente, parecido com um choro tão triste e agudo que Caio e Ilian tiveram que colocar a mão nos ouvidos para tapá-los e não ficarem surdos. João estava muito perto e nem colocar a mão adiantou. Ele rolou de dor pela grama e o grito da aparição penetrou fundo no seu cérebro. Sentiu que estava ficando louco pela dor. Gritou, mas seu som foi abafado pelo grito contínuo que parecia não acabar. Então seu corpo cedeu, e ele desmaiou.

O espírito flutuou em direção dos outros dois. Foi um movimento lento e acompanhado do grito que não cessava.

Quando se deram por conta, ela estava bem na frente deles e gritava mais forte. Ilian sofria mais porque sua audição era bem mais intensa que a dos amigos e caiu de joelhos, suas mãos começavam a sangrar e ele tentou concentrar-se para fazer uma prece, mas foi impossível, encarava o fantasma e viu ódio e tristeza em seus olhos amarelos. Sequer conseguia ouvir seus pensamentos e achou que não agüentaria por muito mais tempo. Tentou atingir o fantasma com um tapa, mas foi em vão. Sua mão atravessou o corpo branco da mulher como se ela não existisse.

Caio rezava alto pedindo ajuda de Deus e isso lhe deu um ligeiro conforto, mas mesmo assim estava enlouquecendo com a dor, sentindo que seus tímpanos estourariam a qualquer hora.

- Deus, me ajude! - gritou.

Enfim o grito cessou.

Caio levantou o rosto e viu que o fantasma tinha ódio no olhar, estava com a boca enrugada de indignação e por isso agradeceu a Deus por ela ou ele ter parado de gritar, mas havia algo de estranho, o fantasma não o encarava e sim algo atrás dele.

- Vá embora Gertrudes! O que sua filha pensaria de você? - gritou uma voz às suas costas. Caio viu o fantasma dar mais um grito de ódio, porém nada que precisasse tapar os ouvidos. Ela virou-se indignada e flutuou de costas de volta à neblina desaparecendo.

Caio quase esgotado viu que seus ouvidos sangravam um pouco, olhou para Ilian e um filete de sangue corria por entre os dedos do amigo. Virou para trás a tempo de ver uma mulher maltrapilha apontando uma boneca de pano imunda na direção da neblina onde o fantasma havia desaparecido.

- Obrigado - disse Caio para a mulher.

Ele e João comiam um enorme sapo assado na fogueira dentro da caverna que ela morava. A caverna era alta, tendo aproximadamente cinco metros no seu ponto mais

alto, estalactites de rocha apontavam ameaçadoramente sobre suas cabeças e João não pode deixar de temer que uma caísse e o partisse ao meio.

- Não se preocupe, elas não cairão sobre sua cabeça - disse a velha ignorando o agradecimento de Caio.

A caverna tinha poucos pertences pessoais de valor. Havia uma espécie de prateleira de madeira quase podre onde ela guardava alguns ossos, velas e outras bugigangas que não interessariam a nenhum tipo de bandido. Uma cama de folhas estava mais atrás, quase sumindo na escuridão e não havia como saber o quanto a caverna seguia breu adentro.

O nome da mulher era Núbia e nitidamente era uma bruxa. Havia muitas bruxas desde que o mundo foi em frente e elas eram mulheres que enlouqueceram de alguma forma e profetizavam os fins do tempo. Núbia por sua vez parecia bem lúcida de suas ações. Tinha entre trinta e quarenta anos, Caio não soube dizer porque o visual dela impossibilitava qualquer estimativa.

Sua aparência era maltrapilha, estava descalça e as enormes unhas do pé pareciam nunca terem sido cortadas. Usava trapos negros e cinzas tão rasgados que era possível ver um dos seios dela quando mexia nas brasas da fogueira com um graveto. Caio e Ilian esforçaram-se para fingir que não viam, mas João não teve essa capacidade e ela notou onde seu olhar penetrava.

- O que era aquilo no bosque? - perguntou Caio.

- Um banshee - respondeu ela secamente.

- O que é isso?

Núbia cuspiu um osso de rã dentro do fogo.

- Um banshee é um espírito de uma mulher. Morta em tenra idade ou então de forma violenta.

- Aquilo era o espírito de uma mulher? - perguntou João tirando o olho do seio dela.

- E não parecia? - berrou ela impaciente - vocês não sabem de nada, deram muita sorte de terem saído com

vida. Apesar que não creio que Gertrudes quisesse matá-los.

- Por que pensa isso? - perguntou Ilian.

- Porque se quisesse teria conseguido. A Gertrudes, porém não é um espírito mal, apenas incompreendida, era uma mulher doce - disse tristemente com o olhar perdido em lembranças.

- Você a conheceu? - perguntou Caio se arrependendo da pergunta.

- É o que estou dizendo! Pela deusa, você é burro? - berrou ela, novamente tornando-se grosseira.

Silêncio se fez esperando que Núbia terminasse seu acesso de raiva, então ela gargalhou. Caio pensou que ela estava alucinada ou ficara louca na solidão. Talvez conversasse com espíritos e demônios e isso fez sua espinha gelar.

- Se ela não queria nos matar, o que queria então? - perguntou Caio

Núbia pareceu ficar em transe. De repente seu corpo começou a tremer e seus olhos viraram para trás, ficando totalmente brancos. Seu rosto virou uma só careta e ela caiu no chão, tendo fortes espasmos e gritando.

Os três se levantaram e ficaram de prontidão para começar a correr. O tremor parou e ela sentou-se como se olhasse para eles, mas os olhos ainda permaneciam virados. Eles sabiam que ela os via, ou pelo menos acreditavam que sim.

- Eu vim para avisá-los que pessoas que vocês prezam irão morrer - disse Núbia com a voz claramente não sendo a sua.

Os três se entreolharam e Ilian que era o mais corajoso tomou a iniciativa de falar com o que quer que tivesse tomado o corpo da bruxa.

- Quem irá morrer? - perguntou calmamente sentando-se no chão de frente com a bruxa.

- Um grito de lamento por cada um - disse ela.

- Quem irá morrer? Por que?

Núbia não respondeu e dentro de um segundo pareceu voltar a si. Seus olhos voltaram a descer e ela empurrou Ilian para que se afastasse. Ilian voltou a sentar-se mais para trás enquanto Núbia pegou uma jarra de barro que tinha próximo à estante de madeira e bebeu quase um litro de água. Quando terminou voltou-se a sentar no tronco de madeira em que estava antes.

- Os banshees são extremamente vagos em sua comunicação - disse calmamente.

- Como você conseguiu controlar Gertrudes? - perguntou Ilian.

Núbia levantou-se e pegou a boneca de pano imunda que tinha jogado na estante quando chegaram.

- Eles são ainda muito apegados à vida que deixaram aqui. Antes do mundo ir em frente, as pessoas que morriam muito novas ou de forma violenta tornavam-se banshees em outros planos, mas depois do que quer que tenha acontecido, passaram a ficar presos em nossa dimensão. Então eu guardo a boneca favorita da neta dela. Quando você fala ao banshee em pessoas que a amavam antes dela morrer, como mães e filhos, eles se comovem, alguns começam a chorar, outros param de gritar e apenas lhe xingam... Se você tiver um objeto da pessoa é ainda mais forte o amuleto - disse gesticulando e parou. Viu que João ainda olhava hipnotizado para seu seio balançando dentro dos trapos.

Caio e Ilian também notaram e o garoto temeu a reação da mulher. Ilian teve medo de alguma maldição ou algo do tipo, que apesar dos padres dizerem não funcionar, estava em seu imaginário e era uma das coisas a qual mais temia. Para a surpresa dos três, ela pareceu não se incomodar, ao invés disso tirou o seio para fora.

- Você gostou foi? - perguntou ela balançando o seio flácido e murcho, como se fosse um saco de água.

- Não, não senhora - quis desculpar-se João.

- Não gostou? - berrou ela indignada.

- Quero dizer... gostei sim, senhora, mas não estava olhando nada não - explicou-se tremendo a voz como um aluno que fora pego olhando as colegas tomando banho no vestiário.

Caio e Ilian estavam tensos com a reação de Núbia, então a bruxa mostrou-se mais louca ainda quando começou a gargalhar. João olhou para os dois amigos à procura de uma resposta para o que havia acontecido e seus olhos eram um misto de medo e de confusão.

- Se olhar para mim novamente daquele jeito arranco seus olhos e uso como brincos - disse recuperando o humor amargo e guardando o seio - o que vocês fazem por essas bandas? Quem são vocês?

Caio que estava sentado à frente Núbia apresentou os outros dois e ela os fitou com olhos ameaçadores. Ilian notou que era cega do olho direito. Sua pupila era pouco menor que a do esquerdo e ela não conseguia mexê-lo. Procurou não olhar muito tempo para não ofender a mulher.

Ilian explicou que vinham da Cerberus e que estavam indo procurar seus amigos nas proximidades do vilarejo do governador. Núbia encarou-o, então remexeu mais uma vez na fogueira espalhando as brasas.

- Têm grande chance de estarem mortos - disse com frieza - há quanto tempo se foram?

- Dois dias - respondeu Caio.

Núbia pareceu ver algo nas brasas que cutucava. Um minuto eterno de silêncio foi feito enquanto ela movia as brasas para lá e para cá.

- Perguntemos aos espíritos - disse por fim.

O que aconteceu a seguir fez com que os três ficassem petrificados de medo. A bruxa revirou novamente os olhos, mas dessa vez tudo parecia mais real, até a natureza de sua face mudou, tornando-se outra mulher. O rosto que já era magro ficou quase cadavérico e seus olhos tornaram-se tão esbugalhados que pareciam que iriam saltar órbitas afora. Em uma voz gutural ela começou a gritar.

- Asseclas - berrou - Cuidado com os asseclas!

Núbia pulou em direção a Caio derrubando-o no chão, sentou-se em seu peito que estava apavorado demais para lutar, mas não o atacou. Continuou gritando “asseclas, matem todos os asseclas!” e coisas do gênero até que João e Ilian tiraram-na de cima do amigo que gritava desesperado.

Ela não lutou, apenas calou-se e baixou a cabeça, o cabelo volumoso e sujo cobrindo seu rosto. Caio estava apavorado demais, mesmo depois que viu Núbia voltar a si, sentando-se novamente no seu lugar.

- O que são asseclas? - perguntou Ilian temendo que a menção da palavra transformasse a bruxa novamente, mas Núbia não demonstrou nenhuma reação, apenas continuou cutucando o fogo.

- São humanos que estão do lado dos extraplanares - respondeu com descaso.

- O que? - perguntou João - não acredito que existam pessoas do lado dos extraplanares.

- Têm na cabeça que a raça humana já está condenada - explicou Ilian que já tinha ouvido falar deles - então servem aos extraplanares por proteção ou na esperança de serem transformados.

Núbia olhou para o teto e deu longas suspiradas, então começou a tremer pela terceira vez, mas concentrou-se e controlou os espasmos.

- Vocês precisam ir imediatamente - disse ela calmamente.

- Por que? - perguntou Caio.

- Talvez tenham chances de salvar seus amigos - disse.

Capítulo. 52

Francisco nunca aprovara a diretoria de Izidro, que era cerca de vinte anos mais jovem que ele e, segundo achava, controlava aqueles garotos com pulso frouxo. Se ele fosse o diretor, tudo entraria nos eixos. Invejou a disciplina dos alunos húngaros que não conversavam amenidades, não jogavam conversa fora e eram de fato soldados de Deus. Sabia que Gabor ainda usava o chicote nas punições da S.M.I. e isso era a verdadeira educação.

O velho padre havia nascido depois do mundo ir em frente e perder toda a sua tecnologia, sua história e tudo o mais. Apenas sobrara o conhecimento da bíblia e isso dava a Francisco uma prova irrefutável de que apenas Deus era verdadeiro e todas as outras religiões que existiram e as que passaram a existir eram propagações dos demônios. Diferente do que a maioria dos outros acreditavam, Francisco tinha certeza de que o mundo ter seguido em frente era um castigo divino, afim de forçar que a humanidade aprendesse com seus erros e lutasse pela sobrevivência.

Isso já havia acontecido antes, lembrou-se. O Dilúvio era um dos exemplos, quando Noé teve que construir uma arca para salvar todas as outras espécies que não o a humana, ser de pura maldade e pecado diante dos olhos de Deus. Antes mesmo teve a história de Adão e Eva, e, apesar de Francisco saber que era uma fábula, acreditava que o homem não mudara tanto desde então, sempre procurando novas tecnologias em uma ciência que mais destruía que construía.

Então, Deus em um novo acesso de ira resolveu privar o homem da tecnologia, e ele tinha o poder para isso, afinal, era onipresente, onipotente e onisciente. “Que os desgraçados recomecem a existência!”

No final das contas, Francisco achava que se fosse diretor da Cerberus, Deus seria muito mais homenageado do que

era nesse antro de pecado e luxúria gerenciado por Izidro durante os jogos.

Terminou de roer a unha e sentiu uma dor ao ver que estava sangrando. Foi quando ouviu passos na Igreja e preparou-se para ouvir uma confissão. Graças a seu mau humor, iria acrescentar mais vinte “Pais nossos” ao pecado do infeliz.

Ângelo entrou na igreja da Cerberus. Olhava para cima e via figuras lindamente desenhadas de anjos empalando pecadores e afrescos que lembravam a todos sobre a intervenção divina em suas vidas e os castigos para os pecadores. Ângelo pensava se o que fizera com Max lhe concederia um lugar ao inferno ou seria levado em conta pelos céus. O que quer que fosse, agora já estava feito e não havia volta.

Dirigiu-se ao confessionário e sentou-se, fez o sinal da cruz e esperou.

- Está feito? - perguntou padre Francisco de dentro do confessionário.

- Sim padre.

Ângelo não pôde ver, mas um sorriso brotou dos lábios enrugados do velho padre. Francisco esperava que Ângelo fosse demorar mais, porém o garoto surpreendeu-o voltando uma noite depois que fora enviado e ficou feliz por saber que escolhia certo para suas missões secretas. Missões aquelas sem o consentimento ou sequer do conhecimento de padre Izidro.

- Como posso saber que não estás mentindo, Ângelo? - perguntou em tom maquiavélico, sussurrando ao garoto para que as paredes da igreja não lhe ouvissem, e só Deus sabia o tamanho dos ouvidos da igreja da Cerberus.

Ângelo passou um pano roxo e ensangüentado por um espaço rasgado da tela do confessionário. Francisco pegou o pano e sentiu a crosta de sangue já seco entre seus dedos magros. O que quer que aquilo fosse, era humano, e Francisco abriu curioso o trapo.

Duas coisas que ele não conseguiu identificar rolaram do pano e caíram no chão fazendo com que ele tivesse que se abaixar para apanhar. Sua visão era muito ruim. Seus mais de noventa anos deixavam-no praticamente cego no escuro, apesar de ainda ter a disposição de um garoto. Agarrou os objetos e aproximou-os de seus olhos.

Eram dois dedos, um indicador e um médio, magros, não como os seus, mas eram dedos de garoto. Ele sabia que deveriam ser de Max, o garoto era mais magro que Samuel e tinha dedos finos e mãos delicadas. Francisco sentiu os calos entre as primeiras e segunda falanges, causados pelo puxar e soltar da corda do arco e isso lhe foi suficiente.

- Onde está a prova de que Samuel está morto? - perguntou não conseguindo conter a excitação na voz.

Ângelo engoliu em seco.

- Ele ainda vive - disse.

Francisco manteve silêncio, isso fez o coração de Ângelo ficar grande demais para o peito e parar de bater por um segundo. Pensou que o vomitaria, então o padre quebrou a agonia.

- Eu acho que lhe dei ordens explícitas, meu filho - disse em tom calmo e incrivelmente amedrontador. Apesar de Francisco ser um velho caindo aos pedaços, ainda sim era o terror dos alunos da Cerberus. Izidro não era o diretor bonzinho que os americanos tinham na Holly Knights, mas nem de perto era tão assustador e cruel quanto o padre mais velho da escola e os alunos evitavam falar mal dele, com medo que ele aparecesse do nada e lhes punisse.

- Não pudemos matá-lo padre - disse.

- E posso saber por que?

Ângelo novamente engoliu em seco, e então mentiu.

- Porque ele já estava à beira da morte quando o encontramos. Ele nos pediu clemência e santuário.

Francisco sabia que o pedido de santuário tornava a pessoa impossibilitada de ser morta naquela hora e naquele local, pois o grito significava que Deus estaria

testemunhando tal ato. Isso era uma crendice popular que se manteve de séculos atrás até hoje e apesar de Francisco não acreditar, algumas pessoas acreditavam piamente no folclore e não desrespeitariam o pedido, mesmo diante de uma punição mais severa.

- Onde está ele agora?

- Trouxemos ele aqui para a escola, padre - disse respeitosamente.

Francisco quis pular fora do confessionário e estrangular o garoto com suas próprias mãos.

- Você está louco? Fez a única coisa que não poderia fazer, seu idiota - explodiu aos berros.

Ângelo se assustou e caiu do banco que estava sentado. Olhou para os lados a procura de alguém que tivesse escutado a gritaria, mas a igreja estava vazia. Todos estavam ajudando nos preparativos da festa de encerramento.

- Ele não vai sobreviver, padre. Estava muito ferido, veio desacordado o percurso todo - tentou acalmar o padre.

Francisco recompôs-se. Respirou fundo e procurou manter controlada a raiva que estava no momento. Se pudesse mataria Ângelo agora mesmo, mas estava em uma igreja e por isso pediu perdão a Deus por tais pensamentos.

- É bom que você esteja certo - disse entre os dentes.

Ângelo assentiu e pediu, em pensamento, que o padre morresse antes.

- Padre, mas ele não merece um julgamento justo? - perguntou temendo outro ataque de raiva.

- Apenas Deus é capaz de promover um julgamento justo, meu filho - disse respeitosamente - Mas ele irá a julgamento sim. Agora vá! Preciso terminar minhas orações.

- Tudo bem, obrigado padre - respondeu enquanto se levantava.

- Ah, Ângelo - chamou.

Ângelo que já estava em pé temeu mais alguma reclamação ou pedido do diabólico padre.

- Sim?

- Antes reze cinqüenta Pai Nossos. Isso ajudará a salvar sua alma do fogo e lhe ensinará a não descumprir a ordem de um homem de Deus - disse benevolente. Enquanto Ângelo rezava, Francisco viu que os dedos de Max tinham um cheiro bom e fresco.

Com os poucos dentes que lhes restava ele devorou a pouca carne deles.

Samuel acordou na enfermaria da Cerberus. Estava deitado em um leito e um cobertor de lã cobria seu corpo todo. Uma enfermeira passou um pano úmido em sua testa enxugando seu suor e ele se perguntou a quanto tempo estava desacordado.

A enfermeira era uma garota mais nova, tinha um olhar bondoso e parecia extremamente preocupada com ele. Seus eram olhos azuis e sardas cobriam todo o rosto. Tinha uma testa larga, mas apesar disso era uma garota atraente. Talvez ficasse mais bonita pelo jeito. Os cabelos dourados estavam presos num coque e ela usava uma roupa branca e limpa. Samuel achou que a testa dela parecia maior porque o cabelo estava todo puxado para trás e um lenço branco cobria a base dos fios.

- Graças a Deus você acordou - disse ela com os gigantes olhos azuis esvaindo um pouco da preocupação.

- Quanto tempo faz que estou aqui? - perguntou com os olhos doendo demais para ficarem abertos.

- Chegou agora pouco - respondeu ela - cerca de três horas.

Aos poucos a memória de Samuel ia voltando e ele lembrou-se que estava com Renan. A cada segundo a velocidade das lembranças iam aumentando como um turbilhão e ele lembrou-se de ser espancado e cortado pelos seguranças da casa do governador. Lembrou de que Max e Verber apareceram e houve gritos. Depois lembrou-se que apenas Max estava com ele e das conversas que o

amigo tinha com o moribundo. Max falava com ele para manter seu cérebro em atividade ou talvez para afastar o sentimento de solidão ou o medo do bosque. Achava que Samuel não estaria ouvindo, mas ele estava.

As palavras entravam em seus ouvidos e passavam a fazer parte de seus sonhos, ele por vezes acordava, mas tinha muita dor e estava demasiado fraco para responder, então apagava novamente.

- Max? - perguntou tentando abrir os olhos, mas esgotava toda sua energia e ele não conseguia passar mais de dois segundos com os eles abertos.

- Ele não está aqui - disse a enfermeira em tom materno.

- Onde ele está?

Ela limpou novamente as feridas em seu rosto.

- Eu não sei. Apenas trouxeram você - apesar disso, ela sabia quem era Max, o garoto que fazia o coração das meninas da Cerberus bater mais forte, inclusive o dela. Achou que Samuel dormira novamente, mas ele falou.

- Ele estava comigo, o tempo todo - murmurou não tendo forças sequer para abrir a boca - qual o seu nome?

- Jaqueline. Pode me chamar de Jaque.

- É um bonito nome - disse. Jaque sorriu e corou, mas ele não pôde ver. Sentiu um misto de pena pela condição dele e de admiração pela força de vontade de sobreviver.

Uma garota entrou chorando e correu pela enfermaria direto na cama dele. Abraçou-o e ficou com a cabeça deitada em seu peito por longos segundos. Samantha era a irmã mais nova de Samuel e ele havia salvado ela durante o incêndio na casa do governador. Assim que soube que seu irmão tinha fugido começou a sofrer acusações e chacota de seus colegas que diziam que ele iria morrer ou do lado de fora dos muros da Cerberus, ou por ter facilitado a fuga dos dois amigos assassinos. Durante dois dias ela sofreu todo tipo de preconceito, mas depois que Borges deu uma surra em um dos garotos, ninguém mais a incomodou.

Samuel conseguiu abrir os olhos e ver os cabelos loiros da irmã deitados em seu peito, enquanto ela chorava e molhava a lã que o cobria. Ele tirou um dos braços debaixo do cobertor e pousou sobre a cabeça dela, afagando-lhe os cabelos. Samuel e a irmã foram doados muito novos, Samuel tinha quatro anos quando chegou com Samantha ainda bebê nas portas da Cerberus. Haviam escapado do ataque de um mordecai que matara seus dois pais e seus tios em um vilarejo próximo, desde então, Samuel mantinha um laço estreito com a irmã, servindo-lhe como um anjo da guarda.

- Tive tanto medo de perder você - disse ela abraçando-o mais forte.

Samuel gemeu de dor e Jaque puxou delicadamente a garota de cima dele. Ele sentia muita dor, principalmente na região das costelas e sabia que deveria ter fraturado um monte quando fora espancado. A parte de trás de sua coxa ainda doía por causa do pedaço que o canibal lhe arrancara a sangue frio e a sensação de ter sido consumido vivo lhe causou arrepios.

- Tudo vai ficar bem, eu estou aqui - disse para a irmã e depois apagou.

Samantha ficou desesperada e começou a chorar mais, achou que o irmão tinha morrido porque sua respiração estava difícil e ele mal movimentava o peito enquanto respirava.

- Calma querida - disse Jaque segurando-a nos ombros - ele está só dormindo, precisa descansar. Se quiser, durma nesse leito ao lado dele, há poucas pessoas aqui, apenas alguns ferimentos leves dos que competiram nos jogos.

Samantha resolveu ficar plantada lá até que ele se recuperasse totalmente. Ele sempre cuidou dela, estava na hora dela retribuir. Pegou o pano da mão de Jaque e começou a limpar os ferimentos do irmão.

Capítulo. 53

Eram nove horas da noite e o vilarejo do governador ficava a cerca de quatro horas da Cerberus. Ainda era verão, mas um frio repentino desceu sobre a região e Ilian pensou que talvez houvesse chuva mais à frente. Ouviram falar que a casa do governador não se perdeu naquele primeiro incêndio porque Deus resolveu mandar uma chuva forte e facilitou o apagar do incêndio, mas mesmo assim, boa parte dos móveis havia sido perdida.

Agora Caio sabia que o demônio chamado Baltisserath havia possuído Samantha e fora ela quem colocara fogo na enorme mansão. Depois enfrentaram o demônio na igreja da Cerberus e aquela foi uma noite de puro terror que ele não gostava de se lembrar. Nunca tinha tido contato antes com um ankh-o-ru, um demônio incorpóreo e com enormes poderes, capaz de possuir outros corpos e subjugar a vontade das almas mais fracas.

Izidro lhe explicara que há muitos anos ele e Ezequiel, o governador, haviam derrotado o demônio e Baltisserath especificamente não podia ser destruído, ou pelo menos, ele ainda não sabia como. A solução foi trancafiá-lo, dentro de um pergaminho e esconder o pergaminho. Até que Sebastian, o aluno aspirante a padre da Cerberus que agora estava estudando na magnífica escola do Vaticano o encontrasse. A partir daí, a confusão começara.

Só que Izidro não fiscalizara o pergaminho naquela noite. Havia dormido. Izidro não tinha o costume de dormir cedo, nunca teve, mas naquela noite, que para Caio era como se tudo houvesse sido arquitetado por alguma mente, Izidro dormira, Sebastian e Samantha encontraram o pergaminho e Baltisserath voltou a vida. Estranho... muito estranho.

A bruxa Núbia havia lhes dado o aviso de que se apressassem ou não teriam chances de salvar seus amigos. Caio decidiu que não fariam paradas até colocar as vistas nos dois, e que estivessem vivos. Por Deus, que estivessem

vivos e bem, porque fazia dois dias que não davam notícias e a preocupação começou a bater.

O bosque havia terminado e eles estavam a uma hora de caminhada quando a grama virou terra batida. O caminho para o vilarejo não era bonito de se ver. Havia estruturas metálicas em extremo estado de corrosão. Eram do tempo antes do mundo ir em frente e Ilian se perguntava para que seriam utilizadas tais estruturas. Algumas pareciam moradias, outras meio de transporte, transformando toda a paisagem em um laranja claro da terra com um vermelho escuro, quase preto pelas estruturas enferrujadas.

Nunca haviam passado por aquela região naquele horário. A saída da Cerberus sem autorização era estritamente proibida e Caio pensou que eles se arriscavam demais, saindo pela segunda vez. Esperava que ninguém desse falta deles, ainda mais porque todos estavam ocupados com os preparativos da festa. A única vez que passaram por aquela região naquele horário foi quando estavam em um grande grupo. Eles e os Ursos Vermelhos indo resgatar a irmã de Samuel, mas fora isso, essa aventura era mais assustadora que empolgante.

- O que vocês acham que eram essas coisas? - perguntou João referindo-se as estruturas metálicas.

Caio olhou para uma delas, talvez a mais estranha dentre o bando de ferros distorcidos e leu uma escritura.

- FAB - pensou por um segundo imaginando o que seria FAB. Por fim respondeu - Não sei cara, talvez queira dizer fabricação.

- Ou pertencia a um Fábio ou Fabrício - constatou João. Os outros dois riram.

- Que é? - defendeu-se João irritado - Se eu tivesse um troço desses eu também colocaria meu nome.

Os dois continuaram a rir e João decidiu não dar bola. Odiava ser ridicularizado ou quando tratavam tudo que ele falava com deboche, como se tudo que ele falasse fosse motivo para rir e não ser levado a sério.

Ilian parou instantaneamente. Caio e João pararam logo em seguida. Sabiam que sempre que Ilian sentia alguma coisa era para ser dada atenção. Os sentidos do meio-vampiro raramente falhavam e ele não estatizava por qualquer motivo besta.

Alguma coisa estava errada.

- O que foi? - perguntou Caio.

- Estamos sendo observados - disse farejando o ar.

- Canibais? - perguntou.

Ilian continuou prestando atenção ao cheiro.

- Cachorros... molhados.

- O que isso significa? - perguntou João achando ser algum código.

Ilian olhou para trás.

- Corra! - disse para os dois enquanto começava a correr. Caio e João seguiram-no de perto, apesar das capacidades superiores de Ilian, ele ainda não controlava a grande maioria delas, inclusive a da velocidade sobre-humana. Mesmo se soubesse não deixaria os dois para trás, aprendera a amar seus amigos como os pais que havia deixado na Romênia.

Demorou apenas alguns segundos até que Caio e João conseguissem ouvir os rosnados e latidos dos animais. Uma matilha de aproximadamente trinta cães seguia em seu encalço. Não eram grandes, mas eram muitos, estavam famintos, babando e aproximavam-se rapidamente. Pêlos negros com dentes brancos e olhos vermelhos famintos. Caio sabia o quanto uma matilha faminta poderia ser perigosa. Trinta cães eram demais até mesmo para eles e começou a acreditar que não conseguiriam.

Estavam correndo, mas não sabiam exatamente para onde, então Ilian parou e virou-se para os animais. Puxou suas duas meias-luas.

- O que você está fazendo? - gritou Caio parando depois dele.

- Vocês vão - disse decidido.

João olhou para Caio e ambos entenderam os olhos um do outro. Puxaram suas armas.

- Não vamos a lugar algum - disse João.

- Não é preciso morrer os três aqui.

- Ninguém vai morrer Ilian, acho que tive uma idéia - disse.

Os cães aproximavam-se velozmente e estavam a pouco mais de vinte metros quando João correu em direção às estruturas metálicas. Subiu uma pequena pilha de lixo férreo e Ilian e Caio o acompanharam. Tiveram medo que ele não soubesse o que fazia, mas João sabia, havia visto algo ali em cima e... pronto, estava bem a sua frente.

João parou em frente de uma caixa enorme, uma espécie de estrutura metálica com uma porta, duas janelas e que parecia estar sobre duas rodas a muito tempo estouradas. A estrutura era feita de ferro que a ligava a uma espécie de carruagem antiga. Ilian conseguiu ler acima da portinhola algo como "trailer do cachorrão", teve dúvida se realmente era isso e quem seria o cachorrão, mas agora pouco importava. João não usar a marreta de combate com muita força para que a porta cedesse por completo.

Os latidos já estavam aterrorizantemente altos quando eles entraram. João pegou a porta que estava deitada dentro do trailer e junto com Ilian colocaram-na de volta, estava solta e totalmente enferrujada, mas encaixou com alguma segurança. Um segundo depois os cães chegaram.

Uma massa abateu-se sobre a porta e os três seguravam firme para que ela não cedesse. Os latidos eram desesperados e até ganidos desesperados foram ouvidos pelo cheiro de carne fresca. Um focinho conseguiu penetrar e mordida o ar desesperado, mas João rapidamente o tirou com uma marretada certa no focinho. O animal saiu chorando de dor.

- Esse aí não volta - disse João rindo.

- Está achando graça? - perguntou Caio.

- Melhor do que estar assistindo as aulas do Izidro ou do Baltazar, com certeza é - defendeu-se.

- Ainda preferia estar na festa - disse Ilian - tem uma escocesa linda lá, que na verdade é irlandesa. Seu nome é Gillian.

Caio estava indignado como em um momento tão tenso os dois podiam conversar sobre tamanhas amenidades, mas talvez fosse a única forma de esquecer que estavam prestes a serem devorados por uma horda de cães sarnentos.

- Que lindo - zombou - Ilian e Gillian! Qual o nome do filho? Julian?

Ele e João começaram a gargalhar. Ilian manteve-se sério e pareceu realmente ofendido.

- Que foi?

- Eu não posso ter filhos - disse com pesar.

- Sério? - perguntou Caio.

- Nem ficar duro? - completou João.

- Nem isso - disse magoado.

Caio e João se entreolharam e não souberam o que dizer e antes que Pequeno dissesse alguma besteira Caio interveio.

- Nossa cara... sei lá... sinto muito, não sabíamos.

Ilian tentou segurar o riso, mas não conseguiu.

- E quem disse que quero filhos? Sobre ficar duro, claro que posso, o sangue ainda corre normalmente em meu corpo. Me apresenta sua irmã que te mostro.

Caio ficou indignado com Ilian por tê-lo feito sentir tão mal, mas rapidamente os três estavam gargalhando.

- Esperem - disse Ilian - não tem mais nada empurrando a porta.

Caio e João prestaram atenção e viram que era verdade. Caio quis abrir uma fresta para espiar, mas Ilian tirou a porta inteira e saiu. Caio pensou em impedi-lo, mas ele apontou para o nariz, indicando que não sentia mais cheiro de cachorro molhado.

Continuaram seguindo por mais uma hora até chegarem a um vilarejo. Tudo estava calmo e a lua estava escondida em

um céu cheio de estrelas. Conseguiram sentir cheiro de carne assando e João pediu a Deus que não fosse carne humana. Sabia da existência de canibais e que no vilarejo do governador, o canibalismo de recém-falecidos era permitido e amplamente praticado. Apesar disso, muitas famílias optavam pela captura de pequenos animais nas proximidades, como ratos, cachorros, gatos, pombos e até alguns insetos.

O vilarejo em que chegaram era poucos quilômetros antes do vilarejo em que vivia o governador e Caio xingou-se por não terem trazido comida. Aonde estava com a cabeça de fazer uma busca sem comida ou água? O cheiro de carne apenas serviu para atizar a fome, pelo menos dele e de João, porque Ilian tinha a sorte de não comer.

Bateram ao portão, que na verdade parecia mais uma porta. Tinha dois metros e era feita de madeira reforçada. A mureta também era feita de toras pontiagudas e quatro cabeças inimigas estavam penduradas. Olhos encarando-os acusadores. Caio tinha ouvido falar que o costume de pendurar cabeças era muito comuns nos vilarejos pequenos para avisar inimigos, principalmente grupos de forasteiros canibais.

Uma portinhola foi aberta e um velho colocou a cara por ela. O homem estava quase cego e seu rosto era uma careta na tentativa de enxergar quem batia àquela hora.

- Quem está aí? - perguntou carrancudo - aviso que estou armado, hein?

Pela voz chiada Caio imaginou que ele não deveria ter um dente sequer na boca.

- Somos viajantes - disse - procuramos nossos amigos.

- Eles não estão aqui! - bradou o velho fechando a portinhola na cara de Caio.

João tirou ele de seu caminho e bateu com mais força à porta. Quando a portinhola se abriu, o garoto agarrou o velho pelo grosso nariz de batata. Seus dois dedos entraram nas suas narinas como se fossem dois ganchos e

João puxou até que o velho tirasse a cara novamente para fora.

- Nem dissemos ainda quem são.
- Aiaiai – gemeu o velho – quem são?
- Procuramos Max, Verber e Renan.

O olhar do velho pareceu iluminar quando ouviu o último nome e João soube que o quis dizer alguma coisa pro velho. Com certeza deveriam ter passado pelo vilarejo, visto que era a única parada antes do vilarejo principal do governador.

- Renan – repetiu o velho gemendo de dor – eu conheço ele. O Verber é um carequinha de barbicha, não é?
- Iiiiisso – disse João como se falasse com uma criança – onde estão?
- Estão aqui! Os caçadores de canibais estão aqui!
- Caçadores de canibais?
- Sim, eles não são? Ai, me solte, pelo amor de Deus.

O nariz do velho já sangrava uma gota pelo dedo de João quando ele o soltou.

- São sim! – disse Ilian intervindo – E são nossos parceiros.

O velho segurava o nariz que doía tanto ao ponto de sentir dor de cabeça.

- Podem entrar – disse.

Apesar de Verber ter passado a noite passada e o dia com Renan, sentia-se sozinho. Agora com cinco pessoas entre ele, aquela sensação de que se está ferrado diminuía. Parecia que o sentimento de que você ia se dar mal ficava diluído quando havia pessoas que estavam ferradas juntas com você. Era como a sensação de tirar uma nota baixa nas provas. Se você se dá bem, mas todos os outros se dão melhor, você tem uma sensação de inferioridade, porém se você se dá mal e todos os outros se dão pior ainda, então há júbilo e você tem vontade de rir a toa.

Aquela era a sensação do momento. Verber sabia que seria condenado se não encontrassem nada e Renan e seus três amigos sabiam que seriam punidos por terem saído sem

permissão da Cerberus. Só que a vida era assim, feita de escolhas bem ou mal feitas, de decisões tomadas com a razão e outras feitas com o coração. No fim, estavam os cinco juntos, sentados em volta de uma pequena fogueira no meio a um paiol que quase não tinha palha e estavam bem. O cheiro do gato que Verber estava assando dava água na boca de todos, mas não daria uma refeição decente, então Ilian caçou mais três enormes ratos que encontrou próximo às sacas de grãos e que já estavam secos porque ele havia sugado todo o sangue. Eles comeriam carne seca de rato.

Renan derramou uma lágrima quando Caio contou que Max havia morrido, mas Verber manteve os olhos fixos no fogo que crepitava, não querendo demonstrar emoção. Essa era a grande dificuldade de ser o líder: não demonstrar fraqueza. Não chorar, quando tudo que se queria fazer era deitar e chorar pelo amigo covardemente morto.

- Samuel? - perguntou.

- Chegou quase morto, mas a irmã cuida dele - respondeu Caio.

Passou a faca pelo gato e viu que a carne estava pronta.

- Bom - foi tudo que disse. Porque mataria cada um dos Lobos, e não descansaria até que o último fosse enterrado e ele mijasse em suas covas.

Saíram assim que terminaram a janta. Os três souberam que Verber e Renan estavam sendo abrigados lá por causa da mentira sobre serem caçadores de canibais e recebiam até um tratamento especial. Todas as casas ofereceram abrigo aos dois, tratando-os como se fossem enviados dos céus. Renan queria ter ficado na casa de Amábili, mas Verber achou melhor não.

Tudo que eles não precisavam era um pai ciumento correndo atrás deles para obrigar um casamento.

O caminho todo até o vilarejo foi feito a passos apressados e numa marcha quase forçada. João e Renan conversavam sobre os jogos e Verber ensaiou um discreto sorriso quando João falou que Borges ganhara o torneio de boxe do russo

Kulik com um mortal gancho de direita bem no queixo. Verber sabia o quanto isso era importante para o amigo e gostaria de ter assistido para dar o primeiro abraço no grandalhão. Sentia falta também de Julius, Alfredo, Samuel e... Max.

Pobre Max. Morto covardemente por alunos do sétimo ano que criaram uma rivalidade por pura inveja. Mas eles iriam pagar. Ah iriam! O que houve com a puta da Celeste seria historinha para criança dormir perto do que fariam com os Lobos das Ruínas. Eles passariam a Lobos da Ruína! Pegou a faca e sem que ninguém visse fez um corte em sua palma esquerda, jurando que vingaria a morte de Max.

Haviam pulado o muro com facilidade, primeiro Renan, depois Caio e João. Antes que Verber escalasse a corda Ilian segurou-o pelo pulso.

- O que foi isso? - perguntou mostrando o corte que Verber tinha se auto infligido. Ilian havia sentido o cheiro do sangue fresco e ficou o resto da viagem com aquilo na cabeça.

- Isso é para me lembrar do que tenho que fazer.

- Entendo - disse - Uma vez eu caí de uma árvore e quebrei o braço.

- O que isso tem a ver? - resmungou Verber impaciente.

- Meu pai me falou que ser forte não é ter vergonha de chorar. Ser forte é chorar sem vergonha.

- Onde quer chegar com isso, meio-vampiro?

- Que ser um líder é partilhar seu sentimento com o seu bando. Não engula essa mágoa, porque será sempre como uma doença, lhe consumindo por dentro, como uma ferida aberta. Bote para fora e ela cicatrizará. Mas agora nós somos seu bando e precisamos de você.

Dito isso, Ilian saltou por cima do muro e caiu com um baque surdo. A grama estava alta, batendo acima dos joelhos e todos abaixados estavam perfeitamente camuflados. Verber veio por último e Renan viu que ele

enxugava uma lágrima solitária que sequer chegou a abandonar o olho.

Chegaram até a casa do governador sem nenhum empecilho. As ruas e vielas estavam vazias e tudo parecia calmo. Um cão uivou para a Lua, um gato correu atrás de um rato próximo de um amontoado de lixo e uma janela aberta na mansão emanava luz de velas, mas foi só.

- Tem um plano? - perguntou Renan olhando para Verber.

- Não

Todos olharam para ele com espanto. Como Verber não tinha nada planejado? Passara a janta toda calado e mais toda a caminhada de quase meia hora, Caio achou que ele deveria estar bolando alguma coisa, mas ele simplesmente não tinha um plano.

- E o que faremos? - foi a vez de João se manifestar.

Verber caminhou até a entrada da mansão do governador e subiu o lance de quinze degraus até chegar à porta, então, para a surpresa de todos, agarrou a aldrava de bronze e espancou a porta três vezes. Os quatro ficaram atrás dele, como garotos pedindo doces ou travessuras no dia das bruxas.

Após um minuto de espera um homem veio até a porta e abriu. Era um mordomo e estava visivelmente irritado.

- Seus bastardos, isso são hor... - mas foi interrompido porque Verber agarrou seu colarinho e encostou um punhal na sua garganta.

- Fale mais alguma coisa e serão suas últimas palavras.

O velho estava com uma espécie de pijamas e era horrível alguém morrer em tais trajes, mas pouco importava porque Verber tinha apenas um dia para provar sua inocência e era difícil controlar o desespero que tentava dominar sua mente.

- Onde está o governador? - perguntou entre os dentes.

- Ele não se encon... - Verber apertou mais a lâmina contra seu pescoço - ele está lá em cima, em seu quarto.

Verber jogou-o para trás e João agarrou o velho e acertou uma pancada contra a cabeça dele. O mordomo desmaiou. Não caiu porque João estava segurando firme o velho para que não fizesse barulho no assoalho de madeira.

Entraram pela sala e subiram a escadaria principal que daria no terceiro andar e onde provavelmente seria o quarto do dono da casa. Tentaram fazer menos ruído possível, mas o assoalho era antigo, apesar de conservado e gemia como uma velha rabugenta.

O terceiro andar consistia em nada mais do que três corredores atolados de portas. O corredor do meio era encabeçado por uma enorme porta dupla de madeira clara e brilhante. Verber pensou que se aquele não fosse o quarto do governador, não poderia ser mais nada. Ilian e Caio ficaram guardando as escadas enquanto os outros três investigavam.

- Só pode ser ali - disse Renan quando viu que Verber se desviava do caminho.

- Eu não quero ir ao quarto do governador, só queria ter certeza que ele não estaria aonde vamos.

- Por que?

Verber não explicou, mas tinha um palpite muito bom quando abriu a única porta que emanava alguma luz por baixo da porta. Do aposento que vira a luz acesa. A única luz acesa em todo o vilarejo. E era do escritório do governador.

- Onde está? - perguntava-se o homem encapuzado procurando o pergaminho de Baltisserath. Havia procurado no compartimento secreto da biblioteca da Cerberus, mas não estava lá. Celeste havia dito que Izidro tinha mandado para o governador. Mulher tola e mal amada. Achou mesmo que ele se apaixonaria por um trapo de mulher como ela? A desgraçada devia ter mentido e agora estava morta. Por suas mãos. Ele precisava do pergaminho. Somente assim Baltisserath poderia ser encarnado em seu corpo. Então, finalmente ele seria o ser mais forte de toda a Cerberus, talvez de todo o mundo.

O mero pensamento lhe causou um formigamento na barriga de excitação. Quando fosse Baltisserath, todos os fracos pashits e beliahs seriam controlados por ele. Destruiria os mordecais e os calabans. Todas as mulheres estariam a sua disposição, mulheres que ele nunca teve acesso e a imaginação fez o volume por baixo do manto crescer.

Ele precisava encontrar o pergaminho, Baltisserath falava em sua mente, atormentava seus sonhos e ameaçava-lhe a alma se não conseguisse. Isso lhe causava medo. Baltisserath estava em sua mente, mas não em seu corpo. Ele precisava de todo seu poder, cansou de ser brinquedo da Cerberus, agora ele contaria sua história, ele controlaria seu próprio destino e não aquele bando de padres desgraçados.

Finalmente encontrou. Então ouviu o assoalho atrás de si ranger.

- Procurando alguma coisa? - perguntou Renan quando abriram a porta.

O homem virou-se e encarou os três. Teve medo de falar e ser reconhecido, mas estava em júbilo e sorria de uma orelha a outra quando levantou o pergaminho que eles já conheciam.

Renan estava acompanhado de João e Verber e o homem não contava com isso. Ainda bem que usava uma máscara de latão que escondia-lhe o rosto, senão certamente seria reconhecido e tudo estaria acabado. O homem agarrou a besta que havia deixado na escrivaninha e já havia engatilhado. Apontou para a porta e disparou.

Renan e Verber que estavam na frente tiveram reflexo para pularem para trás, mas João nem viu o que lhe atingira. A seta penetrou em seu braço e ele gritou de dor. Sentiu a carne ser rasgada e a pesada seta por sorte atravessou. Renan socorreu o amigo deitado no chão. O projétil doía um bocado e João esforçou-se para levantar a tempo de ver o homem jogando a corda pela janela aberta e pulando noite afora.

Verber pensou em correr atrás dele, mas não daria tempo. Olhou pela janela e o homem já corria pelo jardim lateral, infiltrando-se no pequeno bosque leste.

E o desgraçado havia levado o que queria.

Capítulo. 54

Precisava vencer. Independente disso, a Royal Academy conseguiria alcançar os húngaros e igualar-se a eles e aos donos da casa no número de vitórias. Só assim, seu diretor, Angus McMannus ficara satisfeito e ele e sua gloriosa escola escocesa estariam em triunfo.

Frank Marshall sempre foi um garoto acostumado a trabalhar para ter tudo o que queria. Não era mimado e nunca fora, mas acostumou-se a lutar e trabalhar em prol daquilo que desejava. Por isso estava ali, por isso seria vitorioso sobre o compatriota Duncan. Sabia que estava mais que preparado e o oponente nunca fora adversário à altura. Nos seis anos que se conheciam, Duncan havia vencido um único confronto e decididamente não venceria o de hoje.

O campeão passado era o russo Dolidze, mas fora derrotado na primeira luta por Samuel, um espadachim a altura dos melhores que Frank já assistira. Samuel tinha uma empunhadura firme e uma esquiva felina, fazendo com que se tornasse um oponente mortal e um dos poucos que estavam à sua altura. Lamentava o fato de Samuel ter sumido, pois gostaria de poder confrontá-lo na final que provavelmente teriam feito. Samuel era o único que tinha boas chances de derrotá-lo e Frank Marshall sabia disso.

Estava na boca das pessoas de que Frank Marshall já tinha uma vitória fácil sobre Duncan e que para ser considerado verdadeiro campeão, deveria enfrentar o brasileiro. Mas o Samuel havia se machucado feio e não era culpa de Frank.

Olhou mais uma vez para os lados na esperança de ver o brasileiro chegando, inteiro, completamente disposto, para que juntos pudessem proporcionar um combate digno de encher os olhos da platéia que já ocupava toda a arquibancada uma hora de começar a luta.

Frank Marshall não estava incomodado. Não entendia o comportamento de pessoas que estudavam minutos antes da prova, sem terem se preparado com semanas de antecedência. A mesma coisa para aquilo que via: Duncan treinando ferozmente contra um companheiro de seu bando. Duncan sabia manejar uma espada bem, notou Frank enquanto ajudava a levar uma mesa para os festejos.

Há algum tempo aprendera que para ter certeza de uma vitória em uma luta provavelmente já vencida, era preciso não subestimar seu adversário. Renan não havia feito isso e por isso pagou com a derrota. Era o ultimo ano de Frank Marshall antes de formar-se e ele tinha que vencer. Estampar seu nome nos anais da historia. Era agora ou nunca.

Alguns vieram lhe desejar boa sorte. Eram em sua maioria cães de guerra, ou alunos da Cerberus, inconformados com a derrota covarde de Renan.

Mônica estava na biblioteca e mal conseguia se concentrar com a gritaria que ouvia lá fora. O ultimo dia dos jogos era sempre uma algazarra. A biblioteca estava vazia e sequer o padre bibliotecário estava lá para impedir qualquer tipo de vandalismo ou roubo de livros. Também era humano, queria assistir os jogos e tinha decidido que não ficaria ali enfurnado naquela biblioteca poeirenta e cheirando a mofo enquanto o evento se encerrava. Para o serviço mandou um azarado aluno aspirante a padre cumprir sua função e desceu afim de pegar um bom lugar para sentar.

A competição de armas letais era talvez a prova mais esperada de todos os jogos. O boxe também era muito cotado, mais por uma razão de manter a cultura e as tradições esportivas dos homens, mas o combate com armas era o confronto dos espadachins, os homens que se mostrariam mais competentes no combate aos extraplanares.

Mônica viu o garoto entrando emburrado. Seu nome era Tomas e ele era da turma dela. Tomas era um garoto

franzino, com rosto fino e frágil, um nariz delicado e pontudo, olhos interrogativos e chorosos e um bigodinho ralo do qual se orgulhava. Mônica achava que ele parecia-se com um rato sobre duas pernas.

Não gostava dele ali tanto quanto ele não gostava de estar ali, queria assistir a final do combate, mesmo sendo entre dois escoceses, o que diminuiria bastante a competitividade. Apesar de que, os dois desejariam ser o macho-alfa da escola, então talvez isso apimentasse mais a decisão e tornasse tudo mais interessante.

Tomas notou a presença da garota, mas a excitação do combate que estava por vir não fez com que se perguntasse o que Mônica fazia na biblioteca se as aulas estavam suspensas. Não havia provas ou testes, nem aulas, logo, a biblioteca sequer deveria estar aberta, mas Izidro insistia que a fonte de saber jamais poderia fechar, por isso, até algumas noites ele ordenava que algum padre ficasse de plantão sentado na cadeira dura do bibliotecário.

Mônica procurava livros na seção de rituais espirituais enquanto Tomas buscou a janela que tinha a melhor vista para a arena. Descobriu que tinha um ângulo privilegiado e que seus outros colegas morreriam de inveja. Conseguia ver o ringue perfeitamente e sem ninguém na frente ou espremendo seu corpo magro que não oferecia resistência aos empurrões e prensadas. Também não era muito alto, e só conseguiria assistir se pegasse um lugar mais à frente e isso era impossível, porque a lei do mais forte imperava nesses momentos e ele sairia com um tapão na orelha.

Mônica pegou dois livros que falavam de ritualística. Como não existia nenhuma forma de impressão, os livros eram todos manuscritos e copiados à mão, o que dificultava muito, porque normalmente isso era feito por padres velhos e impacientes, se não, quase cegos. Abriu no índice do primeiro que dizia: Rituais anti-demoníacos.

Agora faltava dez minutos para entrar na arena e o corpo de Frank já estava bem aquecido. Levantar e arrastar pesadas mesas de madeira pra lá e pra cá fez com que seus

músculos se soltassem e ficassem alongados. Ele sentia-se bem porque no serviço conversava com as pessoas que trabalhavam com ele e isso ajudou a levantar sua autoestima e controlar o nervosismo. Sabia que era preferido, e isso que lhe embrulhava o estomago.

Para Angus, quem venceria pouco importava, ele queria pegar o troféu e abraçar o vencedor. Para o vencedor, os louros. Para o derrotado, os porcos.

Frank verificou o fio de sua espada e viu que estava nos conformes, mas não devia haver nada de errado, afinal, um armeiro era o encarregado de retirar o fio mortal da arma deixando-a praticamente cega. Sua espada ainda tinha uma ponta mortal, mas ele sabia que depois do ocorrido com o irmão de Grant, Zack, qualquer um dos competidores que fosse pego usando a ponta da espada seria automaticamente desclassificado e poderia perder a mão direita.

Andou em direção ao ringue sob muitos aplausos. Sentiu que boa parte da platéia estava ao seu lado e isso lhe deu mais confiança e medo de desapontá-la. Prometeu a si mesmo que não subestimaria Duncan em momento algum, sequer um golpe. Sabia que um golpe mal aplicado propositalmente poderia rapidamente se transformar em uma finta mortal e isso acabaria com seu sonho de ocupar o ranking dos campeões. Ranking esse que seu avô ocupou durante os anos de escola.

As pessoas tentavam tocá-lo, bater as suas costas e era um empurra-empurra que lhe deixou nervoso. Nunca havia tido esse reconhecimento de celebridade que estava tendo. O fanatismo intensificou-se de garotos e meninas mais novas querendo passar a mão no cão de guerra que era neto da lenda. Sentiu alguns arranhões e andou mais rápido evitando alguém acabar se machucando, ou pior: ele se machucando antes do combate.

Mônica não havia encontrado nada do que procurava no primeiro livro e já estava no segundo. Tomas notou que a

menina lia com uma certa urgência e se prontificou a ajudá-la.

- O que você está procurando?

Mônica tomou um susto quando viu que o garoto estava olhando sobre seus ombros.

- Nada - disse ela fechando rapidamente o livro.

Tomas olhou a capa e a leu em voz alta.

- Rituais de proteção. Nós não estudamos isso ainda - disse em tom acusador.

- Estou só curiosa - defendeu-se sem convencê-lo.

Mônica sabia pelo jeito que ele a encarava, que agora estava ferrada, era melhor abrir o jogo.

- Tudo bem Tomas.

Tomas sentou-se numa cadeira ao lado dela e esqueceu-se do combate.

- Aconteceu algo estranho e estou investigando. Não sei exatamente o quê.

- Como assim não sabe o que está investigando?

- Não o que estou investigando, mas o que ocorreu exatamente. Sei o que procuro, mas não sei o porquê procuro.

Ele olhava para ela sem entender, mas Mônica falara a verdade. Ilian apenas mandara que ela procurasse um determinado ritual e só, nada mais. Não sabia porque o amigo guardara segredo, mas Ilian sempre fora muito calado. Tomas escutou com atenção o que ela precisava e um brilho veio aos seus olhos, porque aquilo acabara de ficar mais interessante que a luta que ocorria ali embaixo.

Frank entrou com sua enorme espada em mãos, a lâmina de quase um metro e meio só podia ser manejada por um homem forte e por isso estava nas mãos do neto do grande Marshall. Diferente dele, Duncan não parecia tão nervoso e isso fez com que pensasse que seu oponente ou era um bom ator, porque estava cagando nas calças, ou era um idiota que não se lembrava a estatística de seis anos de derrotas.

Em seu braço esquerdo mantinha um escudo de ferro que pesava cerca de seis quilos, mas com a pressão vinda da platéia parecia pesar doze. Não estava nervoso porque iria enfrentar Duncan. O corso do bando de Frank, William, deu-lhe o conselho de encarar a luta como se fosse uma aula e isso facilitava o modo de ver as coisas.

Estava nervoso porque preparava-se para entrar nos anais da história. Uma vitória e seria lembrado pelos próximos dez anos. Uma derrota e seria lembrado para sempre. Esse era seu medo.

Sempre fora espiritualista e supersticioso. Desde pequenos, os escoceses eram doutrinados na doutrina católica, mas até mesmo seus padres ainda se apegavam a algumas crenças pagãs. A imortalidade da alma através da honra era uma. Frank nunca conheceu seu avô, apenas ouviu as estórias de bravura e coragem que seu pai contava antes de dormir para seus pequenos alunos da Royal Academy. O pai sempre lhe disse que seu avô agora estava no paraíso do Valhalla.

Apesar do Valhalla ser uma crença nórdica, depois que o mundo foi em frente muita coisa mudou, inclusive a fusão de várias crenças afim de adaptarem-se ao novo mundo. O aparecimento de extra planares fez com que os antigos tivessem que rever seus conceitos religiosos e até mesmo o catolicismo fervoroso sofrera mudanças radicais. O conceito de guerra santa voltou a existir, como existira nas cruzadas e a partir do século vinte passou a ser revisto.

Frank sabia que seu avô, apenas conhecido como Marshall, o grande Marshall, estava se embriagando com os santos guerreiros, protetores dos homens e esperando por seu filho e seu neto para beber, rir, lutarem contra os antigos inimigos e renascer todos os dias para o mesmo itinerário, até o fim dos tempos.

Acordou assim que o Mathias moveu a bandeira verde.

Frank esperava um ataque furioso por parte de Duncan, como sempre fez durante as praticas em que se enfrentaram na Royal Academy durante seis anos. Sempre

foi assim. O garoto atacava com rapidez e força, porém, seus movimentos eram fáceis de serem lidos e o fim da luta tão previsível quanto o destino de uma folha seca na ponta de um galho durante o outono: o chão.

Dessa vez Marshall surpreendeu-se. Duncan havia estaqueado e os dois passaram a se estudar. Duncan procurava com olhos ferozes os olhos de Marshall, mas apenas encontrou olhos calmos. Inteligentes e estudiosos, como encontrou durante seis anos. Frank não se abalava, deixava o sentimento do lado de fora da luta e raciocinava, como se tudo fosse uma ciência exata.

Sabia que a fórmula de uma boa luta era a calma, a precisão e a economia de energia. Deixou Duncan ensaiar alguns golpes e preferiu esquivar-se a usar o escudo. Queria poupar sua energia, e erguer o escudo de ferro para segurar o ataque da pesada espada do oponente gastava uma energia que por enquanto podia ser poupada, pois ainda tinha velocidade e explosão muscular para se esquivar.

Duncan atacou novamente e Frank esquivou-se, rolando pelo chão e saindo às suas costas. Levantou. Frank esperou o mundo parar de girar, mas ele não parou. Sentiu como se estivesse sendo atacado por uma terrível labirintite. Não sabia o que estava ocorrendo, tinha evitado comer muito para não passar mal durante o combate. Definitivamente não estava tonto de fome.

Duncan o observava, mas Frank só conseguiu ver sua silhueta, porque sua visão agora estava turva. Bateu no rosto para tirar a areia que podia ter entrado no seu olho quando rolou pela arena para esquivar-se, mas não havia nada. Conseguia ouvir as pessoas clamando seu nome, mas era como se estivesse dentro d'água. As vozes pareciam distantes.

Duncan investiu contra ele e Frank teve tempo de levantar o escudo para bloquear o ataque da espada, então recebeu um chute na costela e caiu de lado sobre o cascalho.

Levantou-se procurando sua espada. Encontrou a arma a tempo de levantá-la para bloquear o ataque de Duncan que em seguida acertou uma joelhada em sua barriga.

Frank recobrou-se tentando não cair novamente, apoiou-se na espada como se fosse uma bengala e não teve forças para levantá-la. De repente o escudo e a espada ficaram pesadas demais para ele segurar e ele perguntou-se o que estava acontecendo. Soltou o escudo para ter as duas mãos livres na espada. Conseguiu levantá-la com dificuldade. Notou que não ouvia mais um som sequer. Parecia estar no espaço ou no fundo do mar. Sentiu a agonia de ser surdo.

Frank Marshall temeu por sua vida e viu que Duncan o observava. Mesmo só vendo a silhueta do seu oponente, viu que ele sorria debochadamente. Seu braço ardia e começava a formigar. Em um determinado ponto ele viu que havia um fino corte que deixava um rastro de sangue quase imperceptível, então entendeu tudo.

Havia sido envenenado.

- Já ouvi falar de rituais desse tipo, mas não são bem rituais de proteção - disse Tomas levantando e se dirigindo para outra seção.

- E o que são?

Tomas, porém, já havia saído de seu campo de visão. Voltou três minutos após com dois livros na mão. Mônica leu o título dos dois e arregalou os olhos.

- Demonologia aplicada? Rituais Demoníacos? Não acha que está pegando pesado demais? - sussurrou com medo que alguém na biblioteca vazia escutasse.

- Rituais de proteção não exigem nenhum tipo de objeto pessoal da vítima. Simplesmente o nome da pessoa basta. Mas esse tipo de coisa é do mal - disse em tom sombrio.

Tomas abriu o livro de demonologia aplicada no índice, procurou uma determinada página e foi direto a ela.

- Como sabe dessas coisas? - perguntou Mônica debruçando-se sobre o livro.

- Segredo?

- Segredo - prometeu.

Tomas pensou se contaria ou não, mas viu que não teria problemas, porque afinal, também havia prometido segredo a ela.

- Uma vez fizemos um ritual para invocar um pashit para atormentar o padre Francisco - riu - mas não deu muito certo.

Mônica estava boba. Não acreditava que dentro da escola, seus colegas irresponsáveis estavam brincando de invocar demônios para atormentar padres. Mesmo sendo o diabólico padre Francisco.

- Veja, está bem aqui - disse Tomas.

Mônica leu em voz alta.

- A formação de laços com demônios é consistida em duas etapas: A primeira consiste em se conhecer o nome do demônio a que se deseja prestar o serviço, sua categoria (pashit, beliah, não recomenda-se fazer com ankh-o-rus, pois raramente é eficiente. Estudos não conseguiram comprovar se as oferendas são pouco atrativas ou se o ritual deve ser outro para esta classe específica). Deve-se saber também a que plano o demônio em questão pertence.

Espera-se a primeira lua crescente do mês e sacrifica-se um animal, normalmente um carneiro, cachorro ou porco (gatos não são indicados porque têm alguma ligação com os planos inferiores).

Sete dias depois, na noite de lua crescente, faz-se um contrato na pele do animal sacrificado para este fim, assinado com o próprio sangue do invocador onde escreve o que se deseja do demônio. Deve estar constando o que oferece em troca também. Importante: se for direcionado a terceiros, deverá constar a promessa de um item de prestígio dessa pessoa. O contrato de couro deve ser queimado e suas cinzas devem ser ingeridas na mesma noite.

Quando a lua cheia estiver no céu, é o tempo em que o demônio lhe dará a resposta. Virá através dos sonhos e cabe ao sonhador interpretá-los corretamente. A pessoa

deve estar em jejum a pelo menos doze horas. Sonhos que envolvam conversas demoradas, porém tranqüilas, águias ou grandes pássaros são sinais claros de contrato rejeitado. Sonhos que mostram a realização do desejo ou a entrega do que fora prometido, podem ser interpretados como contrato feito. CUIDADO! Pedidos a pashits não possuem nenhum tipo de padrão de resposta, devido a natureza jocosa dessas criaturas.

Na Lua minguante deve-se fazer uma oração ao demônio (ver anexos) e todo o ritual daquele em específico. Os objetos prometidos no contrato, ou a ação acordada por parte do remetente deverá ser queimado em altar religioso, sob a presença de uma cruz ou símbolo religioso válido pela fé de quem pratica o laço.

Pode-se esperar o cumprimento da parte do demônio dentro de sete dias, durante a Lua nova.

- Meu Deus - exclamou Mônica.

- Em que o cabelo-branco andou se metendo hein? - perguntou Tomas usando o apelido preconceituoso que os alunos da Cerberus usavam para Ilian.

- Quando é a próxima Lua cheia?

- Depois de amanhã, por que?

- Preciso encontrá-lo! - disse enquanto corria para `a saída.

- Espere, aonde você vai? - quis saber, mas só ouviu a porta bater às costas da garota enquanto ela corria para o corredor.

Frank Marshall não acreditava no que estava passando. Odiava pensar nisso, mas seu compatriota o havia envenenado, por isso não aparentava nenhum nervosismo. Por isso não atacou logo de cara como sempre fez, inclusive contra Renan, porque esperava que o veneno fizesse efeito. Mas como? Só se... meu Deus!

Lembrou-se de quando passou no meio da multidão, as pessoas tentando tocá-lo, sentir como é a pele de um campeão, do neto de uma lenda... viu um rosto conhecido,

perdido no corredor polonês que se formou em seu caminho. Aquele rosto não deveria estar lá. Archibald, o padre do bando de Duncan tentou tocá-lo? Não se lembrava, mas só podia ter sido ele. Com algum objeto envenenado e discreto, uma agulha talvez, havia arranhado o braço dele e agora estava à beira de desmaiar.

Render-se nem passou pela sua cabeça. O que diria? Que foi envenenado? Pediria outra luta? Não, aquela era sua última chance. Precisava garantir seu lugar ao Valhalla, ao lado direito de seu avô. Ele estava observando-o, com certeza.

- Guarde um copo pra mim, meu avô - disse para si mesmo.

Duncan avançou pronto para um golpe certo. Seu melhor golpe. O que mais treinara. Para a sorte de Frank Marshall, era o que ele mais conhecia também. Consistia em uma finta mortal: Duncan faria um ataque descendente pela esquerda de Frank, quando pensasse em defender, Duncan giraria em torno de si, passando a espada horizontalmente pelo lado direito. Frank cerrou os olhos e concentrou-se apenas no golpe, que apesar de vir em câmera lenta devido o efeito do veneno, Frank sabia de cor o tempo que o golpe levava. Era rápido, mas a adrenalina de Frank subiu mais rápido e ele conseguiu bloquear o golpe.

Duncan ficou surpreso, e a multidão que achava que o golpe seria o final, surpreendeu-se com o fato de Frank, que se mostrou durante toda a luta exausto e tonto, conseguir bloquear golpe com tamanha maestria.

As espadas se travaram e os dois ficaram face a face.

- Seu veneno não vai te salvar, covarde - sussurrou para apenas Duncan ouvir.

- Você é um homem morto, Marshall.

Frank acertou uma cabeçada no nariz de Duncan fazendo sua espada cair. Soltou a sua porque sabia que não tinha chances de lutar sem ver nada. Mas enquanto mantivesse Duncan a seu alcance, jamais perderia a luta. Duncan ficou

tonto com a cabeçada e a platéia vibrou com o primeiro ataque de Frank.

Duncan sentiu sua cabeça ser agarrada, deu dois socos nas costelas de Frank, mas ele estava furioso. Não sentia dor, apenas escárnio. O sangue tinha lhe subido por todo o corpo e ele estava descontrolado. O fato de estar anestesiado ajudou muito, sabia que se seu espírito não fosse forte, já teria perdido a força das pernas, mas ele tinha vontade de vencer e isso veneno algum abalaria.

Cabeceou testa com a testa de Duncan. Seu oponente ficou mais tonto ainda e suas tentativas de se soltar do oponente muito mais forte eram tão desesperadas que chegavam a ser patéticas. Na terceira cabeçada Duncan desmaiou, mas Frank manteve-o em pé firmemente pelas orelhas, então cabeceou e cabeceou novamente.

- Solte-o Frank! Acabou! - berrava Mathias puxando o garoto.

Frank não queria ouvir, estava cego, quase surdo e se não bastasse, enfurecido. Mathias deu um mata-leão nele e Frank teve de soltar Duncan para defender-se. O professor da Cerberus tinha abraçado-lhe com as pernas e os dois caíram no chão. Mathias era maior e mais forte que ele e pressionava seu pescoço, impedindo a circulação de sangue. Rapidamente Frank Marshall sentiu sua visão escurecer e a raiva esvanecer.

Oligui estava verificando o pulso de Duncan. Estava vivo, mas seu pulso era fraco. Seus olhos estavam virados para cima, mostrando-se totalmente brancos. Perguntou-se onde raios estaria Izidro? Sabia que o garoto sofrera uma grave lesão cerebral, mas sobreviveria. Na verdade ficaria desacordado por algum tempo. Mesmo assim, queria a opinião do padre.

Frank Marshall não podia ver, nem ouvir os gritos, mas sentiu que estava sendo arremessado para cima em comemoração.

Porque havia garantido seu lugar no Valhalla. O paraíso dos guerreiros do norte.

Capítulo. 55

A volta foi feita pelo caminho inverso. Caio temia encontrar a banshee Gertrudes novamente e foram pelo oeste. Eram terras desconhecidas por todos eles. Verber ia à frente abrindo caminho quando necessário, mas o mato começava a ficar baixo e cada vez menos se parecia com os bosques que freqüentaram nos últimos dias.

- Não podemos voltar - disse Caio que ajudava João a se locomover. Pequeno havia sofrido um disparo de seta, a mesma que matou Eduardo, o filho do governador e agora alojava-se em seu ombro. O desgraçado iria pagar, pensava a todo momento. Quando o encontrasse iria quebrar seu pescoço, como se fosse uma galinha.

- Não podemos não voltar - rebateu Verber - A cabeça de Samuel iria rolar no lugar da minha e isso seria uma coisa com a qual não conseguiria conviver.

- Temos que encontrar esse traidor. Quem quer que seja deve ter voltado à Cerberus. Não pode se arriscar que dêem a sua falta - disse Ilian.

- Sim, meu amigo de cabelo branco. E ele foi por aqui, se apressarmos o passo poderemos interceptá-lo ainda hoje.

O homem seguia a passos apressados em direção da escola, sabia que a qualquer hora Verber e sua corja de pirralhos estaria na sua cola. Pulou um galho retorcido que repousava sobre o chão e continuou a correr. As botas estavam gastas e ele decidiu que arrumaria novas quando alcançasse seu objetivo.

Sorriu ao pensar que os cinco não sobreviveriam ao caminho em que ele os atraía. João ainda devia sangrar e isso com certeza aguçaria a atenção dos seres que ele sabia morar nas cavernas. Mesmo assim, o pergaminho havia lhe protegido. Aquele pedaço de papel parecia conter uma mensagem tão diabólica que a mera presença sussurrava na alma das criaturas que pensassem em lhe fazer mal uma

ameaça poderosa. Ele mesmo tremia ao segurar o velho papel entre os dedos.

Não parou de correr, finalmente viu os muros da Cerberus a quase um quilômetro. Tinha conseguido. Sorriu ao pensar que alguém ficaria feliz com ele.

Deviam estar a quase uma hora da Cerberus, mas aquele caminho parecia ainda mais perigoso que o primeiro e Renan começou a temer as cavernas escuras à sua esquerda. Buracos tenebrosos que os vigiavam como olhos de um monstro de terra vermelha.

A grama havia acabado e o caminho tornara-se de uma terra batida alaranjada. Isso dava um certo desconforto em Renan. Não sabia o porquê, simplesmente dava. Parecia que a cor avermelhada da terra cheirava a sangue, ou carne pútrida. Sua suspeita se confirmou quando um urubu gritou na direção deles. Era uma grande ave negra com olhos escuros e maldosos que estava dizendo que iria brigar por aquele corpo que devorava se alguém se intrometesse. Ninguém pensava em fazer isso.

Eles passaram a quase quinze metros do animal, mesmo assim, ela abriu suas asas e virou-se para eles, ameaçando-os novamente. Renan não o temeu, sabia que os urubus estavam sempre morrendo de fome, mas que ao final era um animal covarde e que não lhes causaria problemas.

- Tem alguém nos observando - disse Ilian.

Começaram a olhar em volta e Verber chegou a ver um vulto em uma das cavernas, mas quando olhou com mais atenção viu que não havia ninguém. Devia ter sido peça pregada por sua imaginação.

Apressaram o passo mais ainda e andavam quase lado a lado quando Ilian gritou.

- Protejam-se.

Cada um deles caiu ao chão, mas João que estava sentindo muita dor não foi rápido o suficiente. Dois pés o acertaram em cheio no peito e ele voou três metros para trás. Quando pousou de costas ainda arrastou-se por mais um metro até bater em uma pedra.

O sangue começou a verter novamente do ferimento, mas ele estava atordoado demais para reparar. Tinha batido a cabeça com força e apesar do esforço para manter-se acordado, desmaiou.

Uma risada foi ouvida, depois mais uma e em seguida uma terceira, debochavam dos cinco garotos que decidiram aventurar-se por essas bandas.

Renan e os outros levantaram-se.

- Pashits? - perguntou Caio puxando seu mangual.

- Pior - respondeu Verber sentindo o medo subir a espinha - mordecais.

Finalmente o homem havia chegado à entrada da Cerberus. Era madrugada, aproximadamente quatro da manhã, o portão estava fechado e ele temeu que algum professor estivesse sem sono e dando ronda por aí.

Engoliu em seco o medo de ser descoberto. Ao se aproximar do muro ouviu a voz de dois amigos conhecidos, esperou mais um pouco, mas não ouviu nenhum professor, então bateu.

O sentinela subiu até a guarita próxima ao muro e reconheceu quem era.

- Ô rapaz, que tá fazendo essa hora por aí?

- Cale a boca e me deixe entrar que está frio - pediu.

O sentinela ficou ressabiado, mas não poderia deixar ele lá fora ou poderia se meter em encrenca. Abriu um pouco o portão girando a roda dentada enquanto xingava junto com seu parceiro o idiota que o fazia despendar aquele tremendo esforço nas últimas horas da madrugada.

- Alguém devia passar óleo nessa merda - xingou um deles.

- Óleo nessa escola parece que só serve pra lampião - murmurou o outro.

O homem entrou e foi direto para o prédio da Cerberus. Entrou por uma passagem secreta que haviam lhe mostrado semanas atrás.

Dirigiu-se para seus aposentos, pois o dia seguinte seria muito interessante. Ele sorriu e deitou-se. Sua noite foi recheada de pesadelos, mas pouco importava... em breve, ele seria um pesadelo.

Verber sabia que estavam em sérios apuros. Ele e Renan estavam armados com facas, Caio tinha um mangual e apesar da bola de ferro espinhenta fazer um grande estrago em combate, ele não tinha habilidade suficiente para utilizá-las contra três mordecais. João estava desmaiado e Ilian era o que tinha mais chances de sobrevivência com suas meia-luas.

Os mordecais eram da classe de vampiros mais poderosa que se tinha ciência. Vampiros extremamente poderosos e com para-psiquismos letais. Cada mordecai possuía capacidades diferentes e a surpresa os tornava ainda mais perigosos. Todos possuíam força sobre-humana e sentidos muito mais aguçados do que qualquer humano poderia sonhar em ter.

Havia três vampiros mordecais gargalhando enquanto ridicularizavam os quatro humanos que ousaram cruzar seu território. Quanta audácia. Mas era sempre bom ter sangue quente antes de dormirem o dia todo para aterrorizarem os vilarejos e viajantes durante a noite. Os três eram mordecais jovens, provavelmente recém-nascidos para a vida vampírica. Pareciam uma gangue de bullies. O primeiro deles, que parecia ser o líder era da altura de Verber, porém magro. Seu cabelo era longo e preto como a noite, contrastando drasticamente com a pele branca. Usava uma espécie de jaqueta de couro e tinha correntes saindo e entrando nos bolsos. O segundo tinha o cabelo encaracolado e volumoso, como se tivesse um ninho de em cima da cabeça. Era mais alto que o primeiro e parecia estar drogado com alguma coisa que o deixava devagar. Por fim, o terceiro era o mais baixo de todos. Tinha longos e lisos cabelos loiros, vestia uma jaqueta de couro negro e parecia um imitador do primeiro. Fora ele quem acertara João quando surpreenderam o grupo. Era o mais debochado

e seus caninos afiados apareciam descaradamente como se ele não tivesse a capacidade de escondê-los.

- O que devemos fazer com ele, Kriger? - perguntou.

O líder, que agora já estava devidamente apresentado sorriu da pergunta. Era uma pergunta retórica, apenas com o efeito de provocar medo nos humanos.

- Acho que vieram para o jantar - respondeu o segundo.

- Faz dias que não como nada, Siegfried - gargalhou o terceiro.

Renan olhou para Verber a procura do que fazer, mas já sabia a resposta.

- Olhem só, acho que ele quer criar problemas - disse Siegfried.

- Vieram para morrer humanos? - falou pela primeira vez o líder Krieger.

- Não viemos em busca de confusão - tentou Ilian - apenas desejamos passar reto e desaparecer de suas vistas.

Isso provocou uma enxurrada de gargalhadas.

- Bem isso não será possível - disse Krieger. Mais rápido que os olhos pudessem ver, Krieger correu na direção do meio-vampiro e atacou. Acertou dois socos no peito de Ilian e o terceiro pegou bem no rosto. Ilian caiu para trás sentindo o sangue verter de seu nariz e descer até a boca. Sentiu o gosto morno e delicioso do sangue. Tão precioso que não poderia perdê-lo.

Olhou para o lado e viu que os outros três amigos também haviam sido golpeados antes que pudessem se defender e agora estavam estirados no chão. Levantaram-se vagarosamente, recuperando-se do que havia lhes atingido.

Siegfried, o mordecai com cabelo encaracolado não esperou que eles se recompusessem. Deu um grito tão forte que moveu uma massa inteira de ar e arremessou os quatro em cima de João.

Caíram pesadamente, como se um furacão os tivessem atingido e levantaram-se tontos pelo giro louco que deram no ar.

- Meu Deus, o que foi isso? – perguntou Caio.

- Estão brincando com a gente antes de nos matar – respondeu Verber tentando manter a coragem.

O medo iminente da morte o aterrorizava, mas quando olhava para Renan, Caio, João e Ilian, alunos do terceiro ano, com muito menos treinamento, conhecimento e experiência que ele, sentia-se responsável por eles. Por fornecer-lhes a moral necessária para a luta. Controlava seu medo de forma tão intensa que teve medo de perder a lógica.

- Chega! Vamos acabar logo com isso! – vociferou Verber enquanto agarrava o martelo de guerra de João.

O mais baixo de todos que tanto ria parou. Entortou a boca em deboche e esticou a mão para Verber que já caminhava na direção deles.

- De joelhos – disse.

Verber sentiu seu corpo estremecer. Em seguida uma dor insuportável subiu por sua barriga, seu peito e parou em sua cabeça. Começou a sentir o seu sangue ferver. Não como um momento de raiva, mas como se seu sangue tivesse sido cozido e ainda quente recolocado dentro de suas veias. Ajoelhou-se e abraçou tudo o que pôde no corpo, mas a dor não parava. Sentiu que ia morrer, e por Deus, que morte terrível aquele mordecai lhe proporcionaria. Torceu que se fosse morrer, que morresse logo, mas sequer conseguia ouvir seus pensamentos.

- Vocês também – disse apontando a outra mão para os três.

Ilian conseguiu saltar e escapar do alcance do terrível poder do vampiro. Arremessou uma de suas meias-luas na direção do braço esticado. A arma foi girando com seu gume afiado a uma velocidade impressionante e na direção certa. O mordecai não conseguiu recolher o braço a tempo e a lâmina trespassou-o sem causar dor. Um segundo depois uma dor subia pelo braço cortado da criatura e ele sentiu a queimação de ter um membro amputado. Sentiu

como se um torniquete imenso apertasse sua carne até a pressão ser insuportável.

O vampiro gritou de dor e ódio. Seus olhos ficaram vermelhos e suas presas maiores ainda. Parecia de fato um vampiro-demônio e Ilian soube que sentiria toda a ira do desgraçado.

- Bastardo! Meu braço! Você pagará por isso! - gritou.

Os seus dois companheiros mordecai gargalhavam da situação do baixinho.

- Parece que está perdendo o tato, Roland - debochou Krieger.

- Eu usarei seu crânio como penico, mestiço! - continuou a xingar.

Os meio-vampiros eram conhecidos também como mestiços, mas isso era uma forma preconceituosa de chamá-los e Ilian odiava ser chamado de mestiço. Não sabia quem fora sua mãe de verdade, só sabia que um meio vampiro sempre nascia de uma mulher em estágio final de gravidez ser mordida e transformada por um mordecai. Isso o fazia um mestiço. Vindo de duas espécies diferentes, mas Oligui insistia em dizer que eles eram amálgamas. Seres com as qualidades das duas espécies e por isso tão odiados e maltratados.

- Ajudem-me, desgraçados - rugiu Roland.

- Espere pararmos de rir, irmão - disse Siegfried enquanto ele e Krieger se matavam rindo da situação do irmão que perdera um braço para o mestiço.

Roland decidiu que faria o trabalho todo sozinho. A dor no braço era insuportável. Era um mordecai, mas isso não significava que não sentisse dor. Suportava-a melhor do que os humanos, mas a perda de um membro doía muito, além disso, seu sangue precioso esvaia em considerável quantidade pelo toco do braço.

Verber já havia parado de agonizar porque Roland usava aquela mão para segurar seu coto. Ainda assim sabia que não tinham chances. Sem armas, sem um padre, sem

sequer água benta. Enfrentar mordecais nessa situação não era algo pensável e ele sabia que não viveriam para contar a façanha.

Levantou-se e agarrou novamente a arma. Os mordecais já estavam posicionados para o ataque e ele soube que era o fim.

- Foi bom lutar ao lado de vocês, rapazes.

Siegfried, o mordecai que gritava abriu a boca e puxou ar. Renan e Caio já cobriam o rosto, enquanto Ilian e Verber procuraram aonde cair com menos prejuízo aos corpos.

Ouviram um som conhecido e o grito não veio. Não daquele jeito.

Uma flecha atravessou as costas de Siegfried e a ponta apareceu ensangüentada perfurando sua camisa branca. Ele gemeu de dor e estava paralisado. A flecha atravessara seu coração, precisaria que alguém a retirasse. Com muito esforço levou a mão até o projétil e sentiu o ardor.

A haste começou a queimar ao redor da ferida. Seus olhos arregalaram-se e ele soube o que estava acontecendo: a flecha estava abençoada. Em dois segundos seu peito estava em chamas e ele correu alguns metros desesperado, mas o fogo alastrou-se com velocidade fenomenal, como se ele fosse inflamável e Siegfried caiu ao chão como uma grande fogueira hominídea, cessando sua voz para sempre.

Krieger e Roland voltaram-se para trás. Uma garota havia acabado de pôr outra flecha na posição e estava preparando-se para atirar.

- Mônica - gritou Renan.

Por trás dela apareceram padre Izidro e Valeriano. Izidro segurava um crucifixo de madeira do tamanho de uma mão e a mera visão aterrorizou os dois mordecais. Suas presas saltaram para frente como se quisessem sair de suas bocas, os olhos estavam arregalados e suas vozes apesar de tremulas eram animais.

Valeriano sacou de dentro de sua batina um frasco de cristal do tamanho de uma laranja e jogou na cara de

Roland. Era água benta, a mesma que usara para benzer a flecha de Mônica.

A frágil garrafinha estourou em cheio e outro grito assustador quebrou a noite. Roland com seu único braço batia no rosto que esfumaçava como se estivesse sendo consumido por ácido.

- Tirem isso de mim! Tirem isso de mim! - gritava enquanto rolava no chão, como um homem em chamas.

Izidro deu mais um passo a frente.

- Saia daqui criatura infernal! - vociferou. As veias saltavam de seu pescoço e pela sua cabeça careca. Izidro nunca parecera tão grande aos olhos de seus alunos e sua voz tinha uma força inabalável.

Krieger ainda tentou manter-se firme, mas viu que sua situação mudara. Os dois eram padres poderosos e não conseguia dar um passo sequer na direção deles. Na verdade, quanto mais Izidro se aproximava com o crucifixo em punhos, apontando direto para seus olhos, mais Krieger andava para trás. Suas chances haviam acabado e ele não poderia sequer salvar o irmão que queimava.

Usou sua velocidade sobrenatural e saltou muito mais alto do que algum deles já tiveram presenciado. Nem mesmo Oligui saltava tão alto. Em questão de segundos o mordecai refugiou-se em uma das cavernas, enquanto dali assistia Valeriano chegar em seu irmão semi-morto e fincar-lhe uma estaca no coração. Ilian decapitou-o em seguida e Krieger deu um urro de ódio para a noite.

Diferente dos contos que ele ouvira de sua espécie, a estaca não precisava ser de madeira, na verdade poderia ser qualquer objeto que perfurasse o coração, paralisando todo o sangue circulante em seu corpo morto, anulando qualquer capacidade vampírica e transformando-o mortal como um humano.

Sentiu ódio dos humanos, mas não podia enfrentar a fé daqueles dois, era forte demais. Arrependeu-se de não ter dado cabo dos cinco quando teve chance, então Krieger foi

para o fundo da caverna, aonde escondeu-se porque o Sol já ia raiar.

- Chegaram a encontrar o assassino? - perguntou Izidro a Renan e Verber.

- Sim. Deve estar mancando a essa hora. Esmaguei os pés do bastardo - respondeu o mais novo.

- Acho que ele não estava mancando quando fugiu com o pergaminho - comentou Verber.

Mônica vinha mais atrás conversando aos sussurros com Ilian.

- Descobri que não existe nenhum ritual de proteção que utilize objetos da pessoa - disse ela.

- Do que estão falando? - perguntou Izidro. Estavam indo para a Cerberus e o Sol já despontara no leste trazendo os raios de luz que davam segurança aos viajantes.

- Quanto tempo falta para pegarmos o culpado?

Izidro olhou para Verber com olhar imparcial, como se a vida do garoto não fosse tardar a acabar. Sentiu uma gota de pena, pois sabia que Verber nem Max seriam capaz de tal coisa, mas a lei era a lei. Se o assassinato do filho do governador não fosse resolvido, logo acabariam as provisões e o fornecimento de alunos para a escola. Aquilo precisava terminar com a morte de um culpado.

- Max está morto e nós ainda não chegamos. O julgamento já está começando.

Verber sentiu o estômago revirar. Sabia quem estava sentado no banco do réu em que ele deveria estar. Samuel.

- Então apressemos o passo.

Capítulo. 56

O cheiro da madeira era forte e incomodava as narinas de Samuel quando ele entrou na igreja da Cerberus. O lugar havia sido adaptado como tribunal para o julgamento de Max e Verber, mas a morte de um e ausência do outro fizeram com que a situação mudasse.

Samuel foi conduzido até um banco de frente a uma enorme mesa onde estavam sentados três padres, Baltazar que era o representante dos professores e, bem no meio de todos eles o temível padre Francisco. Samuel estremeceu ao sentar, não podia negar que estava com medo. Havia passado a noite passada preso em ferros na sua cama da enfermaria, pensando em argumentos, mas simplesmente não havia nenhum. Por dentro ele sabia que Max e Verber eram inocentes, mas não tinha consistência em seus argumentos que sequer existiam.

A estada na enfermaria fora dura e ele pensou que fingir que ainda estava seriamente ferido iria dar aos amigos algum tempo, mas Francisco queria um pescoço estrangulado ainda essa noite. Samuel já conseguia alimentar-se sozinho, mas as dores ainda consumiam seu corpo. Mancava pelo ferimento que o gordo canibal lhe fez atrás da coxa e aquela noite ainda lhe causava pesadelos.

O julgamento foi aberto apenas para os amigos mais íntimos de Samuel e os funcionários da escola. Samuel não soube dizer se preferia que o tribunal estivesse lotado ou até mais vazio, mas definitivamente do jeito que estava não estava bom.

E de que forma um julgamento pode ser confortável ao réu? - Censurou-se.

Baltazar e Mathias haviam discutido com Francisco na noite anterior sobre o julgamento de Samuel.

- Devemos esperar o Izidro - disse Baltazar.
- Na ausência dele eu tomo as sagradas decisões da escola - disse humildemente Francisco.

- Ninguém sabe aonde nosso santo diretor foi. O julgamento deve ser adiado - disse Mathias que tinha grande apreço por Samuel.

- É a vontade de Deus que ele seja julgado amanhã.

- Não é a vontade de Deus, é a sua vontade! - berrou Baltazar - você quer ver as pernas dele balançando no cadafalso.

- Não grite comigo, negro audacioso! - respondeu aos berros Francisco.

Baltazar agarrou Francisco pelo pescoço e o velho ficou mais pálido do que já era. Seus olhos mostravam que estava com medo, mas também lançavam um desafio ao professor: "vamos, me enforque, enforque um homem de Deus".

- Solte ele Balter - disse Mathias chamando o amigo pelo apelido e puxando-o.

- Me chame de negro audacioso de novo e verás até onde chega minha audácia - cuspiu as palavras.

O julgamento não havia sido adiado e lá estava Samuel, em meio a quase cinqüenta pessoas: todos os professores da Cerberus, todos os padres, Mônica e os Ursos Borges, Alfredo e Julius que não o abandonariam no momento final.

Borges tinha pensado em pegar em armas e resgatar Samuel de dentro do tribunal, mas Gerrard disse-lhe que iria acabar morrendo junto com o amigo. Fora difícil convencer o cão de guerra a quebrar sua lealdade, mas graças a Deus ele havia conseguido.

Eram cinco da manhã e Francisco planejava acabar tudo antes que Izidro voltasse e arrumasse mais desculpas esfarrapadas para adiar o julgamento. Havia conseguido apoio de alguns padres e isso lhe deu força política para enfrentar a fúria do diretor quando descobrisse que Samuel estava morto. Sentou-se em sua cadeira que era a mais alta, indicando que seria o juiz da alma do garoto.

Não havia júri, o destino seria revelado apenas pela decisão dos cinco sentados na mesa três metros a frente de

Samuel. Francisco tomara cuidado de escolher os padres que lhe deram apoio e que sempre estavam de acordo com suas decisões. Eram como pintinhos em sua mão. A mera ameaça de motim e ele podia fechá-la e destruí-los tão rápido que nem teriam tempo de ver o que aconteceu.

Francisco bateu o martelo e Samuel acordou de seus devaneios.

- Samuel - começou ele com sua voz rouca e diabólica - és acusado do assassinato de Eduardo, o filho do governador, entende isso?

Samuel havia temido esse momento. Rezou para que Verber houvesse voltado na noite passada, mas suas preces não foram ouvidas. Deus havia virado as costas pra ele?... Não, ele sempre teve fé durante toda sua vida e fora uma boa vida! Ele não se perderia agora. Levantou a cabeça e decidiu que sua alma encontraria a de Max com a honra mantida incólume.

- Não fui acusado de nada. Max e Verber foram, eu só estou aqui de bode expiatório.

- Você os libertou de seu cativeiro e isso lhe fez cúmplice do mesmo crime - disse Francisco perdendo um pouco da paciência que nunca teve. Estava se divertindo com aquilo, adoraria ver aquele bastardozinho urinando as calças enquanto a corda esmagava seu pescoço.

- Libertei-os para que tivessem chance de provar sua inocência. Coisa que todo humano deveria ter direito.

Borges levantou e deu um grito de motivação para Samuel. Oligui riu e Francisco avisou que se ele se pronunciasse novamente seria expulso do tribunal.

- Eles tiveram setenta e duas horas, dadas pelo bondoso diretor dessa escola para que provassem sua inocência... Bem, esse tempo esgotou-se, você tem alguma prova de que eles não sejam os assassinos de Eduardo?

Samuel sabia que não tinha. Da mesma forma que eles não tinham uma prova de que fossem os assassinos, mas isso pouco importava. O governador queria uma cabeça, Francisco queria tirar uma cabeça. Perfeito!

O silêncio respondeu por ele e Francisco bateu o martelo encerrando o julgamento mais rápido da história da Cerberus.

- Vou entender como um não. Peço a meus humildes amigos que nos reunamos e em seguida daremos um veredicto.

Baltazar estava visivelmente irritado quando levantou-se e reuniu-se aos outros padres na sala do sacristão. Olhou para Samuel e viu medo em seus olhos. Sentiu pena do garoto que ele conhecia desde que chegara criança, carregando a pequena irmã nos braços.

- Nobres colegas, devemos julgar essa pobre alma com sabedoria. Cada um já deve ter seu veredicto depois do que foi dito no tribunal, mas peço que rezemos ao bom Deus para que tomemos a decisão certa – dito isso, Francisco começou a rezar e os colegas acompanharam-no sussurrando um Pai Nosso em latim. Baltazar não sabia rezar em latim, e mesmo que soubesse não rezaria.

A oração terminou tão rápido quanto começou e Francisco retomou a palavra.

- Aqueles que acreditam que Samuel seja culpado, por favor pronunciem-se com um gesto.

Os quatro padres levantaram a mão. Francisco não pôde deixar de sorrir.

- Baltazar? – perguntou sarcasticamente.

Baltazar cuspiu no chão.

- Não participarei dessa palhaçada – disse entre os dentes.

- Como ousa blasfemar dentro da casa de Deus? – perguntou um dos padres. Um gordo de cavanhaque e que todos sabiam ser um grande beberrão. Seu bafo de cerveja era nítido, mas Francisco não dera bola pra isso. Dera tanta cerveja quanto o velho padre queria e ele estava feliz. Bastava.

- Quem blasfemam são vocês. Como ousam fazer um julgamento armado desses dentro de uma igreja. Nossa igreja! E ainda usarem o nome de Deus?

Francisco explodiu em fúria. Apesar de ser velho, sua voz ainda tinha uma tremenda força e ele cuspiu as palavras de volta ao negro que era duas vezes seu tamanho.

- Estás expulso desse tribunal. E que queime no inferno, até suas entranhas virarem pó! - berrou.

- Que Deus tenha piedade da alma de vocês, pois condenarão um garoto inocente.

Baltazar deu as costas aos quatro e saiu batendo a porta às suas costas. Atravessou o átrio da igreja e passou a mão no ombro de Samuel, acalentando-o da forma que fosse possível. Era o máximo que ele podia fazer para ajudar.

Oligui assistiu enquanto o velho amigo andava a passos acelerados, visivelmente transtornado com a discussão. Oligui tinha ouvido tudo o que os outros humanos não tinham capacidade de ouvir. Ouvira tudo que Francisco e Baltazar discutiram e sentiu uma irritação crescer dentro dele.

Samuel sentiu a barriga formigar quando viu os padres retornando cinco minutos passados para a mesa dos juízes. Os olhos de Francisco não conseguiam disfarçar o prazer que tinha ao lhe dar o veredicto. Por dentro gozava em júbilo por atingir Izidro. Mesmo que indiretamente, mas o enforcamento de um aluno que o diretor gostava iria fazer Francisco sentir-se muito bem. Como uma massagem no ego.

- Chegamos a um veredicto, Samuel - disse pesaroso.

Samuel esperou por um segundo que pareceu uma eternidade, enquanto Francisco fingia ler um papel.

- Você foi declarado culpado.

Borges não se conteve.

- Covardia! Isso é uma vergonha!

- Eu lhe avisei Borges - berrou Francisco furioso por terem chamado seu julgamento pela segunda vez de imoral - Vocês dois, tirem ele daqui - disse para dois garotos do sétimo ano que estavam montando guarda na porta da igreja.

Os dois caminharam na direção de Borges para escoltá-lo e o forte garoto empurrou um deles.

- Toque em mim e eu mato os dois - disse seriamente.

Os dois pareciam tremer de medo e decididamente não iriam enfrentar Borges. Estavam desarmados e ele havia acabado de vencer o torneio de boxe. Não tinham chance de saírem vitoriosos.

- Chega Borges, vamos, eu lhe acompanho - disse Oligui levantando-se de sua cadeira.

- Isso é armação Oligui - declarou ele querendo chorar de raiva. Queria matar todos naquele tribunal. Queria enforcar todos aqueles padres pelos pintos murchos e inutilizáveis deles. Oligui o pegou pelo braço e o conduziu em direção a porta.

Francisco esperou até que ela fosse fechada novamente para retomar a palavra.

- Se alguém pronunciar-se novamente para ofender este tribunal, juro por Deus que será excomungado! - berrou o velho parecendo que ia enfartar.

Voltou-se para Samuel e sorriu.

- Você está condenado à morte por enforcamento, pelo assassinato de Eduardo, o primogênito do governador. A pena se cumprirá ao entardecer!

Francisco bateu o martelo, mas o som não foi ouvido porque uma pancada muito mais forte foi dada na porta. O golpe fez com que a tranca arrebentasse e as duas portas de madeira abrissem com violência. Bateram contra a parede e fizeram um som assustador.

- O que é isso? - indignou-se Francisco.

Borges mal havia saído e estava de volta. Pegou o martelo que João carregava e em um golpe enfurecido arrombou a porta. Oligui entrava juntamente com Izidro, Renan, Caio, Verber e João. Logo atrás, entrava o enorme negro com o martelo em mãos. Bufava e encarava o juiz do tribunal. Francisco engoliu em seco.

- O que acontece aqui, padre Francisco? - perguntou Izidro em tom sério.

- Aqui ocorre a lei - respondeu.

- Eu sou a lei dentro dessa escola.

Francisco sentiu sua autoridade alfinetada.

- Eu sou a lei quando vossa eminência não está - respondeu Francisco consternado, então viu Verber - mas vejo que trouxe o verdadeiro culpado.

Izidro não sabia se Verber era culpado, mas Ilian disse para ganharem tempo pois tinha um plano. Izidro só esperava que fosse dos bons, do contrário, ninguém poderia ajudar Verber a escapar da lei.

Verber foi em direção a Samuel e abraçou-o.

- Por que voltou, idiota? - perguntou Samuel.

- Nunca deixaria você pagar algo no meu lugar.

- Você não fez nada, fez?

Verber apenas olhou-o nos olhos. Os olhos de líder nato dele responderam tudo, Samuel sabia da honra do amigo e que não seria capaz de matar alguém sem uma boa razão.

- Aproveitem que estão em pé e troquem de lugar - pediu Francisco com prazer no olhar. Aquilo estava ficando cada vez mais interessante.

As pessoas estavam irrompendo para dentro da igreja, convidadas por Izidro e motivadas pela algazarra que se encontrava o julgamento. Alunos de todas as escolas amontoavam-se para dentro do átrio e as vozes transformaram-se em uma barulheira infernal.

- Silêncio! - berrou Francisco batendo o martelo.

O silêncio fez-se depois de alguns minutos de insistência. Alguns murmurinhos ainda eram ouvidos, mas nada que pudesse ser impedido.

- Esse julgamento ocorreu dentro de uma igreja, perante os olhos de Deus e não pode ser profanado... - dizia até ser interrompido novamente.

- Posso lhes apresentar o devido assassino, padre - Ilian irrompia entre a multidão que abria espaço com certa

repugnância e receio do meio-vampiro.

Francisco irritou-se novamente. Se aquilo fosse outra forma de desnortear seu julgamento, ele mesmo chicotearia aquele meio-demônio. Mesmo assim, precisava ouvir o que o bastardinho tinha a dizer. Não poderia ser tão visível seu desejo de enforcar Samuel ou Verber.

- E tens prova disso? Ou vieste aqui só para roubar o tempo de Deus?

- Tenho provas de que o assassino e arquiteto de todo essa trama está nesse tribunal - disse confiante.

Izidro, Renan, Samuel, Verber e todo o tribunal calou-se por um segundo.

Uma gritaria surgiu enquanto Ilian tirava de seus bolsos algumas anotações e balançava ao ar. Izidro levantou a mão pedindo silêncio e irritou Francisco a facilidade com que conseguira manter a ordem.

Ilian atravessou todo o átrio e chegou perto da bancada, então entregou os papéis amassados e cheios de anotações. Notas aquelas que ele demorou a encontrar no quarto do verdadeiro assassino, mas que eram irrefutáveis e encaixaram em sua cabeça como um quebra-cabeças montado de uma só vez. Apesar da surpreendente revelação, tudo fizera sentido.

- Isso que o padre tem em suas mãos são as instruções para invocação dos demônios que são por nós combatidos.

Francisco riu e rapidamente ficou impaciente com o mestiço que andava na frente do tribunal, sob o olhar e silêncio sepulcral dos espectadores. Ganhara mais atenção do que Francisco havia conseguido com seu posto e seu martelo e isso lhe dava um ódio invejoso crescente por dentro, como um vômito na ponta da garganta.

- Esses rituais são encontrados em livros de nossa biblioteca. A invocação de pashits e beliahs é estudada por alunos e padres para serem investigadas e não para serem aplicados. Isso não prova...

- De pashits e beliahs sim! Mas não de ankh-o-rus!

Francisco apertou os olhos para o garoto, como se perguntasse se ele o queria fazer de idiota. Odiava ser interrompido por um moleque, ainda mais um de cabelos prateados.

- Não existem rituais para invocação ou negociação com tais demônios. É impossível.

- Última folha, padre.

Francisco enfezou-se. Onde já se viu? Ser orientado por um meio-vampiro lhe dizendo o que fazer. Como se fosse um aluno. Se fosse diretor, essa estirpe não existiria na Cerberus.

Investigou a última folha e os outros três padres estavam em cima dele para conseguirem enxergar o que o garoto falava. Izidro não sabia o que se passava, mas rezava que Ilian soubesse as bobagens que estava falando, porque aquilo ficava cada minuto mais sem pé nem cabeça. Será mesmo que alguém poderia ter desenvolvido tal ritual? Dentro de sua escola? Embaixo do seu nariz? Impossível, ankh-o-rus não se interessavam por contratos com humanos.

- Forjaste tais informações, Ilian? - perguntou Francisco sem mostrar qualquer emoção nem retirar os olhos do papel.

- Eu não poderia padre, não tenho tal conhecimento, além do mais... acredito que o senhor reconheça a letra.

Francisco era velho e ministrava aulas do sexto ano em diante. Eram aulas terríveis, mas ele fazia com que seus alunos mostrassem o saber ou recebiam varetadas nas cabeças. Porém, sua capacidade mais notável era reconhecer as letras de todos seus alunos. Aquela não era exceção. Nem precisava ver de quem era o nome no caderno.

- Alfredo - disse.

Gritaria foi feita e o padre dos Ursos Vermelhos já havia se levantado, mas Julius pulou em cima dele e segurou-o. O fraco padre não era páreo para a força do corso.

- O que isso prova? Que eu matei o garoto? - gritou irritado.

Francisco olhou com indagação para o “advogado” Ilian que passeava em sua frente. Havia esquecido o verdadeiro motivo do julgamento porque estava enfurecido com um de seus alunos, ainda por cima aspirante a padre, desenvolvendo rituais demoníacos bem debaixo de suas grandes narinas. Não sabia se iria funcionar. Mas de qualquer forma, aquilo era uma blasfêmia das mais graves e ele mesmo iria enforcar o desgraçado.

- Explique-se - disse o padre para Ilian.

O meio-vampiro projetou em sua cabeça o discurso que ensaiou dezenas de vezes do quarto de Alfredo até a igreja onde ocorria o julgamento.

Alfredo sentou-se entre ele e Natasha durante a final de boxe em que Borges enfrentava Kulik. Ilian viu a pele dele corar ao admirar o pescoço da garota e sentiu na voz dele o tamanho do desejo que crescia em seu corpo pela namorada de Max. Sabia que garotos treinados para serem padres não podiam nunca tocar em garotas e eram reprimidos a qualquer diálogo muito longo. Não era por menos, Alfredo estava ardendo de tesão e chamas pela garota mais bonita dos jogos. Talvez a mais bonita que já pisara na Cerberus. Mesmo assim, Ilian não acreditava que Alfredo teria coragem de trair um membro de seu próprio bando. Decidiu ouvir toda a conversa deles com sua audição sobrenatural para saber onde daria.

Em seu pescoço, Alfredo havia notado um cordão dourado e um frasco contendo líquido vermelho. Segundo o ritual que estava desenvolvendo, precisaria de algo valioso da pessoa desejada e mais algumas gotas de sangue.

Pedi para ver o colar de Natasha e ela não viu problemas.

- Deve ser muito precioso para você não é? - perguntou.

- É sim, é como um amuleto de proteção - respondeu Natasha.

Aquilo era melhor do que ele esperava: um objeto precioso e com o sangue dela juntos, numa tacada. Só não sabia como iria conseguir furtar aquilo, então a arquibancada tremeu com os pulos e ele caiu nas tábuas. Natasha estava preocupada em assistir a luta e não viu Alfredo guardando em seu bolso o seu colar. Ilian viu. Depois confirmou o que vira quando chegou próximo a Alfredo na organização da festa e sentiu o cheiro do sangue de Natasha.

Para que Alfredo queria o sangue dela Ilian não sabia, sua única suspeita era um ritual de proteção, então pediu a Mônica que descobrisse se algum ritual de proteção exigiria alguma coisa preciosa da vítima, mas fora isso, estava atirando no escuro.

A revelação tinha vindo na noite passada, quando Mônica disse que apenas rituais demoníacos tinham a necessidade de tal apetrecho. As coisas ainda não faziam sentido para Ilian, mas estava com uma pulga atrás da orelha. Talvez Alfredo quisesse apenas o sangue da garota para ter de souvenir. Não, um roubo tão leviano era muito arriscado, poderia perder a mão se fosse descoberto. Ele precisava para algo maior. Estava tramando alguma coisa.

Então quando Ilian entrou no quarto dele hoje, em cima da escrivaninha, sem a menor preocupação em serem escondidas: as folhas de papel e todo um estudo sobre rituais demoníacos. E no ritual de acordo com ankh-o-rus, o ponto chave: a necessidade de um objeto de importância da vítima e sangue da mesma.

Tudo fez sentido.

- Isso não prova nada, mestiço! - berrou ele aos prantos, enquanto Borges e Julius o seguravam. Ilian caminhou até ele e retirou o colar dourado com o pequeno frasco, porém, sem sangue.

- Reconhece? - perguntou para Natasha que estava na frente da multidão.

- Eu roubei, mas isso não me faz assassino.

Realmente não fazia, só provava que ele estava desenvolvendo um novo ritual demoníaco. Renan caminhou

em direção a Alfredo e torceu para que estivesse certo. Só tinha uma chance de condenar Alfredo se ele fosse mesmo culpado. Levantou a batina de Alfredo e viu que estava certo.

O pé enfaixado e com as unhas todas quebradas. Unhas aquelas que ele mesmo tinha estraçalhado quando acertou uma porretada no seu pé.

Ninguém havia entendido. Mais tarde entenderiam. Izidro lembrou-se de sua conversa com Renan:

- *Deve estar mancando a essa hora. Esmaguei os pés do bastardo.*

O diretor balançou a cabeça em desaprovação e mandou que Alfredo fosse levado ao calabouço. Não aceitava que o aspirante a padre, criado sob sua supervisão durante quinze anos pudesse ter arquitetado tal plano. Era um garoto inteligente, mas nunca fora maquiavélico. Iria conversar com ele. Julius havia acertado um forte soco no estômago de Alfredo que se debatia enfurecido contra Renan. Junto com Borges arrastaram-no desacordado para o calabouço.

Izidro por outro estava abatido. Perdera um aluno com potencial, uma criança que sempre gostara e nunca lhe causara problemas. Pelo menos haviam descoberto quem matou Eduardo... E tudo por uma garota. A garota de seu amigo.

Capítulo. 57

- Abram a porta - exigiu Izidro enquanto os dois alunos que estavam de plantão puxavam o grosso ferrolho. A porta de madeira rangeu teimosa enquanto dava passagem ao diretor. Mostrava-lhe um caminho escuro e um cheiro ocre invadiram suas narinas cabeludas. A umidade era quase palpável e as sombras dançavam com a pouca luz que era oferecida pelas tochas.

Izidro desceu as escadas e um dos garotos fez menção de segui-lo, mas foi impedido.

- Daqui vou sozinho - disse.

O garoto não discutiu. Queria ver o sermão que o diretor daria no aluno antes de pendurá-lo pelo pescoço no cadafalso. Riu ao pensar nas pernas do magrelo balançando enquanto ele se mijava todo. Eram raros, mas sempre que tinha enforcamento, uma semana era dada de luto pelo infeliz, sem aulas, apenas missas chatas. Mas Jorge sempre dava um jeito de fugir das missas.

Apostas de quanto tempo ele demoraria para morrer eram feitas escondidas, para que nenhum dos Ursos Vermelhos pegassem os azarados. Apesar de Alfredo não ser muito querido, nem por eles mesmo, era o padre do bando.

Verber estava mais aliviado, agora que salvara seu pescoço e o de Samuel, mas não parava de pensar que no fim do ano terminaria a academia e teria que sair para o mundo para aplicar aquilo que aprendera durante sua vida inteira. Preocupava mais ainda o fato de que não tinha um padre e nem um artilheiro. Não sobreviveriam muito tempo sem um padre e um artilheiro.

Izidro andou pelo calabouço frio. Não havia ninguém ali. Qualquer um que estivesse de castigo na negra masmorra tinha sido liberado para que apenas ele ficasse ali. Alfredo. Na última cela.

- Quero conversar com você - disse.

Alfredo estava sentado no chão, riscava a pedra com uma espécie de giz e fazia desenhos incompreensíveis. Talvez estivesse enlouquecendo com o silêncio. Izidro o deixara no calabouço o dia inteiro. Fora aprisionado de manhã e a noite já havia chegado, pintando de negro o céu que outrora estava cinza por causa da neblina. Alfredo continuou em silêncio.

- Foi você mesmo que cometeu o crime, meu filho? - perguntou benevolente.

Alfredo continuou sem responder. Concentrado apenas nos desenhos que fazia no chão, cada vez mais rápido e com mais força.

- Tens meu pergaminho?

Silêncio.

- Eu quero meu pergaminho! - berrou Izidro e para sua surpresa, Alfredo olhou para ele.

Seus olhos estavam diferentes. O que era para ser branco estava negro e os olhos castanhos dele eram de um vermelho sangue. A transformação durou só um segundo e ele voltou ao normal. Alfredo já estava normal novamente. Encarava o padre com os olhos de sempre e um sorriso no rosto. Por dentro sabia que sorria para não chorar, mas não sabia se Izidro identificava tal fraqueza.

- Por que fez isso Alfredo? Por que arrumou tudo isso? Só por uma garota? Por Deus, você ia ser um bom padre, o melhor talvez.

Alfredo deixou uma lágrima escorrer.

- Fale comigo, meu filho, por favor - agora era a vez de Izidro derramar suas primeiras lágrimas. Gostava dele. Sempre gostou e doía pensar que veria partir um de seus melhores alunos, um garoto que sempre fora bom. Desgraça. Queria poder voltar no tempo. Deus, como era duro.

- Poder - sussurrou Alfredo.

- Quê? - perguntou sem saber se ouvira direito.

- Poder! Fiz por poder! - berrou.

- Que poder, meu filho? O único poder verdadeiro é de Deus! - disse contendo as lágrimas.

- Respeito! Para ser dono da minha vida! - disse mais calmo.

Izidro não entendia. Alfredo era um dos aspirantes a padre mais respeitados de toda a Cerberus. Do que ele falava?

- Já me perguntou se eu queria ser padre, alguma vez? Já perguntou-se quantos aspirantes querem realmente ser padres?

Izidro ouvia pasmo. Não acreditava no que seus ouvidos levavam a seu cérebro.

- Não beber, não festejar, não poder tocar uma garota! Ser tratados como se fossemos aberrações pelas outras categorias. Dormimos em uma ala separada e não conversamos das mesmas coisas! Enquanto todos bebem e se divertem, nós rezamos! Sequer competimos juntamente com as outras categorias nas outras provas dos jogos! Nossa prova é separada! Só servimos para rezar e quebrar o galho dos malditos cursos e cães de guerra - continuava berrando seu desabafo sob as lágrimas que agora não podiam ser contidas. Uma juventude e infância passavam inteiras e apressadas por entre seus olhos e ele sequer podia tocá-la.

- Fez por isso?

- Sabe como as garotas me chamam? - perguntou tranquilamente.

- Jogou sua fé no lixo por isso? - parecia não acreditar.

- Sabe como as garotas me chamam? - berrou calando o padre.

Izidro não respondeu. Não sabia.

- Magrelo eunuco - sussurrou rancoroso - dizem que vão rezar a Deus para que me envie uma segunda via do manual do meu pinto.

Izidro não sabia daquele bullying que os aspirantes sofriam das outras categorias, mesmo assim, nada justificava. Não

era para tanto. Havia alguma coisa ali que não estava sendo dito.

- Matou seu amigo pela namorada dele - falava sobre Max.

Alfredo olhou em seus olhos e Izidro pela primeira vez temeu. Porque não havia uma gota de remorso.

- Eu me apaixonei por ela. Antes de Max.

- O que?

- Mas ela me desprezou. Aquela húngara nojenta. Natasha desgraçada! Mas ela será minha. Ah será sim! Será escrava de meus desejos e vai engolir cada palavra de deboche que proferiu daquela boca imunda!

Izidro agora achava que Alfredo enlouquecera. Ele falava olhando para o chão, como se conversasse consigo mesmo... ou alguém que Izidro não via. Será possível? Aqueles olhos... Não, Izidro sentiria a presença de alguma criatura maléfica se houvesse uma naquele calabouço.

- Está enlouquecendo, meu filho.

Alfredo o encarou novamente. Havia ódio e prazer nos seus olhos e Izidro temeu pela segunda vez aqueles olhos. Quanto rancor, quanta mágoa. E tudo aconteceu debaixo de seu nariz. Que merda de tutor ele era. Deixou tantos abusos passarem despercebidos, tantas almas que podiam estar a ponto de explodir de tanto rancor e mágoa. Teria que dar um jeito nisso. Teria que apagar a estória de Alfredo ou ele se tornaria um mártir. Um exemplo para outros garotos transtornados.

- Eu serei o humano mais poderoso a andar sobre esta terra e nem você, nem ninguém irá me impedir - gargalhava.

- Que Deus tenha piedade de sua alma.

- Você tem que ir falar com ele - foi o que Borges disse quando Verber sentou-se a mesa depois de passar o dia enfurnado em seu quarto.

- Com quem?

Borges não respondeu.

- Alfredo? Eu sei. Só não sei o que falar.

- Ele é o nosso padre.

- Correção: era. Ele era nosso padre. Em dois dias ele vai ser um corpo urinado e cagado pendurado pelo pescoço.

Samuel que era o mais impaciente dos Ursos andava calmo depois de tudo que passara. Falava baixo e ainda mancava. Sentia dores insuportáveis enquanto suas costelas consertavam e ele desejou ter a capacidade de Ilian.

- Não acredito que Max está morto - disse pesaroso - não acredito que Alfredo pôde fazer isso com ele.

- Quando eu colocar a mão naquele Ângelo desgraçado vou mostrar como se quebra pescoço de galinha - disse Julius.

Kulik, Grant e Frank Marshall sentaram-se a mesa deles. Trouxeram canecas de cerveja e por alguns segundos o clima ficou descontraído. Kulik contava com forte sotaque russo como os cães de guerra na A.U.Z. têm como prova final que caçarem um urso sozinho e que ele havia conseguido isso com uma lança e um escudo.

Frank tirou sarro dele dizendo que o Urso devia ter confundido ele com um toco de árvore quebrado e por isso não o destroçou. Kulik era baixo para um cão de guerra, mas seus um metro e setenta e cinco não deixavam a desejar a nenhuma outra categoria. Todos gargalharam e bateram seus canecos.

Verber levantou-se e foi em direção ao prédio da Cerberus. Para ele a música que era tocada no festival improvisado foi ficando cada vez mais distante até que entrou pela porta e desapareceu das vistas de todos.

- Sinto muito por seu bando - disse Grant.

- Tá tudo bem - respondeu Julius.

- Escutem. Se precisarem de um padre, conversem com o nosso diretor John. Ele tem muitos padres na Holly Knights e daqui a pouco monta um papado - disse gargalhando.

- Prometo que pensaremos no caso - respondeu Samuel enquanto ria.

Uma garota veio até Samuel e o puxou para dançar. Os outros garotos aprovaram e bateram palmas chamando-o de garanhão.

Samuel não pôde recusar, ela agarrou sua mão e não lhe deu alternativa. Evitou mancar, mas era quase impossível e teve medo de passar vergonha porque a música era muito agitada e ele não conseguia se equilibrar.

Gillian era artilheira na Royal Academy. Apesar disso, não era escocesa e sim irlandesa. Era ruiva e tinha o cabelo liso e curto, pouco abaixo dos ombros. Exalava um perfume de jasmim e seus olhos eram tão verdes que contrastavam com as características sardas em seu rosto. Boa parte das meninas da Royal tinham sardas, normalmente muitas, mas Samuel pensou que Gillian tinha o ideal.

- Soube o que você fez - disse ela enquanto dançava segurando as mãos dele.

- O que eu fiz?

Ela sorriu. Seus dentes eram incrivelmente brancos e perfeitamente alinhados. Sua gengiva não aparecia, escondida por lábios finos e de curvas suaves que ficavam logo abaixo do nariz extremamente pequeno e delicado.

- Você salvou a vida de seus amigos.

- Apenas de um deles - respondeu. A imagem de Max voltou a sua mente. Lembrou do sorriso sincero e das piadas que ele sempre contava. Das risadas junto e de quando passavam cola um para o outro nas provas. As imagens passavam como um filme sem som e em câmera lenta.

Então Gillian o beijou. Samuel havia saído de um sonho ruim para entrar em outro bom. Apesar do hálito levemente fermentado pela cerveja, Gillian não estava bêbada e Samuel gostou de se perder nos lábios dela. Continuaram com os lábios grudados durante um bom tempo e Samuel não lembrava a quanto tempo não beijava uma garota daquela forma. Definitivamente era a primeira vez que uma garota tomava a iniciativa e lhe beijava.

- Já vi que encontramos nossa artilheira - berrou Borges fazendo os dois se envergonharem - agora beija um padre para voltarmos a ter um bando, Samuel!

Borges estava visivelmente bêbado e os dentes extremamente brancos eram como um chamariz no meio dos lábios negros. Frank e Kulik deitavam-se na grama e rolavam bêbados enquanto riam da piada.

Julius era o único que não ria.

- Que foi cara? - perguntou Borges tentando se recompor. Acompanhou o olhar dele e então viu.

- Filho da puta audacioso! - disse entre os dentes levantando-se, mas Julius o segurou.

- Eu vi primeiro! - disse com olhos mortais. Porque tinha visto Ângelo, o assassino de Max.

- Padre Izidro deu ordens que ninguém pode entrar - disse um dos alunos na guarda do calabouço.

Verber não estava de bom humor e eles conseguiam ver, mas mesmo assim, temiam mais a ira do padre.

- Vocês estão em que ano mesmo?

- Quinto - responderam em uníssono.

- Significa que ano que vem terão a matéria de construção de armas comigo na monitoria, e se não me deixarem passar agora, mandarei que me façam uma catapulta.

Os dois se olharam assustados.

- O que é uma catapulta? - perguntou o segundo.

- Nem queiram saber.

Eles se entreolharam novamente e seus olhos conversaram por suas línguas.

- Tudo bem - disse o primeiro - mas seja rápido. Por favor.

- Serei breve.

Verber desceu as escadas do calabouço. Eram catorze degraus grossos de pedra, mas ele mal conseguia ver seus pés porque a luz estava muito fraca. Sentiu algo estranho naquele lugar, algo que o arrepiava, mas não chegava a meter medo. Era como um sentido de que algo estava ali. O mal espreitando nas sombras.

Esfregou sua careca para espantar qualquer espírito que desejasse seu mal. Era um ritual que ele havia desenvolvido, sem nenhum fundamento, para afugentar o mal. Seu ritual particular de proteção. Sentiu-se mais seguro imediatamente.

- Acha mesmo que isso funciona? - perguntou a voz de Alfredo vindo do fim do calabouço. Se Verber já mal enxergava agora, nas últimas celas ele enxergaria menos ainda, mas continuou a andar. Andava devagar, com passos calculados evitando tropeçar. Alguma coisa lhe deixava tenso. Mathias sempre dizia que esse sentimento era que mantinha sua cabeça no pescoço e Verber decidiu ouvir o conselho.

- Até hoje funcionou - respondeu falando sobre esfregar a careca.

Verber andou até o fim do calabouço e parou a um metro da cela que Alfredo se encontrava. Pôde ver a silhueta do amigo sentado na cama de palha e balançando-se lentamente, como uma pessoa que estivesse com frio tentando se aquecer. Alfredo olhava para uma parede e passava uma pedra branca fazendo desenhos e rabiscos. Nada que Verber entendesse, mesmo que estivesse claro.

Verber olhou para o chão e viu a série de desenhos feitos durante o dia de clausura. Estava quase todo branco e era a pedra desgastada que dava a cor das imagens.

- Vai demorar muito para você fugir desgastando a pedra desse jeito.

Alfredo deu uma risada quase inaudível.

- Você não podia ter feito tudo isso antes? Ter deixado pro último ano me arrumou uma tremenda complicação - debochou Verber.

Alfredo parou de desenhar e encarou-o sarcasticamente.

- Verber, Verber... tsc tsc... sempre preocupado com seu bando, não é? Os Ursos Vermelhos...

- Por que fala assim? Você era um de nós! Até assassinares o Max por sua causa! - disse, controlando a

irritação.

Alfredo voltou a rabiscar, fazendo o barulho irritante de sempre. De repente começou a cantarolar.

- O que está fazendo? Um novo ritual?

- Apenas passatempo - respondeu indiferente, como se estivesse em uma sala de espera ou num domingo desocupado.

- Por que fez isso Alfredo? Por que destruiu nosso grupo?

- Eu destruí? Vocês me destruíram! Acham que fiz isso por uma garota. Eu fiz pelo poder! Eu serei o ser mais poderoso a andar na Terra! Há muito mais coisas entre o céu e o mar! Há cobras entre os Ursos, Verber! - berrou com os olhos rubro-negros que Verber arrepiou-se em ver.

- Felizmente já vamos eliminar a cobra - disse.

- Então deixe que eu tenha meus últimos dias em paz, velho amigo - disse deitando-se e virando para a parede da cela.

No gramado havia uma espécie de quadrilha junina. As pessoas estavam bêbadas e as que nunca antes haviam se falado conversavam como se fossem amigos de longa data. O cheiro de cerveja agora era o perfume ambiente. Outro barril havia sido aberto e até mesmo os professores estavam passando dos limites, mas isso pouco importava, porque apesar dos acontecimentos, festa daquela só dali três anos.

Era a primeira vez que Ângelo havia aparecido. Combinou com seu bando que se afastassem das festas e não comentassem do ocorrido na floresta com ninguém, afim de evitar conflitos e vingança. Ele passara o dia anterior todo enclausurado no quarto com medo de uma reação dos Ursos, mas agora já passava da meia-noite e todos deveriam estar bêbados. Ele só queria curtir um pouco os momentos finais das belas húngaras, russas e escocesas.

Estava conversando com uma russa quando Julius chegou. Não o atingiu de forma covarde. Não faria isso na frente de todos. Puxou Ângelo pelo ombro e acertou um soco em

cheio na sua cara. Ângelo estava surpreso, mas também era um combatente vivido e rapidamente se recompôs. Atacou Julius com dois socos rápidos na cara, mas o Urso era mais forte que ele e mais ágil. Como um pugilista, Julius esquivou-se e investiu contra sua cintura. Ângelo conseguiu agarrar-se ao pescoço dele, mas Julius agarrou-o pelas pernas e puxou, derrubando-o sobre uma mesa que quebrou.

As pessoas afastavam-se e os bêbados fizeram uma roda em volta dos dois e gritavam em suas línguas natais coisas como “briga”, “luta” e “mate ele”. Ângelo tentava socar o rosto de Julius, mas seu oponente estava enfurecido, com alguns puxões conseguiu soltar seu pescoço e ficou na meia guarda de Ângelo.

- Espere cara. Não foi como você tá pensando - disse desesperado.

- Quem disse que você sabe o que estou pensando? - respondeu enquanto martelava dois socos. Julius tinha a mão pesada e descia como uma marreta no nariz e no queixo de Ângelo.

- Pára cara - gritou tentando enfiar os dedos nos olhos dele.

Julius desviou-se e mordeu os dedos dele. Sentiu o sangue verter em sua boca com o gosto ácido e ouviu o grito de desespero de Ângelo, achando que ia perder três dedos ali.

Foi aí que Gerrard chegou. O Argelino tinha o dobro do tamanho de Julius e acertou-o com um tapão na orelha. Julius não sabia quem era, estava apenas prestando atenção em sua fúria alucinada. Soltou Ângelo e levantou-se para atacar quem se intrometera.

Gerrard era mais experiente e léguas mais habilidoso que Julius. Antes que pudesse se virar, abraçou o garoto, imobilizando seus dois braços, como se fosse uma camisa de força.

- Calma aí Julius, calma lá - disse com sotaque francês do norte da África.

- Esse desgraçado matou o Max! - rugiu ele.

Ângelo chorava de dor no chão. Os dedos estavam quebrados, mas pelo menos ainda estavam na mão.

- Não interessa. Você vai para junto do seu amiguinho - disse. Angus, o diretor da Royal Academy divertiu-se vendo a briga, como todo bom escocês. Quando parou escolheu um de seus alunos e ordenou que escoltasse Julius para o calabouço.

Capítulo. 58

Para ele foi tudo muito fácil. Não era um perito em arrombar fechaduras, mas havia se programado para aquele momento. Um armeiro já tinha lhe ensinado uma vez. Retirou um pequeno pedaço de ferro com não mais do que dez centímetros e uma lâmina tão fina que a primeira vista passaria como uma lixa de unha. Porém ele sabia que não era. A lâmina era afiadíssima e entrou na fechadura com folga.

- Achei que não viria - disse Alfredo sorrindo.

O homem sorriu de volta e manteve-se em silêncio.

- A lua está lá fora?

- Minguante. Como deveria ser - respondeu o homem.

Alfredo sorriu ao ouvir a notícia. Havia feito o acordo com Baltisserath na lua crescente. A Lua cheia era a lua necessária para a resposta, e ele teve a sua por um meio muito mais plausível do que sonhos. O próprio Baltisserath havia falado com ele. Vinha falando desde então. Fez uma contra proposta que foi aceita sem pestanejar por Alfredo. O garoto era rancoroso e fraco, a melhor combinação para um demônio conseguir o que quer.

Poder. O que os fracos pediam sempre. Mas poder não é nada sem a sabedoria para usá-lo e isso, Baltisserath sabia, Alfredo não tinha. O garoto procurou a forma mais fácil de alcançar o respeito dos outros. Por coincidência era a mais cara.

A fechadura fez um barulho mecânico.

- Pronto.

Alfredo sorriu.

- Obrigado meu amigo. Você vem comigo? - perguntou.

- No devido tempo.

Agora precisavam sair daquele calabouço o mais rápido possível.

O homem foi até a escada e jogou o balde de merda que havia na cela. O balde metálico fez um barulho enquanto batia em alguns degraus e parava rolando. Disse para Alfredo esconder-se e ele obedeceu. Seu plano havia dado certo. A porta do calabouço estava sendo destrancada. Uma luz penetrou no calabouço vindo do corredor do andar de cima. A fuga deles.

- Malditos gatos - resmungou um dos garotos do plantão - se estão pensando que vou descer aí para pegar vocês, estão enganados seus desgraçados.

- Tá louco cara? - disse o outro.

- Não vou mesmo. Vou terminar essa cerveja.

- É carne cara, tem noção disso? - tentou o outro.

Houve um tempo sem discutirem. Provavelmente o garoto devia estar pensando.

- Tá, mas vamos comigo e me ajuda. O prisioneiro me assusta - Alfredo sorriu do comentário. Nunca ninguém lhe temera e a sensação era ótima.

Os dois começaram a descer e Alfredo esperava que seu amigo atrás das escadas desse cabo dos dois, porque ele não iria conseguir ajudar.

Os passos aproximaram-se mais e tudo aconteceu em uma fração de segundos. Quando o que estava atrás descia últimos degraus, o homem enfiou um cabo de vassoura entre suas pernas e ele tombou como um saco de lixo. Bateu o rosto contra uma coluna de pedra. Aquela era uma noite de festa e os dois não usavam elmos para proteger a cabeça. Não usavam armadura nenhuma além de uma camisa de couro batido. Quando sua cabeça bateu contra o pilar, fez um barulho seco e o garoto desmaiou no mesmo instante.

O outro só teve tempo de virar para ver o que lhe atingia. O homem bateu com o cabo tão forte em sua cabeça que a madeira estraçalhou-se como isopor. O barulho fez Alfredo dar um pulo de susto.

- Vamos? - disse.

- Temos que esconder esses corpos - respondeu o homem.

Cada um dele arrastou um dos garotos. Esconderam os dois na cela de Alfredo. Um enterrado sob a palha da cama e o outro deitado na cama, virado para a parede e coberto com o trapo que Alfredo recebera quando foi preso.

- Você vem comigo então? - perguntou novamente.

- Não. Já lhe disse que no devido tempo - respondeu carrancudo.

Alfredo virou-se e o homem o segurou.

- Se não cumprir eu mesmo vou atrás de você e te mato.

- Tudo bem - respondeu Alfredo. Mas ele seria poderoso, o mais poderoso da Terra. Baltisserath lhe prometera. Se acordos feitos com pashits já tornavam pessoas ricas ou poderosas, que dirá com um ankh-o-ru? Alfredo sabia que seria o primeiro acordo feito com a classe de demônio mais poderosa conhecida. Agradeceu ao destino por ter-lhe feito cruzar com o pergaminho.

Enquanto o homem verificava se o caminho estava livre ele ficou à sua sombra. O homem guiou-o através da passagem secreta nos fundos da escola e ajudou-o a pular o muro.

- Espere - disse o homem - Você tem o sangue de Natasha?

- Sim. Guardei-o em um outro frasco. Está na capela de São Marcos.

- É para lá que devo ir?

- É a única capela perto daqui. Não posso fazer o ritual dentro da igreja da escola. Seria suicídio - respondeu irritado.

O homem teve que se controlar para não dar um soco na boca de Alfredo. Não estava acostumado a ser tratado assim por ninguém, muito menos um padre magrelo como aquele. Mas manteve sua vontade bem guardada.

- E o objeto de valor dela? Ela te tirou o colar - disse receoso.

- Tenho algo muito mais valioso para ela - respondeu enfiando a mão nos bolsos e retirando um montinho de ossos.

- Que diabos é isso?

- São os ossos dos dedos do homem amado.

- De Max? Onde conseguiu? - o homem agora achava bizarra a estória.

- O verdadeiro assassino de Max entregou-os para o velho Francisco. Eu estava sentado junto ao confessionário quando ouvia a estória. Sabia que o velho é canibal?

O homem arregalou os olhos.

- Bom Deus - resmungou assustado.

- Desaprenda esse comentário - reprovou o amigo.

O homem continuava guiando ele até o muro mais distante da Cerberus, onde não havia ninguém.

- Não sei porque esses rituais têm que ser feitos dentro de igrejas.

Alfredo não esperava que ele entendesse mesmo. Um bruto daqueles.

- É a única forma de ser provada ao demônio ausência de fé, de que não existe mais uma gota de fé em sua alma. Como se fosse uma afronta a Deus. Agora, me ajude aqui.

O homem agachou-se e ajudou Alfredo a pular o muro da escola. Alfredo pisou em sua mão, depois em seu ombro. Como fizera muitas vezes, saltou. Caiu de mal jeito e sentiu o pé torcer. Uma queimação crescente subiu por seu tornozelo até a metade da canela e ele soube que havia quebrado o pé. Mas isso não importava, quando o ritual estivesse concretizado ele não precisaria de seus pés. Teria o conhecimento dos antigos para voltar a ciência à sua forma anterior. Antes do mundo ter ido em frente. Teria toda a riqueza, conhecimento e mulheres que nunca tivera. Que sempre lhe fora negado. Até o dia em que Baltisserath lhe mostrou seu verdadeiro destino.

- Você nasceu com um propósito, garoto. Porque se ajoelhas quando seu destino é fazer com que se ajoelhem a

ocê? – disse a voz em sua cabeça naquela noite. Uma noite sombria. Mesmo assim, ele podia ver a sombra que lhe falava. Era aterrorizante, mas ainda assim, tentadora.

Olhou para a lua e viu que estava minguante. Era hoje. Lembrou-se da voz de Baltisserath acordando-o no meio da noite passada recordando-o de sua missão. De fazer sua parte do acordo.

- Ninguém me viu – disse para si mesmo sabendo que Baltisserath estava a seu lado.

Mas havia um casal atrás de uma moita. Era um russo e uma americana que haviam se paquerado durante todo o período dos jogos e perdido a vergonha através da cerveja que regava a festa em quantidades inacabáveis. A americana estava muito bêbada, mas o russo, acostumado à forte vodka sabia muito bem o que vira. Uma fuga.

O tempo que o cúmplice da fuga levou para ir embora foi o tempo que Bóris levantou suas calças e vestiu a camisa. Correu de volta para a festa, a menina gritou um xingamento para ele e bêbada caiu na gargalhada. Que loucura aquela cerveja fazia aos homens. Ela não teve vontade de se vestir e rezou para que o russo mandasse alguém terminar o serviço que ele teve medo de fazer.

Já Bóris sabia muito bem quem acabara de ver pulando o muro. Todos sabiam quem era Alfredo depois do julgamento.

Chegou ofegante ao professor Rostov que conversava com Angus e contou o que viu.

- Você está bêbado garoto – disse o gigantesco professor Angus para o garoto que chegou correndo bêbado dizendo que vira Alfredo pular o muro. Os diretores estavam todos sentados à uma grande mesa no largo campo de treinos. Havia muita barulheira e a música ficara mais alta ainda. Alguns alunos da Cerberus tentavam tocar as difíceis gaitas de foles dos escoceses e o barulho era ensurdecido, irritante para os os alunos húngaros que não se misturavam e bebiam uma bebida própria.

- Meus alunos nunca ficariam bêbados com essa cerveja aguada - disse Rostov visivelmente bêbado com a cerveja.

Angus e Rostov abraçaram-se e riram da piada.

- Sem ofensas Maurício - berrou Angus - mas quando fores à Escócia lhe servirei um verdadeiro scotch.

O velho professor de artilharia acenou com a mão dizendo que não estava ofendido. Também já estava visivelmente bêbado. Todos exceto Bóris estavam bêbados. O garoto não se embebedara porque a idéia era embebedar Michelle, a americana que se fez de difícil a semana inteira. Que raiva. Deixara a garota nua na grama para ninguém ali acreditar nele.

- Bóris. Tire essa sua maldita bunda branca daqui agora. Essa mesa é apenas para o alto escalão! - berrou seu diretor.

- E sua bunda não é mais branca? - debochou Angus e os dois passaram abraçados e gargalhando da piada.

Merda. Precisava de alguém que acreditasse nele.

João Pequeno procurava mais um caneco de cerveja e passou na sua frente. Bóris o reconheceu. Foi o corajoso garoto que abriu caminho na invasão de calabans e depois fora atrás dos suspeitos de assassinato do filho do governador. Andava um pouco torto, mas não parecia prestes a cair bêbado. Bóris correu e agarrou o braço do garoto.

João devia ter a mesma idade que ele. Bóris estava por volta dos doze anos, mas João era uma cabeça mais alta. Virou-se e deu de cara com aquele russo que não conhecia.

- Você é daquele grrrupu? Urrrsos Verrrmelhos? - perguntou com sotaque russo.

João levou um segundo para entender o que ele falava.

- Não, amigo. Sou apenas amigo deles.

- Não imporrta, você tem que me ajudarr. Aquele garrroto fugiu.

João não entendia aonde ele queria chegar.

- Que garoto?

- Alfrredo. O assassino.

João debochou dele.

- Não amigo, acho que se enganou. Ele está preso no calabouço, nem sabe como abrir uma fechadura e muito menos é capaz de enfrentar os guardas que ficam na porta.

Bóris começava a ficar irritado. Aquilo parecia um pesadelo onde ele gritava e ninguém lhe dava ouvidos.

- Escute aqui, eu o vi fugirrr. Alguém o ajudou. Eu vi!

- Está falando sério? - João começou a acreditar e a sobriedade começou a voltar.

- Meu Deus, onde estão os dois que deviam estar de plantão? - perguntou Renan.

- A porta está destrancada - disse Mônica empurrando a porta que abriu com um gemido reclamão. A tocha que Caio e João tinham na mão iluminaram os primeiros degraus. O calabouço era um breu só.

- Sente alguma coisa? - perguntou Samuel para Ilian.

Samuel sabia que cada meio vampiro tinha sentidos super aguçados, mas desenvolvia um ou dois em especial e no caso de Ilian era o olfato e a audição. Nada disso estava ajudando agora. Ilian não sentia cheiro de ninguém.

- Só de merda - disse.

Cinco deles desceram as escadas. Bóris, Verber e Caio guardaram a porta até a volta deles. Não podiam arriscar-se ficar todos presos lá dentro caso alguém espreitasse em um dos muitos corredores da Cerberus.

Samuel desceu primeiro. Renan, Mônica, Ilian e João foram em seu encalço e a garota acabou chutando um balde que estava no pé da escada. Samuel que havia pegado a tocha com Verber iluminou a parede e viu a merda que deveria estar no balde espalhada pela parede do calabouço.

- Tem alguém naquela cela ali - disse Ilian apontando para o local onde Alfredo havia sido preso.

Samuel levou a tocha naquela direção e viu um corpo deitado na cama de Alfredo.

- Ei - berrou para o homem. Ninguém se mexeu.
- Alfredo, acorde - chamou Mônica. Novamente nada.

João pegou uma pedra solta no chão e jogou contra as costas da pessoa. O garoto virou-se com um gemido e levou a mão às costas.

- Que droga é essa? - resmungou ele.
- Porcaria! - murmurou Samuel.

Os oito saíram do calabouço. Não viram que Julius estava preso porque apenas Borges sabia que o amigo arrumara encrenca. Mas pouco importava, porque como o cão de guerra do grupo, estaria bêbado como um gambá. Não precisavam de ninguém bêbado.

- Ilian. Ache o Izidro e informe o que aconteceu. O resto, comigo. Rápido - disse Verber começando a correr.

- Ele não saiu porrr aí - apontou o russo protestando a direção que Verber tomava.

- Não estamos indo para lá agora.

- Aonde estamos indo? - perguntou Mônica enquanto tentava acompanhar a corrida mais rápida dos garotos.

Renan e Caio sabiam exatamente para onde estavam indo.

Para a armoria.

Bóris não discordou quando Verber ordenou que ele não fosse com eles. Havia visto em seus olhos o medo. O russo era apenas um aspirante a padre que queria ser artilheiro. Mas os fracos braços sequer deixavam que puxasse a corda de um arco curto. Quando imaginou-se enfrentando algo demoníaco como Caio lhe advertira, desistiu da idéia. Voltaria para a sua Michelle. Se ninguém houvesse a possuído ainda. Por Deus, que não tenham, pedia ele. Onde mais teria uma chance dessas?

Verber já sabia qual arma cada um usava e foi direto nos corredores certos. Todo armeiro tinha que saber a arma que uma pessoa usava desde a primeira vez que visse. Pegou uma maça estrela e depois forneceu arma a todos. Gládio para Samuel, espada bárbara para Renan, mangual

para Caio, meias-luas para Ilian, martelo de combate para João e besta de repetição para Mônica.

- Está faltando uma besta de repetição aqui - disse irritado.

- Não foi Max que levou? - disse Mônica.

- Não. São três, uma está contigo, outra Max levou. Está faltando uma.

- Depois você procura - recriminou Samuel - não há mais tempo.

Verber sabia que era verdade. Iria matar quem esquecera de devolver a arma. Depois. Agora tinham pressa.

Saíram pelo mesmo muro que Bóris havia indicado. Não houve preocupação se estavam sendo vistos ou não. Ilian apareceu sozinho.

- Onde está o Izidro? - perguntou João.

- Não encontrei em lugar nenhum. Parece que retirou-se em seus aposentos e não há forma de entrar na ala dos padres sem a chave.

Todos se entreolharam e Caio quebrou o silêncio.

- Não podemos ir sem um padre - disse temeroso. Renan suspirou. Seu melhor amigo sempre fora o mais cauteloso, mas talvez dessa vez tivesse razão. Não podiam ir sem um padre enfrentar alguém que faria um pacto demoníaco. E se já tivesse realizado o ritual?

- Não podemos chamar o Bóris? - sugeriu Renan.

- Um padre sem fé? - debochou Verber.

- Prefiro ir sozinho à ir com um padre sem fé - Samuel fortaleceu o argumento.

- E onde estamos indo? - perguntou Renan.

Mônica lembrou-se do que havia estudado e Ilian do que tinha lido nas anotações de Alfredo.

- Capela de São Marcos - disseram em uníssono.

- Têm certeza? - perguntou Verber.

- Absoluta! É a única casa religiosa aqui perto. A outra fica em um vilarejo a um dia de viagem - respondeu a garota. A lua minguante não iria esperar.

Capítulo. 59

Os sete vultos moveram-se rapidamente pelo bosque.

Caio e João lembraram-se da Banshee Gertrudes e sem dizer nada seus olhos se encontraram. Um sabia no que o outro pensava e João fez o sinal da cruz. Deus do céu, era tudo o que eles não precisavam.

A capela não ficava longe. Verber pensou que se Max estivesse ali conseguiria facilmente rastrear os passos de Alfredo. Todo artilheiro era também o responsável em um bando pela arte do rastreio. O pensamento em Max fez com que uma raiva crescesse no interior de Verber e ele se imaginou botando as mãos em Alfredo. Como ele podia ter armado tal jogo com a vida de dois amigos?

Imaginou se teve culpa nesse processo todo. Izidro havia lhe comentado sobre sua breve conversa com Alfredo. Todas as brincadeiras, humilhações e desfeitas que o aspirante passara durante esses anos. Verber lembrava que Alfredo não tinha respeito nem dos alunos mais novos. Tinha dezesseis anos, mas seu corpo aparentava treze. Era magro e mirrado. Fraco. Verber sentiu-se culpado. Ele não tirava brincadeiras com Alfredo, mas nunca impediu que Borges, Samuel e Julius o fizessem. Havia falhado.

Se isso acontecesse em outro grupo, tudo bem. Mas aconteceu no seu grupo. Ele foi culpado. Ele era culpado. Mudou o pensamento. Tinha que manter sua fé acesa. Pediu ao bom Deus que lhe desse forças para matar uma pessoa que ele gostava. No começo dessa linha de pensamento teve raiva de Alfredo, mas agora que via sua culpa sentia pena.

Não podia sentir pena. Não podia! Ou todos morreriam. Seriam enterrados na própria capela de São Marcos que aparecia à frente deles.

A capela era pequena, cerca de oito passos de largura e vinte de profundidade. Era um refúgio para os viajantes encontrarem um santuário antes de adentrarem no bosque.

Pessoas cansadas demais para prosseguirem viagem para o sul ou que queriam apenas um retiro longe de tudo.

Era construída com grandes pedras brancas que subiam quase quatro metros acima. Havia janelas laterais, mas estavam todas cerradas por madeira. O musgo crescia entre as pedras da parede e do chão. Trepadeiras desciam do teto de barro e estreme e caíam como uma grande cabeleira na entrada. Para Caio que estava mais nervoso pareciam mais garras do que uma cabeleira. Era estranho pensar que podia se temer um garoto tão franzino e de voz tão fina quanto Alfredo, mas ele estava com uma sensação ruim e não conseguiu afastar o medo repentino que lhe soprava a nuca.

Havia uma forte luz saindo da porta e pelas frestas da janela, então ouviram a voz de Alfredo. Diferente.

Entraram na capela. A voz de Alfredo agora estava mais forte.

O garoto estava de costas, nu. Apesar de não estar virado para eles, Alfredo sabia que estavam lá. Estava-os esperando, mas agora já era tarde. Sabia da presença do demônio ao seu redor. Ele sussurrara que eles estavam chegando. Alfredo não falava na direção deles, mas sua voz era perfeitamente audível, como se estivesse saindo de todos os cantos da capela.

Nenhum deles entendia o latim que Alfredo falava com a voz grossa. Como se falasse em conjunto com mais alguém.

Verber interrompeu-o.

- Acabou Alfredo.

Continuou recitando sua oração, como se fosse uma poesia. Era incrivelmente rimada e causou arrepios em todos eles.

Samuel olhou para Verber buscando alguma ordem para atacarem, mas Verber continuava vidrado na reza latina.

- Acabou para vocês - disse Alfredo virando-se.

Seu corpo estava completamente ensangüentado. O magro peito possuía cortes profundos e algumas vezes seu osso

aparecia por baixo da carne. Havia feito desenhos e símbolos indecifráveis em seu corpo. O cheiro de enxofre era forte e irritou os olhos dos observadores.

Renan sentiu um bafo em seu rosto. O cheiro de enxofre fortíssimo lhe fez tossir. Baltisserath estava bem na sua frente. Cara a cara, respirando bem embaixo do seu nariz. Renan não podia vê-lo, mas o sentiu. Seus pêlos eriçaram-se como um gato acuado e ele teve vontade de correr e não conseguiu. Estava paralisado pelo medo.

- Como você pôde fazer isso com a gente Alfredo? Seus amigos! - berrou Samuel contendo-se. Também havia sentido a presença do demônio e a sensação era horrível. A pior coisa que já sentira na vida. Apesar da noite fresca, a capela estava anormalmente fria. Senão, porque todos tremiam?

Medo, Alfredo sabia que aquele tremor era de medo.

- Amigos? - riu - Não vejo nenhum aqui. Amigos não trazem armas para conversar.

Verber conseguiu dar um passo a frente. Baltisserath o conhecia, por isso permitiu. Sabia o que ia falar, muito antes das palavras saírem de sua boca.

- Vou soltar minha arma Alfredo - disse Verber.

- *Previsível - sussurrou Baltisserath para Alfredo - sempre apaziguador.*

- Por que faria isso? - perguntou receoso, pela primeira vez como se falasse sozinho.

Verber não sabia o que responder, disse apenas o que seu coração sentia.

- Porque me sinto culpado por tudo que aconteceu com você, cara.

- Sente? - os olhos de Alfredo pareceram alterar-se. Tinham recuperado o brilho e pela primeira vez desde que conversara com Verber no calabouço, pareciam humanos.

- Sinto, meu amigo. Peço que me perdoe, por favor - disse jogando a maça estrela no chão.

Alfredo ficou olhando para ele como se não acreditasse no que ele falava.

- Já perdi Max porque o deixei sozinho. Não quero perder você.

Alfredo tremeu a boca. Uma lágrima surgiu em seu olho e escorreu pelo queixo.

- Max - repetiu ele com o olhar vago. Então começou a chorar - ele nunca debochou de mim.

- Eu também não - disse Verber fraternalmente. Como um irmão acalenta outro irmão.

- É verdade - disse Alfredo tão baixo que parecia um sussurro. Estava olhando para a mesa do altar. Olhou para seu corpo e pareceu sentir a dor dos cortes. Abraçou-se em desespero enquanto chorava.

Verber correu para ampará-lo antes que caísse.

Nenhum dos outros conseguia se mexer. Sentiam-se como se uma fera de dentes enormes e mortais o vigiasse, um a um. O medo lhes impossibilitava de se moverem. Pareciam um pelotão em forma e um sargento linha-dura passeando na frente deles, encarando-os à procura do mero tremelicar. Tremiam tanto que não conseguiam segurar suas armas que caíram no chão.

Verber colocou o braço esquerdo de Alfredo por cima de seu ombro e seu braço em volta da cintura do amigo ferido. Mônica sentiu a presença maligna sair de perto dela, como se sumisse num piscar de olhos.

Ela sabia para onde tinha ido.

- Cuidado! - gritou.

Não houve tempo.

Verber não pôde prever o golpe. Esquecera-se da lâmina escondida na mão de Alfredo. A mesma que ele usara para se cortar. Para transformar seu corpo no próprio ritual. A lâmina era curta, mas penetrou na barriga do garoto e instantaneamente a força de suas pernas o abandonaram. Sentiu o sangue quente manchar a camisa e o gosto da bile

lhe subir pela garganta. Tombou levando as mãos ao ferimento para estancá-lo.

- Sente-se culpado, Verber? - berrou com a voz do demônio em coro - culpe-se pela morte de todo seu bando. A extinção dos Ursos Vermelhos!

Alfredo ria histericamente enquanto Mônica levantava sua besta. Engatilhada e pronta para matar.

- Acho melhor você soltar isso, Mônica - disse uma voz conhecida - todos vocês... soltem as armas!

Renan olhou espantado para ver o homem que retirava o capuz e empunhava uma besta de repetição. A que faltava na armoreria. O cabelo baixo, a pele ligeiramente morena e os olhos verdes, maquiavélicos como nenhum deles nunca tinha visto antes.

- Julius?

Capítulo. 60

Alfredo havia procurado Julius em seu quarto as onze da noite.

- Porra, seu veado, o que você quer?

- Venha comigo, quero lhe mostrar algo.

Julius seguiu Alfredo prometendo-lhe uma surra caso fosse por uma bobagem que lhe tirara da cama.

Não era.

Naquela noite Julius encantou-se com o que vira. Alfredo encostava o dedo em um pedaço de grafite e a peça movia-se como que por mágica, escrevendo coisas com uma letra ornamentada. Julius nunca conseguiria fazer uma letra igual.

Quem estava escrevendo se declarou como um espírito dos desejos. Pronto a realizar qualquer vontade de quem se dispusesse a servi-lo. No começo Julius teve receio e saiu dali perturbado, mas o espírito não lhe abandonou. Nas provas, quando não sabia as respostas, suas mãos se moviam e as respostas pareciam ser sussurradas em seu ouvido. Nos momentos de combate, sua espada parecia ter vontade própria e algo sussurrava em seu ouvido de onde viria o próximo golpe. Começou a achar que poderia lutar contra dois ou três inimigos de olhos vendados.

Julius havia ficado viciado na ajuda do espírito. Fazia mais de um mês que nada dava errado para ele, então, do nada, o espírito se foi.

Ficou louco procurando as respostas do que acontecera e a única solução que encontrou era a mais óbvia. Procurou Alfredo. Começou a freqüentar mais a companhia do aspirante a padre e descobriu que Alfredo conseguia se comunicar com o espírito ininterruptamente. Foi o espírito que disse onde estava o pergaminho de Baltisserath.

Com o tempo descobriram que o próprio espírito era Baltisserath, mas isso já não importava mais para Alfredo.

O demônio estava lhes fazendo bem, mas para Julius receber a ajuda de um ankh-o-ru era impensável.

Então veio a proposta: Ele poderia vencer Verber. Lideraria os Ursos Vermelhos, mesmo que isso significasse acabar com a vida do atual líder. Não importava. Baltisserath o convenceu de que era melhor acabar com uma vida agora do que passar o resto da vida servindo.

Julius aceitou. Baltisserath precisava de um corpo e foi aí que surgiu o plano de mostrar a Sebastian e Samantha onde estava o pergaminho. Não podiam simplesmente entregá-lo, iria gerar muita desconfiança. Então, em uma noite que sabia que eles estudavam na biblioteca, Alfredo fora lá e escondera o pergaminho.

Como previsto, Samuel e os Ursos Vermelhos foram em busca de Samantha e Baltisserath conseguiu tomar o corpo de Max. O sem fé.

O plano era Max matar Eduardo e declarar que Verber lhe fornecera a arma e foi seu cúmplice. Ordenou que Alfredo fizesse um desenho ritualístico sobre a cama de Borges, para que fosse o protetor de Max, mas o plano falhara. Baltisserath não esperava um garoto com uma fé tão inabalável quanto Sebastian. Ele não desistiu. Deixou seu espírito servente Raltah, mas esse também fora descoberto e expulso.

Semanas depois, quando se fortaleceu, voltou a entrar em contato com Alfredo e lhe ensinara onde encontrar a informação que precisava para fazer o pacto que ninguém sabia.

Essa era a chave para o acordo entre humanos e ankh-orus. Como Alfredo pôde passar tanto tempo para descobrir? O que mais ankh-orus queriam? O que mais precisavam? A única coisa que lhes interessava que um humano poderia oferecer. Um corpo. Era óbvio. O que um demônio poderoso sem corpo mais deseja é um corpo!

Por isso ali estava Alfredo, todo cortado. Seu corpo o próprio ritual. Escrito com sangue, dor e lágrimas, mas estava completo.

- Tudo isso apenas para ser o líder? Mataria todos os Ursos para ser o líder? - berrou Samuel após ouvir a estória.

- Se fosse preciso - respondeu Julius com um largo sorriso.

Julius mandado que sentassem, lado a lado na primeira fileira de bancos, como se fossem um rebanho frente ao padre que iria rezar a missa. Julius estava atrás deles. A besta de repetição estava engatilhada e pronta para disparar a qualquer menção de hostilidade.

Alfredo manteve seus olhos na mesa do altar onde um recipiente de bronze aguardava o sangue.

- Sacrificarei meu corpo. O sangue da garota é apenas para que ela me pertença, faz parte do acordo - respondeu com naturalidade, como se o ritual que estava fazendo fosse rotina para seus espectadores - quero poder e a alma daquela que amo. Em troca, Baltisserath poderá caminhar livremente nessa terra esquecida por Deus.

Alfredo pegou um pequeno frasco de vidro que continha o sangue de Natasha.

- Você vendeu sua alma. Assecla! - berrou João - vai queimar no inferno.

Ele gargalhou. Estava deliciando-se pela primeira vez na vida, quando podia judiar das pessoas o tanto que fora judiado. Olhou para Verber que estava sentado ao lado deles. Seus lábios estavam ficando brancos e Alfredo esperava que ele agüentasse até o final. Que visse sua ascensão.

Derramou o líquido dentro do recipiente de bronze. Era tão pouco sangue que sequer davam trinta gotas. Serviria. Baltisserath já lhe tinha garantido isso.

- Aqui está o prometido, Baltisserath - disse em tom solene jogando as coisas que citava dentro do recipiente -o contrato em couro de porco, para que nem Deus desfaça o que acordamos, o pergaminho que lhe serve de prisão, para que nunca mais sinta-se escravo, o sangue de minha amada, para que nosso corpo desfrute do dela...

Pegou os ossos de Max e jogou-os dentro da bacia. As seis peças caíram fazendo um barulho enjoativo.

- ... mais que o objeto querido por minha amada. O corpo de seu amado, para que um amor seja substituído por outro...

- *Siiim...* - disse uma voz vinda do ambiente. Alfredo podia sentir a presença de Baltisserath. Todos ali podiam. Até mesmo Julius tremeu diante da sensação, mas manteve a besta firme em sua mão. Alfredo não tremia, parecia estar em transe. Uma sensação orgástica.

- ... por fim, meu corpo - disse.

Abriu uma garrafa contendo óleo inflamável e derramou um pouco sobre a bacia. Depois entornou o resto sobre sua cabeça. Seu corpo nu, magro e deformado pelas cicatrizes brilhavam. Ele sentiu um leve ardor quando o óleo atravessou as várias feridas deixadas pela lamina, mas não deu importância. Daqui a pouco não sentiria mais dor. Nunca mais.

Alfredo pegou uma das muitas velas do altar e colocou fogo dentro da bacia. Sentiu a presença de Baltisserath tornando-se mais forte.

- *Siiim!* - disse a voz vinda do ambiente, mais alta, mais forte.

Em seguida, encostou a vela em seu peito. Seu corpo inteiro inflamou-se. Não teve medo de sentir dor. Não podia. Devia perder toda sua fé em Deus e ter fé apenas no poder que receberia. Seria um Deus.

A capela estava tremendo e alguns blocos de barro e estreme que faziam o telhado começaram a cair. Julius também estava apavorando-se com o que ocorria, mas precisava manter os seis na mira. Verber era história. Finalmente! Montaria um novo bando e seria o líder. Um líder bem melhor. A mera imagem em sua mente fazia-o sorrir e esquecer-se do que acontecia sua volta.

- Serei um Deus! - berrava Alfredo enquanto gargalhava freneticamente - Meros mortais - gritou enquanto

transformava-se em uma enorme bola de fogo. Uma tocha humana bizarra.

Viam apenas as chamas falando e quase não era mais possível ver seu corpo. As chamas consumiam até sua boca e quando ele gritava, conseguiam apenas ver chamas possuindo seu corpo...

Sem avisar, tudo mudou.

- *TRAIADOR!* - berrou a voz dentro da capela. Dessa vez o prédio tremeu perigosamente e as telhas caíam com mais frequência. Mônica protegia a cabeça de Verber que estava desmaiado em seu colo.

- Não - gritou Alfredo sem entender - Fiz tudo que me mandou.

- *TRAIDOOOOR!* - berrou novamente a voz.

Alfredo começou a gritar de dor. As chamas o consumiam de uma forma que não era para ser. O que havia dado errado? Havia dado seu corpo, o sangue de Natasha e o objeto de valor da garota. Mas agora tudo era rápido demais. A dor durou mais alguns segundos e uma terrível escuridão lhe abraçou.

Ele sabia que estava morto. O tremor parara. Baltisserath se fora.

- O que aconteceu? - perguntou Julius desesperado - O que aconteceu? - berrou para o ambiente, como se esperasse ouvir uma explicação para estarem todos vivos e Alfredo morto. Onde estava o demônio que havia lhe metido nessa situação? Ele queria seu prêmio.

Iria ter seu prêmio com ajuda de demônio ou não.

- Todos de pé - ordenou.

Eles se levantaram, exceto Verber que estava deitado no banco. Viraram-se para Julius.

- Acabou Julius. Onde mais quer chegar? - perguntou Renan.

Julius chorava de desespero e frustração. Havia acreditado nos sonhos, nos desejos realizados. Precisava de Alfredo para tal e Baltisserath havia lhe abandonado.

Demônio desgraçado. Alfredo desgraçado, onde errara no ritual?

- Onde quero chegar? Vou mandar todos vocês visitar Alfredo. Depois juntarei um novo bando com Borges onde eu liderarei. Porque o negão não tem espírito para tal.

- E você tem? Destruíu o grupo que te apoiava desde que se conhece por gente - disse Verber sem conseguir abrir os olhos.

Julius ficou mordido com a colocação, mas sorriu. Tinha olhos doentios e mortais.

- Ainda vivo, Verber? - olhou para a besta de repetição em suas mãos - Só tenho seis setas, vou ficar te devendo uma... Ah não, espere aí,... - disse olhando para a cintura - tenho uma faca aqui para te cortar a garganta.

- Enfie no rabo - respondeu o moribundo.

Julius irritou-se com a afronta. Nem naquele momento Verber demonstrava medo dele. Julius sempre tivera medo da morte, mas Verber mostrava que não se incomodava com a iminência dela. Desgraçado.

- Melhor. Vou te abrir que nem se abre um peixe! - disse sedento.

- Você é um merda Julius - disse Mônica.

Julius olhou para a menina que tinha os olhos cheio de lágrimas. Pensou que era uma menina bonita e seria um desperdício, mas ninguém poderia sobreviver.

- Você será a primeira - disse levantando a besta.

Então, houve um disparo.

Capítulo. 61

- *Acabe logo com isso - pediu.*

Ângelo não entendeu. Seu humor foi quebrado como uma janela atingida por uma pedra e ele por um segundo não soube o que fazer.

- *Tão fácil assim? - perguntou.*

- *Já é a terceira vez em duas noites que tentam me matar - disse - estou me cansando disso.*

- *Tudo bem - disse Ângelo levando a faca até o pescoço de Max.*

Aquele segundo pareceu eterno. Ângelo já estava decidido quando uma mão sobrepôs-se a sua.

- *Ele tem direito a se confessar antes - disse o padre dos Lobos das Ruínas. Max não conseguia lembrar o nome dele, mas tinha certa autoridade, porque Ângelo levantou-se, cedendo espaço ao padre de ouvir a confissão do condenado.*

- *Max. Gostaria de se confessar? - perguntou em tom sereno.*

Max encarou o garoto nos olhos, mas apenas conseguia ver um vulto embaçado. Sabia que era o padre, mas mesmo assim não lembrava seu nome.

- *Sim - respondeu fraquejando. A tontura querendo retornar ao seu cérebro e possuir seu corpo. Em alguns segundos iria desmaiar novamente.*

- *Meu nome é Pietro. Sou aspirante a padre, mas posso ouvir sua confissão, meu irmão. Por favor, fique acordado. Confesse seus pecados ou não poderá encontrar-se com Deus.*

- *S...Sim. Deus, eu Te peço perdão por ter partido o coração de Mônica. Fiz com que sofresse. Não foi por mal, juro!*

- *Tudo bem, o que mais? - o padre agora tinha que encostar os ouvidos aos lábios de Max para ouvir o que*

sussurrava em sigilo.

- Peço perdão, meu Deus, por ter humilhado o desgraçado do Célio no refeitório, mas ele mereceu... Sim, ele mereceu

- Max já estava a ponto de desmaiar e falava como um bêbado nas últimas da noite.

- Max, vá direto aos pecados mais importantes, fique acordado - pediu o padre. Otávio, o cão de guerra dos lobos havia encontrado a garrafa do pashit, achou que era de Max e havia bebido todo o resto do líquido.

- Deus, juro pelo senhor! - berrou ele, enrolando a língua.

- Não sou Deus... - disse o padre.

- É bom saber que o Senhor existe. Confesso ao senhor que desacreditei a maior parte da minha vida, mas peço que me perdoe.

Pietro estava visivelmente perturbado com o estado de Max. Não era teatro. O garoto mantinha os olhos fechados, suava em bicas e pensava estar falando com Deus.

Otávio, o cão de guerra que já estava visivelmente bêbado e quase desmaiado no chão gritou.

- Eu fujo todas as segundas feiras, quando não tenho aula a noite com o Camilo para olhar as garotas se trocando na ala feminina. Todos olharam para ele. O garoto estava em pé, cambaleando e gritando as coisas em voz alta.

- Cale a boca, idiota! - disse Camilo, o artilheiro com vergonha da confissão.

- O Camilo tem tara pelas pernas cabeludas da Ivone - continuo berrando.

Todos gargalharam, menos Pietro.

- Sério Camilo? Você curte umas pernas peludas mesmo? - debochou Ângelo.

Camilo foi em cima de Otávio que já se preparava para revelar seus segredos mais íntimos.

- O que você bebeu, seu idiota? - disse arrancando a garrafa da mão dele.

Estava vazia.

- Tudo. Bebi tudinho e não sobrou nada.

- Você está bêbado? – perguntou ele dando um tapa na cabeça do amigo que apenas riu.

- Muito bêbado. Bem bêbado mesmo.

Robert, o armeiro dos Lobos havia se mantido calado desde o início da conversa.

- Acho que essa bebida tem algum efeito de revelar a verdade, como um soro.

Pietro suspeitava da mesma coisa que ele. Voltou sua atenção para Max que havia começado a adormecer.

- Max... Max... acorde!

Max deu um gemidinho indicando que estava acordado.

- Sabe onde você está?

Max pensou por um segundo.

- Estou em um período de transição entre a terra e o céu? Como castigo por ter sido tão descrente. Eu me amaldiçoo – começou a chorar bêbado.

- Max, confesse seus maiores pecados, por favor homem.

- Não tenho pecados maiores, Senhor. Colei em algumas provas, só isso.

Pietro estava visivelmente ficando tenso. Será que Max não confessaria?

- Max. Você matou Eduardo – afirmou e esperaria uma resposta. Essa não demorou sequer um segundo. Max ficou visivelmente agitado e começou a chorar mais desesperado. Os olhos fechados faziam as lágrimas saírem sofregamente até escorrerem pelas bochechas.

- Não Senhor! Sabe que não é verdade! O Senhor é onisciente e onipresente sabe que não fui eu. Nunca matei ninguém! – Max chorava copiosamente. Tinha medo de que Deus não fosse testemunha de sua inocência. Que tivesse tirado uma folga no dia ou que estivesse olhando para outra coisa.

Pietro olhou para Ângelo e depois para Robert. Até Camilo estava prestando atenção na cena que se passava diante de seus olhos. Todos sabiam que pensavam a mesma coisa.

Aquele álcool se demonstrara um verdadeiro soro da verdade e ao que parecia, Max era inocente.

O olhar de Pietro e Robert diziam o que queriam: abortar a missão.

- Temos ordens - disse Ângelo puxando a faca.

- Ordens de quem? - perguntou Pietro.

- Do padre Francisco.

- Por Deus homem, eu não mataria ninguém por aquele velho do diabo. Muito menos um inocente - disse Pietro.

- Não somos assassinos, Ângelo - disse Robert.

Ângelo estava com a faca encostada no pescoço de Max. Há alguns segundos ele estava desafiando-o, agora estava dizendo a provável verdade. Robert tinha razão. Eles não eram assassinos. Que se danasse o padre!

- Otávio, pegue o Samuel ali - disse.

- O que faremos com ele? - perguntou Pietro.

Ângelo olhou para o corpo inerte no chão. Dormindo ao ponto de roncar.

- Já é muito não o matarmos. Algum calabam dará cabo da vida dele.

- Ele é inocente Ângelo - protestou Pietro.

- Se é inocente, Deus há de protegê-lo - foi sua palavra final.

Pietro estava visivelmente irritado com a decisão do líder. Mas ele era o chefe e Pietro sabia que não tinha forças para contestá-lo. Mesmo assim, junto com Robert e Camilo colocaram-no em cima de uma árvore. Não era alta, devia estar a dois metros do chão, mas já era alguma coisa. Pelo menos nenhuma matilha de cães sarnentos o pegaria. Robert pegou a besta de repetição de Max e colocou em cima de seu peito, para que pudesse ao menos se defender quando algo viesse.

- Precisamos levar alguma coisa de prova ao Francisco - resmungou Ângelo.

Robert foi em direção ao pashit. Seus dedos eram diferentes dos de Max, mas o cego padre não saberia a

diferença. Robert cortou-os, fez marcas nas juntas para parecerem dedos de arqueiro e jogou para Ângelo enfiar na bolsa.

Naquela noite porém, Deus havia olhado para o filho pródigo, que voltara a ter fé. Nada de mal lhe aconteceu.

Capítulo. 62

A seta entrou pela nuca de Julius e a ponta apareceu ameaçadora, entre seus olhos. Pendia fios de carne e sangue da ponta metálica e Julius não conseguiu controlar seus músculos. A besta que já estava apontada para Mônica desceu junto com seu braço e caiu no chão fazendo um baque surdo.

Max estava na entrada da capela. Visivelmente cansado ele apoiava-se contra o batente da porta e usava a besta como uma bengala. Samuel e Mônica correram para abraçá-lo.

- Desgraçado! Pensamos que estivesse morto. Como sobreviveu? - perguntou Samuel.

- É uma longa estória. Agora temos que cuidar de nosso irmão.

Renan, Caio, Ilian e João ficaram juntos de Verber e já estavam carregando-o para fora da capela. O sangramento não fora tão profundo e não vertia tanto sangue quanto no começo. Apesar disso, Verber cochilava enquanto os quatro corriam para salvá-lo.

Verber recebeu curativos superficiais e passou a noite na enfermaria. Izidro e os outros padres ficaram espantados com a estória que ouviam, mas o testemunho de todos juntamente com o sumiço de Alfredo e Julius do calabouço comprovaram a trama. Todos sabiam que Samuel nunca inventaria uma estória para incriminar seu melhor amigo e isso pesou muito para calar o padre Francisco.

A última noite de festejo dos jogos não havia encerrado sequer quando o Sol nasceu. Russos, escoceses, americanos e os anfitriões brasileiros beberam, dançaram e cantaram até o dia raiar. Renan teve pena de quem limparia a bagunça quando todos fossem embora.

Por volta de meio-dia as escolas arrumaram suas coisas e se foram. Os húngaros foram embora com seus cavalos e carruagens apinhadas de alunos. Americanos caminharam

três dias até outro vilarejo a leste onde deixaram seus hovercrafts. Os russos e escoceses foram embora a pé até o mar.

Os comentários eram de que algumas semanas de viagem a leste, em direção ao mar, encontravam-se vilarejos bem maiores e havia centenas de pessoas por trás de muros altos de concreto. Em uma daquelas cidades encontrariam uma espécie de balão gigante, chamavam de dirigível e isso os levaria para casa. Izidro ficou animado e esperançoso com a notícia de que sociedades maiores estavam tentando reerguer-se e procuraria investigar.

Max chorou quando abraçou Natasha pela última vez. Quando entrou em sua cabana na madrugada passada ela achou que fosse sonho, mas o beijo dele comprovou que estava vivo. Fizeram amor a noite toda e ao amanhecer Max teve que sair escondido da barraca antes que o diretor Gabor o pegasse.

Três semanas se passaram desde que os convidados foram embora. Uma fogueira foi acesa nos fundos da escola e aquele silêncio tinha se tornado uma coisa atípica, mesmo tanto tempo depois.

O ano havia acabado.

João havia conseguido passar em todas as matérias.

Caio e Mônica estavam tentando começar um namoro, mas as apostas estavam feitas de quanto tempo duraria. O Racional Caio com a passional Mônica.

Renan havia parado de ter pesadelos com sua mãe, e quando ela aparecia, lhe dizia que deveria procurar Amábili. Então a garota aparecia em seus sonhos.

Ilian havia no final das contas começado a dominar suas capacidades e cada vez mais controlava sua sede de sangue. Ele e Verber criaram um profundo laço de amizade.

- O que vão fazer daqui? - perguntou Renan.

Verber girava o espeto com o enorme lagarto que tinham caçado e estavam assando.

- O que fomos treinados para fazer. Livrar nosso mundo desses extraplanares.

- Sem um padre as coisas são complicadas, não? - perguntou Caio, abraçado a Mônica, esquentando-a do vento frio.

- Mas não impossíveis - respondeu Samuel.

- Impossíveis seriam sem um cão de guerra. O resto é apenas complicado - riu Borges. Ele e João Pequeno se cumprimentaram e riram em deboche as outras categorias.

- Borges recebeu uma proposta para lecionar combate desarmado na escola húngara. O convite veio do próprio Gabor, acreditam? - perguntou Verber.

- Sério Borges? Parabéns! - felicitou-o Mônica levantando para dar-lhe um abraço.

Borges tinha corado de vergonha.

- Eu lá vou para aquele frio dos diabos? - disse - além do mais... algum de vocês consegue me enxergar dando aula?

Todos riram. De fato era algo impensável.

- Vamos viajar o mundo. Já decidimos até o ponto inicial, depois, só Deus sabe.

- Onde vão primeiro? - quis saber Ilian.

- Pro norte. Soubemos que existem cidades maiores lá que estão sendo comandadas por mordecais. Consegue imaginar humanos e mordecais no mesmo local?

- Asseclas, você quer dizer - corrigiu Samuel.

- E vocês? Quê vão fazer? - quis saber Max.

Os garotos se entreolharam.

- Primeiro temos que dar um nome para o nosso bando - sugeriu Renan.

- É verdade. Desde quando existe o nome dos Ursos Vermelhos? - quis saber Caio.

- Desde nosso quarto ano.

- É para onde estamos indo - comentou Ilian - por que deram esse nome?

- Quando estávamos decidindo, nos reuníamos do lado de fora dos muros, ao redor de uma fogueira como essa. De

repente, um enorme urso faminto apareceu. Subimos em árvores e não tínhamos armas, então Samuel jogou um vidro de molho de pimenta que tínhamos trazido e era muito forte. Coisa do Borges. Aquele vidro estourou na cara do Urso e ela ficou toda vermelha. Ardeu tanto nos olhos dele que fugiu chorando.

Todos gargalhavam.

Enquanto isso, uma enorme águia passou rasante e agarrou o lagarto que estava no fogo. Seguiu seu vôo sem que pudessem tomar qualquer atitude e pousou no muro da Cerberus, há cinco metros deles, o suficiente para levar uma pedrada. Mesmo assim, encarava-os com olhos corajosos e degustou a janta na frente deles, pouco se importando com o que achavam.

Caio levantou-se e pegou uma pedra no chão.

- Não - impediu Renan.

- Por que? - quis saber João - ela roubou nossa janta.

Renan olhou para o animal e viu que só estava faminto.

- Acho que é um sinal.

- Deixa adivinhar, será nosso mascote? - debochou Caio.

Todos encararam Renan. Verber, Borges, Samuel e Max souberam que aquele era o momento. O batismo. Algo inusitado que nunca se repetiria novamente. Como um urso fugindo e chorando com pimenta na cara.

- Ah é? Qual será o nome do bando Renan? Bichos Bandidos? Pássaros Ladrões? - disse Caio contendo-se.

Todos gargalharam da irritação de Caio.

- Não - disse olhando para o animal e tomando-o como inspiração.

- O que seremos? - quis saber Caio segurando a pedra com firmeza. Se não tivesse uma boa explicação, abateria o animal e pegaria o churrasco de volta.

Renan encarou todos eles e quando disse o que estava na cabeça, Caio soltou a pedra. Havia um sorriso em seu rosto. No de todos eles. O nome fora aprovado e naquela noite

jantaram legumes enquanto a corajosa ave comia junto com eles o lagarto.

Mas estavam felizes.

Porque daquela noite em diante, eles eram os Águias Sem Medo.

FIM